Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

André Luiz Venâncio Júnior

Viajar, observar e propor: Bertha Lutz na circulação de modelos internacionais de Economia Doméstica Agrícola (1922-1937)

Rio de Janeiro
2023

André Luiz Venâncio Junior

Viajar, observar e propor: Bertha Lutz na circulação de modelos internacionais de Economia Doméstica Agrícola (1922-1937)

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Prof.ª Dra.Ana Chrystina Venancio Mignot

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V448 Venâncio Júnior
Viajar, observar e propor: Bertha Lutz na circulação de modelos internacionais de Economia Doméstica Agrícola (1922-1937) / André Luiz Venâncio Júnior. – 2023.
224 f.

Orientadora: Ana Chrystina Venâncio Mignot.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Lutz, Bertha Maria Julia (1894-1976) – Teses. 3. Economia doméstica agrícola – Teses. I. Mignot, Ana Chrystina Venâncio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educaçaõ. III. Título.

bs CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

André Luiz Venâncio Junior

Viajar, observar e propor: Bertha Lutz na circulação de modelos internacionais de Economia Doméstica Agrícola (1922-1937)

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em .27 de junho de 2023

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Drª. Ana Chrystina Venancio Mignot (Orientadora)

Faculdade de Educação - UERJ

_____

Prof.ª Drª. Elizeu Clementino de Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

_____

Prof.ª Drª. Lia Ciomar Macedo de Faria

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

_____

Prof.ª Drª. Marta Maria de Araújo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

_____

Prof.ª Drª. Oresta López Pérez

El Colegio de San Luis – CONLSAN

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Para Caroline Xavier Rodrigues, pelo que foi, representou e continuará significando na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por me sustentar em todos os momentos.

A minha mãe Luzia, minha avó Vera, minha tia Rosa, meus irmãos Verônica e Arthur, meus sobrinhos Noa e Don e, em memória, a meu pai André Luiz Venâncio. Da mesma forma à minha amada família adquirida durante os percalços da vida, Marcelo Rodrigues, Lea Xavier, Aline Xavier Rodrigues, Fernanda Nascimento, Nathielle Pereira, Karla Araújo, Franciny Silva, Joanny Silva e Karyne Aceti por todo o carinho, apoio constante, consideração e suporte em orações.

A minha querida orientadora Prof.ª Dr.ª. Ana Chrystina Venancio Mignot, por todo investimento, compreensão, paciência nas horas difíceis e incentivo em todos os momentos. Por ter me ensinado coisas que eu não achava que era capaz de aprender. E, além disso, por me fazer pensar sobre as coisas cruciais para ter uma motivação para a vida e para a realização deste trabalho.

Aos colegas Vanessa Lima Correia, Mônica de Lima Bolsoni, Leila de Macedo Varela Blanco, Jacqueline de Albuquerque Varella, Priscilla de Araújo Garcez, Lígia Bahia de Mendonça, Shayenne Schneider Silva, Daise Silva dos Santos, Ana Claudia Carmo dos Reis, Selma Barboza Pedromo, Eveline Viterbo Gomes e Raquel Lopes Pires e aos pós- doutorandos do Grupo de Pesquisa Robson Fonseca Simões, Jussara Santos Pimenta, Heloísa Helena Meirelles dos Santos e Daiane de Oliveira Tavares pela gentileza constante e pela troca sempre amigável e, sobretudo, por todo o conhecimento que contribui não apenas para o desenvolvimento deste trabalho, mas também para a minha formação como educador e pesquisador.

Aos professores que compuseram a banca por terem aceitado avaliar este trabalho, assim como pela contribuição para o avanço dele e da temática aqui apresentada.

Aos meus professores de disciplinas por todos os ensinamentos que foram cruciais para o amadurecimento das questões aqui apresentadas.

Aos funcionários do ProPEd, sempre solícitos a ajudar e a solucionar qualquer problema, por todo o suporte nas questões burocráticas.

Aos doutorandos Fabrícia Lopes (UNIRIO) e Rafael Guimarães da Costa (UNIRIO), pela amizade e apoio constante em todos os momentos.

Às Professoras Maria Maroni Lopes (UFRN) e Mônica Karawejczyk (PUCRS) , ajudarem diretamente com indicação de trabalhos para a elaboração desse texto.

Ao Professor José María Hernandez Díaz (USAL), pela gentil recepção no Congresso de Influências Belgas na Educação Espanhola e Iberoamericana em 2019, ano no qual apresentei um trabalho, assim como pelas várias sinalizações sobre como a Educação Doméstica foi se organizando na Europa no período referente ao que estudo.

Aos funcionários das instituições de guarda, Arquivo Nacional, Associação Brasileira de Educação, Arquivo Histórico do Itamaraty, Biblioteca do Museu Nacional e SEMEAR (Museu Nacional), mesmo após o incêndio de 2018 por toda a ajuda indicando documentos, disponibilizando acesso até em situações mais complexas, sendo fundamentais para que essa pesquisa pudesse ocorrer.

À CAPES por ter me concedido a bolsa, fundamental para que eu pudesse me manter estudando, assim como participando de toda vida acadêmica.

À FAPERJ, por ter me concedido Bolsa FAPERJ nota 10, importante da mesma forma para a continuidade dentro da Universidade, mas também para o esforço a fim de aprimorar a pesquisa da melhor forma possível.

À minha professora de Língua Japonesa Yasmim Egidia, por toda a amizade que desenvolvemos durante o período da pandemia de Covid-19, assim como por todos os ensinamentos e inspirações apropriadas por mim nesse processo.

Por fim quero agradecer a minha querida e amada amiga 岩本楓 (Iwamoto Kaede), por tudo que compartilhamos durante os duros dois anos e três meses de isolamento por conta da pandemia de Covid-19, onde encontramos um no outro e em nossas intermináveis conversas, alegria para lidar com esses momentos de tantas tristezas tanto em Niterói, no Brasil, quanto em Osaka, no Japão.

Muito Obrigado!!!

RESUMO

VENÂNCIO JUNIOR, André Luiz. *Viajar, observar e propor*: Bertha Lutz na circulação de modelos internacionais de Economia Doméstica Agrícola (1922-1937). 2023. 224f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2023.

Estudo sobre a trajetória de viagens de Bertha Lutz em torno da apropriação de modelos de Economia Doméstica Agrícola na educação rural nos Estados Unidos e Bélgica e seus desdobramentos entre os anos de 1922 até 1937. Esta pesquisa, a partir dessas duas viagens feitas por essa importante intelectual, cientista, museóloga e feminista, buscou compreender a maneira pela qual ela articulou discursos e ações para criar projetos dessa modalidade educacional, vista por uma série de movimentos feministas, dentro e fora do Brasil, como emancipadora. Além disso, esse trabalho analisou como essa experiência internacional, influenciou em numa série de suas medidas, como a participação em congressos e por ocasião da criação de instituições como a Associação Brasileira de Educação (ABE), importante centro de discussão educacional nacional nesse período. Na tese foram usadas diversas fontes, como cartas, telegramas, relatórios de viagem, atas de congressos, discursos parlamentares, impressos de jornais e fotos da época. A pesquisa, portanto, quis elucidar a tentativa de Bertha Lutz por meio da efetivação desses modelos de Economia Doméstica Agrícola, modalidade da educação rural, nos moldes dos modelos norte-americano e belga, sua tentativa de fomentar um projeto de educação amplo e nacional para as mulheres, em consonância com aquilo que vinha sendo discutido em movimentos feministas internacionais, com os quais ela e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que presidiu já vinham construindo diálogo, desde a sua criação em 1922, que entendiam nessa educação, o caminho para a democratização do acesso ao ensino para todas as mulheres.

Palavras-Chave: Bertha Lutz. Economia Doméstica Agrícola. Viagens Pedagógicas

ABSTRACT

VENÂNCIO JUNIOR, André Luiz. *Traveling, observing and proposin*g: Bertha Lutz in the circulation of international models of Agricultural Domestic Economy (1922-19372023. 224f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2023.

Study on the trajectory of Bertha Lutz's travels around the appropriation of Agricultural Home Economics models in rural education in the United States and Belgium and its developments between the years 1922 to 1937. This research, based on these two trips made by this important intellectual, scientist, museologist and feminist, sought to understand the way in which she articulated discourses and actions to create projects of this educational modality, seen by a series of feminist movements, inside and outside Brazil with which she wove a dialogue, as an emancipator. In addition, this work analyzed how her international experience influenced a series of her measures, such as participation in congresses and the creation of institutions such as the Associação Brasileira de Educação (ABE), an important center of national educational discussion in that period. In the thesis several sources were used, such as letters, telegrams, travel reports, congress minutes, parliamentary speeches, newspaper prints and photos of the time. The research, therefore, wanted to elucidate Bertha Lutz's attempt to implement these models of Agricultural Domestic Economy modality of rural education, along the lines of the North American and Belgian models, her attempt to foster a broad and national education project for women, in line with what was being discussed in international feminist movements, with which she and the Brazilian Federation for Women's Progress that she chaired had already been building dialogue, since its creation in 1922, that they understood in this education, the way to the democratization of access to education for all women.

Keywords: Bertha Lutz. Agricultural Home Economics. Pedagogical Trips

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	A família Lutz na porta do Colégio Suíço Brasileiro	30
Figura 2	Bertha Lutz sentada no Jardim das Princesas do Museu Nacional logo após a sua entrada na instituição	51
Quadro 1	Tabela de vencimentos do Museu Nacional	55
Figura 3	Bertha Lutz, a sexta da direita para esquerda, seguida de seu Pai Adolpho Lutz e do Governador Juvenal Lamartine, junto de lideranças feministas em 1928	71
Quadro 2	Telegramas e cartas: sobre as duas viagens	105
Figura 4	A Família Real Belga em visita ao Brasil	123
Figura 5	Instituto Normal Superior de Laeken, na visita de 1923	133
Figura 6	Foto da palestra realizada por Paul de Vuyst na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1924. Sentada ao seu lado a esquerda do mesmo, encontra-se Bertha Lutz	139
Figura 7	**:** Palestra de Paul De Vuyst na Escola Politécnica do Rio de Janeiro sobre Economia Doméstica Agrícola	140
Figura 8	Aluna na coleta de ovos na Avicultura em Escola Rural Doméstica americana	150
Figura 9	Agente Rural observa trabalho de enfermeira em uma das Escolas Agrícolas	158
Figura 10	Bertha Lutz com Carrie Chapman e outras delegadas no 1º Congresso Feminista de 1922	171
Figura 11	Banquete com políticos no Jockey Club em 1936	193
Figura 12	Prédio da Escola Baronesa de Vila Rezende de Piracicaba em sua fundação	198
Figura 13	Aula de Educação Doméstica e Higiene do Lar. Alunas em aula prática sobre Educação Doméstica e Higiene do Lar em 1924	203

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Associação Brasileira de Educação (ABE).

Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF).

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ).

Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Universidade de Brasília (UNB).

SUMÁRIO

	UMA MULHER EM MEIO A TRAVESSIAS.....	12
1	**A VIAJANTE E O CONTEXTO POLÍTICO, CIENTÍFICO E EDUCACIONAL**.....	24
1.1	**De volta para casa**	26
1.1.1	Contexto brasileiro no regresso	33
1.1.2	O início do protagonismo no movimento feminista.....	41
1.2	**Ingresso no Museu Nacional**.....	50
2	**RAZÕES PARA PARTIR**.....	64
2.1	**Em contato com uma pauta feminista**.....	65
2.2	**Tentativa de implementar uma museologia educativa no Brasil**.....	72
2.3	**Economia Doméstica Agrícola como educação emancipatória**.....	87
3	**TESTEMUNHOS SOBRE O VISTO E O VIVIDO**.....	102
3.1	**Visitando instituições educacionais norte-americanas**.....	109
3.1.1	Os Currículos de Economia Doméstica.....	116
3.2	**Percorrendo as escolas experimentais belgas**.....	122
3.2.1	Recepção de Paul de Vuyst no Rio de Janeiro.....	136
3.3	**Impressões e sinalizações para a realidade brasileira**.....	145
3.3.1	Relatório da viagem aos Estados Unidos.....	146
3.3.2	Duas visitas importantes.....	156
3.4	**Uma proposta para a Economia Doméstica Agrícola**.....	160
4	**DESDOBRAMENTOS E REPERCURSÕES DAS VIAGENS NO PAÍS**....	168
4.1	**Congressos como espaços de divulgação da Economia Doméstica Agrícola**	168
4.2	**Atuação na imprensa**.....	183
4.3	**Educação da mulher no Parlamento**.....	188
4.4	**Duas experiências de Economia Doméstica Agrícola no Brasil**.....	194
4.4.1	O Instituto Baronesa em São Paulo.....	194
4.4.2	A Escola Doméstica de Natal.....	199
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	206
	REFERÊNCIAS.....	211
	ANEXO A	221

UMA MULHER EM MEIO A TRAVESSIAS

O objetivo deste trabalho é interrogar as duas viagens realizadas por Bertha Lutz, para os Estados Unidos em 1922 e para a Bélgica, em 1923, ocasiões nas quais se apropriou de modelos educacionais de Economia Doméstica Agrícola. Também se procura interpretar os desdobramentos que essas experiências internacionais tiveram ao longo de sua trajetória e como contribuíram para que ela tentasse implementar, no Brasil, uma política de educação feminina, especialmente para as mulheres que viviam na realidade rural.

Quais foram os processos que culminaram nas escolhas para esses traslados, e como foram organizadas essas viagens e quais os espaços que ela teve oportunidade de visitar? O que mais me chamou a atenção? Quais foram os seus interlocutores e em quais perspectivas de educação agrícola em Economia Doméstica teve mais interesse de adaptar à realidade do Brasil? Tais perguntas juntas de mais outras que serão apresentadas, são importantes de serem feitas, ainda que não seja possível ter aqui a reposta de todas.

Bertha Lutz foi uma importante feminista, cientista e educadora brasileira. Nascida em 2 de agosto de 1894 e falecida em 16 de setembro de 1976. Durante seus 82 anos de vida contribuiu de maneira significante para o desenvolvimento do pensamento brasileiro nessas áreas distintas. As várias nuances de sua trajetória demonstram que ela contribuiu de maneira ativa para desenvolver os campos da ciência, educação e política no Brasil. Da mesma forma, a sua vinculação com pautas internacionais e as apropriações que fez de modelos científicos e educacionais, tal como a produção de ideias pedagógicas em projetos próprios, também ganharam preponderância ao longo de sua vida, pautada em fazer com que esse conhecimento obtido fora do Brasil, pudesse contribuir para a emancipação das mulheres.

É a partir da década de 1920 que essa sua ação passou a ocorrer de maneira mais incisiva, pois foi nesse período em que ela realizou duas viagens para dois países, que aqui serão usados para problematizar, argumentar e elaborar a pesquisa. Como as viagens, então, proporcionaram a Bertha Lutz a vinculação na defesa da educação em ambientes rurais, para incluir as mulheres como sujeitos? Em ambas foi designada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Apesar dessas viagens terem ocorrido em um curto período, aproximadamente de seis meses, os movimentos que aconteceriam após os seus retornos ao Brasil tiveram centralidade na formação intelectual de Bertha Lutz, a partir dos projetos que elaborou de educação feminina,

pautada na difusão da modalidade educacional de Economia Doméstica Agrícola, como será buscado tratar nesse trabalho.

Dentro dessa perspectiva, a temática da Educação Rural, surge como uma preocupação, ainda que não a única, na ação de Bertha Lutz naquele momento. A atuação dela em torno da tentativa de implementá-la, visou garantir direitos femininos, pois foi usada como instrumento, para conquistar a transformação da vida das brasileiras, principalmente das que estavam no campo e que ocupavam parte considerável daquela sociedade. Eram elas que mais sofriam, no que se refere à falta de oportunidades de ascensão social, se comparadas às mulheres que viviam na cidade, ainda que ambas compartilhassem violências semelhantes em outras questões referentes àquilo que era entendido naquele momento como "ser mulher". Esse, portanto, foi um debate empunhado por Bertha Lutz e por feministas ao redor do mundo, que entenderam que essa modalidade educacional, a Economia Doméstica Agrícola, poderia ser um caminho para inserir e organizar as mulheres na sociedade e, de certa forma, politizá-las e angariar apoios para a pauta política pelas quais lutavam. A Educação Rural surgiu nesse período como pauta de discussão em vários movimentos feministas nacionais e internacionais, inclusive em congressos, com a interpretação de que esse seria o caminho mais viável para garantir a emancipação feminina e politizar as mulheres em relação às questões que envolviam a luta por direitos e espaços.[1]

É nessa percepção, e embasado em um movimento intelectual que buscou pelo "moderno", que Bertha Lutz se constituiu como uma voz autorizada, se aproximando daquilo que é explicitado por Oliveira (1990), como "nacionalismo militante". Segundo a autora, houve uma tentativa de transformar o país e reconstruí-lo. Essa ação foi uma espécie de ufanismo revestido pela fé do que pela ciência e suas práticas seriam o que daria instrumentos para interpretar os problemas e a diversidade racial do país para, assim, buscar um caminho que pudesse melhorá-lo e equipará-lo às nações mais desenvolvidas. Muitos desses movimentos viram na educação a solução para alcançar esse lugar de destaque, com o objetivo de conseguir eliminar do Brasil as mazelas sociais que o acompanhavam desde que passou a se organizar no novo regime republicano em 1889.

Assim, de todo modo, a tese de doutorado dá continuidade à minha dissertação de mestrado na qual estudei Bertha Lutz em sua atuação na formulação de diretrizes educativas

[1] Ler mais em NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro: DPA, 2001. O autor sinaliza que o ruralismo foi um fenômeno que foi pautado de natureza técnico-econômico, pois contrapunha-se aos esforços que vinham sendo feitos pelos industrialistas brasileiros, e da mesma forma de natureza ideológica, pois trazia a crença de que " a felicidade do brasileiro esteve e está ligada ao rural, fonte de energia, de saúde, de pureza de costumes". (p. 15).

para o trabalho do Museu Nacional junto à população.

Desde aquele momento, me defrontei com um grande desafio: estudar uma mulher sobre em que há vasta literatura acadêmica de vários campos disciplinares: História, Sociologia, Antropologia, Educação, dentre outros. O que haveria de novo a ser dito depois dos importantes trabalhos de Rachel Soihet (2006), Bonato (2005), Lobo (2010), Hahner (1981), Quadros (2018), Sousa (2009), Lopes (2006 e 2008), Sombrio (2008) e outros em que diálogo e aparecerão ao longo do trabalho? Parecia que tudo havia sido dito sobre a sua participação no movimento feminista, sua atuação na imprensa, sua presença no Museu Nacional e sua passagem pelo parlamento brasileiro.

No entanto, vislumbrei a possibilidade de retornar a um dos tantos relatórios que ela elaborou de sua viagem aos Estados Unidos em 1922. Assim, me dei conta de que havia deixado passar algo muito importante naquele momento, ao qual estava nele mergulhado. Bertha Lutz não havia viajado apenas para participar de um Congresso Feminista em Baltimore e visitar instituições museais, em 1922. Naquela ocasião, sua viagem, em missão oficial, incluiu a observação de políticas e experiências educacionais em Economia Doméstica Agrícola. Ao me dar conta dessa terceira atribuição que lhe foi delegada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comercio decidi ampliar minhas buscas por outros documentos que me permitissem melhor interpretar sua pertença no debate educacional mais amplo, discussão esta que mobilizou os intelectuais de sua geração que entendiam ser a educação a grande causa para a salvação nacional. Encontrando o meu objeto de estudo tive que me defrontar com uma dificuldade do período ao qual escrevi a minha dissertação. Todo o acervo do Museu Nacional tinha se perdido em meio ao fogo que devastou o prédio em 2018.

Para suprir essa imensa perda pude recorrer aos muitos documentos que haviam se salvado em arquivos anteriormente, bem como em outros acervos reunidos por pesquisadores, especialmente na Fiocruz, fruto de árduo trabalho de digitalização que grupos de pesquisa interessados em divulgação científica coordenados por pesquisadores, como Benchimol e Sá, como também em sites, como como o Museu Bertha Lutz na UNB[2].

Restavam documentos diversos e dispersos em outras instituições, como o Arquivo Nacional, Centro de Memória da Unicamp, Associação Brasileira de Educação, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e Centro de Memória do Itamaraty. À exceção da Hemeroteca Digital, todos os outros acervos exigiam consulta presencial. Quando se menos esperava a pandemia, que trouxe uma grave crise humanitária e sanitária, impediu as consultas que vinham

[2] http://lhs.unb.br/bertha/ consultado às 22;29 de 22/02/2023.

sendo feitas por mim. Todavia, já havia localizado, classificado e interpretado um conjunto significativo de documentos.

Com o objetivo definido, consegui ficar atento a outras dimensões da vida de Bertha Lutz e, sobretudo, a uma visita que recebeu em 1924, no Rio de Janeiro. Tratava-se de um educador belga Paul de Vuyst - que atravessou o Atlântico para divulgar suas ideias sobre Economia Doméstica Agrícola. De posse, da notícia do jornal comecei a investigar as razões que teriam trazido o educador e, especialmente, porque Bertha Lutz fora incumbida pela Sociedade Nacional de Agricultura para recepcioná-lo. Essa simples nota de jornal me levou a outras e, ainda, a compreender que Bertha Lutz também havia viajado em 1923 para a Bélgica para melhor conhecer as escolas experimentais de Economia Doméstica Agrícola.

Ao me deter nessa viagem produzi um primeiro texto: Relações educativas belgo-brasileiras: economia doméstica agrícola sob de Bertha Lutz e Paul de Vuyst na Associação Brasileira de Educação 1923-1924, em 2019, que me permitiu participar de um importante evento na Universidade de Salamanca - *Influencias belgas em la educación española e Iberoamericana*- coordenado pelo Professor José Maria Hernández Díaz, posteriormente publicado no livro que dele resultou. Minha participação nesse evento científico proporcionou tomar ciência não só dá importância daquele país para a educação ibero americana, mas, sobretudo, para as relações que Paul de Vuyst mantinha com a Escola Doméstica de Natal a partir do estudo de Lopes (2019), que examinou o intercâmbio das alunas e professoras com o educador e as escolas experimentais belgas, o que lhes permitiu viajar com bolsas para melhor compreender a proposta pedagógica que se realizava naquele país.

Assim, procuro nesta pesquisa seguir os passos de Bertha Lutz em suas viagens aos Estados Unidos e Bélgica, em 1922 e 1923, respectivamente. Para tanto me vali dos estudos sobre viagens de educadores que tem sido desenvolvido no país, em particular as dissertações e teses defendidas no grupo de pesquisa no qual participo, como por exemplo, Pimenta (2008), Silva (2012), Amorim (2017), Tavares (2017), Mendonça (2020), Reis (2020), Schneider Silva (2022), Nascimento (2016) e Santos (2020). Tais estudos indicaram uma metodologia que procurei seguir e que se reflete na arquitetura desta tese. Em outras palavras, o estudo das viagens busca compreender o sujeito que viaja, o contexto da travessia, os destinos escolhidos, os registros da experiência, bem como as impressões, desdobramentos e repercussões da viagem na vida do viajante e no contexto em que ele atua.

Bertha Lutz realizou uma série de viagens internacionais ao longo de sua vida. Começou em 1912 quando foi à Inglaterra e França para os seus estudos

Secundário e Superior, em 1922 viajou aos Estados Unidos para o Congresso de Baltimore, estudar museus e Economia Doméstica Agrícola, em 1923 foi à Itália para participar do Congresso Feminista em Roma e para a Bélgica para conhecer as escolas experimentais de Economia Doméstica Agrícola, que eram geridas por Paul de Vuyst. Em 1925 e 1932 retornou aos Estados Unidos para estudar museologia educacional. Já no ano de 1929 voltou à Bélgica onde recebe condecorações da família real por serviços prestados à temática da educação rural. Ainda retornaria aos Estados Unidos em outras ocasiões: em 1944, como representante das Nações Unidas, à Inglaterra, em 1952, para estudar anfíbios, uma de suas especialidades como cientista, em 1954 aos Estados Unidos e ao Paraguai como membro nomeada da OEA e em 1955 a San Juan, Porto Rico, República Dominicana. Também foi à Venezuela em 1964 para organizar a primeira reunião do Programa Biológico Interamericano, como aponta Lobo (2010).

O critério para escolha pelos documentos se deu por meio de um conjunto de perguntas: como se deu a movimentação de Bertha Lutz nas instituições nas quais participou, como Museu Nacional, Associação Brasileira de Educação e Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em prol da educação, que a qualificaram para ser designada para suas viagens? Quais foram os desdobramentos a curto e médio prazo no tocante dos modelos conhecidos e apropriados por ela nos Estados Unidos e Bélgica? Por fim, como essas viagens puderam contribuir, quando escreveu e fez circular os temas lá apropriados, na formulação de políticas públicas, na tessitura de projetos de educação feminina rural e na criação de escolas sobre essa temática? Inspirado nos estudos de viagens de Mignot; Gondra (2007), busco entender quais eram as ideias de Bertha Lutz que a tornaram especial para a realização de seus traslados e quais foram as questões que mais lhe chamaram a atenção quando visitou os países. Quais os desdobramentos dessas experiências educacionais, quanto à produção escrita e a promulgação de ações intervencionistas no âmbito da sociedade?

Partindo dessa análise, os estudos de Silva (2013;2015), e sua compreensão em torno de como se davam os deslocamentos no tempo e espaço por ocorrência dos processos das viagens, suas continuidades e interlocuções que eram criadas, também ajudam e trazem elementos importantes para problematizar a forma com que se formulam questões para estudos que venham a ser elaborados, tomando viagens como foco para estudos. Mignot e Silva (2011), quando se propõem a elucidar a forma na qual as viagens mostram sobre aqueles que as fazem, quando apontam para os interesses, os sujeitos com os quais formam vínculo, os correspondentes, as pautas, anseios, preocupações e observações que levantam, dão possibilidades para que se possa observar a maneira com que Bertha Lutz foi levantando

questões que julgou serem válidas de serem divulgadas após o seu retorno e que aqui servem para ampliar o caminho teórico-metodológico para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Os estudos de Pimenta (2008) ajudam por apontar, ainda dentro do estudo da temática das viagens, todo um caminho metodológico que foi se desenvolvendo na historiografia da educação, ao mesmo tempo, oferece possibilidades de interrogação das fontes, em geral cartas, telegramas, relatórios em que o viajante vai revelando suas impressões e sinalizando suas ideias da viagem e que aparecem com recorrência neste estudo. Amorim (2017), por sua vez, alerta para a necessidade de se olhar "fora do navio", quando se propõe a estudar viagens, sendo elas formativas ou não, para buscar observar a complexidade, as escolhas e os múltiplos sentidos das travessias.

Isso ajuda a perceber os espaços e relações que são compostos por consequência do universo do viajante. Assim, a autora mostra que a viagem traz uma série de possibilidades que podem ser aprofundadas pelo viajante ou por aqueles com quem estabelece vínculo.

Ainda que tenham ocorrido em um curto período, essas duas viagens feitas por Bertha Lutz se estruturam em um mar de complexidade, se tornando necessário um olhar mais adensado e apurado para os processos e os sujeitos que a levaram a ocupar, traçar e se projetar nesse lugar. Os trabalhos de Perrot (1988; 1998), por exemplo, por trazerem elementos sobre como que dava a exclusão feminina nos espaços públicos, políticos e sociais, mostram que essa ocorria por questões diversas, às vezes, pura e simplesmente pelo fato serem mulheres. Já em outros casos, se explica por uma série de fatores que impediam a mulher de exercer com vigor a sua autonomia, cabendo ao historiador, então, analisar caso a caso para compreender como isso ocorria nas relações que lá estavam estabelecidas. Bertha Lutz, junta de outras mulheres da elite, também passaram por esse processo de exclusão, ainda que de maneira diferenciada das mais pobres, quando o assunto era garantia de direitos. Segundo essa autora, a violência de gênero vigente no período em que viveram, derivava de preconceito que não se dava somente por conta de aspectos econômicos, ainda que a situação econômica influenciasse.

No Brasil, a ascensão da mulher ao poder político, ao trabalho e a vida intelectual, como um perigo eminente que poderia colocar em risco a estrutura familiar, na qual a mulher era um sujeito menor na hierarquia, tendo sua vida ligada às vontades do seu marido. Por isso, o projeto de Bertha Lutz sobre Economia Doméstica Agrícola, por exemplo, voltado para educar as mulheres do campo, em sua grande maioria pobres e sem acesso à educação formal, era uma das formas que encontrou de tirá-las de uma completa invisibilidade e esquecimento dos poderes públicos estabelecidos e romper com a lógica burguesa sobre o lugar das mulheres.

Chama atenção, portanto, o fato de que essa era uma questão que atravessava a condição financeira das mulheres no país, mesmo que naquele momento já existissem muitas que eram chefes de família.

Outra questão que surge é se seria correto definir Bertha Lutz como uma intelectual da educação. Para isso, buscarei pensar de que maneira os desdobramentos das viagens, contribuíram para a criação de propostas, formulação de projetos e como essas iniciativas se constituíram na defesa de uma ideia educacional que fosse ampla, nacional e incluísse as mulheres, lhe conferindo legitimação como uma importante intelectual e educadora brasileira. Ela pensou em propostas para além do acesso à instrução, no sentido mais amplo, especialmente como um projeto de nação? Quais caminhos percorreu para fazer valer suas ideias e quais foram as estratégias que a levaram a se relacionar com outros sujeitos intelectuais que pensavam da mesma forma? Como fez circular no debate público as impressões das viagens em prol da pauta educativa e quais oposições sofreu? Quais apoios recebeu? Para lidar com essa série de questões, trago para o diálogo o estudo de Sirinelli (2003) e o conceito que elaborou em torno de redes de sociabilidade, para pensar sobre a intelectual. Ao abordar como se formou e onde atuava com esses indivíduos, é importante elucidar como e quando essas relações ocorriam, como explicita o autor, “onde os laços se atam” (SIRINELLI, 2003, p.248). Bertha Lutz, de fato, não apenas estabeleceu relações e articulou ideias para implementar modelos modernos de educação, partindo da instrução feminina na educação rural como foco, como também levou sua vivência para os seus interlocutores, criando assim laços. A sua atuação, buscou tornar a experiência de suas viagens na construção de um projeto educacional, que pudesse inserir as mulheres em um processo formativo. Para tanto, teceu diálogos, angariou apoios, organizou ferramentas de pressão e obteve nas suas sociabilidades mecanismos para conseguir obter vitórias.

Pode-se ver que Bertha Lutz esteve em contato com vários países e realizou várias viagens com objetivos distintos, reforçando que como intelectual brasileira se legitimou ao longo de sua vida. A escolha para esta pesquisa por duas dessas viagens, como aqui já apontado, para estudar a Economia Doméstica Agrícola, tem como norte, abordar algo ainda não explorado da dimensão da vida dela, dentro da temática da educação. Bertha Lutz ao longo dessas viagens visitou instituições de Economia Doméstica Agrícola de nível médio, experimentais e de nível superior e lá pôde conhecer uma série de projetos de educação para as mulheres do campo. A partir daí pensou em perspectivas que pudessem articular esses conhecimentos em torno da criação de um projeto próprio, que envolveu a elaboração de

relatórios com sinalizações de como adaptar essas ideias ao país, a vinculação com a formação de novas instituições com novos métodos modernos de educação, e o lócus de atuação que tivessem no seu ideário popularizar e expandir essa pauta ao longo de todo o território brasileiro. Dessa forma, pensar em quais foram os aspectos desses países visitados por ela, vistos nesse período como referências no que se tratava a estruturação e desenvolvimento de novos modelos educativos, puderam contribuir para desenvolver concepções de educação geral e educação rural, se tornando parte importante para esta pesquisa.

A pesquisa pretende contribuir para os estudos do campo da História da Educação, a partir de uma reflexão, sobre as viagens pedagógicas realizadas por essa intelectual, entendendo que elas permitiram trazer ideias modernas para o Brasil e influenciaram, em grande escala, a educação nacional, ao colocarem as mulheres como foco da intervenção. Tendo na figura de Bertha Lutz a articuladora da formação desse projeto, é possível pensar nele como sua grande contribuição para o campo da educação?

Assim, para que as viagens de estudos sobre Economia Doméstica Agrícola fossem realizadas, Behring (2011), aponta que a política do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, naquele momento, esteve pautada com o principal objetivo de garantir a subsistência financeira para as mulheres em situação de pobreza e, portanto, carentes da ação dos poderes públicos para a solução de tais problemas. Elas viviam em situações insalubres, sem trabalho, onde enfrentavam a violência sexual constante, dentro de casa e no espaço de trabalho, e eram excluídas de maiores de oportunidades.

Orlando (2020), identificou duas lacunas referentes aos estudos sobre mulheres, pautadas, primeiramente, pelo fato de que elas raramente aparecem como intelectuais, assim como também maiores discussões que envolveram uma pauta mais conservadora, e que tem sido pouco considerada pela historiografia brasileira. Essa autora propõe como objetivo pensar em uma história das mulheres e história intelectual das mulheres pautadas na observação de suas experiências privadas, públicas, suas escolhas e ações no geral e buscam dentro desse vácuo novas perspectivas de se analisar suas trajetórias. Seu estudo converge com a nossa proposta, que entende que mesmo sendo Bertha Lutz bastante estudada, no geral, as pesquisas com foco nos projetos em torno da Educação Rural, com ênfase em Economia Doméstica Agrícola, um dos principais motivos para as viagens, quando examinados, permite observar como foram sendo formados os projetos voltados para essa educação.

De que forma se movimentou Bertha Lutz nos espaços de sociabilidade? De que maneira desenvolveu uma ação para que a experiência de viagem e as suas sociabilidades pudessem de

fato encontrar o êxito desejado? A partir de Gilberto Velho (1987), é possível notar que esses intelectuais, dos quais se destaca também Bertha Lutz, agiam a partir da criação de projetos individuais para intervir na sociedade. Essa ação era levada muito pelas redes que eles criavam nos espaços que circulavam, como os proporcionados pela viagem, que lhes davam, segundo ele, um campo de possibilidades, para procurar articular formas de efetivá-los. O autor entendeu que as sociedades contemporâneas eram caracterizadas pelo processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados da sociedade. Dessa forma, para ele, a própria natureza que envolvia a modernidade estava associada a um mercado nacional cada vez mais baseado na troca cultural por meio de viagens, migrações e encontros internacionais de todo o tipo, que cruzavam as fronteiras entre os Estados Nações, sendo essas experiências, da mesma forma, uma maneira de os sujeitos irem modernizando os seus países, como no caso da própria Bertha Lutz.

Entendo, que a Educação Doméstica Agrícola não surgiu por acaso, mas se construiu como uma possibilidade de intervir sobre a sociedade e transformá-la, quando a pauta de ampliação de direitos das mulheres era o foco. Ou seja, isso se via como parte de anseios de uma parcela do movimento feminista internacional se valendo desse tema para organizar socialmente e politicamente as mulheres para as suas pautas, em um país com grande parcela da população analfabeta na década de 1920, sem direitos sociais consolidados, em um processo tímido de industrialização quando o Brasil ainda era, predominantemente, agrícola.

A tese tem uma arquitetura estruturada em 4 capítulos. No primeiro, pretenderei analisar como Bertha Lutz foi consolidando uma trajetória como feminista e cientista e de que forma o prestígio acumulado a levou para a pauta da educação. É importante, levar em conta que parto do seu retorno ao Brasil em 1918, da Europa, onde realizou seus estudos secundários e universitário e lá teve acesso a um conjunto de ideias feministas que a influenciaram na forma com que ao longo do tempo foi estabelecendo as suas próprias leituras em relação à organização da pauta de luta das mulheres, também o que representou o seu concurso para entrada em uma das principais instituições científicas do Brasil, que era o Museu Nacional, percebendo nesse processo as redes de sociabilidade que foram sendo formadas por ela, dentro desses espaços e por influência da sua família. De que maneira o contexto histórico que via na educação o caminho para o progresso e a modernização do país, também passou a estar no discurso dessa intelectual? Como as iniciativas nessas duas áreas puderam trazer elementos que ajudam a compreender a sua escolha para as viagens? Ao mesmo tempo, intentarei o diálogo com o que vem sendo abordado em textos acadêmicos sobre Bertha Lutz nas áreas de história e história da educação, entrecruzando com novas fontes, levantadas no acervo do Museu Nacional e

Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

No segundo capítulo, objetivarei apresentar quais teriam sido as razões que teriam motivado Bertha Lutz para os traslados. Aqui, já adentro na primeira viagem aos Estados Unidos, em 1922, por ela não ter tido a especificidade única para estudar Economia Doméstica Agrícola, além disso, há também motivação no estreitar dos laços de amizade com outras mulheres do movimento feminista internacional na sua participação no Congresso de Baltimore e estudar museologia educativa nos museus da Associação Americana que visitou. Ao elucidar a sua inserção nesses campos da luta por direitos para mulheres e na democratização da ciência que já vinha se inserindo, procuro entender que a primeira viagem lhe garantiu mais espaço nessas áreas. Penso ser necessário, antes de entrar na discussão de Economia Doméstica Agrícola e de como as viagens, permitiram a Bertha Lutz ser legitimar como educadora, entender que essa experiência teve outras nuances aqui, no caso, o seu trabalho com a museologia educacional e com os debates feministas, nas duas ocasiões, para assim, demonstrar os espaços que foi percorrendo ao decorrer das viagens e ter elementos para compreender como ela vai se articulando em torno de desdobramentos quando retorna ao Brasil nas duas ocasiões.

No terceiro capítulo, apresentarei, de fato, o que foi visto, vivido e apropriado por ela nas duas viagens. Quais os processos e desdobramentos que levaram Bertha Lutz a realizar os traslados? Para onde direcionou o seu olhar? O que deu maior atenção e quais foram os seus principais interlocutores? Como reportou a experiência em cartas e no primeiro relatório de viagem que escreveu e encaminhou ao Ministério da Agricultura, quando retornou ao Brasil? Uma outra proposta também registrada em relatório após 1923, com o objetivo de se criar uma escola. O documento trata de se criar uma escola de Economia Doméstica e Assistência Social feita após retornar da Bélgica. Nesse documento defendeu a criação de uma escola que seria financiada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio e as suas diretrizes. Todos os pressupostos teóricos e metodológicos lá apresentados apontam para as experiências obtidas por Bertha Lutz por conta do seu intercâmbio internacional. Quais são as diretrizes pedagógicas? No que se assemelham e se distanciam no que se refere à circulação dos modelos educacionais modernos de Economia Doméstica Agrícola que foram estudados por Bertha Lutz? São questões que irei me deter nesse capítulo. Assim, tentarei problematizar como se deu a designação de Bertha Lutz pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio e quais eram os objetivos a serem alcançados. Quais foram os lugares visitados? Que documentos foram arrolados que expressam os conhecimentos obtidos nesse momento? Houve repercussões na imprensa e no debate público e como esses espaços referem à sua ida aos Estados Unidos,

quando de sua viagem à Bélgica? O que nas viagens se assemelham aos anseios do Ministério e o que têm a ver com a militância de Bertha Lutz? São uma coisa só ou é possível mapear distinções? Os dois países que visitou, ainda que tivessem realidades diferentes, estavam inseridos em um processo de serem pioneiros no que se referia à capacidade de difundir ideias modernas de educação em várias áreas do conhecimento como, aqui, a educação feminina. A documentação trabalhada nesse capítulo serão as cartas trocadas com o Ministério da Agricultura sobre o que foi pesquisado nos Estados Unidos, as cartas de Bertha Lutz a Paul de Vuyst, a Princesa Belga e entrevistas dadas sobre a experiências lá alocadas, a viagem de Paul de Vuyst, sobre as relações familiares, e o lugar da mulher nessa estrutura em contexto internacional e social no Brasil. Na ocasião ele foi recebido por Bertha Lutz e realizou uma série de palestras na Escola Politécnica, sede da Associação Brasileira de Educação, hoje localizada na UFRJ. Como suas falas ajudaram no aprimoramento dessa discussão na (ABE), que após o evento criaria a Sessão de Educação Doméstica e Profissional na entidade, além da influência desse intelectual com a Escola Doméstica de Natal no Rio Grande do Norte? Teria Paul de Vuyst influenciado para tal? Seria essa rede de sociabilidade que Bertha Lutz fez que discutia Educação Doméstica, dentro e fora do espaço agrícola, que a fez ser uma das fundadoras da ABE, uma instituição privilegiada que angariou aos seus quadros os principais formuladores do pensamento educacional brasileiro naquele período? Cartas e relatórios sobre algumas das unidades visitadas, os currículos de Economia Doméstica norte-americana, arrolados por ela, e outros documentos que ajudam a ampliar a compressão sobre as nuances que abordaram os temas que mais a interessaram e que teve acesso por conta dessas duas viagens são aqui examinados.

No quarto capítulo analisarei, os desdobramentos das viagens, na trajetória de Bertha Lutz, primeiramente, analisarei sua participação em congressos onde defendeu a implementação da temática da Economia Doméstica no Brasil como uma pauta importante no que se tratava de educação feminina. Para entender, que logo que retornou ao país, tentou divulgar e angariar apoios para tentar implementar um projeto próprio de Educação em Economia Doméstica Agrícola aos moldes do que observou e escreveu nos dois países que por ela foram visitados. Todavia, não somente os congressos em si, mas possíveis continuidades que eles apontam, principalmente no que se referia à discussão no âmbito nacional e estrangeiro. A participação de Bertha Lutz na imprensa, especificamente no jornal *O Paíz*, na coluna Feminismo de 1926, e como nesse jornal, a discussão do feminismo internacional, intercalada com o nacional estiveram presentes, incluindo no que tange à divulgação da pauta de Economia

Doméstica Agrícola como um modelo a ser adotado para a educação da mulher. Sua atuação no Parlamento e a maneira pela qual a temática da Educação Doméstica Agrícola, continuou forte no discurso da então deputada federal naquele momento, visando apontar mais elementos de como essa discussão, propiciada pelas viagens, estiveram na fala de Bertha Lutz como bandeira, mesmo anos após as suas idas ao exterior. Por fim, duas experiências de escolas de Economia Doméstica Agrícola e a análise de possível interesse e até relação de Bertha Lutz com essas duas experiências de educação feminina, voltadas para a realidade rural, o Instituto Baronesa criado em 1922 em Vila Rezende de Piracicaba, em São Paulo, por Lydia Rezende e Freiras Franciscanas. Ainda que não tenha sido criada pela intelectual, a discussão sobre a formação dessa escola é importante, para entender o que de fato vinha sendo feito em torno da temática durante o período que envolveu as viagens. Também, a Escola Doméstica de Natal, outra instituição que não foi criada por Bertha Lutz, mas sim pela Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e por Henrique Castriciano em 1914. Aqui, analiso uma carta sobre a Escola feita por Bertha Lutz, onde se é debatida a estrutura da instituição em 1923 e possíveis caminhos que ela defende que essa deveria ocupar, dentro do projeto de Economia Doméstica Agrícola, que ela procuraria implementar, além disso, analiso as relações que a intelectual tinha com Miss Leora James, que foi diretora da Escola Doméstica em 1919.

Por fim, concluo apontando questões que o estudo trouxera para o debate em torno da figura de Bertha Lutz como intelectual, cientista e uma educadora, que pensou na educação rural em Economia Doméstica Agrícola como um projeto emancipador para as mulheres, principalmente àquelas que viviam no campo, demonstrando como as viagens, foram as experiências que permitiram a ela fazer circular os modelos, lá observados, no seu país.

1 **A VIAJANTE E O CONTEXTO POLÍTICO, CIENTÍFICO E EDUCACIONAL**

Pode-se dizer que Bertha Lutz é uma mulher amplamente estudada em vários aspectos de sua vida pessoal e profissional, o quais têm sido abordados em livros, teses, dissertações, monografias e artigos científicos. Ela influenciou a construção do pensamento brasileiro nos campos da ciência, da política, e da educação e por ter tido uma vasta contribuição na luta por garantir vários direitos a causa das mulheres, sua pertença como intelectual brasileira e suas ideias vêm sendo debatidas, com o objetivo de entender de que maneira ela ajudou a fomentar a organização da sociedade no seu país ao longo do século XX.

A partir dessa constatação surge um importante e primeira pergunta: o que teria levado Bertha Lutz a realizar tantas viagens? Porque elas podem ser entendidas como importantes, não somente na formulação da sua biografia e na consolidação de uma trajetória educativa, mas como o caminho para o êxito de uma atuação voltada para implementação da Educação Rural como projeto de educação feminina? O que contribuiu para que ela se tornasse uma viajante privilegiada? Como a sua inserção no campo político, científico e educacional, como caminho para o desenvolvimento da sociedade brasileira, podem ter motivado o seu interesse pela temática da Educação Rural e da sua escolha para as viagens?

Como aponta Amorim (2017), para procurar entender a dinâmica de uma viagem em sua complexidade, se faz necessário mergulhar em um corpus documental diverso que possa trazer indícios, sentidos e que ao mesmo tempo apontem para as razões das viagens, as trocas culturais e a dimensão formadora que ela abrange. Em meio aos relatórios, cartas, impressos de jornais, trabalhos acadêmicos, esses são os elementos em que vou me valer para tratar da trajetória de Bertha Lutz. Para esse ponto inicial, elejo aspectos que a qualificaram para as viagens, tendo como escopo empírico, jornais, cartas e textos científicos de pesquisadores que estudaram e consolidaram a educadora na historiografia e historiografia da educação.

Ainda, segundo a mesma autora, surge a indagação: “O que uma viagem pode revelar sobre aquele que viaja?” ou “O que um viajante, através de seus escritos revela sobre os seus trânsitos?” (AMORIM, 2017, p.24). Essa é uma questão que percorre toda a pesquisa, mas que aqui no primeiro momento, aponta para a necessidade, de conhecer melhor quem foi esse sujeito, a partir do entrecruzamento dessas fontes e trabalhos, entendendo, que toda a viagem é uma experiência educativa e traz a surpresa, inquietação, mesmo quando é planejada como no caso da trajetória que aqui irei observar, ela apresenta aspectos que contribuem de maneira

significativa, para a forma com que o sujeito elabora as suas percepções da experiência vivida.

Recorro a Bourdieu (1976), autor que considera o campo científico, um local onde existe um jogo de luta concorrencial. Para ele essa disputa se pauta na busca do monopólio da autoridade científica, para poder agir e falar de forma legitima, no seio social. Essa percepção é importante para a discussão que será feita neste capítulo inicial do trabalho, pois ainda que a discussão seja abordar a pertença na política de Bertha Lutz, juntamente da sua ação feminista e na educação pelo viés da museologia, tudo partiu da inserção de Bertha no Museu Nacional, que era ligado ao Ministério da Agricultura que a designou para as viagens e da sua pertença como feminista. Perceber que eram poucas as mulheres que eram cientistas, intelectuais e tinham o discurso autorizado para implementar projetos, pressionar políticos e obter direitos, se torna fundamental, para entender a motivação que levaram a educadora para as viagens.

Ao analisar a trajetória de Bertha Lutz como uma articuladora de projetos, líder feminista e cientista comprometida com a educação, se torna importante perceber como se deu sua movimentação no campo intelectual, até então composto, quase, exclusivamente, por cientistas homens, algo predominante no Brasil de seu tempo. Desse modo, é também necessário perceber como estruturou suas ideias a partir de redes de sociabilidade, vinculações institucionais dentro e fora do país. Esses são pontos fundamentais sobre como ela influenciou o debate, publicou, conseguiu desenvolver e implementar políticas públicas que foram exitosas. A partir daí, pretendo refletir sobre os caminhos possíveis que representam o prestígio que foi acumulado por Bertha Lutz nos espaços que pertenceu e que podem ter sido o motivo pelo qual foi escolhida para as viagens que realizou.

Ao problematizar os seus intercâmbios internacionais e a maneira em que conquistou a experiência obtida por ela nesses espaços, levanto alguns aspectos: como a apropriação de modelos e interlocução com outros sujeitos que pensavam e articulavam projetos semelhantes nesses países, lhe ajudaram para elaborar um pensamento voltado para a educação feminina no Brasil? Quais caminhos a levaram para essa escolha de destaque que possibilitariam à intelectual, se tornar uma referência sobre quais seriam as melhores estratégias para incluir as mulheres nesse tipo de direito? Quais elementos foram importantes, para que o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, um dos mais significativos nesse momento, que vinha pensando pelo viés da ciência em como criar soluções que contribuíssem para a resolução dos problemas nacionais brasileiros, viu em Bertha Lutz um sujeito que pudesse colaborar para pensar novas perspectivas de melhorar essa situação do país? São essas as questões que

procurarei responder ao longo deste capítulo, pela reflexão de como ela foi se constituindo como intelectual antes das designações para viajar que começaram em 1922.

Ao tratar das mulheres nesse momento, essa discussão se torna ainda mais complexa, pelo fato de muitas não terem tido acesso a direito algum. Grande parte das que já estavam inseridas no ambiente profissional eram assoladas pela desigualdade social, financeira, violência sexual, desvalorização e preconceito social, mesmo quando tinham que assumir o gerenciamento de toda a família, não sendo tratadas perante a sociedade como os homens, por haver um pensamento introjetado que o lugar da mulher era no lar.

1.1. **De volta para casa**

O ponto de partida para começar a análise sobre os espaços em que Bertha Lutz foi se legitimando como intelectual seria o seu retorno da Europa, em 1918, após estudar e se formar bióloga e ter acesso a um conjunto de ideias feministas. Essa bagagem acadêmica e o contato com a militância política internacional se tornaram importantes devido ao fato de que foi nessa junção, entre a pertença no campo da ciência e a luta no feminismo, que a levaram à realização das viagens. Dessa forma, é importante observar, primeiramente, como o feminismo foi se transformando em um lugar comum a ela, da mesma forma de como essa ação política para debater, lutar e conquistar direitos para as mulheres, lhe trouxe privilégios e liderança. Souza e Abdala-Mendes (2018), examinam um dos diversos artigos publicados na imprensa a partir de 1918 por Bertha Lutz quando retornou ao Brasil. Para as autoras, a narrativa tecida procurava viabilizar uma organização entre as mulheres, com o objetivo de produzir uma análise sobre a situação delas no país. Ela lançava mão da denúncia como estratégia para que que se produzisse uma reflexão acerca da situação em que as mulheres viviam. Na coluna “Cartas de Mulher”, da *Revista da Semana*, por exemplo, publicada em 14 de dezembro de 1918, Bertha Lutz nomeou as brasileiras como “mulheres morenas”. O objetivo nessa definição foi o de marcar presença no debate político, em que se valendo dessa discussão e de outras criações, que evidenciavam conceitos próprios sobre essa realidade específica. Sobretudo, em relação à situação em que as brasileiras viviam, procurar criar um contraponto e ao mesmo tempo um campo de possibilidades de politização, que fosse voltado para incutir no povo a necessidade de fazer com que essas brasileiras, pudessem ter as mesmas oportunidades que tinham os homens. Essa denominação se valeu da comparação com a vida das europeias, marcando a diferenciação em torno do fato delas serem louras, ao mesmo tempo que sinalizando, que na Europa, um

continente que influenciava muito o Brasil na cultura, na política e nos costumes, já se via mudanças nas leis e importantes vitórias para a causa da emancipação feminina vinham sendo obtidas.

Bertha Lutz foi uma mulher privilegiada se comparado à situação em que o gênero feminino vivia no país: teve acesso à formação acadêmica no exterior e falava várias línguas estrangeiras, o que a levou a ter as portas abertas, por exemplo, para tecer suas opiniões em jornais. A viagem de estudos e a sua elevada formação acadêmica, de certa forma, influenciaram toda a sua trajetória como intelectual ao retornar ao Brasil, pois é desse percurso internacional que essas primeiras oportunidades de conhecer propostas pedagógicas lhe deram legitimidade para argumentar sobre o futuro do país, desde seu retorno. Essa experiência, permitiu se constituir com uma das principais militantes políticas e cientistas brasileiras. Esse lugar de destaque deu a ela o poder de problematizar o lugar da mulher nesses espaços e propor soluções para uma vida que fosse melhor para as suas patrícias, tanto quando estava atuando nas instituições as quais se vinculou ou quando estava formulando políticas públicas de intervenção.

Antes de retornar ao Brasil da sua viagem de formação, Bertha Lutz obteve a oportunidade de se formar nos Ensinos Elementares e Médio na Inglaterra com conclusão em 1916. A entrada na Universidade e sua conclusão em Estudos Biológicos se deu na Sorbonne, em 1918, com especializações nos campos da Zoologia e Botânica.[3] Assim, é possível afirmar, que Bertha Lutz, a partir daí, se projetou no cenário intelectual brasileiro, por intermédio das ideias feministas que já foi aprendendo com essa experiência, pois estudou em dois países estrangeiros que foram o berço dos movimentos de mulheres, na Europa. (LOBO,2010).

Em retorno ao país, Bertha Lutz logo passou a divulgar esse pensamento feminista em jornais, inicialmente valendo-se de pseudônimos, algo comum entre as mulheres letradas contemporâneas a ela, que se valiam desse tipo de tática como sobrevivência para evitar conflitos com suas famílias em muitos casos. (SOIHET, 2006). Por meio de um conjunto de escritos, elas buscaram trazer para o cerne das discussões posições em relação a preceitos de modernidade, economia, política e a situação das mulheres. Dentro desses espaços de escrita pela impressa, era onde teciam críticas à maneira com que as suas conterrâneas eram tratadas e produziam um chamamento pela organização feminina. Dessa forma, pode-se dizer que Bertha Lutz tinha, como ponto de partida, jogar para o debate público nacional a necessidade de se

[3] A Sorbonne era um centro de referência em formação universitária, incluindo no que se referia a formação de quadros feministas ao longo do mundo. Seria esse, um dos motivos, que deram prestígio a Bertha Lutz ao seu retorno?

construir uma equivalência entre os sexos aqui como nos demais países, que no círculo da intelectualidade eram vistos como referência mundial, quando o assunto eram modelos modernos de desenvolvimento. (SOIHET, 2006).

As ideias que circulavam nesses locais, incluindo as pedagógicas, principalmente, eram vistas como noções norteadoras de como se poderia organizar o país. (HERSCHMANN, KROPFK, NUNES,1996). A partir disso, ao mesmo tempo se tornou possível formular um chamamento aos cidadãos que viessem simpatizar com a luta que visasse a conquista de espaços e direitos para as mulheres, como mecanismo de ação que garantiria maior evolução e desenvolvimento. Vingava no Brasil, dentro das elites que compunham inclusive entre os intelectuais onde Bertha Lutz esteva inserida, uma profunda necessidade de transformar o Brasil. Esse movimento era algo que ocorreria pela ação desses envolvidos, que se dividiriam cada um em seus campos de conhecimento, mas com o objetivo comum de intervir sobre o país, percebido como atrasado e com uma série de problemas que vinham do período imperial.[4]

Monteiro e Gabba (2017), afirmam que a própria ação do movimento feminista internacional, praticado na Inglaterra e que influenciou Bertha Lutz, foi caracterizado por um cunho mais conservador. Não se questionava de maneira incisiva a divisão sexual posta na sociedade e os papéis exercidos entre mulheres e homens. Essas mulheres, contestavam as diferenças contratuais, políticas e a liberdade para escolher aquilo que lhes era mais conveniente. A luta pelo direito ao voto e a educação se tornaram símbolo dessa luta, mas não eram as únicas pautas que eram reivindicadas pelas mulheres. O movimento feminista alertou que a não obtenção desses direitos, tirava naquele momento das mulheres o direito, inclusive, de apontar por quem gostariam de ser representadas, e isso, para um Brasil que almejava o progresso, tinha que entrar no cerne das motivações como questão importante a ser combatida e transformada.

Ao escolher sua profissão, seguiu o caminho de seu pai, o importante médico microbiologista, Adolpho Lutz[5],que, como argumentou Benchimol (2003), foi um dos principais cientistas brasileiros. Assim, temos elementos que demonstram que Bertha Lutz foi uma mulher da elite intelectual do país naquele período, pela sua formação e pertenças políticas

[4] Esses projetos, onde Bertha Lutz se inclui, foram idealizados por intelectuais, percebidos como detentores dos mais diversos saberes técnicos e científicos, e, portanto, com legitimidade diante da sociedade. Eles tomaram para si como missão garantir a educação de maneira mais ampla para a população, como se fizessem parte de um projeto maior de desenvolvimento do país, através de uma agregação de todos os concidadãos e do desejo de oferecer uma educação laica, gratuita e nacional, em que os mais pobres, até então excluídos, teriam acesso à oportunidade de também melhorar a condição do Brasil frente às nações estrangeiras. (CAMARA, 2017).

[5] Foi médico e microbiologista com estudos em outras diversas áreas, que trataram por exemplo no combate e erradicação da Febre Amarela no Brasil. Ler mais em Benchimol (2003).

e cientificas. Por influência de sua família, tinha um nome destacado na intelectualidade nacional. Assim, ela usou desse lugar de destaque para implementar o que entendia como melhor caminho para a transformação do país, naquilo que Soihet (2006), chamou de "feminismo tático", sintetizando uma ação na qual usou desse prestígio para negociar com as elites sociais e políticas apoios para as suas pautas para a emancipação da mulher, o que de certa forma ao longo do tempo lhe permitiram construir a sua própria individualidade e destaque dentro da sociedade brasileira e internacional, para além da influência familiar.

De acordo com Lobo (2010), ainda na infância, ela deu aulas de violino e ajudou a sua mãe, Amy Fowler Lutz, a alfabetizar pessoas em cursos oferecidos por ela, na Ordem São Bento em São Paulo. Também ajudou na escola que sua família tinha para moças imigrantes suíças, em Botafogo, no Rio de Janeiro. De acordo com Benchimol (2003), os Lutz não contribuíram apenas para a comunidade de imigrantes suíços no nosso país, mas pertenciam às mais tradicionais famílias de Berna em seu país originário, onde tiveram atuação em vários momentos históricos.[6]

Sobre a imigração, Sanglard (2003) aponta ainda que o enraizamento da colônia portuguesa em terras brasileiras, a partir do século XIX, mudou a lógica vigente do processo imigratório em nosso país. Esses sujeitos imigrantes que ficaram caracterizados anteriormente como "degredados", uma vez que tiveram poucas chances de sobrevivência, ao chegarem no país posteriormente vieram a receber apoio da Monarquia para a sua interiorização, pela necessidade que o país tinha de inserir uma mão de obra mais qualificada que se distanciasse da negra ainda escrava, pois vinha sofrendo pressão e críticas da comunidade internacional. Essa lógica que também se repetiu no caso dos suíços que chegaram aqui, representados por famílias, como as dos Lutz.

Em relação à colonização suíça, a primeira iniciativa se deu em Nova Friburgo, conforme relatos dos jornais suíços da época[7], a partir da caridade de um compatriota que tinha se estabelecido no país. Além de Nova Friburgo, as colônias suíças se instituíram em

[6] "O bisavô de Bertha Lutz, Friedrich Bernard Jacob Lutz, foi um importante personagem da história da medicina suíça. Além de liderar o serviço de vacinação antivariólica entre 1811 e 1818, foi médico-chefe do Exército da Confederação em 1815, lidando diretamente com 45 mil homens, o que pode ser entendido como um prestígio individual dele. No pós-guerra se tornou vereador da capital suíça em 1859. Ele teve três filhos, sendo um deles Gustav Lutz, que se casou com Mathilde Oberteufer, que vieram tentar a vida no Brasil, como outros indivíduos de várias nacionalidades fizeram naquele momento. No caso deles, especificamente a partir da década de 1850. No século XIX, um dos menores contingentes de imigração foi a Suíça, comparada aos demais de origem europeia. Segundo a própria Bertha Lutz, os seus avós chegaram ao país no auge da gravíssima epidemia de febre amarela, que matou mais de quatro mil pessoas." (Delta Larousse, 1975, vols. 2, 9 e 14; B. LUTZ, apud BENCHIMOL, 2003).

[7] (Journal du Jura, 3.10.1818) IN: (BENCHIMOL (2003).

Leopoldina na Bahia e em Senador Vergueiro em São Paulo. Já com estadia aqui no Brasil, os avós de Bertha Lutz tiveram 10 filhos, sendo Adolpho Lutz um deles, nascido em 18 de dezembro de 1855. Sua família começou a desenvolver atividade econômica, a partir da sociedade que foi estabelecida do avô de Bertha Lutz com outro suíço, que foi voltada para o trabalho com a agricultura (BENCHIMOL, 2003).

A prática educacional também foi uma realidade no cerne da família Lutz. Mathilde Oberteuffer Lutz, avó de Bertha Lutz, fundou a escola que aqui citamos na década de 1880. O Colégio de Meninas funcionou na rua Princesa Imperial 33, no bairro do Catete, limitada a atender a essas moças imigrantes das famílias mais abastadas que aqui estavam. Posteriormente, a escola mudou de nome, passando a se chamar Colégio Suíço Brasileiro e foi transferida para a Rua Farani, de número 12, no bairro de Botafogo em 1887. Ao se transferir para o novo bairro, a escola começou a ter turmas mistas de crianças e jovens até 20 anos, tendo como componentes do corpo docente, também membros da família Lutz.[8]

F**igura 1:** A família Lutz na porta do Colégio Suíço Brasileiro

Fonte: https://www.suicosdobrasil.org.br/escolas-suico-brasileiras. Acesso em 14/06/2021 às 23:02.

Na imagem acima, vemos a família Lutz, com o pai de Bertha Lutz, o cientista Adolpho Lutz, sua avó e tias na porta da escola suíça para atender e fortalecer os laços da comunidade estrangeira, que ia se estabelecendo no Rio de Janeiro. A publicação do *Almanak*

[8] Não foi possível em nossa pesquisa observar se, dentre esses membros, a jovem Bertha Lutz atuou como professora. As referências apontadas, principalmente em LOBO (2010), sinalizam que ela teria ajudado apenas, mas não define em qual função. Se levarmos em conta que no Mosteiro São Bento ela ajudou a sua mãe alfabetizando em determinado momento da sua vida, é possível que possa ter atuado aqui também, ajudando no mesmo processo, mas isso não pode ser determinado.

Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro de 1881, apontava as diretrizes pedagógicas que o Colégio Suíço Brasileiro para meninas, fundado pela avó de Bertha Lutz, tinha para oferecer as alunas que ali se matriculavam para estudarem no novo país e ampliarem as suas chances de acesso a novas oportunidades para melhoria de suas vidas:

> As Diretoras deste estabelecimento têm por fim reunir as vantagens de uma esmerada e solida educação com os carinhos de família, tão indispensáveis para a boa formação do caráter. No intuito de dar uma reação benéfica aos estudos sérios, introduzirão o canto de coro e os exercícios calistênicos e ginásticos. Cada discipula tem direito ao ensino de três línguas: portuguesa, francesa, alemã ou inglesa, tendo ocasião de praticá-las diariamente. A situação do colégio é admiravelmente adaptada para seu fim. A casa contém todas as exigências higiênicas, como: banhos frios, quentes e de ducha, dormitórios, sala da vestir-se, e classes arejadas, bons recreios dentro e fora de casa etc. (ALMANAK, ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO 1881, p.647).

É possível perceber na propaganda do *Almanak* que essa escola, trazia concepções domésticas no seu programa de formação ampla para as meninas estrangeiras. O ambiente em que ela cresceu pode ter influenciado diretamente as concepções que viria a ter sobre educação, pois desde a idade mais tenra estava em um ambiente escolar feminino. Aliás, era comum no Brasil, que imigrantes ao chegarem de vários lugares do mundo ao país instituíssem escolas, não apenas para educar os seus conterrâneos, mas também para manter a cultura de seu país originário fortalecida. (SAYAD, 2000). Ao mesmo tempo garantiam o estreitar de mais os laços entre si mesmos, dentro de um contexto de mudança e de desafios impostos pelo novo lugar onde se estabeleciam. A escola se tornava, assim, um dos principais espaços de sociabilidade entre os sujeitos imigrantes.[9]

Ao pensar na educação nesse processo, que envolvia as questões de imigração, Demartini (2004), assevera que levando em conta, tanto a educação escolar, quanto a não-escolar e informal, muitos imigrantes de diversos países trouxeram vários conceitos, experiências e projetos provenientes de sua sociedade de origem no que se referia à prática pedagógica e didática para experimentar ao longo do tempo no qual foram se estabelecendo nas

[9] Durante o período imperial no Brasil, houve um crescimento expressivo de escolas de imigrantes. Conforme nos sinaliza Sayad (2000), "não se podia ignorar que os países chamados de "Novo Mundo", pelo fato de possuírem uma história singular referente ao seu "descobrimento" e de representarem o desconhecido, significavam novas oportunidades de vida e mudança de rumo para os que vinham. Esse sendo o principal de uma série de motivos que fez com que estes se tornassem países de imigração europeia e asiática. Se levarmos em conta as constantes crises que esses continentes foram passando ao longo dos séculos, esse foi um momento único que deu oportunidade para muitos desses que partiam. Tinham chances que não teriam se continuassem em seus próprios países. Outra justificativa também era pelo fato, de ser nesses países em que os colonos e conquistadores sendo escravocratas no geral, poderiam ampliar as suas próprias riquezas e influências políticas, para além do que já obtinham em seus países originários. Quando não, havia aqueles que imigraram pela proposta de viver uma "aventura, motivação recorrente na história de vida daqueles sujeitos que não eram abastados, e por isso não tinham nada a perder com a travessia." (SAYAD, 2000).

suas instituições de ensino aqui no Brasil. Essa tentativa de se colocar e tentar legitimação com essa prática, de certa forma também foi contribuindo ao longo do tempo para desenvolver práticas pedagógicas no país como um todo, que foram apropriadas em currículos de escolas e ao se mesclarem com o que era feito aqui, assim criando um pensamento educacional brasileiro próprio. Pode-se dizer então, que os países do chamado Novo Mundo, se assemelhavam então, a uma espécie de "sociedade de adoção", onde o país que recebia uma variedade de imigrantes, que saíram de seus países em vários lugares do mundo, vem com o intuito de restaurar as suas vidas e receber deles o que tinham de melhor. Foi nesse período único de transição que viram na criação de escolas e da implementação de uma educação formal, a chance de preservar a cultura de seus locais originários, manter as relações e memória de outrora vivas e construir socialização com os filhos, filhas e famílias de outros imigrantes. A escola se constituiu em lugar estratégico de trocas entre eles. (DEMARTINI,2004).

A pertença da família de Bertha Lutz, tanto na prática da ciência, quanto no envolvimento político e educativo na criação de instituições, é um fato que pode se configurar naquilo que Bourdieu chamou de *habitus*. Estruturado como um conjunto de esquemas individuais e sociais, que envolvem diversas estruturas mentais mescladas com experiências práticas, que essas, quando postas em condições específicas de existência, influenciam o agir cotidiano, quando definem funções de ação para os sujeitos em determinada sociedade e grupo social e o desenvolvimento científico. Pensar nessa relação, entre indivíduo e sociedade, a partir dessa conceptualização é observar que a ação individual, a pertença pessoal, assim como a agir social dos sujeitos, são de maneira simultânea coletivamente orquestrados, por uma teia social que os influencia em suas práticas cotidianas, que provém de um *habitus* então pré-estabelecido em suas vidas (BOURDIEU, 1992, p.101 apud SETTON, 2002, p.63).

A influência da família de Bertha Lutz sobre ela e em seus próprios atos, com essas posturas aqui relatadas, foi algo que não era apenas proveniente dela em si, mas de uma cultura referente às práticas sociais que a sua família foi criando e estabelecendo desde a Suíça. Seu pai, Adolpho Lutz, e seu irmão, Gaulter Lutz, sempre a apoiaram em sua trajetória militante, científica e como educadora, assim como sua mãe, seus avós e bisavós.

A influência recebida pela sua família, do envolvimento dela com a criação de uma escola, a dedicação do seu pai para divulgação da ciência, juntamente com os espaços que estudou e se formou politicamente, compuseram um itinerário, segundo Sirinelli (2003), que vai contribuir para suas de redes de sociabilidades que estiveram imbricadas na maneira com que Bertha Lutz passou a organizar seus projetos e lutas pessoais, principalmente no que se

refere à educação.

A partir disso, é possível elucidar que no retorno de Bertha Lutz, a influência de sua família na sua vida e sua formação científica, juntamente do contato com as ideias feministas a que teve acesso, propiciaram a ela a oportunidade de ir ao encontro de uma pauta internacional, mas que a partir desse contato, foi se apropriando.

1.1.1. Contexto brasileiro no regresso

Qual era a situação do país, quando Bertha Lutz retornou em 1918? Quais foram os aspectos que vieram a influenciar as suas escolhas políticas, científicas e educacionais? A busca pelo progresso, a tentativa de implementar uma modernidade à luz das ideias internacionais, puderam dar um norte para a escolha para as viagens e os projetos que viriam a ser elaborados, após essa experiência.

Ao tratar do processo de apropriação de ideias estrangeiras no Brasil no livro *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, Roberto Schwarz (2000), apresenta a noção de "ideias fora do lugar". Em seu texto de crítica da literatura, apontou que o Brasil, no âmbito geral, apropriava-se de ideias europeias de maneira imprópria. Para esse autor, os intelectuais, juntamente de políticos, escritores e os demais sujeitos da elite de maneira hegemônica, ao longo da formação do Estado Brasileiro, copiavam ideologias europeias e tentavam implementá-las aqui. Para ele, isso foi feito, partindo da compreensão de que havia uma superioridade dessas, e o país estava sendo atrasado e se tornava incapaz de se desenvolver por si mesmo. A referência de progresso que esses países representavam, era fonte inesgotável de importação, pois havia um desejo vigente de fazer com que o Brasil, tivesse condições de se tornar uma nação evoluída.

Esse esforço de articulação teórica e de ação, para esse autor, foi uma fantasia produzida em torno da realidade do país. As ideias, segundo ele, que eram copiadas da Europa e que chegavam aqui, não passavam do lugar do discurso, pois na prática as desigualdades gritantes se apresentavam, e isso criou dificuldades para a realização de uma real intepretação dos pensamentos e projetos que circulavam e buscavam o progresso da mesma forma. Desse modo, pode-se elucidar por meio desse autor que muitas lideranças do país pautavam suas ações a partir do desejo de copiar um modelo europeu de liberalismo, sem observar de fato quais eram as necessidades e os contextos que envolveram uma grande parcela da população que era pobre, analfabeta e acometida de doenças.

Esse foi um importante debate, porque no que se refere à apropriação e implementação de ideias feministas, que foram influenciadas pelo internacionalismo, essa visão de ideias "fora do lugar", pode ser observada na maneira como que a crítica feita a Bertha Lutz, foi organizada. Ao mesmo tempo que um problema do próprio feminismo na América Latina, quanto de que forma a presença estrangeira influenciou ou não positivamente a organização desses movimentos nos países. As perguntas a serem feitas são: A influência das concepções internacionais contribui na prática para a criação de ideias sobre a situação da mulher? Como a educação foi incluída nessa discussão de fato? Elas foram copiadas sem haver uma reflexão sobre a realidade brasileira? Ou foram uma tentativa de, a partir do que estava sendo feito de efetivo fora do país, abrir-se um leque de possibilidades que viessem a criar ferramentas de intervenção que pudessem fazer com que as mazelas que assolavam as mulheres no país desaparecessem?

A partir de Schwarz (2000), também é percebível que existiu, mesmo na burguesia brasileira, uma tentativa de apropriação de um ideário europeu como remédio que levaria o país ao progresso. No entanto, esse projeto, ao ser confrontado em sua viabilidade, encontrou resistências, graças aos problemas que mostravam um atraso potencial em relação ao velho mundo. Muitos dos indivíduos da elite e que dirigiam o Brasil, viam a Europa como referência, por lá representar o ideal de modernidade, que poderia ajudar o Brasil a lidar com seus problemas sociais. Buscavam nos países do velho continente soluções. Bertha Lutz foi um desses sujeitos, que não apenas se apropriou de ideias europeias, mas que estudou e vivenciou de perto a efervescência do surgimento delas e da luta na prática do feminismo internacional. O que me leva a supor que talvez ter estudado no lugar de onde aparentemente emergiam as ideias, que se tornaram referência para traçar caminhos em torno da melhor condução para a formação do movimento no Brasil, mesmo que encontrasse críticas, dos que a chamavam de conservadora e mais preocupada com o internacionalismo do que com o próprio país. Porque estava mais atrelada ao feminismo norte-americano, do que com aquele que abordavam os problemas no Brasil, como os seus críticos costumavam a embasar as críticas que teciam a ela.

Já Maria Sylvia de Carvalho Franco (1976), em seu texto "As ideais estão no lugar" contrapõe esse debate apresentando outra importante concepção interpretativa do Brasil desse momento no qual Bertha Lutz se constituiu como intelectual, mostrando novas perspectivas às propostas apresentadas por Schwarz (2000). A autora demonstra que a busca desses sujeitos, assim como suas idas rotineiras à Europa, estavam na verdade articuladas à lógica de um capitalismo mundial, que estava ditando novas regras e tendências. Desse modo passou a ser

socialmente estabelecido como forma daquilo que seria percebido como êxito cultural, social, econômico e político. Para ela, primeiramente, não se pode pensar em ideias de maneira dissociada das práticas econômicas, uma vez que essa busca, não foi uma tentativa da cópia pela cópia, ou a apropriação pela reprodução do discurso europeu somente, mas sim uma apropriação daquilo que poderia ser exitoso à realidade brasileira, quando colocado em prática. Essa é uma percepção teórica que se aproxima mais do caminho que foi traçado por movimentos políticos, como os liderados por Bertha Lutz. Sua inclinação, de ver no estrangeiro oportunidades de conhecimento e aprimoramento de suas ideias, no objetivo de permitir novas chances de viabilização delas na prática, se aproxima dessas considerações aqui argumentadas por essa autora.

Essa análise ainda pode ser ampliada pela perspectiva de Vianna (2004), quando mostra que esse processo e apropriação de ideias estrangeiras no Brasil, se deu na perspectiva daquilo que chamou de "revolução passiva", forma que representava a maneira prática com foram se organizando os Estados Nação. No caso do país, que estava em um processo de construção de sua identidade e de produzir uma primazia política, que fosse focada na preservação, expansão territorial e controle da população, surge a ideia de modernização com conservação da estrutura econômica da maneira com que estava posta. O autor entende que todas as propostas elaboradas por esses intelectuais buscaram fazer mudanças pontuais, mas não se comprometeram em transformar a sociedade de fato. Essas elites tradicionais, das quais Bertha Lutz fazia parte, já extraiam recursos políticos e sociais para se projetar e anunciar ao povo que iriam dirigir o processo de industrialização do país. Assim, qualquer mudança que não invertesse o lugar estabelecido de quem era rico e quem era pobre, como eles no fundo propunham, não estava mudando nada de fato. Os projetos educacionais que foram sendo criados, ofereciam chances paliativas por não estarem comprometidos com a mudança social profunda para alguns poucos que se destacavam. Essa lógica influenciou a maneira como parte dessas ideias, apropriadas da Europa e dos Estados Unidos, foram ganhando forças nas décadas de 1910 e 1920 no Brasil.[10]

Esse americanismo a que Vianna (2004) se referiu, pensado como uma forma de ação por reformas, que era desconectada com o compromisso de promover uma transformação social profunda, assemelhava com a própria maneira com que Bertha Lutz foi tocando seus projetos. Seus escritos e a forma com que divulgou uma série de medidas visando melhorias para suas

[10] É possível observar que ao mesmo tempo em que o Brasil era uma nação muito grande territorialmente, se mantinha extremamente limitada no tocante à capacidade de ter mecanismos para implementar políticas públicas que pudessem inserir os diferentes sujeitos, homens e mulheres na sociedade, já dentro dos moldes das exigências do capitalismo internacional que se movimentava de maneira rápida e cobrava do país uma adequação aos propósitos mercadológicos europeus e americanos. (VIANNA, 2004).

conterrâneas, sinalizavam para mudar a maneira com que as mulheres eram vistas no Brasil. Ainda assim, esse seu compromisso não tinha um ensejo de transformação real das estruturas em que a sociedade estava organizada, em que as mulheres fossem protagonistas de fato. Sua ação, se assemelha em muito, ao que esse autor observou, ao abordar sobre o que seria a "revolução passiva". Ainda que tivessem oposições, como as de Maria Lacerda de Moura e outras feministas, a militância de Bertha Lutz foi a que mais se consolidou como referência da política e das pautas que poderiam ser aceitas.

A resistência feminina que foi se formando a partir de 1917, um ano antes do retorno de Bertha Lutz da Europa, com as importantes greves operárias desse período, começou a organizar as mulheres operárias, quanto a realidade que elas viviam. Principalmente, para o entendimento da necessidade da superação da ideia do mito do amor materno, que também, produzida pela medicina científica, defendia que o instinto natural e a maternidade conduziriam a mulher para o território da vida doméstica. O casamento, que era o cerne dessa construção ideológica do "amor materno", e da territorialização para a vida doméstica foi incentivada pelo capitalismo (PERROT, 1988). Nesse regime econômico é que foi fomentada essa concepção de opressão, onde a mulher casada deveria ser educada para obedecer ao homem sem contestar, trabalhando em casa, e mantendo-se sempre em uma relação de servilidade à figura masculina. Esses princípios, já naquele momento, eram apropriados pelo sistema profissional, em sua maioria comandados por homens. Era oferecido à mulher, nesses espaços, o caminho da subsistência, apenas se esse fosse menorizado, quando se colocasse em comparação com a figura masculina.

Essa cultura social, que é uma construção, prejudicou a organização política e social feminina, não apenas como trabalhadoras, mas também no processo de problematização e fomentação de práticas para a luta. O preceito se pautava na apropriação do modelo de subserviência doméstica para os espaços de fora, além de discriminação e violência que também impediam o real desenvolvimento para a independência das mulheres. A idealização de vincular a mulher ao ofício de mãe é então de fato uma tentativa dos poderes públicos, que eram governados por homens, de consolidar o discurso sobre o domínio do corpo e das práticas femininas, como caminho para o êxito da vida. A condição de ser mãe, como um ofício sem direitos e sem vontades, (PERROT, 1988;1998), se contrapõe à concepção aqui já mencionada que Bertha Lutz, tanto criticou, da mulher ser enxergada como um brinquedo.

A crítica de Delphy (2016) sugere possibilidades sobre essa realidade, que já estava posta nesse período em que a intelectual emergiu como liderança feminista.

> I have tried to show that the situation created for women in the labour market itself constitutes an objective incentive to marry, and hence that the labour market plays a role in the exploitation of their domestic work. How should we conceptualize this fact? How should we interpret it with regard to the relations between capitalism, patriarchy and the domestic mode of production? Should we talk of capitalist mechanisms in the service of the domestic mode of production? Or should we speak of domestic mechanisms at work in the labour market? Whatever the reply – and the question will stay open for a long time – one thing is clear: whether it is a matter of patrimonial transmission (which assists if it does not create relations of production other than those which are strictly domestic), or the capitalist labour market (which assists if it does not create relations of production other than capitalist ones), the two systems are tightly linked and have a relationship of mutual aid and assistance. (DELPHY,2016, p.25).[11]

A compreensão proposta por essa autora, de que existe uma lógica excludente que se sustenta, em conceber conceitos em torno da necessidade da servidão da mulher para com o homem, como uma estratégia política, a partir do trabalho doméstico, do incentivo ao casamento e pela maternidade, justificam as críticas que foram feitas à Bertha Lutz e às feministas ligadas a ela, pelo fato de que nas instituições das quais participaram, ao longo do tempo, o trabalho, a obediência ao casamento e a maternidade deveriam ser mantidas, como uma forma de não romper com o equilíbrio social que ali estava posto. Isso tornou a militância dela, em relação a das que queriam romper com a estrutura que estava posta, uma tentativa conservadora de manter o *status quo* e, assim, não proceder com uma mudança de fato. A revolução passiva ao qual Vianna (2004) se referiu, ou seja, uma maneira no Brasil de pensar em reforçar suas instituições para mudar a curto e médio prazo a realidade, mas não influir na transformação econômica, cultural e social.

Ainda sobre as concepções ideológicas que abordam o feminismo no Brasil, é importante salientar que essas ideias não se baseavam apenas pela lógica econômica que incentivava a vinculação da mulher para o casamento, maternidade e vida doméstica como aqui sinalizado.[12] Essa seria a melhor maneira de fazer girar a economia no ambiente familiar, ainda

[11] Livre Tradução: Tentei mostrar que a própria situação criada para as mulheres no mercado de trabalho constitui um incentivo objetivo ao casamento e, portanto, que o mercado de trabalho desempenha um papel na exploração de seu trabalho doméstico. Como devemos conceituar esse fato? Como devemos interpretá-lo no que diz respeito às relações entre capitalismo, patriarcado e modo de produção doméstico? Devemos falar de mecanismos capitalistas a serviço do modo de produção doméstico? Ou devemos falar de mecanismos domésticos em funcionamento no mercado de trabalho? Qualquer que seja a resposta – e a questão ficará em aberto por muito tempo – uma coisa é certa: se se trata de transmissão patrimonial (que ajuda se não criar relações de produção que não sejam estritamente domésticas), ou do mercado de trabalho capitalista (que auxilia se não criar relações de produção que não sejam capitalistas), os dois sistemas estão intimamente ligados e têm uma relação de ajuda e assistência mútua.

[12] O movimento feminista, ainda que difuso nesse momento quanto ao estabelecimento de lideranças e pautas, não fugiu desse meandro e atuou no sentido de tentar criar várias formas para que a mulher tivesse mais oportunidades, até então negadas historicamente, inserida na lógica capitalista de produção e desenvolvimento econômico que emergia no Brasil (HAHNER, 1981). Dentro de um processo ainda lento de industrialização, que já era marcado por desigualdades e rompimento de direitos humanos básicos nos espaços de trabalho, principalmente no que se

que sem dar autonomia ampla às mulheres, circulavam outras ideias, que estavam balizadas pelo viés da ciência e que pautaram concepções que se mantiveram no ideário popular reproduzindo discursos preconceituosos, deixando influências ao longo do tempo. Como aponta Soihet (1989), por exemplo, ao analisar os estudos de Lombroso e Comte, já nesse período era sinalizado que as mulheres eram não apenas biologicamente, mas moralmente e intelectualmente inferiores aos homens.

Ainda, de acordo com Soihet (1989), a concepção de degeneração da figura feminina era recorrente no discurso científico. Outros intelectuais se apropriavam dessa concepção, fortalecendo a ideia de infantilização das mulheres. A elas eram atribuídas as características de perfídia e o destaque para uma suposta dissimulação era recorrente. Quando não, era comum que se tecessem considerações a partir dos estudos de ambos os teóricos, que colocavam na mulher uma imagem não apenas de inferioridade em relação à figura masculina, mas de um sujeito que agia, para desequilibrar a ordem institucional e, desse modo, se não controlada, poderia se tornar uma ameaça a organização social. Caberia, então, aos homens o direito social autorizado de exercer o controle. Ao fazer isso, encontravam nos discursos científicos, discurso autorizado para implementar políticas públicas de controle dos corpos femininos, assumindo dessa maneira a direção do que poderia ser feito por elas ou não. Para Soihet (1989), ainda Lombroso e Comte entendiam a mulher também como frígida e insensível, motivo pelo qual eram justificadas que as leis contra o adultério, por exemplo, atingissem só a elas. Era validado como fato, a partir desses mesmos motivos, que o que seria visto apenas como uma pequena contravenção para o homem, para elas seria um crime grave. O amor da mulher pelo homem era entendido, à luz do discurso da ciência, como um sentimento que não seria de origem sexual, mas sim uma forma de devotamento de um ser inferior para com um superior. Esses estudos assim legitimavam, desde o século XIX, uma violência simbólica contra a mulher, pela maneira com que o discurso científico era estabelecido e da forma com que foi corroborado e reproduzido pelo Estado. Essa realidade, inscreveu a mulher dentro da lógica de domínio patriarcal, em uma perspectiva supraclassista de exclusão e violência, que acabou afetando em maiores proporções as mulheres mais pobres.

A defesa do ideário da família e do lar, estava referenciada nas falas de Bertha Lutz, (LOPES 2008, SOUSA, 2009), junto aos movimentos feministas aliados ou vinculados a Igreja Católica, por entenderem que a emancipação era algo importante para ser batalhado, desde que

---

referia à situação das mulheres; a prática agrária se mostrava uma forte matriz que evidenciava a força da estrutura da economia brasileira.

isto não se tornasse um risco, que ameaçasse a sociedade que estava posta, já que de alguma forma organizava as relações e influenciavam a forma que o poder público tomava as suas decisões, principalmente quanto ao lugar que cada gênero deveria exercer no seio da sociedade. (SOIHET, 2006). Essas discussões, de certa forma, eram importantes de serem feitas porque eram elas que direcionavam os caminhos para a tomada de decisões nacionais, em relação aos caminhos que a pauta econômica se encaminhou. Desse modo, diante dessa realidade que começou a se desenhar, passou a ser importante pensar no lugar da mulher e organizar aquelas que eram pertencentes a classes sociais distintas. Isso passou a ser um grande desafio para os movimentos feministas que existiam no Brasil, dos quais incluam aqueles que Bertha Lutz liderou com afinco.

A organização do feminismo, no começo do século XX, passou por três fases. De acordo com Pinto (2003), a primeira, foi a mais forte e mais organizada, tendo como principal liderança, Bertha Lutz. A principal pauta do feminismo dela, buscou incorporar a mulher como sujeito que pudesse ter acesso a direitos sociais e políticos. O feminismo que defendeu lutou dentro da ordem estabelecida, buscando inserir as mulheres, então excluídas dentro da vida social. Com essa postura, conseguiu tirá-las de um histórico apagamento, que até então era como se portava a sociedade no país. O segundo eixo do feminismo, na visão dessa autora, era difuso, porque foi pautado na imprensa feminista, por mulheres com vidas públicas excepcionais, no geral professoras e escritoras que buscavam, nesses seus espaços de atuação, empenhar lutas, como a educação de mulheres, e denunciar a dominação dos homens, que as queriam excluir do serviço público. Por fim, Pinto (2003) entende que o terceiro eixo do feminismo, que foi mais radical, foi aquele que era liderado por Maria Lacerda de Moura, amiga de Bertha Lutz e criadora junto com ela, da Liga pela Emancipação da Mulher, em 1919.

No tocante à exclusão feminina dos espaços públicos, políticos e sociais, Perrot (1988), analisou que ela se deu por várias razões. Às vezes, pura e simplesmente pela condição feminina, outras eram acompanhadas de justificativas e compensações que se deram pela construção histórica de cada lugar. Em outros casos, ainda em diversos graus políticos, sociais e até educacionais, cabendo ao historiador que se propõe em fazer um estudo sobre mulheres, analisar caso a caso, e elucidar em quais aspectos essa exclusão se deu. No caso de Bertha Lutz e de outras mulheres da elite, a violência pode ser explicada pelo fato de que imperava um pensamento de cunho burguês e elitista no Brasil e em parte no mundo, que viu na ascensão da mulher ao poder, ao trabalho e à vida intelectual, como risco à estrutura familiar, aqui já citado nas discussões que foram travadas em meios parlamentares, mas percebida como uma pauta

que não era local, mas internacional. Todavia, essa é uma questão, que não elimina as críticas feitas a Bertha Lutz aqui levantadas, mas ao mesmo tempo levam a refletir sobre razões que a levaram a buscar constantemente suporte estrangeiro, para qualificar as suas ideias e a criação de instituições. Talvez fosse improvável que um movimento que funcionasse apenas localmente pudesse ter força de pressão para mudar alguma coisa de fato e ela pôde perceber que essa foi uma luta mundial e não necessariamente atrelada às questões da sociedade brasileira.

A partir do século XVIII e início do XIX, parte das mulheres vai desenvolver e contribuir ativamente para o desenvolvimento de seus países, a partir de sua ação no âmbito da economia no geral e doméstica. Para Perrot (1988), a ciência doméstica colocou a mulher, como uma verdadeira chefe de empresa rural, tanto na Inglaterra como na França. A partir do século XX, com a eletricidade e as "artes domésticas" que passam a surgir conceituadas, por influência da revolução industrial que passou a exigir maior dinamismo para a produção em várias perspectivas, a mulher passou a ser uma espécie de engenheira do lar. Era ali que, comandando as mais diversas formas de máquinas de cozinha, como se fosse uma fábrica, facilitou o seu trabalho na casa e garantiu que ela contribuísse para a economia da família, e assim também para a do país. Dentro dos seus lares, além de desenvolver a economia, as mulheres, que raramente tinham acesso a trabalho assalariado e fora desse espaço, passaram a produzir reflexões sobre a sua pertença no mundo e compreender, como se dava a sua exclusão. Isso as levou, em alguma medida, a perceber que havia uma necessidade de se unirem em prol de um bem comum para todas.

Todavia, a dificuldade para a historiografia entender a organização, importância e a produção feminina ao longo do tempo, assim como as suas ações e demandas, se deu pelo fato daquilo que segundo Perrot (1988), seria o próprio ofício da história de modo geral ao partir do pressuposto de ser essa uma ação feita geralmente por homens, ainda que uma série de estudos tenham visualizado no território acadêmico o protagonismo feminino. Ainda assim, o fato de não ter uma quantidade equiparável de mulheres construindo novas possibilidades historiográficas para analisar trajetórias dos sujeitos em geral nesse campo, tornou difícil, ao longo do tempo, construir novos recortes que levassem em conta essas questões.

Assim, segundo Scott (2011), reivindicar a importância das mulheres na história, é um movimento que consiste em ir contra as definições antepostas e seus agentes estabelecidos como verdade, comumente por uma perspectiva masculina, e assim ir construindo reflexões acuradas, sobre o que ocorreu e teve importância no passado, da mesma forma, ir lutando contra os padrões que estejam consolidados, e produzir comparações nunca estabelecidas, por pontos

de vistas jamais expressos, que apresentarão elementos consistentes para conseguir visualizar as mulheres como protagonistas da história, em uma perspectiva em que não estejam matizadas pela ação dos homens. Ainda que a militância feminista de Bertha Lutz tenha sido importante e que tenha aberto portas para as mulheres, ao conquistar vitórias importantes para o coletivo, ela não pode estar desarticulada da maneira com que as outras mulheres, que eram suas contemporâneas, ainda que não próximas politicamente, vinham se organizando e olhando questões semelhantes. Mesmo que tenham sido apresentadas uma série de pautas que não estavam na agenda dela, e essas outras militantes tenham pensado por suas próprias matrizes de análise, essas visavam alcançar resultados semelhantes, no caso maior, a emancipação feminina ampla, que possibilitaria o direito à educação, ao trabalho e ao voto.

Ainda que existissem distinções, como a tentativa aqui apresentada, quando se tratava de feminismo e protagonismo político das mulheres, até em referência à pauta da educação urbana ou rural, se a pressão feminina não viesse por vários meios, não teria sido possível qualquer articulação e tão pouco a imersão da intelectual como principal articuladora das bandeiras femininas no país e nos específicos como as suas pautas pela educação. Em um momento de efervescência na luta por direitos como uma ação dos intelectuais para modernizar o país e levá-lo ao progresso, Bertha Lutz tomou o feminismo, a ciência e a educação como lócus de atuação onde começou a militar para elaborar projetos que pudessem conduzir o Brasil ao progresso.

1.1.2 O início do protagonismo no movimento feminista

Para perceber qual o feminismo que esteve no discurso de Bertha Lutz e a forma pela qual as viagens e as pautas intervencionistas, que tomaram força nos modelos que conheceu nesses países e que fez circular no Brasil após o seu retorno, apontam para um conjunto de questões importantes de serem abordados. Implica compreender, primeiramente, que esse foi um movimento que era difuso, sendo fundamental uma elucidação comprometida em apontar o porquê que a discussão de Economia Doméstica Agrícola surgiu com força na sua militância.

Durante o ano de 1918, quando voltou ao país, Bertha Lutz se associou a Legião da Mulher Brasileira, onde encontrou outras mulheres, que eram importantes na organização do debate político sobre a situação das mulheres. Dentre elas, Alice Rego Monteiro, Antonietta Haro, Flora Heinzelmann, Margarida Lopes de Almeida e Olga Doyle que se reuniram nessa entidade destinada a amparar mulheres necessitadas financeiramente. Ao mesmo tempo buscou

contribuir para o que, *O Malho*, de 29 novembro de 1919, apontou: consistir no "descravizar a mulher e dar-lhe conforto, físico e moral." A edição da revista traz parte do Estatuto criado por essas mulheres vinculadas a essa entidade, mostrando o que objetivavam propor a sociedade brasileira, referente ao direcionamento das pautas femininas:

> Promover a colocação da mulher necessária, angariar lhe trabalho, guiá-la, aconselhá-la, fornecer-lhe informações uteis, e igualmente receber e transmitir encomendas de trabalhos de costura, de arte feminina e doméstica, ou a sua venda, tal será o objeto da primeira instituição da Legião da Mulher Brasileira, empenhada em valer às irmãs necessitadas e realizar uma obra de altruísmo social (*O MALHO*, 29 DE NOVEMBRO DE 1919. p. 74).

Os objetivos aqui representados na atuação da Legião, já demonstravam um compromisso que algumas feministas como Bertha Lutz: buscariam em medidas que pudessem garantir direitos de formação ampla para as mulheres, até então negados a elas. No entanto, é em outra instituição, a Liga pela Emancipação da Mulher, que ela desenvolveu de maneira mais incisiva nesse retorno ao país, aspectos mais específicos daquilo que ficou conhecido de sua militância feminista ao longo do tempo. Para Pinto (2003), essa entidade criada em 1919 por ela e outras lideranças femininas pertencentes a intelectualidade nacional, foi a primeira tentativa de Bertha Lutz de organizar politicamente as mulheres. Nessa entidade houve um esforço para que as mulheres brasileiras pudessem se unir e pautar uma série de medidas que interessavam ao movimento em conjunto. Um feminismo que tinha em suas principais bandeiras, majoritariamente, o desejo para que as mulheres pudessem ocupar o serviço público livremente, cursar a educação secundária e superior.

Da Liga pela Emancipação da Mulher participaram, mulheres como Isabel Imbassahy Clemont, Stella Duval, Jeronima Mesquita, que também fundariam a Liga Pró Matre que defendia igualdade entre os sexos, sendo[13] uma entidade de mulheres, sempre aliada a Bertha Lutz e as suas instituições. Júlia Lopes de Almeida, importante escritora, e Maria Lacerda de Moura, que esteve associada ao movimento anarquista e depois ao Partido Comunista, também participaram. Essa militante, especificamente, lutou contra alguns problemas sociais, como uma de suas principais pautas, o combate à exploração do trabalho das mulheres menos favorecidas financeira e intelectualmente. Apesar da influência da fundadora, esse era um movimento plural, que aglutinou mulheres em prol de objetivos comuns, mas que eram diferentes quanto ao melhor caminho para a organização política. Dessa forma, mesmo que ideologicamente tivessem diferentes concepções de mundo, é possível afirmar que havia objetivos maiores que

[13] Ler mais sobre a Liga Pró-Matre em https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=pro-matre.

as unia em torno de pautas comuns. De acordo com Karawejczvk (2018), esse feminismo, pautado pela Liga e depois pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, foi a militância entendida como "comportada", por fazer com que suas vozes fossem ouvidas pela sociedade, sem apresentar questões e ideias que rompessem com a ordem vigente estabelecida. Precisavam, de alguma forma, serem aprovadas por algum homem do alto escalão político, para conseguir algum avanço de fato.

No caso de Maria Lacerda de Moura, Pinto (2003), ressalta que ela representou um eixo mais radical da construção do movimento feminista no país. Rompeu com o grupo da Liga anos depois, durante o processo de criação da Federação Brasileira Pelo Progreso Feminino, por ter entendido que a luta das mulheres deveria estar desvinculada de organismos políticos e sociais. Assim, em caminho contrário à posição defendida por Bertha Lutz, estruturada em negociação com políticos. Apesar das divergências, manteve amizade e trocou cartas com Bertha Lutz para tratar da relação pessoal das duas e da situação política do país, como pontuam Martins e Costa (2016).

Como revela Soihet (2006), Bertha Lutz usou das instituições, dos artigos na imprensa e das palestras em instituições e nos rádios, para difundir as suas ideias. Mesmo que inserida no sistema de privilégios para homens e negação para as mulheres, do qual Maria Lacerda mostrava-se contrária, ela articulava com parlamentares e criava grupos de pressão para cobrar às autoridades no sentido de garantirem com que mais direitos fossem atendidos. O "feminismo tático", aqui já mencionado, que Soihet (2006) conceitua, tratou-se da maneira com que ela observou a forma com que Bertha Lutz usou do seu prestígio familiar e autônomo, da sua ampla e destacada formação, assim como de sua posição como mulher das elites, para fazer com que a luta feminina da qual acreditava, se tornasse palatável às elites dirigentes.

Na *Revista da Semana*, em 28 de dezembro de 1918, Bertha Lutz propôs já assinando com seu nome próprio, abandonando o uso de pseudônimos, que a sociedade brasileira fosse mais compreensiva, para que assim a mulher fosse vista como um sujeito útil e não apenas uma peça decorativa, como era recorrente no discurso vigente. Em seus primeiros artigos na Liga pela Emancipação da Mulher, ela se opôs de maneira incisiva ao pensamento comum que foi embasado por ela na noção de que se entendia a mulher como "brinquedo", ou "criança mimada". Para ela, em uma sociedade, a exemplo do Brasil, em efervescência representacional e em constante busca de produzir uma identidade nacional positiva dos trópicos, era condição *sine qua non* que elas pudessem ser incluídas no processo modernizador no país. A educação nessa perspectiva foi vista como a maneira com que o país poderia avançar economicamente e

culturalmente, já que, em suas palavras, os brasileiros ainda eram “muito atrasados comparados às raças que hoje dominam o mundo” (LUTZ 1918, apud HAHNER, 1981, p.102). Por esses motivos, era na formação ampla a melhor chance para a superação desse atraso.

Como já sinalizado, a Liga Pela Emancipação da Mulher foi um órgão de pressão política, a partir da qual Bertha Lutz pode manter diálogo constante com parlamentares, no sentido de angariar apoios para as suas propostas. Conforme carta redigida, em 13 de maio de 1921, pode-se ver como em alguma medida como esses diálogos eram realizados.

> Sr. Senador, A Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, tomando conhecimento do parecer do relator Senador Lopes Gonçalves, referente à questão do sufrágio feminino, apresentado à comissão de Legislação e Justiça do Senado Federal, bem como de que V. Ex. solicitou vista do mesmo, faz por meio deste um apelo, rogando a v. Ex. que envie esforços para que não seja retardado o andamento de tão importante projeto, cuja realização permitir a colaboração mais direta do elemento feminino nas questões que visam o progresso político-social do nosso País. Valendo-me do ensejo, apresento protesto de elevado apreço e mui distinta consideração. Bertha Lutz (Presidente) Exmo. Sr. Senador Raul Soares. (CARTA DE BERTHA LUTZ, 13 DE MAIO DE 1921).

Assim como escreveu para os senadores, Bertha Lutz, como presidente da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, também enviou cartas a deputados, buscando criar vínculos com eles e a fim de conseguir aliados para a sua causa. Esse ativismo, focado em fazer pressão nos políticos, ainda que enfrentasse oposição de feministas, como Maria Lacerda de Moura, objetivava que eles tomassem decisões significativas. Outro exemplo notável de aliança que Bertha Lutz fez com parlamentares, se construiu na relação estabelecida com Juvenal Lamartine, então representante do Rio Grande do Norte.

> Deputado Juvenal Lamartine
> Congratulando-me com o nobre Deputado Juvenal Lamartine tenho a honra de patentear ao generoso defensor dos direitos políticos da mulher brasileira o profundo reconhecimento da Liga para a Emancipação da Mulher. Foi uma grande jornada e um grande passo dado na direção mais direta da mulher nas questões nacionais de ordem legislativa do que advirá fatalmente o triunfo completo ou imediato no próximo porvir. Receba pois o generoso paladino as homenagens da nossa gratidão. Ass. Bertha Lutz. Presidente. Deputado Juvenal Lamartine. Em nome da Liga. (CARTA DE BERTHA LUTZ, 13 DE MAIO DE 1921).

O Deputado Juvenal Lamartine, em específico, foi o principal aliado político da luta pelo sufrágio feminino, dentro do parlamento brasileiro, por constantemente ter levado as pautas que lhes eram apresentadas pelo grupo de Bertha Lutz, para o debate público. No entanto, essas cartas iriam se repetir, para todo o Congresso, como forma de pressão e argumentação, tendo nessa figura o seu principal articulador, mesmo que não fosse o único. Como Deputado ele foi a voz da Câmara entre 1918 e 1922. Depois, no período até que vai até 1926, continuou, agora no Senado, defendendo as bandeiras de luta das mulheres. Ele foi também, o grande

responsável em 1919 para que o Ministro da Justiça garantisse à Bertha Lutz o direito de assumir o cargo de secretária no Museu Nacional para o qual tinha sido aprovada, após questionamentos públicos, como irei analisar ainda neste capítulo. Após ser nomeado Governador do Rio Grande do Norte garantiu que, em 1928, acontecesse a organização para a primeira eleição na qual mulheres puderam votar e serem votadas no Brasil.

Outro interlocutor recorrente de Bertha Lutz no âmbito das suas vinculações políticas e que aqui merece destaque, foi a sua relação com o Deputado e Senador de São Paulo, Adolpho Gordo. No arquivo pessoal dele, que está localizado no Centro de Memória da Unicamp, encontram-se várias interlocuções que manteve com Bertha Lutz e com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Todas elas tinham como pano de fundo pensar caminhos, em prol de levar para o Parlamento as demandas que a intelectual e as feministas ligadas a ela, levantavam como pautas de interesse. Em cartas de Bertha Lutz encaminhadas para ele, pode-se ter uma percepção dos vários fatores em que esse diálogo se mantinha e, portanto, como essa relação era construída. Em missiva, encaminhada em 6 de julho de 1924, ela agradeceu o apoio do parlamentar.

> Rio, 6 de julho de 1924
> Exmo. Dr. Adolpho Gordo
> Saudações
> Agradecendo a gentileza de me haver enviado os exemplares dos pareceres sobre a questão da nacionalidade da mulher, rogo-lhe o obséquio de adiar, mais uma vez, a discussão do caso, na comissão da qual v. ex e presidente, porque tendo-me resfriado não me foi possível terminar o trabalho que desejo apresentar a V. Ex e a mesma comissão, nem poderia fazer a sua leitura em vista de me achar com a garganta muito irritada. Certa de que v. ex. atenderá a esse meu pedido, e confiando que me perdoará a esta falta involuntária, antecipo os meus agradecimentos, rogando que se digne v. Ex. de responder-me pelo pode. De V. Ex. Conterrânea e admiradora.
> Muito grata, Bertha Lutz (CARTA DE BERTHA LUTZ, 17 DE ABRIL DE 1928).

Na carta consegue-se notar que Bertha Lutz agradece o Senador por divulgar exemplares e pareceres sobre a questão da nacionalidade da mulher. Além disso, também é tratado sobre uma suposta discussão que teriam que organizar, sobre a militância, já que Adolpho Gordo empenhava o seu mandado em torno das pautas da FBPF. Interessante é notar como que a partir das demandas que eram passadas pela entidade, o parlamentar buscava abrir portas para facilitar a compreensão dos seus pares, em torno dessas pautas. Tais discussões geraram documentos, como o nomeado “A mulher pode votar sem se descuidar de outras missões mais elevadas”, que fala sobre o que seriam essas outras missões elevadas no caso, “Em regra geral é a mulher a principal a dona da casa”. Ou seja, deveria se permitir que essas pudessem trabalhar, estudar e votar, e isso não as impediriam de cumprir os seus deveres como esposas e mães. Outras pautas recorrentes nessas cartas são sobre as discussões em comissões que Adolpho Gordo fazia

parte, e a maneira como sempre era orientado pelas feministas da FBPF, como Bertha Lutz, quando os assuntos eram a situação da mulher no país.

No texto denominado “A divisão do trabalho” foi analisado que o progresso da civilização brasileira, só seria possível apenas, quando o direito extensivo ao trabalho e ao voto fosse também permitido às mulheres. O argumento apresentado era que sem essa divisão de trabalho entre os gêneros, seria muito difícil desenvolver especialistas capacitados no país capazes de mover a economia de forma satisfatória. A indústria e as relações comerciais, exigiam dos países uma ampliação e diversificação de mão de obra qualificada, e manter um pensamento de que só os homens poderiam exercer tais funções, poderia deixar o Brasil para trás. É demonstrado que a mulher sempre trabalhou no lar tecendo roupas, fabricando mantimentos, e que o trabalho fora de casa não iria deixar que continuassem desenvolvendo as suas vocações domésticas. Em nova carta enviada em 1928, Bertha Lutz expressa outras questões envolvendo as relações políticas que mantinha com Adolpho Gordo e agradecendo a ele, pela ajuda às suas demandas políticas.

> Rio, Em 17 de abril de 1928
> Exmo.
> Senador Adolpho Gordo
> Atenciosas saudações.
> Recebi ontem a carta de V. Ex e de criação agradeço a grande gentileza que esteve recomendando o meu irmão. Agradeço também o pronto envio do discurso de v. ex que desejamos publicar quanto antes a fim de distribuirmos no momento da discussão do voto feminino. Confesso que fiquei um tanto apreensiva pela intuição a qual atribui o fatídico v. ex não ter abandonado ainda o assunto do voto feminino com o companheiro de bandada de v. ex. cuja opinião desconhecimentos. Oxalá que não seja contrário! Seria de desesperar, depois de termos a favor todos os elementos publicados reais representativos de S. Paulo. Ainda mais apreensiva pelo êxito da causa, estou com a ausência de v. ex. de quem depende o alcançarmos a vitória. Será que ainda desta vez deixaremos de obter o voto/ já vai dez anos que estou lutando. É uma existência que se anseia em nada alcançar.
> Bertha Lutz (CARTA DE BERTHA LUTZ, 17 DE ABRIL DE 1928).

Em outra carta, Bertha Lutz agradece a Adolpho Gordo uma indicação que foi feita ao seu irmão Gualter Lutz, que não fica clara qual seria. O apoio traz elementos para perceber que, mesmo em 1928, ele ainda continuou apoiando a sua causa. Segundo Karawejczyk (2013), os debates para que as mulheres tivessem direito ao voto, já estavam postos desde a Constituinte republicana de 1890, mas não houve qualquer avanço significativo para que se projetasse o sufrágio feminino naquele período. Seis emendas foram apresentadas na ocasião ao Congresso em prol do Sufrágio Feminino. Uma série de deputados, como Lopes Trovão (Distrito Federal), Leopoldo Bulhões (Goiás) e Casemiro Junior (Maranhão), estiveram à frente dessas iniciativas, sem, contudo, alcançar êxito. A emenda sobre o voto feminino não passou na comissão dos 21 na época. Esse, no entanto, foi um marco da luta, que só no período Vargas tornou-se realidade.

As demais emendas foram apresentadas para o artigo 70, que foi apresentado no projeto de Constituição de 1891 e apenas sete foram favoráveis em conceder o direito para as mulheres, mantendo assim a derrota.

Todavia, conforme observa Hahner (2003), ainda que a derrota na Constituinte de 1889 tivesse frustrado as expectativas das mulheres e congressistas que brigavam por isso, essa pauta não ficaria esquecida e voltaria a ganhar força novamente anos depois. Ainda de acordo Karawejczyk (2013), as discussões pelo sufrágio feminino não seriam apresentadas no Parlamento até 1917, quando Maurício de Lacerda reativou o debate no plenário, muito imbuído por outra importante frente feminista brasileira, o Partido Republicano Feminino de 1910. Um grupo importante de mulheres, como Leolinda Daltro, também manteve diálogo com o Congresso, até 1921 quando outro projeto em prol das mulheres foi apresentado, o "Chermont", que foi apreciado no Senado e derrotado. Essas relações que foram sendo criadas entre esses intelectuais, à luz do que pontua Sirinelli (2003), compuseram os espaços que Bertha Lutz foi ocupando e fazendo com que suas pertenças lhe dessem prestígio e fala autorizada, diante dos pares que se envolviam nas mesmas demandas. No caso dela, a sua política era muito pautada pelo direcionamento do feminismo internacional, como se a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fosse uma extensão das organizações feministas estrangeiras no país.

Leolinda Daltro, segundo Roberto (2019), além de importante feminista contemporânea de Bertha Lutz, fundou o Grêmio Patriótico, uma importante instituição que teve como intuito, defender a alfabetização de indígenas, sem a interferência da igreja. Muitas das ações elaboradas por ela, repercutiram na imprensa em forma de crítica e ridicularização. Essa é uma experiência que nos mostra, que em certas situações a classe social a que pertenciam, não impedia que sofressem a pressão da opinião pública, unicamente pelo fato de serem mulheres. Em relação a Bertha Lutz, o mesmo autor sinaliza que os seus artigos na imprensa, eram questionados e apontava-se o fato de que o feminismo inglês e norte americano, de que ela era vista como das principais associadas, não daria respostas aos anseios das mulheres brasileiras, que viviam em realidade completamente diferente.

Ainda em torno de Leolinda Daltro, Karawejczyk (2014), sinaliza que, assim como Bertha Lutz, mesmo que tivesse como campo de ação a pauta da educação indígena, se aliou com políticos e buscou assim lutar para que as mulheres fossem reconhecidas como cidadãs plenas e de alguma forma pudessem participar do processo eleitoral. Esse foi o motivo que a fez junta de outras mulheres, em 1909, criar a Junta Feminil pró-Hermes, que se constituiu em uma congregação de patrícias em apoio à candidatura de Hermes da Fonseca para a presidência.

Para Roberto (2019), muitos movimentos libertários liderados por mulheres tiveram, nesse momento de construção de lutas contemporâneas de Bertha Lutz, grande efervescência e disputa. Ele destaca a Liga Comunista Feminina criada em 1919 por Maria de Lourdes Nogueira, discípula de José Oiticica, que se engajou em manifestações, greves, além de escrever na imprensa para divulgar sua causa, seguindo o caminho de outras mulheres para angariar simpatizantes para as questões feministas. Outra ação dela foi a criação do Grupo Feminino de Estudos Sociais um ano após a criação da Liga Comunista Feminina, como espaço de debate com o propósito de discutir a educação da mulher, e romper com as ideias circulantes de lugar reservado para elas na sociedade, geralmente aos cuidados do lar, diferente da representação em torno da defesa da maternidade e comprometimento com os afazeres domésticos.

Segundo Abdalla Mendes e Souza (2018), é possível perceber que Bertha Lutz não era um sujeito hegemônico, no que se referia à liderança brasileira em torno de definir diretrizes, para os caminhos do feminismo no Brasil. Ela foi duramente criticada por algumas outras feministas, como Rachel Prado. Em entrevista ao periódico *A Esquerda*, de 23 de março de 1931, ela afirmou que apesar de reconhecer as qualidades políticas de Bertha Lutz, a considerava afastada da situação real da mulher no Brasil, colocando, assim, mais próxima das lutas do feminismo internacional do que de seu próprio país, demonstrando, mesmo anos depois, que essa era uma crítica recorrente a ela.

A crítica de Rachel Prado a Lutz, pode ser explicada pelo livro de Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar - a utopia da cidade disciplinar*. Nesse livro de 1985, a autora mostrou que a partir do século XIX existia no ideário social uma representação infantilizada do trabalhador urbano, em que era sempre enxergado como incivilizado e degenerado. A vida nos cortiços, favelas, botequins, assustava a elite, que tinha medo dos pobres, principalmente na possibilidade desses se rebelarem e organizarem qualquer tipo de ação contra as elites dirigentes do Brasil. Dessa maneira por meio do discurso de médicos, higienistas, criminalistas e inspetores públicos, demonstrava-se o desejo de eliminação da diferença, constantemente usando de seus saberes práticos, com embasamento científico, para normalizar esse sujeito que precisava ser transformando, aos modelos do ideário desses que detinham o poder econômico e político. Dessa forma, a defesa de uma ação pedagógica em instruir hábitos morais e de costumes, principalmente no campo da higienização e da moralidade, seria o caminho a ser seguido no sentido de cumprir essa utopia reformadora, que incluiu as mulheres, uma minoria sem direitos, unicamente subjugadas por uma maioria masculina que definia como deveriam ser os seus destinos.

Como aponta Rago (1985), a elite divulgava a promoção de um novo modelo de feminilidade, no qual a esposa, que deveria ser dona de casa e mãe de família preocupada com a infância, era o ideal no que seria uma reforma da nação ideal, com os quais esses intelectuais estiveram ali comprometidos. A ideia de que a mulher era frágil, mas soberana ao assumir o papel de mãe e cuidadora do marido e família, sempre abnegada e vigilante, passou a vingar no novo modelo social que vem com a república de ideário feminino, como uma justificativa para a normatização dos seus corpos. E talvez possa justificar o motivo pelo qual, temáticas educacionais, como Economia Doméstica Agrícola, ganharam ênfase dentro do discurso público e de movimentos feministas, como o de Bertha Lutz. Todavia, essa noção apontada por Rago (1985), criou, assim, uma homogeneização do discurso reproduzida em vários âmbitos da sociedade organizada, que permitiu ao poder público intervir e definir diretrizes, sobre quais eram os caminhos adequados que deveriam tomar. Dessa forma, era comum que as mulheres ricas se preocupassem em ter uma boa educação para o casamento, e mantivessem suas atenções no geral para as preocupações estéticas, com a moda e com o lar.

De acordo com Perrot (1988;1998), essa noção de ação voltada para preparar a mulher para o lar, surgira no século XVIII, em seu fim, e no começo do século XIX, por meio de uma percepção de economia doméstica feminina, que seria uma espécie de prática científica, que buscou preparar o que seria a "patroa" do lar, com um ensino pautado no que chamou de "administração do orçamento", que se tornou uma economia política, que era comumente chamada também de "artes domésticas".

Quando se analisava a vida das mulheres mais pobres, percebia-se que essas estavam em trabalho na fábrica ou em escritórios comerciais e afins. Nesses locais, eram submetidas à exploração do trabalho, ao assédio moral e à violência sexual. No movimento operário, ainda que nos escritos políticos buscassem inserir as mulheres no debate político, na prática era reproduzido essa exigência burguesa de que a mulher deveria corresponder ao ideário feminino de mãe e dona do lar.

Rago (1985) também sinaliza que a construção de um modelo de mulher, pautada na figura da mãe devota, culminou na desvalorização política, profissional e intelectual delas. Parte da percepção de que a mulher não é nada individualmente, devendo constantemente esquecer totalmente de si mesma para viver a serviço do marido e dos filhos, era a ideologia que circulava e influía tanto nas mulheres das classes mais abastadas quanto nas pobres. Assim, no tocante do ambiente de trabalho das mulheres pobres nas fábricas, foi desenvolvida uma pedagogia pelos patrões homens, que normatizaram nesses espaços à sujeição das mulheres a eles,

transformando o espaço profissional, em uma reprodução da realidade da casa. Muitas dessas, quando sofriam violência buscaram a ajuda de militantes homens e ainda assim foram subjugadas por esses, sendo em alguns casos, tratadas como crianças. Até nesses espaços, aparentemente revolucionários e pautados pelo constante debate e formação política, o machismo também imperava.

1.2. **Ingresso no Museu Nacional**

O primeiro espaço científico que Bertha Lutz esteve vinculada ao regressar ao Brasil em 1918, foi a Fiocruz. Na ocasião trabalhou como auxiliar do seu pai traduzindo documentos. De acordo com Sousa (2009), houve a tentativa de ambos de fundarem um museu na instituição.[14] Um ano após, foi que decidiu prestar concurso para a secretaria do Museu Nacional.

A participação de Bertha Lutz no Museu Nacional se deu em várias frentes de atuação. Ela se destacou em elaborar importantes pesquisas sobre a fauna e a flora do país, sobre o papel dos museus na divulgação científica e quando manteve articulação com o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, em que ajudou em suas viagens com o objetivo maior da instituição: desenvolver pesquisas para as áreas rurais do Brasil.[15] Visava, assim, fomentar novos modelos e práticas de produção que equiparassem o que era feito aqui com o que se realizava fora, garantindo, desse modo, a entrada do Brasil no mundo capitalista liberalizante que estava emergindo fortemente após a Primeira Guerra Mundial.[16]

[14] Não localizei outros textos ou documentos que apontam para a efetivação na criação desse museu por ambos.
[15] Vinculado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, o Museu Nacional abriu portas a intelectuais e instituições internacionais de todo o mundo, para trocar e receber trabalhos científicos. O cargo de secretária que ocupou, tinha em suas atribuições realizar esse tipo de ação. Assim, é também da sua ação desenvolvida ali, que tornou possível para que ela fosse designada para algumas viagens.
[16] Fundado em 1818, o Museu Nacional esteve até 1892 alocado no Campo de Sant'Anna no Rio de Janeiro. Desde sua fundação a "Casa dos Pássaros" como era conhecida, teve como um dos seus principais objetivos divulgar História Natural. Como define Lopes (1997), o desejo dessas ações desde a sua criação era o de encurtar a distância do Brasil com as nações mais bem sucedidas na Europa e com os Estados Unidos.

Figura 2:Bertha Lutz sentada no Jardim das Princesas do Museu Nacional logo após sua entrada na instituição em 1919.

Fonte: (AN/FBPF).

As diretrizes e posicionamento ideológico, que vingavam no Museu, quando Bertha Lutz entrou começam a ser claros a partir da gestão de Bruno Lobo[17], ocorrida de 1916 até 1923, quando ele criou um decreto que redefiniu as atuações da instituição, já no seu primeiro ano de gestão. Nesse documento, ele definiu que o Museu Nacional, passaria a estar comprometido com o progresso do país valendo-se de práticas educacionais. O ensino de História Natural, já na pauta do debate daquilo que o Museu Nacional empreendeu como ação em prol da instrução dos sujeitos, passou a ser o principal modelo de ensino a se seguir para a concretização desse objetivo de educação ampla para todos os brasileiros. Isso ocorreu, pelo fato de que muitos desses que estavam à frente dessa instituição, estavam próximos do ideário de positivismo, que compreendia que a ciência seria a reposta para todos os problemas da sociedade.

A isto Oliveira (1990) chamou de "nacionalismo militante", um movimento de organização do Brasil, que perpetrou ações em torno da defesa de um suposto ufanismo

[17] "O médico Bruno Álvares da Silva Lobo, nasceu em 21 de outubro de 1884. Formou-se na Faculdade Nacional de Medicina. Em 1905 foi nomeado para exercer o cargo de assistente do Laboratório Anátomo- Patológico do Hospício Nacional dos Alienados, o antigo Hospício Pedro II. Tornou-se diretor da instituição em 1907." (Museu Nacional, Os diretores do Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro. 2007/2008.).

brasileiro defendendo uma nova reformulação do país que seria pela difusão da ciência, do higienismo e da inserção do progresso. Essas iniciativas se aproximam da forma com que os projetos dos intelectuais do Museu Nacional, como Bertha Lutz estivera atuando, tomando para si o compromisso de serem aqueles que levariam as respostas para a salvação do país.

Por meio do estudo de História Natural, portanto, o brasileiro poderia conhecer a sua própria origem e compreender, assim, a sua identidade. Essa seria uma ferramenta para operar a transformação da sua realidade. Havia o desejo de responder a questão sobre quem era o brasileiro, dentro de um país que foi marcado pela miscigenação e escravidão. Essas questões estavam constantemente presentes no debate público e influenciaram decisivamente a forma com que a ciência foi se organizando, principalmente após a Proclamação da República. No Brasil, partia-se do pressuposto de que esse era um problema não resolvido. Desse modo, muitas eram as perguntas que eram feitas, sobre como educar os brasileiros de forma a que eles conhecessem a sua história e pudessem assim formar uma identidade, ao mesmo tempo que propiciar uma discussão de como prepará-los como mão de obra para atuar dentro de uma modernidade que era idealizada por um conjunto significativo de intelectuais naquela sociedade.

São dessas questões que literatos, como Monteiro Lobato e seu Jeca Tatu em *Urupês*, Lima Barreto com *O Triste Fim de Policarpo Quaresma e Clara dos Anjos* e Euclides da Cunha com *Sertões*, teceram sobre concepções do Brasil e de seu povo. Muitas das vezes essas representações foram estereotipadas, de maneira em que a pobreza era ridicularizada, outras vezes eram feitas, como crítica à real situação de como o povo vivia (VENÂNCIO JUNIOR, 2017; NUNES, 2018). A miscigenação era uma marca a ser combatida e isso era feito por meio da formulação de uma compreensão objetiva de quem era o brasileiro, principalmente em um momento em que vingavam teses científicas preconceituosas de inferiorização de raças em detrimento de outras (DIWAN, 2007; STEPHAN, 2005). Essa percepção acabou sendo desenvolvida, segundo Sevcenko (1983), para alinhar-se aos padrões das economias internacionais em que se instituiria, por intermédio do discurso da ciência, a tentativa da produção de uma imagem do progresso e a criação de um conceito homólogo de civilização, que se tornou uma obsessão coletiva para a burguesia ascendente. Em vários desses casos, eles buscaram também no discurso científico legitimar os seus interesses particulares, no âmbito da economia, validando a exclusão e em alguns casos o extermínio dos mais pobres.

De acordo com Silly (2012), nas primeiras décadas do século XX, o Museu Nacional ficou responsável por atender aos objetivos voltados à pesquisa, a organização do seu acervo,

e na preparação de ferramentas que pudessem fomentar a divulgação científica, pelo viés de uma perspectiva educativa e social. Essas ações deveriam ser feitas a partir da popularização do ensino de História Natural, como pontuado. Era de praxe entre os intelectuais que atuavam no Museu Nacional a crença de que o ensino de ciências, de forma ampla para todo o país, explicaria a identidade nacional dos brasileiros e, ao tomarem consciência disso, eles poderiam contribuir para a superação dos problemas que assolavam o país e ajudar na sua modernização.[18] Além disso, o autor pontua que Bertha Lutz atuou para normatizar a divulgação de conhecimentos acerca dos tipos de rochas, solo, flora e a fauna, tanto dentro da entidade, como em outras vinculadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Dessas destaco o Jardim Botânico que contribuiu no desenvolvimento de várias pesquisas sobre a flora brasileira.

Quanto ao Museu Nacional, Bruno Lobo, em Relatório de 1919, ano em que ela entrou na instituição, trouxe um pouco das inserções que a instituição esteva buscando realizar e que de alguma forma Bertha Lutz esteve comprometida com algumas delas.

> Desejoso de atingir a tantos quanto possa interessar o estudo da História Natural, fez, como nos anos anteriores, uso dos seguintes métodos de divulgação e ensino: a) Mostruários cientificamente organizados; b) Guias de coleções expostas; c) Escola de Botânica; d) Admissão de praticantes nas secções e laboratórios; e) Distribuição de coleções didáticas; f) Organização de mapas murais; g) Arquivos do Museu Nacional (RELATÓRIO DO MUSEU NACIONAL, 1919, p. 34).

Esse foi um movimento que o Museu Nacional vinha tentando instituir desde que elaborou o Decreto nº 11.896, de 14 de janeiro de 1896[19]. Nessa ocasião foi deliberado que a entidade passaria a ter um novo regulamento e ele definiria quais os caminhos que as ações deveriam ser lançadas para que pudesse alcançar um êxito que passou a ser esperado por esses intelectuais.

> Art. 1º O Museu Nacional tem por fim estudar, ensinar e divulgar a história natural, especialmente a do Brasil, cujos produtos deverá coligir, classificando-os cientificamente, conservando-os e expondo-os ao público com as necessárias indicações. O Museu Nacional é um instituto cientificamente autônomo e administrativamente dependente do Ministério da Agricultura, Industria e Commercio, com o qual se entenderá diretamente seu diretor. As resoluções da congregação do Museu subirão diretamente ao Ministro, convenientemente informadas pelo diretor. Art. 2º Para os fins a que se refere o art. 1º, o Museu compreenderá as seguintes secções e laboratórios: 1º, secção de mineralogia, geologia e paleontologia;2º, secção de botânica; 3º, secção de zoologia; 4º, secção de antropologia e etnografia; 5º, laboratório de entomologia geral e aplicada; 6º,

[18] Já na virada do Império para a República houve um vácuo social quanto ao entendimento sobre o que era o Brasil e quem eram os brasileiros. Questões como pobreza, analfabetismo, raça e uma ação em saúde pública voltada para o controle e cura de doenças surgiram no cerne desse amplo debate nacional. Isso em certa medida foi um dos aspectos que motivaram esses intelectuais, para a construção de caminhos que pudessem consolidar a tentativa de formar uma identidade para o povo e para sua melhoria de vida. (LIMA, 1999).

[19] Disponível em https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11896-14-janeiro-1916-517466-publicacaooriginal-1-pe.html.

> laboratório de química. As coleções de arqueologia ficarão a cargo da 4ª secção (DECRETO LEGISLATIVO 11.896 de 1896).

Desse modo, o Museu Nacional passou a funcionar dependente do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. É também nessas diretrizes que surge como objetivo divulgar História Natural a todos os brasileiros. Outras questões além dessas vão surgindo, como o desejo de passar a ser o órgão que iria subsidiar pesquisas que levantariam importantes questões sobre a situação agrária no Brasil. Pautados no desejo de tornar o país moderno aos moldes de Europa e Estados Unidos e levar luz aos estados do norte e nordeste do país, que arremetia problemas aos tempos do período colonial como apontou Roquette-Pinto[20], em Rondônia de 1912, como afirma Rangel (2014). O Artigo 3º apresenta as atribuições do Museu Nacional.

> Art. 3º São comuns às secções do Museu as seguintes atribuições: a) realizar estudos, investigações e trabalhos científicos que corresponderem ás suas especialidades; b) proceder coleta, estudo e classificação científica do material respectivo, organizando catálogos e guias das coleções; c) propor ao diretor permutas de espécimes com os estabelecimentos congêneres do país e do estrangeiro; d) realizar cursos públicos de vulgarização e cursos práticos de especialização, de acordo com o regulamento; e) contribuir para os Arquivos do Museu Nacional com monografias que encerrem os resultados dos trabalhos e pesquisas; f) responder ás consultas que lhes foram feitas sobre assumptos científicos que se relacionem com as especialidades, por intermédio do diretor; g) preparar mensalmente uma nota bibliográfica das publicações que lhes forem remetidas pela biblioteca (DECRETO LEGISLATIVO 11.896 de 1896).

Nas atribuições, chama atenção que uma das funções do museu seria a de estabelecer conexões com países estrangeiros. Em relação às funções relacionadas à atuação da secretária contidas no decreto, podemos ampliar o entendimento sobre as funções que Bertha Lutz iria exercer e em quais medidas as cumpriu ou as subverteu ao longo do tempo, no qual foi aumentando o seu prestígio como servidora da instituição. Ainda que o cargo de secretária fosse elevado, a formação inicial dela era de cientista, então em relação aos demais técnicos da ciência que lá estavam, ela entrou em uma posição de inferioridade:

> Art. 22. Ao secretário incumbe: a) receber, preparar e instruir com os necessários esclarecimentos todos os papeis que tenham de subir ao conhecimento ou deliberação do diretor ou ser examinados pela congregação, fazendo sucinta exposição deles e interpondo a sua opinião; b) todo o serviço da competência da secretaria previsto neste regulamento; c) lavrar as Atas das sessões da congregação e as dos concursos que tiverem lugar no Museu; d) propor ao diretor todas as medidas que entender necessárias ao bom andamento dos trabalhos da secretaria; e) fiscalizar os trabalhos

[20] Roquette-Pinto, médico, antropólogo, cientista do Museu Nacional, viajou com General Rondon, militar, para o centro oeste e norte do Brasil para conhecer e catalogar as tribos indígenas que habitavam no Brasil em 1912. (Rangel 2014).

> realizados na tipografia do Museu. f) organizar o arquivo em colaboração com o bibliotecário (DECRETO LEGISLATIVO 11.896. 1896).

Era um trabalho bastante amplo que envolvia não apenas a organização interna do arquivo e o lavramento de Atas das sessões que eram realizadas pela congregação, mas também o de fiscalizar trabalhos, entre outros. Em quadro, a seguir, é possível ver como esteve organizado hierarquicamente, pelo menos em relação aos ganhos financeiros a estrutura do Museu Nacional. Na Tabela de vencimentos exposta é possível perceber que o salário do Secretário do Museu Nacional, só não era maior que o do Diretor, dos Professores Chefes de Seção e Laboratórios, e dos Professores Assistentes, fato que acaba evidenciando o prestígio que esse cargo tinha na entidade.

Quadro 1: tabela de vencimentos do museu nacional

Categoria	Ordenado	Gratificação	Total anual
Diretor	Rs$12:000$000	Rs$6:000$000	Rs$18:000$000
Professor chefe de secção e de laboratório	Rs$8:000$000	Rs$4:000$000	Rs$12:000$000
Professor substituto	Rs$6:400$000	Rs$3:200$000	Rs$9:600$000
Assistente	Rs$6:4000$000	Rs$3:200$000	Rs$9:600$000
Secretario e bibliotecário	Rs$5:600$000	Rs$2:800$000	Rs$8:400$000
Preparador e escriturário	Rs$3:600$000	Rs$1:800$000	Rs$5:400$000
Sub-bibliotecário	Rs$3:200$000	Rs$1:600$000	Rs$4:800$000
Desenhista-caligrafo	Rs$4:000$000	Rs$2:000$000	Rs$6:000$000
Escrevente-datilografo	Rs$2:400$000	Rs$1:200$000	Rs$3:600$000
Preparador-conservador	Rs$2:400$000	Rs$1:200$000	Rs$3:600$000
Porteiro	Rs$3:200$000	Rs$1:600$000	Rs$4:800$000
Correio	Rs$1:600$000	Rs$800$000	Rs$2:400$000
Praticante das secções e laboratórios (salário mensal de 250$)			Rs$3:000$000
Modelador (salário mensal de 300$)			Rs$3:600$000
Carpinteiro (salário mensal de 240$)			Rs$2:880$000
Guarda de 1ª classe (salário mensal de 150$)			Rs$1:800$000
Guarda de 2ª classe (salário mensal de 100$)			Rs$1:200$000
Servente de 1ª classe (salário mensal de 150$)			Rs$1:800$000
Servente de 2ª classe (salário mensal de 100$)			Rs$1:200$000
Jardineiro-feitor (salário mensal de 200$)			Rs$2:400$000
Jardineiro (salário mensal de 100$)			Rs$1:200$000 (DECRETO LEGISLATIVO 11.896. 1896).

Quando prestou concurso para o Museu Nacional, em 3 de setembro de 1919, Bertha Lutz já acumulava prestígio por ser filha do notável Adolpho Lutz e uma importante líder do movimento feminista no Brasil e fora dele. Isso se deu, como aqui observado, pelo fato de ter estudado na França e Inglaterra, berço das ideias feministas com que teve contato ainda na sua mocidade. O cargo para o qual concorreu foi o de secretário[21] em um processo polêmico que gerou intensos debates na sociedade brasileira, quanto a possibilidade de uma mulher poder ou não ser funcionária pública. Ao ter disputado a vaga com dez homens e ter sido aprovada, conquistou o marco de ter sido a segunda mulher admitida via concurso público no Brasil[22]. Como argumenta Soihet (2006), um dos participantes desse concurso chegou a mandar uma carta a Comissão Organizadora, alegando que se recusaria a disputar um cargo público com uma mulher, pois aquilo atentava contra os valores morais, que eram, então, vigentes no país.

De acordo com o jornal *O Combate*, de 3 de setembro de 1919, a Congregação do Museu Nacional que avaliou o concurso foi composta pelo Diretor do Museu Bruno Lobo, Edgard Roquette-Pinto e Alberto Betim Paes Leme, que eram pertencentes aos quadros funcionais da entidade. A banca realizou uma prova de conhecimentos gerais, que como aponto em Venancio Junior (2017), envolveram conhecimentos de letras, álgebra, inglês e outros. Após ser aprovada em segundo lugar, nas provas dessa fase, a banca que tinha a prerrogativa de decidir entre os três primeiros classificados a escolheu. Essa decisão, levou o candidato que ficou em primeiro nos exames gerais a recorrer a Presidência da República, mas acabou por ser derrotado. Teria havido influência de seu pai, Adolpho Lutz, para esse resultado? A ascensão de Bertha Lutz no movimento feminista, também era uma questão que pode ser levada em conta nessa escolha. Pelo fato de ser uma importante líder das mulheres que defendia a educação feminina em uma instituição vinculada ao Ministério da Agricultura, que buscava formas de viabilizar a formação agrícola, pode ter sido um fator de influência? Se levar em conta o fato aqui já citado, projetado para dentro do Museu Nacional, o de ser responsável para elaborar e desenvolver pesquisas em torno da prática agrícola, essa é uma questão que não pode ser descartada e que explicaria parte dos motivos para a sua entrada na instituição.

---

[21] Entre 1916 e 1923, período em que Bertha Lutz entrou no Museu Nacional, Bruno Álvares da Silva Lobo atuou como diretor. Foi na gestão dele, a partir do Decreto nº 11.896, de 14 de janeiro de 1916, que a entidade passou a ter nas suas diretrizes o compromisso de se comprometer com a educação, a partir da implementação da divulgação científica, com o objetivo de desenvolver práticas educativas na instituição, fomentar e formar escolas, ensinando ao público leigo e realizando permutas com instituições internacionais. O Museu passou, a partir do começo da década de 1920, a articular pesquisa, ciência e projetos educativas, com o objetivo de ser pioneiro na formação de uma identidade nacional, para o Brasil. Ver mais informações em Venâncio Junior (2017) e Rangel (2010).

[22] A primeira mulher foi Maria José de Castro Rabello Mendes, aprovada para o Serviço Diplomático Brasileiro. Como aponta Fonte do Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, do Museu Nacional: (FBPF/AN: Ap,46, Cx42, pac 1. vol.30.)

Em trabalhos, como os de Sousa (2009) e Lopes (2006; 2008), é sinalizado que essa decisão aconteceu em função do Museu Nacional estar naquele momento em um processo de modernização, o que o levou a buscar, a partir de seus quadros funcionais, geralmente intelectuais envolvidos com o debate público nacional e mundial, divulgar a entidade internacionalmente. Essa percepção coaduna com essa opção pela cientista Bertha Lutz que já tinha projeção e prestígio alcançados, por intermédio de sua luta feminista dentro e fora do Brasil e altamente qualificada.[23] As funções exigidas da secretária do Museu Nacional envolviam entrar em contato com entidades científicas em todo o mundo, divulgar e receber permutas à sua escolha. O fato dela falar inglês, francês e alemão fluentemente se juntam aos motivos da escolha por seu nome, já que poderia estrategicamente manter e trocar materiais de divulgação científica com todo o mundo. Ao mesmo tempo, era importante para a própria Bertha Lutz, que poderia criar redes de sociabilidade para fazer circular suas próprias ideias e se apropriar de outras, que interessassem aos seus projetos de país e educacionais.[24]

A entrada dela como secretária na instituição, ainda gerou um debate público, no qual intelectuais e articulistas da imprensa entendiam como uma vitória enquanto outros críticos, como o escritor Lima Barreto por exemplo, viram na escolha dela uma corrupção, principalmente na maneira com que o diretor do Museu Nacional, naquele momento, Bruno Lobo, tocou o processo que foi o seu concurso.[25] O escritor foi dos principais nomes que se opuseram à entrada de Bertha Lutz no Museu Nacional. A sua análise foi voltada em produzir uma crítica ao feminismo que ela praticou, percebendo-o mais como burocrático e interessado em parasitar os órgãos públicos, com a política pautada em seu um meio de facilitação para cargos a amigos, do que uma transformação real da situação da mulher na sociedade. Ele percebeu, em sua crítica, que Bertha Lutz, ligada aos interesses estrangeiros, não queria defender o Brasil, mas usar da máquina pública para alocar seus aliados políticos, reforçando assim as corrupções presentes na sociedade brasileira, que prejudicavam as mulheres mais

[23] O Ministério da Agricultura, que desde 1909 vinha tentando popularizar e nacionalizar novos modelos de educação rural, sendo eles de influência estrangeira. Como a presença de Bertha Lutz, então funcionária do Museu Nacional, que era alocado à pasta ministerial, contribuiu para que essa articulação pudesse ter sido realizada? (BEHRING, 2011). O fato de estar pautada no objetivo de tentar criar políticas públicas que incluísse as mulheres do campo à produção econômica do país, contribuía para jogá-las dentro do mecanismo social capitalista que até então lhes tinha sido negado. A maneira com que a intelectual defendeu e trabalhou para que essa ação fosse incluída no debate público foi a partir do reforço da defesa pelo acesso à instrução feminina, fazendo circular a nova ideia de que as mulheres, se pudessem estudar, ou seja, ter acesso a esses direitos no geral, poderiam contribuir assim como os homens com o desenvolvimento econômico do país.

[24] Como sinalizado por estudos de Sousa (2009), Lopes (2006), Sombrio (2008) e Silly (2012).

[25] Como importante nome da literatura brasileira, Lima Barreto escreveu várias crônicas em jornais e revistas, durante as primeiras décadas do século XX. Nelas e em seus livros, se projetou como um importante intérprete do Brasil daquele período em suas obras, que influenciaram e influenciam o pensamento do país até os dias de hoje.

pobres, essas por ela esquecidas. Para ele, a luta da feminista era feita voltada apenas, para conseguir influência política e favores. Essas alianças, se pautavam em atender e divulgar nome de algum político ou liderança local ou nacional, que arrumava algum cargo para mulheres que eram vistas como suas protegidas ou indicadas. Isso reforça a perspectiva de que a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e a Liga pela Emancipação da Mulher, atuavam como uma espécie de partidos políticos não legalizados e, segundo o autor, pode-se levantar questões que agiam reproduzindo as práticas do que havia de pior neles. Por ocasião da divulgação da viagem de Bertha Lutz aos Estados Unidos, na revista *Careta*, Lima Barreto opinou sobre o concurso que a levou ser funcionária pública do Museu Nacional, onde reforçou algumas dessas concepções que tinha sobre ela.

> Uma atuação da Dona Berta
> 6-5-1922
> Não há nada mais extraordinário do que as glórias nacionais. Cada vez mais elas causam maior surpresa. Nós já tivemos um Bartolomeu de Gusmão, que dizem subiu aos ares em um balão, a "Passarola", em Lisboa, mas que nenhum documento do tempo autentica semelhante fato. Já tivemos um padre em Paraíba, patrício do Augusto Epitácio, que inventou a máquina de escrever; mas, nada há de certo a respeito. Temos o milionário, Santos Dumont, balconista e aviador, que fugiu do balão e do aeroplano, quando o aeroplano e o balão faziam proezas na torre Eiffel e passeios de algumas centenas de metros em Sant-Cloud. Temos a batalha do Riachuelo em que fomos atacados pela retaguarda, quando a nossa esquadra subia um rio e a inimiga descia o mesmo rio. Agora, temos a faladora Berta Lutz que foi aos Estados Unidos, em Baltimore, creio, dizer que as moças do Brasil se dedicam a ensinar crianças. Grande novidade! Uma cousa, porém, não disse e é que as moças do Brasil se fizeram arautos do feminismo burocrático. O que elas querem, é ser escriturárias, mediante concursos duvidosos, em que entram influências "brunísticas", para que tirem os primeiros lugares. Isso é o feminismo, à Bruno Lobo, quando não é à Carlos Chagas, esse descobridor do mel de pau em ninho de coruja, que nos impingiu umas "americanas", mais ou menos alourados, a fim de nos ensinar a dar lavagens e clisteres, obedecendo a métodos científicos, como se elas, apesar de louras e de seus olhos azuis, tivessem alguma ideia do que seja ciência, mesmo aquele esbodegada que tem o referido Chagas. Assim são as glórias do Brasil, com"s" ou com "z". Todas elas são feitas de falsificação, de dependências, de simulação e "roupas", à custa do... Estado. "Erat ut supra." (BARRETO in: *CARETA* 1922).

O escritor faz uso da ironia na crítica, em que aborda a maneira com que o concurso foi realizado, mostra que a entrada dela não foi uma vitória das mulheres, mas sim uma articulação das elites para favorecer aqueles que já faziam parte dela. Desse modo, Lima Barreto não enxergou mudança alguma nessa conquista individual de Bertha Lutz, que foi entendida como uma vitória das mulheres em geral. De acordo com ele, essa foi apenas um ato de hipocrisia daquela que buscava supostamente implementar essa luta, mas usava dos mesmos caminhos e artimanhas daqueles que ela jurava enfrentar, atrasando, assim, a luta das mulheres. Em muitas vezes, Bertha Lutz não estava preocupada necessariamente com a realidade de seu povo, mas sim em implementar uma agenda articulada com seus próprios interesses intelectuais e

políticos, que eram próximos do interesse estrangeiro, algo que Lima Barreto também condenava. Com isso, várias seriam as críticas feitas por ele ao longo do ano de 1922, quando realiza a primeira viagem, e nessas todas é frisada essa relação com interesses e na apropriação de ideias internacionais como algo nefasto e preocupante, ao mesmo tempo que a atuação de Bertha Lutz como funcionária do Museu Nacional é constantemente manchada pela suspeita da corrupção e de favorecimento ilícito.

É possível compreender que Bertha Lutz entrou no Museu Nacional em um período de transformação da instituição, para se tornar de fato um espaço relevante no debate político, ao qual ela emprestou seu prestígio. A atuação de Bertha Lutz no Museu Nacional, da entrada na entidade até a sua primeira viagem aos Estados Unidos, em 1922, se pautou em criar conexões com museus norte-americanos visando entender e aprender sobre a função educativa deles. Além disso, outras nuances dessa atuação possibilitaram à cientista participar de congressos de educação e editar a Revista *Archivos do Museu Nacional*, importante periódico da instituição. Em 1919, editou publicação que abordou sobre o centenário do museu e os seus desafios frente ao futuro, entre os quais foi destacado a divulgação científica.[26]

Os museus, em geral, eram lugares que agregavam antropólogos, médicos, biólogos, entre outros intelectuais envolvidos com a prática cientifica. Bertha Lutz pertenceu aos quadros que defendeu que cabia à entidade um compromisso social, tomando como paradigma dessa ação fazer com que os conhecimentos ali construídos saíssem dos seus muros e alcançassem a população brasileira da maneira mais ampla possível. Se aproximando, assim, da perspectiva apontada por Camara (2017), que entendeu que muitos intelectuais tomaram para si nesse período do que a intelectual aqui analisada foi contemporânea de tomar para si, a missão de garantir a educação de forma ampla, sendo essa ação atrelada a um projeto maior de desenvolvimento do país.

Das inúmeras medidas pensadas após 1916 quando foi editado o Decreto de

[26] Somente na gestão de Ladislau Netto entre o período de 1874 a 1893 o Museu Nacional passou a ser um espaço amplo de divulgação científica, vindo a alcançar relevância internacional. É nesse momento que foi pensada a Revista Arquivos do Museu Nacional que teve como seu foco popularizar pesquisas nacionais e internacionais naquilo que fosse mais relevante pesquisado no âmbito da ciência. Da mesma forma, apropriar-se de modelos que estivessem sendo produzidos em outros países, e se fazer conhecer para fora do Brasil. A partir da formação de redes com outras instituições, que geralmente ocorriam a partir de viagens internacionais, os intelectuais dos museus conheciam instituições e levavam o que aqui era produzido e participavam de congressos, publicizando as pesquisas ali desenvolvidas. (VENÂNCIO JUNIOR, 2017).
No Regulamento editado por Ladislau Netto em 1876, um dos focos pensados por ele para a entidade seria o de estudar e, assim, divulgar e ensinar História Natural à população. Nos anos de 1888 e 1890 viria a editar novos decretos, para oferecimento de cursos que pudessem popularizar o ensino científico. Essa política que passou a dirigir as ações do Museu Nacional, daria margem a várias iniciativas como os museus pedagógicos em parceria com a política do *Pedagogium.*

modernização do Museu, uma delas era contribuir para o desenvolvimento da política pedagógica que ficou conhecida como museus escolares. O Museu Nacional subsidiava coleções para as escolas e Bertha Lutz ficou responsável, logo em seus primeiros anos dentro da entidade, por visitar e fiscalizar os usos dessas coleções. Sobre isso ela já havia afirmado:

> [...] É possível afirmar que em geral as coleções organizadas por este Instituto são muito apreciadas e prestam reais serviços ao ensino, servindo em alguns casos de ponto de partida para a organização de gabinetes de História Natural. O exame dos museus escolares dos inúmeros colégios visitados demonstrou-me que se já é grande, poderia ser ainda maior à influência benéfica que tem sobre o ensino a distribuição de coleções didáticas pelo Museu Nacional. Sobretudo, se fosse dado maior incremento a essa iniciativa, em boa hora tomada pelo previdente esforço dessa Diretoria e posta em prática nas Seções[...] (LUTZ, 1920, p.63-64).

A cientista apontou que a presença dos museus escolares nas escolas era algo benéfico, caso houvesse a participação do Museu Nacional com o fornecimento de técnicos que pudessem atuar nelas. O objetivo seria o de fazer com que aqueles espécimes que eram fornecidos às instituições de ensino, não fossem algo apenas ilustrativo, mas que pudessem contribuir de maneira efetiva para a extensão da percepção de educação científica das crianças nas escolas. Sua perspectiva envolvia uma conexão prática entre museus, professores e escola. Essa foi uma importante questão que passaria a defender como prática a ser instituída na formação brasileira pelo viés da museologia ao longo de sua trajetória.

Depois que escreveu relatórios de viagens, como iremos tratar após retorno dos Estados Unidos, nas três ocasiões em que esteve lá, defendeu que caberia desenvolver a política do mediador: um profissional, geralmente mulher que seria responsável por levar esse conhecimento complexo do Museu Nacional de forma mais palatável ao público. Esse profissional atuaria junto aos professores e alunos. Ela faz critica a maneira com que o *Pedagogium* tratava essas questões nas escolas.

De acordo com Pereira (2013), o *Pedagogium* previa que houvesse nas escolas uma extensão dos museus. Instituições, como o Museu Nacional, ficavam responsáveis por mandar para as escolas exposições para que assim, pudessem ser realizados de maneira mais incisiva os ensinamentos de cunho científico. A crítica da intelectual, que consta no Relatório do Museu Nacional de 1920, editado por Bruno Lobo, então à frente da entidade, apresentou as constatações de Bertha Lutz, que visitou escolas no, então, Distrito Federal, para inspecionar o que vinha sendo feito e que, portanto, entendeu que se não tivesse um mediador que pudesse ensinar de fato o valor daqueles espécimes, o material não alcançaria o objetivo pelo qual teria sido exposto. Seria necessário um trabalho que pudesse garantir essa articulação entre o saber técnico e o público leigo. Muitos desses esforços ela empenhou nas visitas que fez durante as

suas viagens aos Estados Unidos para tratar de museologia educacional, que será tratado no capítulo 2. No arquivo SEMEAR-MN[27], é possível observar que Bertha Lutz já recebia livros sobre como tornar essa prática possível, de entidades museais norte-americanas, desde quando entra no Museu Nacional, em 1919, mas consolida de fato essa prática após as viagens aos Estados Unidos, especialmente nos Relatórios sobre o que lá observou. [28]

Conforme apontado em jornal *O Paíz* de 5 de outubro de 1921, uma comissão científica brasileira a incluiu no Congresso de Dermatologia e Pedagogia no Uruguai, em Montevideo, para debater sobre essas temáticas. No entanto, não foram localizadas atas sobre o que foi discutido, apenas que essa foi uma designação que surgiu de um pedido do Ministro da Justiça ao Ministro da Agricultura para que cedesse Bertha Lutz ao Departamento Nacional de Saúde Pública, a fim de que pudesse representar o Brasil, evidenciando sociabilidades que eram feitas por ela já nos seus primeiros anos como secretária do museu. Essa informação além disso, dá pistas sobre a importância que Bertha Lutz acumulou ao longo do tempo, para ser representante do Brasil ao longo do tempo em uma série de congressos e outros eventos internacionais, como correspondente. Desse modo, pode-se afirmar que isso ocorreu talvez pela sua articulação internacional com vários movimentos femininas, que a legitimavam para ser escolhida, para marcar presença em nome do país em vários lugares. A sua participação na elaboração do documento da Carta de Direitos Humanos da ONU, de 1945, em que incluiu questão da igualdade para homens e mulheres, evidencia essa perspectiva. A partir disso, é possível apontar que o prestígio acumulado por Bertha Lutz, já nos primeiros anos dentro do Museu e a correspondência que vinha mantendo com entidades museais e feministas nos Estados Unidos e na Europa, reuniam motivos para que realizasse as viagens internacionais.

Ao voltar para o contexto brasileiro para o qual Lutz retornou depois de estudar na Europa foi permitido observar a inserção que ela teve no campo do feminismo nacional e internacional, seu ingresso no Museu Nacional e suas primeiras articulações no cargo de

[27] Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional, que continha boa parte do acervo de Bertha Lutz e seu pai, incluindo uma coleção de livros, artigos e folhetos de instituições museais, como o Museu de Nova York, Museu de História Natural de Washington entre outros. Isso levaria, por convite de um dos intelectuais que enviavam livros para ela, Laurence V. Coleman, então Presidente da Associação Americana de Museus que condecoraria a ela e a seu pai Adolpho Lutz, membros correspondentes a visitar os Estados Unidos para conhecer e estudar museus norte-americanos. Isso foi feito entre os períodos de 1922 a 1932, concomitantemente com os estudos de Economia Doméstica Agrícola e com a participação em congressos feministas, para disseminar e consolidar a sua militância feminista, no contexto americano e mundial. Esse acervo foi perdido integralmente, em 2018 com o incêndio que destruiu por completo a antiga composição do Museu Nacional, hoje ligado a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

[28] Bertha Lutz logo quando entrou na instituição participou de alguns Congressos representando o Museu Nacional, como correspondente, o que fortalece a percepção de como foi criando uma pertença na entidade antes mesmo das viagens.

secretária, mas também como cientista da entidade. Sua atuação se desdobrou a pensar na fauna e a flora, bem como as formas de tornar o papel do museu efetivamente pedagógico no lidar com a formação geral dos indivíduos e com a qualificação de escolas.

Seu trabalho no Museu Nacional a favor e da popularização do conhecimento científico, apesar de lhe proporcionar viagens e atividades internacionais, também enfrentou resistência. Quando retornou de sua viagem à Bélgica em 1923, tentou sair daquela instituição. Pleiteou a sua entrada como Lente Catedrática de Botânica na Escola Superior de Agricultura ainda em 1923. Essa, como afirma Sousa (2009), foi uma tentativa de Bertha Lutz de sair do Museu Nacional, pois, segundo a autora, o então diretor, Arthur Neiva, vinha tentando inviabilizar o seu trabalho. No entanto, seria convencida a agir de outra maneira, por influência do seu pai que a aconselhou continuar no Museu Nacional.

Em carta de 4 de outubro de 1923, ao Dr. Carlos Meyer, Bertha Lutz pede ajuda a ele para que interceda com Washigton Luiz, que viria a ser presidente da República anos depois no concurso:

> Conhecedor de grande bondade do ilustre amigo do meu pai, já tantas vezes demonstrada, tomo a liberdade de fazer-lhe um pedido. Estou precisando de um forte apoio de São Paulo, de preferência do Dr. Washington Luiz em passos. Trata-se do seguinte assunto que vou explicar confidente e V.S. muito desejosa de sair do museu e de obter um posto de natureza mais técnica e de mais autonomia, inscrevi-me em um Concurso que acaba de ser realizado para Lente Catedrático de Botânica da Escola Superior de Agricultura e de Medicina Veterinária, Departamento do Ministério da Agricultura. Está ora terminando o concurso com o resultado que de entre seis concorrentes, fui classificada em segundo lugar, estando um outro, o Sr. Antônio Angeslau Bittencourt classificado em primeiro e os outros apenas habilitados ou afastados por terem se retirado antes de terminar as provas. A meu ver fiz melhor concurso que o outro candidato classificado em primeiro sendo que este leve a vantagem de ser agrônomo e de ser por isso mais desejável a Congregação. Se tivesse despendido o resultado da mesa examinadora teria eu tido certamente o primeiro lugar, porém dependendo das classificações não de notas que seria dadas pela mesa examinadora, mas apenas de votação de todos os membros da Congregação da Escola obtive minoria de votos, não obstante contar entre os meus votos a maioria da mesa examinadora. Neste concurso como outros aqui realizados deu motivo a serias contendas, havendo requerimentos de anulação por parte de dois outros candidatos, abatendo-me de requerer anulação o que causa antipatias. Constando por aqui ter havido muitas irregularidades, já possibilidade de anulação. Por outro lado, não está ainda provado se o Sr. Ministro pode ou não nomear outro a não ser o classificado em primeiro lugar e o que vou tratar de saber o mais rápido possível. Caso, porém, seja possível nomear a outro a não ser aquele classificado em primeiro lugar, e cujas provas foram certamente menos boas que as minhas, dependerá só que consta, a nomeação em parte ao menos de apoio político. Caso não seja possível, não tenho receio de entrar em novo concurso, nem dos candidatos ao ponto de vista técnico. Seria talvez possível, entretanto obter nomeação inteira. Tudo isto depende, porém de ter bom apoio e o apoio de São Paulo é evidentemente dos mais poderosos... Penso que o Dr. Altino, poderia auxiliar muito. Caso fosse possível obter empenho para o Dr. Washigton Luiz, o apoio do mesmo creio que seria decisivo, seja para nomeação efetiva, seja para nomeação interina e anulação. (CARTA DE BERTHA LUTZ, 4 DE OUTUBRO, 1923).

Nessa outra carta vemos as estratégias que Bertha Lutz usou para tentar ser aprovada nesse concurso para a Escola de Agricultura. Primeiramente, ela demonstra desconfiança no concurso, sinalizando que tinha dúvida quanto à capacidade dos outros candidatos e supostamente aponta para uma movimentação política para a sua não sua aprovação, o que estaria lhe fazendo apelar para outros apoios.

Em outra carta de 7 de novembro de 1923, encaminhada ao Sr. Dr. Moraes Barros, Bertha Lutz reforça o pedido de apoio e o desejo de solicitar que Washigton Luiz a apoiasse visando a sua aprovação.

Em missiva, encaminhada ao Dr. Moraes Barros, em 4 de dezembro de 1923, Bertha Lutz agradeceu a ele pela mobilização em prol do seu nome da tentativa que estava sendo feita para que ela fosse aprovada nesse concurso. A partir de então não obtive mais relatos sobre como se deu essa articulação, no entanto, Bertha Lutz, continuou no Museu Nacional. Talvez, por não ter conseguido apoio político o suficiente para validar a aprovação no concurso, ou talvez por ter ouvido os conselhos de seu pai. Todavia, a tese apresentada por ela nesse concurso, em 1923, chamada: "Estudos sobre a Biologia da Mangífera Indica L." se tornou um trabalho de referência nacional e internacional. Essa publicação, após continuar no Museu, segundo Sousa (2009), fez com que Arthur Neiva permitisse que Bertha Lutz acumulasse a sua função de secretária, a atuação no departamento de Botânica, mesmo que até então não ganhasse mais financeiramente ou na hierarquia de titulações da instituição por isso. Esse trabalho, também foi reconhecido e publicado como trabalho pelo próprio Museu Nacional, em 1926, sendo o início de uma série de contribuições que como cientista deu para os campos da Botânica e Zoologia. Dessa forma, a tentativa de sair do Museu para ocupar outra instituição que a reconhecesse em sua qualidade técnica, ou seja, como cientista de formação, também se deu como desdobramento das viagens por ter sido após elas que educadora, pôde obter mais reconhecimento internacional daquele que já havia construído desde que voltou formada ao país, nas redes de sociabilidades instituídas, que deram para ela a legitimação para pleitear determinados lugares de prestígio.

A relação internacional por ela tecida balizou a militância nesses espaços e as viagens também serviram para tal. Como foram suas atuações no campo da educação feminina, que a levaram a enxergar na Educação Rural, um possível caminho de emancipação da mulher, no tocante a realidade que se vivia no Brasil no período das décadas de 1920 e 1930?

2 **RAZÕES PARA PARTIR**

Quais teriam sido as questões que motivaram Bertha Lutz à realização das viagens? E como essas questões foram se desdobrando e consolidando a sua trajetória na política, ciência e educação? Neste capítulo há o objetivo de estabelecer quem era a viajante, seus espaços de atuação e a maneira com que ela foi se estabelecendo neles. Da mesma forma, é importante destacar como a pertença nesses espaços, foram se tornando relevantes para fazer, com que ela quisesse ampliar essa discussão, o conhecimento de novos modelos, as redes com intelectuais estrangeiros e a implementação desses projetos no país que surgem como elementos que sinalizam para as motivações que a levaram a atuar em prol de uma bandeira educativa no Brasil.

O segundo capítulo inicia-se com a discussão da primeira viagem aos Estados Unidos em 1922, pelo fato de que foi nela que Bertha Lutz desenvolveu três focos de ação. Primeiramente, a participação na Conferência de Baltimore, para a apropriação de ideias feministas, inclusive para a educação da mulher e o estabelecimento de diálogos com quadros internacionais, visando ampliar o campo de atuação e fazer parcerias para assegurar os seus objetivos. Seguidamente tem-se, o desejo de conhecer modelos da museologia educacional moderna e formas de circular novas ideias de educação no Brasil e tornar assim o papel do museu mais relevante na educação. Por último há o objetivo de conhecer modelos de Economia Doméstica Agrícola nos Estados Unidos e as suas aplicações à realidade brasileira.

Conforme Mignot (2007), viagens de estudos ao exterior, nesse período, não eram comuns. Mas, começaram a atrair as mulheres tanto do meio educacional, quanto do movimento feminista, durante meados da década de 1920 cada vez mais. Geralmente isso ocorria com o objetivo de participar de congressos, aproveitando essas oportunidades para participarem de eventos científicos, políticos e observar as experiências educacionais inovadoras, que poderiam de alguma forma ajudar os seu país de origem a melhor se desenvolver. Quais então, de fato, teriam sido os ensejos que levaram Bertha Lutz a desenvolver o desejo de se aprimorar? Tendo em vista isso, o presente capítulo prende-se na sua primeira viagem aos Estados Unidos em 1922, mas trazendo como foco a maneira pela qual a articulação dela dentro do movimento feminista e com teóricos americanos que pensavam os museus levaram-na a essa primeira experiência de trânsito internacional, depois de seu retorno ao Brasil, em 1918.

Silva (2013), analisou os deslocamentos de intelectuais e observou que eram uma possibilidade de produzir uma releitura da própria cultura do viajante, constituindo-o em

ampliação de seus próprios horizontes. Desses modelos legitimados como modernos e com a compreensão do outro, que era visto como diferente, os viajantes traziam elementos consideráveis para melhorar o seu lugar de origem. Traziam um conjunto de ideias, inovações pedagógicas e ferramentas para organizar a nação, após o retorno ao país.

Dessa forma, ao pensar nas viagens de Bertha Lutz, a pergunta que fica implícita é possibilitada por Mignot e Silva (2011, p. 436): "O que uma viagem pode revelar sobre aquele que viaja? É possível falar de si no encontro com o outro?" Como a distância pode, ao mesmo tempo, aproximar?" Assim, a partir das viagens, e da compreensão das nuances que compuseram o escopo delas como de seus escritos procurei entender em que medida Bertha Lutz produziu um conhecimento de si e da experiência com os traslados estrangeiros, e como essas experiências ajudaram-na a contribuir para desenvolver a educação nacional.

2.1 **Em contato com uma pauta feminista**

A influência americana teve grande força na formação intelectual, política, científica e educacional de Bertha Lutz, sendo que as ideias que se apropriou em várias áreas ao longo do tempo que lhe possibilitaram construir sua agenda. Todavia, de todas essas áreas de discussão, a pauta feminista foi a se sobressaiu dentre as demais.

Quando Bertha Lutz foi aos Estados Unidos, em 1922, para estudar museus educativos e investigar a Economia Doméstica Agrícola, ela também participou da Conferência Feminista de Baltimore, importante convenção internacional de mulheres, que definiu mundialmente rumos para a luta do feminismo. Nessa ocasião, ela foi eleita vice-presidente da Liga Pan-Americana de Mulheres, o que mostrou que sua militância já estava se consolidando de maneira significativa e o que deu protagonismo ao movimento feminista brasileiro, no processo de demandar caminhos para as pautas que foram apresentadas.

Em carta de D. Olga de Mello Braga[29], feminista brasileira, encaminhada a Bertha Lutz e publicada no jornal *O Paíz,* de 3 de janeiro de 1922, ela comenta o convite recebido pela intelectual para participar da Conferência Pan-Americana em Baltimore e o que representava a escolha dela:

> Senhorita Bertha Lutz. Não podendo cumprimentar-vos pessoalmente pela merecida homenagem que vos foi prestada com o convite para participar dos trabalhos da Conferência Pan-Americana de Senhoras, venho dizer-vos o quanto me sinto penhorada por esta tão feliz escolha. Não podia ser o Brasil mais dignamente

[29] Não localizei maiores informações sobre D. Olga de Mello Braga, a não ser as que estão contidas nesta mesma carta, publicada pelo O *Paíz,* que apontam ser ela, membro da Liga pela Emancipação da Mulher.

> representada na Conferência e assim não fui surpreendida com a notícia a respeito, dada pela "A noite", em sua edição de ontem. Estou certa, e estarão também as demais sociais da Liga para Emancipação da Mulher, de que sois digna presidente, que alcançareis um lugar de destaque entre as ilustres feministas de todos os países da América do Sul que se encontrarão reunidas em Baltimore em abril vindouro, dali advindo grandes benefícios para a causa em que está empenhada a mulher brasileira. Alargam-se os horizontes! E' como se estivesse a contemplar do alto os novos campos para a nossa atividade. Jovem ainda podeis fazer muito. O vosso glorioso destino já está traçado. (*O PAÍZ*, 3 de janeiro de 1922).

A carta deu ênfase à importância que teria o evento para a causa feminina dentro e fora do país, ao mesmo tempo que já começava a desenhar os caminhos que Bertha Lutz traçaria para se tornar, nos anos que se seguiram, após essa primeira viagem, uma importante feminista em âmbito mundial. Chama atenção o fato de que a Liga pela Emancipação da Mulher até então à beira de completar três anos de existência, já aparecia como um lugar de destaque dentro do debate público nacional sobre a luta pelos direitos das mulheres. Em outra matéria do mesmo periódico há mais elementos a respeito das articulações para que essa primeira viagem pudesse se tornar viável. Com o título chamado "O feminismo entre nós", o editorial do jornal explicitou:

> O Sr. Ferreira Chaves, Ministro da Justiça, comunicou ao Sr. Azevedo Marques, ministro das relações exteriores, e em resposta a avisos seus, que a Sra. Bertha Lutz foi escolhida, pela Associação Feminina Brasileira, para tomar parte no Congresso Pan-Americano de Mulheres a reunir-se em Baltimore, no próximo mês de abril. Demos há poucos dias publicidade, ao programa deste congresso, convocado sob os auspícios dos ministros do governo do Sr. Harding Hughes e Hoover, respectivamente do exterior e do comércio. A Associação Feminina Brasileira, representando-se no Congresso Pan-Americano de Mulheres por um delegado do valor da ilustre Sra. Bertha Lutz, dará a essa assembleia uma colaboração que lhe poderá ser deveras eficiente ao estudo dos problemas a serem nele debatidos e estudados. O feminismo entre nós vai conquistando sem atoardas, situação que o não desmerece em confronto com o que goza em países dos mais adiantados sob esse ponto de vista. E, a despeito da evolução natural das coisas, muito contribuiu, para que esse objetivo a ação de uma plêiade de distintas senhoras, a frente das quais se acha Bertha Lutz. (*O PAÌZ*, de 4 de fevereiro de 1922).

Nesse editorial de fevereiro temos mais questões que ajudam a entender a repercussão dessa conferência no próprio jornal que considerava a escolha de Bertha Lutz importante, pelo que a luta feminista vinha alcançando, sendo ela, dessa forma, uma figura estratégica nesse processo que tratava dos avanços feitos no Brasil. Todavia, ela não se limitava somente ao seu país, já que o jornal partia do pressuposto que ela tinha muito para contribuir com sua experiência e pontos de vista para o debate internacional.

Da série de reportagens que circularam nesse periódico como pode-se consultar no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, uma se torna importante, porque aponta diretamente para um conjunto de elementos. Em matéria de 8 de fevereiro de 1922, intitulada

de “Conferência Pan-Americana Feminina”, o jornal faz uma longa análise sobre como se daria o evento e a dinâmica na qual ele foi organizado:

> De 20 a 29 de abril de 1922 reunir-se-á na cidade de Baltimore, Estado de Maryland, nos Estados Unidos, uma Conferência Pan-Americana de Senhoras, convocada por motivos da reunião da 3ª Convenção Anual da Liga Nacional de Sufrágio Feminino (National League of Women Voters). Será esta no sentido estrito da palavra a 1ª Conferência Pan-Americana de Senhoras realizada até agora. O secretário de Estado, Sr. Hughes, o secretário de Commercio, Sr. Hoover, e o Dr. L. S. Rowe, diretor geral da União Pan-Americana de Washington, prestaram sua valiosa coadjuvação aos membros da liga para conseguir a reunião nos Estados Unidos da referida conferência Pan-Americana de Senhoras. Os convites aos governos dos países da América Central e do Sul para enviarem delegados à Conferência Pan-Americana foram remetidos por intermédio do Departamento de Estado e de seus representantes diplomáticos nas Repúblicas. Os referidos convites não tenham sido expedidos oficialmente por parte do governo dos Estados Unidos, o projeto recebeu a sanção e aprovação dos funcionários da administração, os quais veem com prazer a reunião de conferências desta natureza que contribuirão para promover o mútuo entendimento e estreitar mais e mais as relações de amizade que existem entre os cidadãos de todas as Repúblicas deste continente. O objeto principal desta conferência, segundo a opinião de Mrs. Maud Wood Park, presidente da Liga Nacional do Sufrágio Feminino dos Estados Unidos, é de contribuir para promover as relações de amizade entre as mulheres dos Estados Unidos e suas companheiras da América do Sul, da América Central, do México e do Canadá. Por convite unânime da Liga do Sufrágio Feminino do Estado de Maryland enviado por intermédio do governador Albert C. Ritchier da cidade de Baltimore, representada pelo Mayor William Broemining ficou resolvido na Convenção Nacional que se reuniu em Cleveland, no mês de abril passado, escolher a cidade de Baltimore para sede da próxima convenção. A Associação Feminina Brasileira, convidada a participar desta conferência, escolheu a Sra. Bertha Lutz para representá-la. Desta escolha já teve conhecimento o Ministério das Relações Exteriores. (*O PAÍZ*, de 8 de fevereiro de 1922).

O evento foi organizado em torno de como os participantes demonstrariam um desejo dentro do movimento feminista americano de estreitar laços e criar redes de sociabilidade entre as mulheres das américas para fazer circular possíveis ideias que pudessem tomar o centro do debate por direitos e organizar bandeiras que viriam a ser seguidas pelo movimento feminista. A escolha de Bertha Lutz, relatada por esse jornal se tornou uma escolha estratégica, já que o objetivo do evento era ampliar as relações de amizade e ela estava tendo grande destaque entre os quadros que angariavam apoios para a luta dos direitos das mulheres no Brasil, principalmente pela posição que ocupava no Museu Nacional, seria a escolha mais certa. Logo, foi nesse evento que a educadora passou a angariar uma importante ação dentro das lutas feministas com a articulação com as ideias americanas. Nessa mesma ocasião, nessa viagem, a discussão de Economia Doméstica Agrícola, pode ser pensada como um desdobramento desses estreitamentos políticos empenhados por ela, surgindo como uma pauta de defesa da educação, percebida como o caminho que daria às mulheres mais oportunidades de vida, especialmente em um contexto social que defendia a educação como a pauta que conduziria o Brasil ao progresso.

Esse evento foi um espaço de luta em que muitas redes de sociabilidade foram tecidas em torno da necessidade de se divulgar as ideias que lá foram surgindo como necessárias para uma ação exitosa nos espaços em que essas mulheres tivessem ação, quando retornassem aos seus países. De uma série de mulheres que participaram, Carrie Chapman[30], importante militante americana responsável por organizar o movimento nas américas teve destaque tendo sido eleita presidente da Comissão Pan- Americana de Mulheres, o que a levou a ser uma presença constante no Brasil.

A 1ª Conferência Pan- Americana de Mulheres de 1922 deu visibilidade às feministas nas américas, colocando em relevo pautas como educação, acesso ao trabalho e o direito ao sufrágio feminino. Realizada entre 23 de abril a 2 de maio de 1922, com delegadas de Cuba, Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguay, Peru, Uruguay, Venezuela, Filipinas, Porto Rico, Inglaterra e Brasil, que enviou três representantes: Beatriz de Queiroz, Annie d' Armond Marchant e Bertha Lutz.

Houve diversos debates que abordaram sobre a educação da mulher, o voto feminino, a profissionalização das mulheres e o acesso ao trabalho no serviço público. Na conferência se realizou palestra com o tema "Round Table Conference on Education" que colocava a educação rural no cerne de propostas que seriam importantes para a educação de mulheres, onde a modalidade de Economia Doméstica Geral e Agrícola era tomada como caminho a ser seguido, como o mais satisfatório para a realidade na qual elas estavam inseridas. A abordagem pautou-se em discutir a problemática em torno de quais seriam as questões concretas a serem consideradas para a busca de possibilidades de trabalhos. Houve a preocupação de buscar por novas medidas que garantissem melhores oportunidades de desenvolvimento físico no ambiente rural. As participantes também discutiram como adaptar os problemas do currículo educacional agrícola existente nos Estados Unidos e no mundo às reais necessidades das mulheres do campo para que conseguissem ser incluídas na produção[31].

Os demais pontos discutidos tratavam da inserção da mulher no trabalho industrial, assim como a sua formação acadêmica, principalmente para o exercício do magistério, que era outra vertente no contexto internacional. Outros temas que surgiram estavam voltados para investigar alternativas de como formar mulheres para se tornarem líderes feministas nos países

[30] Inclusive foi ela a responsável por ajudar Bertha Lutz a organizar a Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino em 1922 e o Primeiro Congresso Feminista do mesmo ano. (SOUSA, 2009).

[31] A partir de análise de "BR-RJANRIO_QO_ADM_EVE_CNF_TXT_OO1_V_01, que contém as Atas da 1º Conferência Panamericana Feminina de Baltimore.

que compunham o continente americano. Em carta apresentada por Ada Comstock, presidente da Associação Americana de Mulheres Americanas, por conta da ocasião, apresenta a sua percepção da importância das mulheres naquele momento:

> 18 de march, 1922
> My dear Miss Lutz:
> I have heard through Mrs. Swiggett, Executive Secretary of the Women's Auxiliary Committee of the United States of the Second Pan American Scientific Congress that you will arrive in Conference in Baltimore April 20 to 29. The American Association of University Women will be holding its national convention on in Kansas City April 5 to 8. If by any chance you should find it possible to come, we should welcome you most heartily at that convention. Our association college and university women of the world and is a member of the international federation of university women. It will be a pleasure to us to welcome one who has played such a part as yours in the higher education of women. [32]
> Very sincerely yours. – Ada Comstock – President of American Association of University Woman (CARTA DE ADA COMSTOCK, 18 DE MARÇO DE 1922)

Como aponta Femenías (2021), a discussão internacional sobre a pauta feminista precisa responder a dois desafios. O primeiro seria elucidar o que é uma ideologia estrangeira importada da Europa e dos Estados Unidos e como de fato esses modelos de pensamento influenciam os ordenamentos gerais de um país. Já o segundo é observar, se houve uma contribuição significativa dessas correntes de pensamento, para o desenvolvimento do movimento nos países que se valeram delas para desenvolverem suas lutas. Para a autora, a primeira questão seria um problema de análise da origem sobre a influência real desses países estrangeiros, e a segunda relacionado à importância que elas teriam de fato. A mesma autora, entendeu que os países da América Latina, precisam reconhecer que por maior ou menor proporção, debilidade ou juventude das suas democracias, as ideologias estrangeiras ajudaram a formar as ideias que passaram a surgir ao longo do tempo que influenciaram os fatores internos e externos da maneira com que ordenavam suas políticas econômicas, jurisdição e política. Em relação à maneira com que eram representadas as mulheres, a influência internacional contribuiu para o desenvolvimento desses movimentos políticos femininos com a experiência que traziam das suas próprias iniciativas e embates internos. Era frequente que muitas dessas concepções teóricas estrangeiras que contribuíram com a resiliência das mulheres e um chamamento para se organizarem e lutarem contra as mais variadas formas de violência, como a econômica, territorial, simbólica, moral e física. Dessa forma, a presença do feminismo internacional na

[32] Ouvi através da Sra. Swiggett, Secretária Executiva do Comitê Auxiliar Feminino dos Estados Unidos do Segundo Congresso Científico Pan-Americano, que você chegará à Conferência em Baltimore de 20 a 29 de abril. convenção em Kansas City, de 5 a 8 de abril. Se por acaso você achar que é possível vir, devemos dar-lhe as mais calorosas boas-vindas a essa convenção. Nossa associação de mulheres universitárias do mundo do qual você é membro da federação internacional de mulheres universitárias. Será um prazer receber alguém que desempenhou um papel como o seu no ensino superior feminino.

estruturação de ideias nos países latinos, surgiram como alternativas positivas, mesmo nas piores circunstâncias, porque essa apropriação de ideias estrangeiras, como no caso de Bertha Lutz e das instituições que liderou, não se deu de maneira ingênua, mas sim articulada às coincidências e dissidências dos locais e pelas pessoas que, ao tomarem essas ideias e buscaram colocá-las em prática, mostraram que esse foi um processo que envolveu trocas de experiências e não, necessariamente, uma importação ideológica sem problematização.

A Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, se constituiu no principal espaço que ela implementaria essas perspectivas estrangeiras de lutas, tendo sido criada logo após regressar da viagem aos Estados Unidos. Para Quadros (2018), a Federação foi o maior movimento feminino já organizado na história do Brasil. A estrutura da instituição era organizada em associações femininas nacionais e estaduais confederadas. Dentro da entidade estavam vinculadas outras organizações, como a União Universitária Feminina, União Profissional Feminina, União de Funcionárias Públicas, Sindicato de Datilógrafas e Associação de Enfermeiras Diplomadas. A FBPF tinha sede em vários locais espalhados por diversas regiões do Brasil, como Goiânia, Pernambuco, Sergipe, Distrito Federal, São Paulo, Paraíba, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Pará, Alagoas, Manaus, Bahia e Rio Grande do Norte.

Após ser fundada, em 09 de agosto de 1922, com sede na Rua do Matoso na Tijuca, Rio de Janeiro, a Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino trazia no seu estatuto os seguintes objetivos:

> a) Promover a educação e a instrução da mulher;
> b) proteger as mães e a infância;
> c) obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino;
> d) auxiliar as boas iniciativas da mulher e encaminhá-la na escolha de uma profissão;
> e) estimular o espírito de sociabilidade e cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público;
> f) assegurar à mulher os direitos políticos que a nossa constituição lhe confere e prepara-a para o exercício inteligente desses direitos;
> g) estreitar os laços de amizade com os demais países americanos a fim de garantir a manutenção perpétua da Paz e da Justiça entre eles e nas suas relações com os outros povos. (ESTATUTO, FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRES SO FEMININO, 1922 a, p.14).

O Estatuto da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino evidencia que o seu principal objetivo era promover a educação e a instrução da mulher, e sugere que a educação era a chave vista por Bertha Lutz para que se conseguisse difundir no Brasil a organização e a emancipação das mulheres. A educação permitiria que a mulher entendesse de maneira mais ampla o sentido da exclusão. Ela daria elementos, por meio dos debates, dos congressos e das viagens, contribuindo para tornar a pauta de algumas mulheres de elite intelectualizada, uma

pauta nacional. A FBPF, então, pode ser considerada um marco na trajetória de algumas importantes mulheres que participavam do debate político público, que entenderam a necessidade de se proteger e direcionar melhores caminhos para a forma com a qual a sua vida era pensada.

Figura 3: Bertha Lutz, a sexta da direita para a esquerda, seguida de seu Pai Adolpho Lutz e do Governador Juvenal Lamartine, junto de lideranças feministas em 1928.

Fonte: (AN/FBPF).

Na imagem acima, Bertha Lutz e outras lideranças ligadas à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, são recebidas no Rio Grande do Norte em 1928. A partir das articulações políticas que a entidade mantinha com esse e outros políticos, poderia ser compreendida como um partido político, mesmo que não oficial, com influências internacionais. Se for considerada a sua estrutura de organização, já que essa teve um estatuto com pautas políticas bem definidas e sede em vários lugares do Brasil, é possível apontar elementos que definem a entidade como tal. Além disso, por ter estado em interlocução constante com associações que dialogavam a partir dos mesmos aspectos na América Latina, conseguiu ser referência quanto a essa discussão no contexto internacional.

Essa postura específica que se refere ao processo de criação de instituições no geral, mas englobando especificamente a fundação da FBPF, levando em conta a sua influência política, se aproxima da atuação de um partido político, principalmente em torno da forma pela qual Bertha Lutz liderou a entidade, sempre articulando com políticos em prol de suas lutas. Partindo da perspectiva de Sartre (1994), quando abordou sobre o que seria o “fazer intelectual”.

Esse autor analisa que esse sujeito visto como “intelectual”, é aquele que se mete em algo que não é da sua conta, contesta um conjunto amplo de discursos elaborados como verdades e, a partir de então, a sua ação visa formar uma nova concepção global sobre os indivíduos e em torno da sociedade em que viviam. Esse indivíduo, um técnico dos saberes práticos desde a sua infância, diante das desigualdades humanas, toma parte dessa realidade e passa a intervir sobre ela. Esse especialista por meio do rigor das pesquisas e projetos que desenvolve, busca combater a ideologia dominante.

Todas as bases da estrutura do Estatuto da FBPF estiveram coadunadas a um importante projeto educacional que a presidente Bertha Lutz e a entidade criaram e passaram a difundir em conjunto com a criação dessa instituição. O projeto a que se aqui se faz referência diz respeito à implementação e ao ensino de Economia Doméstica Agrícola, que pode ser considerado o grande projeto nacional educacional implementado por Bertha Lutz para pensar em uma educação para as mulheres. Nessa entidade organizada que mantinha diálogo internacional, ela assumiu o lugar para conseguir pressionar os poderes estabelecidos a adotarem essas pautas. Contudo, a questão educacional não se limitou apenas a essa pauta específica, mas em garantir também o acesso à coeducação nas escolas, à garantia de que as mulheres pudessem ter acesso ao ensino superior e o estímulo à vinculação da mulher com a prática da ciência.

Outra nuance da trajetória da Bertha Lutz e que compõe o conjunto de justificativas que a levaram a representar o Brasil nas viagens como uma intelectual comprometida com a educação, foi o seu trabalho dentro do Museu Nacional. Esse foi um espaço de atuação, que por mais de 50 anos lhe permitiu contribuir significativamente para desenvolver a ciência no país e a forma como o Museu, poderia se tornar mais comprometido com uma pedagogia que pudesse facilitar a maior circulação do conhecimento científico à população.

2.2. Tentativa de implementar uma museologia educativa no Brasil

Em minha pesquisa realizada no antigo acervo SEMEAR-UFRJ, que continha todos os documentos referentes aos intelectuais do Museu Nacional, pude, anteriormente a sua destruição pelo fogo em 2018, levantar alguns documentos, que ajudam a pensar sobre Bertha Lutz. No antigo fundo Bertha Lutz, Série Museus, Subsérie visitas, pude localizar documentos que tratam das viagens feitas por Bertha Lutz aos Estados Unidos em três ocasiões: em 1922, a de 1925 e de 1932, quando foi agraciada por bolsa de estudos para aprofundar os seus estudos em museologia educativa. Desses documentos, há um destaque para o texto sobre o programa

de museus escolares, e um texto que tratava sobre como tornar o museu mais útil. [33] Não entrarei na discussão ampla desses documentos, mas posso afirmar, que eles demonstram que Bertha Lutz, antes mesmo da primeira viagem, já vinha articulando uma rede de diálogo com um conjunto de intelectuais que dirigiam essas instituições, ajudando a compreender a articulação por ela mantida com as instituições museais norte-americanas e a sua busca por um projeto educativo dos museus no Brasil.

Em sua primeira viagem aos Estados Unidos, no ano de 1922, além da já comentada ação para organização do feminismo ela também realizou trabalhos representando o Museu Nacional. O seu objetivo não se limitou apenas à visita dos museus, mas também em levar permutas da Comissão Rondon, feitas por Edgard Roquette-Pinto, em viagem ao norte do Brasil, em 1912. (VENÂNCIO JUNIOR, 2017).

Além dessa troca intelectual, também havia na instituição, uma tentativa de fazer circular nos Estados Unidos aquilo de mais importante que vinha produzindo. Assim, ela teve como uma de suas missões, enquanto representante do Museu Nacional, trocar espécimes com outras instituições e realizar visitas em lugares de interesse científico, como o Grand Canyon. Lá, por exemplo, colheu espécimes para a entidade. Em Ofício nº 256 de março de 1922, Bruno Lobo discorreu sobre os objetivos de Bertha Lutz nessa viagem que empreendeu para representar a instituição:

> De acordo com a solicitação do Professor Edgard Roquette-Pinto e a determinação do Sr. Ministro da Agricultura, fiscais incumbida da distribuição das duplicatas do material etnográfico oferecido pela Comissão Rondon e que se destina aos Museus Norte-Americanos". Além disso, roga {va-lhe} aceitar a incumbência de estudar os meios de intensificar as permutas de material e estreitamento de relações científicas entre o Museu Nacional e os Museus norte-americanos, a organização de ambos, os processos administrativos e sua aplicação ao nosso país, com especial referência à divulgação dos conhecimentos de História Natural e ao papel didático no ensino dos diferentes ramos da mesma (OFÍCIO N° 256 DE BRUNO LOBO, MARÇO DE 1922[34]).

Pode-se ver que o então renomado médico e antropólogo com atuação importante dentro do Museu Nacional, Edgard Roquette-Pinto, mandou por meio de Bertha Lutz, quatro listas de duplicatas de materiais etnográficos. Nessas coleções estavam contidos arcos e adornos de índios entre outros materiais da tribo de Nambikuaras, que foram localizados na já aqui

[33] Ambos os textos localizados em: Documentos sobre a School Museum Program em Br. MN. BL. Ø Mus 5/7 Should Museums be useful? Em Br. MN. BL. Ø Mus 1/5, respectivamente.
[34] Fonte: FBPF/AN. CX 11. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Museu Nacional do Rio de Janeiro. Nº 256 [Diretoria]: Bruno Lobo a Bertha Lutz (março de 1922).

referenciada Comissão Rondon de 1912[35].

Bertha Lutz recebeu uma sugestão de itinerário de viagem, que cobriram dos dias 24 de maio a 5 de junho de 1922, pela Associação Americana de Museus, no qual são indicados os espaços mais importantes para serem visitados nos Estados Unidos dando um direcionamento para que pudesse conhecer o que de melhor estava acontecendo e sendo produzido sobre a museologia educacional naquele país. Esse documento foi elaborado pelo presidente da Associação Americana de Museus, também autor do livro *Manual for small museuns*, Laurence V. Coleman trata de perspectivas de museologia e modernidade, constando também na documentação do SEMEAR. Qual era o objetivo então, de estudar museologia educativa nessa viagem?

> A primeira viagem dedicada a museus foi realizada em 1922, entre os meses de março e abril, ainda não completados dois anos de seu ingresso no Museu Nacional (4/9/19). Comissionada pelo então ministro da Agricultura, Indústria e Comércio Ildefonso Simões Lopes, para estudar os principais cursos e estabelecimentos de ensino e trabalhos manuais e economia doméstica, nos diferentes níveis, do elementar ao praticado nas universidades, com especial atenção para as escolas primárias rurais, foi também incumbida de observar o funcionamento dos museus, métodos de preparo e organização de mostruários e de divulgação do ensino de história natural. Da viagem de 1922, resultaram vários textos relacionados ao ensino doméstico na agricultura e ao ensino doméstico feminino, que podem ser localizados no Arquivo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, custodiado pelo Arquivo Nacional (MIRANDA, SANTOS, ESTEVÃO, FONSECA, 2008, p.15).

O texto aponta para algumas questões importantes sobre a maneira pela qual foi organizada a primeira viagem. Primeiramente, que o grande objetivo dela era conhecer modelos de economia doméstica, mas junto a eles também os da museologia e as discussões sobre o feminismo internacional. Assim, na semana iniciada em 17 de abril, o documento traz a informação "Washigton and Philadelphia"[36] e trata-se da possibilidade de Bertha Lutz visitar o primeiro trabalho educacional que estava ocorrendo no Museu Comercial da Philadelphia. Também é proposto que ela visite o Museu de Artes da Pensilvânia, que realizava um trabalho educacional também próprio. Na semana de 24 de abril, chamado "Reading St. Louis" foi convidada para visitar 14 museus que tinham a parte pedagógica, segundo o mesmo documento. A partir de então, entre os dias 1 de maio até 5 de junho, a intelectual é convidada para conhecer a função educativa dos museus nas cidades de Nova York, Trenton, New Haven, Boston, Buffalo, Cleveland, Chicago. Desses aparecem como destaque os Museus de História Natural, pelo fato deles serem o foco também nos Estado Unidos, da função educativa. Era comum, nas

[35]Fonte: FBPF/AN.CX11. "Relação dos artefatos entregues a D. Bertha Lutz, com destino a América do Norte, conforme ordem do Snr. Diretor".
[36] Localizado em: BR_RJANRIO_QO_BLZ_APR_CMG_003_d0001de0001, com o título de Inerary Suggest to Miss Lutz.

discussões acadêmicas sobre os museus, apontar para uma constante dificuldade para ensinar ciências para um público mais leigo. Os lugares que ela visitou permitiram iniciar um diálogo que duraria até 1932, com frequente ida e volta aos Estados Unidos para estudar os museus, projetando Bertha Lutz como uma importante referência acadêmica da área.

O documento "Itinerários da visita de Bertha Lutz a museus norte-americanos", incluiu os horários dos trens e a ficha técnica da American Association of Museums, que trouxe os locais que ela visitou, em 1922, quando foi aos Estados Unidos conhecer museus pela primeira vez. Organizado por Laurence V. Coleman, Diretor da Associação Americana de Museus, esse itinerário engloba as visitas que ocorrem no período dos dois meses que Bertha Lutz esteve naquele país e como se deram as suas visitas. Das principais se destacam a visita aos museus em Boston, Nova York e Buffalo, com o objetivo de aprender as metodologias que lá circulavam e tinham ênfase em tornar esses espaços lugares de atuação com viés educativo. Essas visitas deram elementos cruciais para a formulação da sua própria proposta de museologia educativa. Ao voltar dos Estados Unidos, em carta encaminhada em 14 de agosto de 1922, a Bruno Lobo, Diretor do Museu, Lutz refletiu sobre a experiência nos Estados Unidos, em relação às solicitações do Museu Nacional:

> 14 de agosto de 1922
> Snr. Diretor
> De volta dos Estados Unidos, tenho a honra de comunicar-vos que trouxe em permuta pelas coleções de cuja distribuição que encarregou essa Diretoria quatro coleções de objetos etnográficos enviados pelos seguintes Museus:
> 1º Museum of the American Indian Heiye Foundation
> 2º American Museum of Natural History
> 3º U.S. Nation Museum.
> 4º Field Museum of Natural History de Chicago
> O material foi escolhido pelos diferentes Museus acima aludidos de forma que no conjunto das quatro coleções fosse representado o maior número de tribos e que houvesse o menor número de duplicatas. O material do Museu de Chicago, refere-se às ilhas Filipinas, já que outros se encarregaram do material norte-americano. A este anexo remeto-vos uma carta do Sr. Consul do Brasil em Nova York no Sr. Inspector da Alfandega, referente às coleções acima referidas, bem como as relações dos objetos incluídos nas mesmas e a fatura consular. Quanto as coleções de Culicideos enviadas pelo Museu Nacional, cumpre-me comunicar-vos que, infelizmente chegaram à maioria dos tubos em estado que excluía a possibilidade de permuta, conforme poderás verificar pelos espécimes juntos, o que talvez foi devido no acondicionamento dos mesmos. Só me foi possível fazer entrega de alguns tubos, os quais enviei á Rockfeller Foundation em New York. Outrossim, comunico-vos que a fim de cumprir do melhor modo no meu alcance, a honrosa incumbência que me foi dada por essa Diretoria de visitar museus de História Natural, principalmente sob o ponto de vista didático, visitei numerosos Museus nos Estados Unidos e vos apresentarei dentro de alguns dias um breve relatório sobre o assunto. Valendo-me do ensejo apresento protestos de elevado apreço e mui distinta consideração. Saúde e Fraternidade
> Bertha Lutz. Secretário (CARTA DE BERTHA LUTZ, 14 DE AGOSTO DE 1922).

A carta relatando o que foi conhecido nos museus como consequência dessa primeira viagem, mostra que o principal objetivo dela foi estabelecer arcabouços teóricos para conhecimento dos modelos norte-americanos que pudessem facilitar o ensino de História Natural no Brasil, em um processo mais didático. Todavia, se for feita a análise do que se observou quanto ao que se levou do Museu Nacional, é possível afirmar que essa troca intelectual e a formação de redes de sociabilidade entre instituições que foram possibilitadas a partir delas, fazem de Bertha Lutz um sujeito chave, na projeção científica e educativa da instituição.

Essa noção é importante aqui, pois Bertha Lutz, tanto quando viajou aos Estados Unidos em 1922, quanto para a Bélgica em 1923, estava representando o Brasil em congressos feministas e foi a partir dessa oportunidade, que se deslocou para estudar experiências que pudessem contribuir para desenvolver a educação no país. Aqui no caso a função educativa dos museus e modelos de Economia Doméstica Agrícola.

Seguidamente, outro documento importante observado de 1922 para problematizar a sua inclinação para conhecer e desenvolver projetos que envolvessem museologia e educação, a partir dessa primeira viagem, poder ser encontrado no acervo de Bertha Lutz no Arquivo SEMEAR do Museu Nacional. Nomeado de “American Primitivies”, traz uma análise, sobre como os museus americanos se relacionavam com as escolas e ao estabelecer esse vínculo, buscavam constituir uma articulação constante com os profissionais para educar. O objetivo era de permitir que essas escolas, tornassem o ensino de ciências naturais mais palatável, demonstrando que essa não foi uma necessidade apenas do Brasil e justificaria o porquê daquele país ser referência para esse tipo de discussão. A autora Louise Connoly, era conselheira educacional do Museu de Nova York e referência, na reflexão acerca dos museus como grandes fomentadores de conhecimento científico nas escolas. O documento também informa que o Museu de St. Louis, por exemplo, ajudava as escolas públicas oferecendo um serviço educacional específico para o ensino de ciências naturais em cada uma dessas instituições. Era comum que elas, solicitassem aos museus, materiais científicos na condição de empréstimo, para ajudar no processo de ensino e aprendizagem que era realizado nas entidades de ensino americanas, sendo esses comprometidos com a perspectiva do aprender fazendo. Assim, os espécimes eram levados e ficavam por um período na escola, depois retornavam ao museu em que o material havia sido solicitado. Esse Museu, também produziria material didático específico, levando em conta a necessidade da instituição de ensino para facilitar a educação

dos estudantes da realidade rural, algo que Bertha Lutz procurou introduzir quando regressou ao Brasil.

Como aponta Sousa (2009), ao retornar ao Museu, ela produziu escritos para compor o Relatório da diretoria do Museu, publicado e editado no mesmo ano por Bruno Lobo. Bertha Lutz, nessa primeira viagem, pôde observar a maneira com que as instituições americanas organizavam a função educativa dos museus e ver na prática aquilo que já vinha dialogando pela troca de cartas e recebimento de materiais dessas instituições norte-americanas já a partir de 1919. As análises feitas nessa viagem, contidas no relatório de 1922 do Museu Nacional, traziam a essência daquilo que seria a base para a formulação de todo um pensamento de divulgação científica que buscava viabilizar práticas de sucesso de museologia educativa com cunho social no Brasil. A influência americana se fez presente na maneira com que os museus pensaram o diálogo com as pessoas, professores e escolas tornando- pioneira nesses estudos já nesse período.

Segundo Sousa (2009), os museus deveriam organizar as exposições de maneira pedagógica e informativa, visando usar, de todas as formas, a educação das massas. Assim, deveriam fazer uma movimentação para manter dentro dos museus quadros técnicos aqueles que fossem formados especificamente para essa ação para que pudessem ajudar na compreensão das exposições que lá estivessem de maneira mais facilitada, ou por intermédio do uso de outras técnicas, como folhetos, projetores e excursões. Bertha Lutz ainda retornou aos Estados Unidos em 1925 e nessa ocasião, novamente aprofundou os estudos sobre práticas modernas de tornar esses lugares em espaços de educação. Dessa vez o objetivo era buscar novos métodos para o ensino de História Natural:

> Aproveitei o ensejo para continuar as investigações acerca de métodos mais recentes de preparo de material para mostruários e organização dos mesmos, bem como sobre os métodos de divulgação do ensino de História Natural pelos museus americanos, notadamente entre a população escolar, de acordo com a incumbência que me fora dada pela ocasião da primeira viagem [...] (LUTZ, 1925, p. iv apud SOUSA,2009 p.78).

A prática de observar as exposições permitiu, para aqueles que lhes faltassem um conhecimento formal mais aprofundado, a produção de um saber ainda assim significativo. Todavia, isso só faria sentido se houvesse técnicos formados para facilitar essa transição entre aquilo que era visto e a capacidade de formar uma reflexão sobre o que era exposto dentro dos museus. A educação pelos sentidos, era o que continha elementos vistos pela modernidade dos estudos sobre museologia, que poderiam desenvolver a função educativa de museus nos Estados Unidos. O olhar por exemplo, para exemplificar uma dessas amplas possibilidades, produziria

um significado subjetivo e instantâneo no sujeito sobre o que estava sendo exposto. A partir daí já seria possível para ele, uma construção de sentido sobre aquilo que estivesse vendo. Dessa maneira um técnico que levasse esse sujeito a uma reflexão mais ampla a partir da apresentação de ferramentas que fossem mediatizadas por uma linguagem mais acessível, poderia encontrar êxito no processo formativo, segundo os modelos apropriados que essa museologia internacional defendida, aqui divulgada por Bertha Lutz (VENÂNCIO JUNIOR 2017). Sobre essa segunda viagem de volta aos Estados Unidos, em 1925, para tratar de museologia educativa, já surge como uma continuidade desse projeto de o estudo de novas metodologias para essas instituições. Bertha Lutz se formou intelectualmente por meio do contato que foi construindo com essas instituições museais. Alguns elementos importantes ajudam a tecer considerações sobre o tema:

> O registro do conhecimento acumulado por Bertha com relação aos museus é mais evidente após o retorno de sua segunda viagem aos Estados Unidos, realizada em 1925, igualmente entre março e abril, comissionada com este fim pelo ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, Miguel Calmon du Pin e Almeida. A cada viagem ampliava-se os objetivos, somando-se as expectativas do ministro e da direção do Museu, otimizando-se assim, o investimento do Governo no interlocutor do Museu, assim, o investimento do Governo no interlocutor escolhido, considerada a sua capacidade de trabalho, de análise e apreensão das informações. Nesse ano, Bertha, que tinha o cargo de secretário do Museu Nacional, já vinha atuando oficialmente na área de Botânica na instituição assim, teve acrescido da sua missão nos Estados Unidos o estudo de árvores "fruteiras" das regiões tropicais e subtropicais, especialmente aquelas cultivadas no Brasil, estudo de genética e seleção de vegetais, intercâmbio e permuta de espécimes da flora e materiais etnográficos, organização de hortos botânicos, preparo e organização de mostruários para museus de história natural, métodos e processos técnicos empregados na taxidermia, métodos de divulgação do ensino de história natural entre a população escolar, do conhecimento agrícola e de economia doméstica, feitura de dioramas e organização de museus voltados para crianças. (MIRANDA, SANTOS, ESTEVÃO, FONSECA, 2008, p.15-16).

Ainda que eu não tenha no levantamento de fontes encontrado registros dessa segunda viagem disponíveis para a consulta, essa informação é relevante porque revela que as designações feitas para que Bertha Lutz fosse aos Estados Unidos eram uma mescla dos interesses do museu com os interesses do próprio Ministério da Agricultura.

Bertha Lutz e seu pai Adolpho Lutz, durante esse processo que se refere à entrada dela no Museu e as viagens, foram nomeados membros correspondentes da Associação Americana de Museus, em 1923, como já citado, e de 1927 a 1932. Ser membro correspondente da Associação Americana de Museus, foi o que culminou no fato de Bertha Lutz receber diversos materiais didáticos, como livros teóricos para pensar a função educativa de museus. De acordo com a análise de Almeida (2013), os estudos de Bertha Lutz realizados em suas viagens na década de 1920 e 1930 aos Estados Unidos para pensar a educação em museus, estruturaram

toda a museologia moderna no Brasil influenciando de algum modo como os museus elaboram suas exposições, dando grande ênfase à função educativa. De toda a forma, ainda esse autor, observou que não foram dados a ela os devidos créditos por essa tamanha contribuição.

Essa inclinação intelectual de Bertha Lutz se aproxima em muito do que foi observado por Pécault (1990) e aprofundada por Micelli (2001), quando se falou sobre a forma pela qual o pensamento dos intelectuais brasileiros da década de 1920, era pautada no intuito de organizar a nação. Para a consolidação desse objetivo, esses intelectuais se articulavam para tomar para si como missão o compromisso de pensar caminhos para modernizar o país. Essas possibilidades em muito, vinham das experiências acumuladas por ideologias e pensamentos internacionais que, no caso dessa intelectual, derivam em grande parte das viagens que eram realizadas ao exterior. Bertha Lutz tomou para si o papel de contribuir para a organização da nação, em interlocução com os anseios das pautas que eram apontadas por sua militância feminista, também marcada pela discussão internacional. A sua trajetória como intelectual, como a de alguns de seus contemporâneos, esteve alinhada com uma percepção de transformação coletiva. Desse modo, pode-se afirmar, que ainda que seus projetos e ações fossem de cunho individual, realizados dentro das instituições às quais esteve vinculada, o pensamento dela se coaduna com uma geração de intelectuais que se empenharam na busca por mudanças.

Adolpho Lutz então, foi convidado em 1927 para palestrar no Congresso de Filosofia nos Estados Unidos, organizado pela Carnagie Corporation, Endowement for Internacional Peace. Nessa ocasião, Bertha Lutz esteve presente acompanhando seu pai. Essa viagem foi crucial, pois foi, a partir dela, que voltaria, em 1931, a convite da mesma entidade, juntamente com a Associação Americana de Museus e União Panamericana, que lhe concedeu bolsa de estudos para regressar aos Estados Unidos mais uma vez. Agora, no entanto, com um objetivo mais elaborado, em relação aos já feitos até aquele momento. O objetivo dessa bolsa foi o de permitir a ela a possibilidade de visitar cinquenta e oito instituições, dentre as quais departamentos e associações que fossem vinculados a museus, que ela não relata em totalidade em seus relatórios. Ela teria como meta, aprofundar suas percepções sobre a função educativa dos Museus dos Estados Unidos, visto então que já era uma especialista renomada mundialmente nas discussões que envolviam essa temática em ascensão. O itinerário dessa nova visita por todo aquele país, foi novamente organizado por Laurence V. Coleman, e ocorreu entre maio e julho de 1932, como outro desdobramento em torno da pauta da museologia educativa, que surgiu como desdobramento da viagem de 1922.

Dessa nova viagem de estudos resultou um relatório: “A Função Educativa dos Museus Americanos”, redigido no mesmo ano, mas que encaminhou a Roquette-Pinto em 1933. Ela dividiu o conteúdo do seu Relatório em 2 partes. A primeira que chamou “A Evolução do Museu” que agregou o primeiro capítulo. Nessa parte foi feita uma reflexão histórica de como os museus passaram da transição de instituições clássicas para modernas. Para Bertha Lutz, a definição do museu moderno era aquela que estabelece o compromisso de educar e servir à população, como um espaço de divulgação de pesquisas científicas:

> Concorrendo com outras instituições sociais, educativas e mesmo recreativas, o museu moderno tem sido levado pelos orientadores mais radicais a adotar vários modos de interessar o público, de ampliar a sua esfera de ação e de contribuir eficazmente para a educação do povo. Tem sido um processo de democratização, em que o museu sacrifica a sua atitude majestosa de isolamento aristocrático para se colocar ao alcance da plebe (LUTZ, 2008, p.36).

A segunda parte do documento chamada de “O Museu Atual”, traz os capítulos do 2 ao 5 e as considerações finais da cientista. Nesses quatro capítulos, Bertha Lutz pensou novas formas de transformação dos museus desde sua parte física, para torná-los totalmente comprometidos com a educação. Deveriam ser levados em conta nesse novo processo de modernização a sua localização, arquitetura, instalações e capacidade que poderiam ter para elaborar propagandas que pudessem atrair novos visitantes, principalmente os menos instruídos. Também foi discutido, quais seriam as melhores metodologias educativas adotadas nos museus americanos, para ajudar o Brasil a avançar pelo mesmo caminho. A educação pelos sentidos retornou aqui com força, agora com o foco mais específico para a educação visual, com a tentativa de procurar novos métodos dinâmicos e complementares para viabilizar essa prática pedagógica. Com tais preocupações ela buscou dar maiores ênfases ao que observou, nas visitas como abordou em seu relatório.

No relatório Bertha Lutz elabora partes de como essa nova museologia foi se instituindo mundialmente, destacando, ao mesmo tempo, como usaria desses novos modelos para implementar na realidade brasileira:

> O conceito de Museu está em plena evolução. A evolução opera no sentido da educação do povo, e da democratização da sociedade. O museu reconhece hoje o duplo objetivo de ampliador dos conhecimentos humanos e de órgão de evolução museológica. Vários fatores têm influído na evolução dos museus; alguns econômicos, outros científicos, outros sociais. Por um lado, é mais fácil obter subvenções para museus que desenvolvem programas de educação do povo, por outro, acentuasse a tendência de atingir a retribuição, sob forma de serviços culturais populares... Estudos importantes vêm sendo realizados a fim de estabelecer quais os métodos educativos mais pródigos têm resultados. O elemento subjetivo (o visitante) vem sendo estudo pela primeira vez (LUTZ, 1933, p.20).

Assim, marcou presença nessa discussão internacional, ao se associar aos que entendiam que esse foi o período em que, pela primeira vez, o estudo da museologia estava levando em conta o papel do visitante e não apenas do cientista, e se preocupando em como ele poderia ser influenciado pelo que estava sendo produzido por determinada instituição que se propusesse a visitar. É então, a ação dos museus saindo de dentro de si para pensar de fora para dentro, influenciando, a partir de então, toda a forma com que pensariam os seus projetos e exposições. Para que isso ocorresse, seria importante a preparação de toda uma estrutura que juntasse o pensamento teórico e a prática sobre cada aspecto da realidade dos museus, para alcançarem algum êxito. (VENÂNCIO JUNIOR, 2017; SOUSA, 2009; SILY 2012).

A educação pelo olhar, então surge como algo crucial, pois ela poderia transformar o museu em um instrumento de cultura e educação. Se levar em conta a realidade na qual o país estava inserido em que poucos tinham acesso às escolas e não existiam tantas universidades, parece ter sido essa uma postura assertiva. Essa percepção, na qual Bertha Lutz se associou, era proveniente do conceito de "The New Museum Ideia", instituída por William Flower, diretor do Departamento de História do Museu Britânico em 1898. Segundo Lopes e Muriello (2005), ele dedicou parte da sua trajetória e escritos, para pensar como as exposições deveriam se nortear por esse pensamento voltado para a educação. Esse foi sintetizado no Museums Associations e influenciou toda a museologia norte-americana. O texto chamado "The New Museum Idea", no qual Bertha Lutz foi pioneira da circulação dessas ideias no Brasil, salientou a ideia de que a educação visual, permitiria que houvesse maior difusão do conhecimento científico nas exposições pois elas, contribuiriam para a formação do povo. Ao mesmo tempo, ele não deixaria de ser um espaço em que se faria circular o conhecimento da ciência, sendo necessário ter o compromisso de garantir estrutura para que cientistas experientes elaborassem novos projetos de modo a avançar a ciência e propiciar a troca por meio dos espécimes que buscavam obter ao redor do mundo.

O papel da mulher nos museus não lhe passou desapercebido, já que nunca deixou de mesclar suas ações como cientista, feminista e educadora. A seu ver era necessário incluir as mulheres aos processos modernos e garantir a elas melhores oportunidades de emancipação. Assim, pode-se supor que, tanto como líder dos museus, importante para ser a ponte entre conhecimento científico e conhecimento pedagógico, a contribuição que poderia dar às mulheres não podia ser descartada. Para ela, essas tinham a sensibilidade necessária para trabalhar nessa área (VENÂNCIO JUNIOR, 2017).

O trabalho de Bertha Lutz apontou a mulher como personagem chave na construção dessa modernidade museológica preocupada com a educação. Primeiramente, no Relatório ela chama atenção ao fato dessas ocuparem diversos cargos, inclusive de liderança nos Estados Unidos, o que era pouco comum no Brasil. Ainda que ela fosse uma das que quebraram essa barreira e se destacasse, com inserção real no debate, do Museu Nacional, em 1932 ainda ocupava a função de secretária. Beatriz Winser, por exemplo, que era diretora do Museu Americano de Nova York, um dos principais museus de História Natural do mundo, chamava atenção de Bertha Lutz, e fortalecia nela esse pensamento da real contribuição que as mulheres poderiam dar à museologia se esse modelo de assumir lugares de liderança, também fosse colocado em prática na realidade brasileira. O fato de o museu na sua gestão só conter um homem no quadro de funcionários que no período quem ela fez a visita, o porteiro, foi algo que a impressionou de maneira significativa. As mulheres faziam inclusive os trabalhos pesados, como relatou em seus escritos ao retornar ao Brasil.

> O Museu de Newark, ao qual já tive o ensejo de aludir repetidas vezes, também é interessante do ponto de vista da mulher. Quem o dirige é a sra. Beatriz Winser que acumula este cargo com o de diretora-geral de todas as bibliotecas da cidade. É uma personalidade vivaz e dinâmica. Quem coadjuva também são mulheres. O museu tem grade de funcionários entre os quais um só é homem, o porteiro. Mas o trabalho pesado, quem faz? Perguntei admirada. Elas mesmas, ou, antes, a máquina que inventaram para esse fim. Possuem dois aparelhos que operam sobre o mesmo princípio que o chamado macaco de automóveis. Um destina-se aos mostruários horizontais, outros aos verticais, mas é fato que sublevam e transportam qualquer mostruário, mesmo o mais pesado. Posso afiançá-lo sob palavra, porque eu mesma o experimentei e transportei um mostruário grande, de um lado para o outro, com a mesma facilidade com que se empurra um carrinho de criança. (LUTZ, 2008, p.77).

De acordo com Pereira (2010), a outra importância que é dada a mulher no relatório, estava sustentada na ideia de que, nos Estados Unidos, essas eram formadas como instrutoras e professoras para atuarem nos museus. As instituições museais forneciam auxílio científico às faculdades, escolas primárias e secundárias, o que passou exigir formação técnica especializada, de modo que pudesse atuar como mediadora entre o conhecimento científico e a produção do museu. O Estado de Nova York, por exemplo, concedia aumento salarial às professoras que buscassem essa formação na forma de uma especialização, mostrando que esse foi um investimento também governamental:

> Um dos aspectos da atividade dos museus americanos que mais me interessou foi verificar como é grande o número de mulheres que nele exercem atividade, desempenhando diversos misteres, desde os mais humildes até os mais exaltados, desde aqueles que não dependem senão da assiduidade e noção de dever até aqueles que exigem elevado grau de cultura e preparo técnico superior. (LUTZ, 1932, p.14).

Assim, o protagonismo dado a mulher, para que essa pudesse exercer funções de liderança científica dentro dos museus, mostram um avanço norte-americano quanto à democratização do acesso feminino e, ao mesmo tempo, um atraso dos outros países, principalmente os latino-americanos que ainda tinham que lidar com poucas mulheres não tendo direito de exercer qualquer tipo de trabalho formal. Os museus americanos, ainda, defendiam que a mulher, como instrutora dentro do museu ou atuando como professora dentro das escolas, seriam estratégicas, pela sua sensibilidade feminina, em garantir que o conhecimento neles produzidos pudesse ser disponibilizado para grande parte da população. Ou seja, a mulher seria de suma importância para qualquer projeto que envolvesse a função educativa dos museus. Até porque os naturalistas e cientistas, nas palavras de Bertha Lutz, não tinham didática para passar de forma mais simples o conhecimento científico para os leigos. "Embora possa parecer suspeito o que vou dizer, verifiquei que, em regra geral, as mulheres revelam aptidões superiores para esse gênero de trabalho" (LUTZ, 2008, p.80). E continua:

> O serviço de docentes é importantíssimo, porque nada justifica que, em instituições de arte, ou de ciência, as únicas pessoas que se acham à disposição do público, para fornecer-lhes explicações, sejam os guardas do estabelecimento ou os cicerones profissionais, que não podem evidentemente ser especialistas na matéria e que, geralmente, dão explicações duvidosas (LUTZ, 2008, p.80)

Bertha Lutz defendeu que era importante haver docentes, geralmente professoras, que pudessem estar dentro do Museu para ensinar aquelas pessoas leigas, porque os seguranças, não tinham conhecimento técnico para garantir conhecimento da experiência. E por que não os cientistas da entidade? Quanto a isso, observou:

> [...] obrigar o cientista a ministrar ele mesmo as aulas, é desviá-lo das suas atividades legítimas e incorrer ao mesmo tempo nos perigos de tornar as palestras por demais técnicas sem serem acessíveis e aproveitáveis para o leigo, que não voltará ao museu, se este não conseguir distraí-lo e interessá-lo. De acordo com a sua índole essencialmente prática, lembra; então os museólogos americanos o aproveitamento de pessoas com aptidões pedagógicas especiais e o seu treino para especialização em assuntos relacionados ao museu (LUTZ, 2008, p.74).

Aqui ela entendeu que o grande programa de ter o cientista como aquele que hipoteticamente viesse a ensinar o visitante, poderia se tornar um perigo, pois ele não teria a didática necessária para ensinar o conhecimento científico complexo de maneira mais hábil para pessoas, com pouco ou nenhum conhecimento sobre determinado tema. Tinha uma perspectiva moderna e se propunha e democratizar o espaço museológico para todos, de maneira a gerar interesse pelo conteúdo ali apreendido e, inclusive, o retorno. Dessa forma, para Bertha Lutz, a partir das observações que foram feitas nos Estados Unidos, compreendeu que o melhor seria, ter uma mediação, feita pelas professoras:

> E agora, já que estamos falando na colaboração entre o museu e o magistério, parece-me oportuno o momento para repetir aqui que qualquer trabalho empreendido pelo museu junto às escolas deverá ter, como ponto de partida, a colocação, pela Diretoria da Instrução Pública, de professoras à disposição dos museus, a fim de serem encarregadas da realização prática dos serviços educativos junto ao público, principalmente junto à população escolar. As vantagens são recíprocas, permitindo maior eficiência pedagógica no programa educacional museógrafo e dando ao museu o ensejo de servir à educação popular, sem sacrífico dos seus serviços técnicos e de seu pessoal científico, aliás, muitas vezes pouco apto a fornecer explicações simples aos leigos. (LUTZ, 2008, p.69).

Essa colaboração deveria ser mediada pela Diretoria de Instrução Pública, que pudesse colocar um grupo de professoras à disposição dos museus, para fazer este trabalho, de dar mais eficiência pedagógica para essas entidades, no que se referia à capacidade de educar as massas, à luz do que observou nos Estados Unidos nessa viagem de 1932, e relatou no ano seguinte.

Quando regressou ao Brasil dessa viagem de 1932, foi recebida por diversas instituições que, em muitos dos casos, ela mesma ajudou a fundar. Entre elas, a Associação Pró-Matre, a Associação Cristã Feminina, o Clube Fraternidade, a União dos Empregados do Commercio, a União Universitária Feminina, a Secção Feminina do Externato Pedro II, o Círculo das Doze da Sociedade de Estudos Supermentalistas, o Brasil Feminino, o Retiro dos Artistas, a Liga da Defesa contra Lepra, a Casa do Estudante do Brasil e a Escola Automobilística Feminina. Todas essas entidades enviaram representantes para recebê-la. De todas essas homenagens, a que mais chamou a atenção, foi a feita pelo então diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro, Anísio Teixeira. De acordo com reportagem de *O Globo* de 19 de julho de 1932.

> Chegará a esta capital no próximo dia 22 de julho, pelo vapor "American Legion", a Dra. Bertha Lutz. A Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino prepara-lhe uma manifestação a que já aderiram individualmente inúmeras pessoas e admiradoras da "líder" do feminismo nacional. O diretor da Instrução Pública, Dr. Anísio Teixeira, aderindo pessoalmente a homenagem expediu uma circular as diretorias das escolas públicas, convidando-as a receberem a "educadora, Dra. Bertha Lutz" (*O GLOBO*, 19 de julho de 1932).

Os motivos que levaram Bertha Lutz a acumular tamanho prestígio são inúmeros, no entanto, a viagem de 1932, configurou-se como a consolidação do trabalho educativo que vinha desenvolvendo no Museu Nacional, em torno de práticas educativas e melhores formas didáticas de promover uma facilitação do ensino de ciências, então observado como muito complexo. A pedido de Roquette-Pinto, Bertha Lutz escreveu um Relatório sobre o que foi observado, visando contribuir para o desenvolvimento das ações educativas do Museu Nacional, no qual discutiu a metodologia adotada nos museus americanos, e como essa educação pelos sentidos, poderia ser pensada no Brasil. Isto envolveria a criação de métodos dinâmicos e complementares para viabilizar essa educação de fato. Esse pedido se deu porque,

já em 1926, ao assumir a Diretoria do Museu Nacional, a 5ª Secção de Auxílio ao Ensino de História Natural estava desenvolvendo ações alinhadas ao que vinha sendo feito nos Estados Unidos, das quais Bertha Lutz já tinha produzido conhecimento nos anos anteriores.

Após voltar dos Estados Unidos, segundo Benchimol e Sá (2003), Bertha Lutz tentou criar um museu com as características que foram observadas nesse país, na cidade do Rio de Janeiro, na época sendo o Distrito Federal. A proposta que compôs seria chamada Museu Adolpho Lutz, em homenagem à memória de seu pai após a sua morte. Em carta a Mr. Aston, escrita em Petrópolis e localizada no Fundo Bertha Lutz do SEMAR do Museu Nacional, ela se pronunciou:

> A morte de papai foi um golpe terrível para mim. Fiquei tão atordoada que até hoje há brancos e lacunas em minha memória e pensamento consciente. A coisa toda ainda está impregnada de um sentimento de irrealidade. Por um longo tempo, e ainda agora, sinto-me, a intervalos, como um fantasma entre os seres humanos que me rodeiam. Somente a natureza e os interesses que tínhamos em comum faziam-me viver. Com frequência, desejava que esta lúgubre guerra terminasse e que pudéssemos partir numa longa viagem para coletar nas regiões mais selvagens do Brasil. (LUTZ, apud BENCHIMOL; SÁ, 2003, p.208,209).

De acordo com Benchimol e Sá (2003), após a morte de seu pai, Bertha Lutz começou a entrar em contato com vários interlocutores, tais como Arthur Loveridge, do Museu Comparativo de Zoologia Americano, Perry Burgues do Havard College, Leonard Wood Memorial, da Fundação Americana de Leprosos, Freed L. Soper da Fundação Rockfeller e Flavio da Fonseca do Instituto Butantan, buscando organizar arquivos, cartas e produções do seu pai, com o objetivo de ajudar a catalogar toda a produção e correspondência científica dele. A relação de ambos além de familiar, era política e científica. Ela se dedicou a manter vivo o legado do importante microbiologista que foi o seu pai. Nesse mesmo período, durante a gestão de Henrique Toledo Dodwoeth Filho, na Prefeitura do Distrito Federal, Bertha Lutz buscou medidas de tornar o pretenso Museu Adolpho Lutz realidade. Ainda, segundo os autores, em outubro de 1940, junto com o interventor que viabilizou o que viria a ser o terreno para o empreendimento no Parque da Cidade, como um possível espaço para funcionamento do Museu de História Natural, em homenagem a Adolpho Lutz, visitou o local e a partir daí começou a articular formas de viabilizar na prática a criação dessa nova entidade museal. Ela organizou suas diretrizes e chegou a planejar uma suposta inauguração do referido museu para 18 de dezembro de 1940, data de aniversário de vida seu pai. Em carta escreveu tratando do assunto.

> Os museus modernos não são meros depósitos de espécimes, mas sim estabelecimentos dinâmicos onde se procede a estudos científicos sobre problemas práticos relacionados com a vida humana e onde se proporciona conhecimentos úteis ao leigo por métodos visuais amenos. O Rio é dotado de uma formosura e riquezas naturais extraordinárias. Melhor do que qualquer outra cidade do mundo se presta à

> organização e manutenção de um museu da natureza. Este não seria apenas ornamental, mas útil, tanto do ponto de vista da proteção dessa natureza, necessária ao regime das chuvas, clima etc., do ponto de vista sanitário, pelo estudo da biologia das numerosas espécies hematófagas e parasitárias que transmitem doenças e que só podem ser exterminadas depois de bem conhecidos os seus modos de vida normal; assim no aproveitamento de beleza natural para estímulo ao turismo... Dar ao museu o nome do saudoso cientista Adolpho Lutz seria justo, pois além de ter ele conquistado renome universal, é o único carioca dos grandes nomes da medicina e zoologia nacionais, e foi quem começou o estudo sistemático da natureza carioca do ponto de vista médico e zoológico e, portanto, de suas relações com a vida humana (CARTA DE BERTHA LUTZ, 18 DE DEZEMBRO DE 1940 apud BENCHIMOL; SÁ, 2003, p.213).

A proposta que foi apresentada por ela, segundo Benchimol e Sá (2003) incluía antigos funcionários e colaboradores de Adolpho Lutz no trabalho desse museu. Bertha Lutz contou com a ajuda do arquiteto norte americano Philip Newell Youtz, interlocutor dela no período que escreveu o Relatório de viagens para museus em 1932, quando ele naquele período foi diretor do Museu de Brooklyn, um dos que foram visitados por ela quando lá esteve. A escolha dele não foi por acaso. Ele presidiu a American Federation of Arts e ministrou palestras sobre a Rádio Difusão Educativa, outra entidade da qual Bertha Lutz era sócia. Quando ele esteve com sua esposa em 1941 para visitar o Rio de Janeiro, foram recebidos por Bertha Lutz e seu irmão. Ele, na ocasião, considerou inadequado o Parque da Cidade para a futura entidade museal, apresentando como motivos da sua posição que aquele era um lugar afastado dos centros urbanos, o que iria contra a proposta de Museu Moderno, que ambos vinham estudando, mas a ajudou na formulação desse projeto, do que logo viria a ser o "Instituto ou Museu Municipal de História Natural Adolpho Lutz".

O arquiteto passou a chamar o museu de "The Museum of life" e pensou em toda a estrutura do local. Todavia, como sinalizam Benchimol e Sá (2003) por algum motivo o projeto foi sepultado. Ambos os autores não encontraram elementos e documentos que pudessem dar pistas sobre o porquê da não realização do empreendimento elaborado por Bertha Lutz, mas levantaram a hipótese de que esse projeto arquitetônico, proposto por ela e por Youtz, representava uma ameaça ao próprio Museu Nacional e a Manguinhos, já que incorporaria aspectos das funções de ambos.

Até o ano de 1945, Benchimol e Sá (2003), observam que ela tentou viabilizar o museu em homenagem ao seu pai, mas não obteve êxito. Essa experiência reforça a ideia de que a trajetória de Bertha Lutz como cientista não esteve desatrelada da relação que tinha com seu pai que pelo prestígio que tinha acumulado lhe permitiu abrir muitas portas. Ela tentou até ao fim de sua vida manter vivo o trabalho dele, a partir das suas próprias atividades científicas. Ela organizou, catalogou e disponibilizou parte significativa de todo o acervo do seu pai no Museu

Nacional, documentação esta que foi perdida com a destruição da estrutura da entidade no incêndio ocorrido no ano de 2018, já comentado.

Como museóloga e entusiasta do museu social e educativo, é inegável que ela foi a grande articuladora do processo que visava transformar essas instituições em lugares de formação educativa no período republicano. O fato de dedicar a sua vida à difusão do feminismo no Brasil e de lutar pela causa das mulheres, juntamente com a atuação na secretaria do Museu, pode ter por muito tempo invisibilizado o papel chave que teve nesse processo. Todavia, não é possível pensar hoje na museologia educativa no Brasil sem destacar o protagonismo de Bertha Lutz. Este foi um projeto importante que pode auxiliar na compreensão sobre como foi sendo feita a sua construção como educadora. Ao mesmo tempo que elucidar como que a partir das viagens internacionais que empreendeu, deixaram um legado para a instituição que era funcionária e para a educação brasileira. Qualquer museu observado na contemporaneidade, como pontuou Almeida (2013), tem como ação estratégica incentivar o interesse no visitante pelo que ali é exposto e essa função educativa dos museus, estava presente no Relatório de 1932, do qual Bertha Lutz foi pioneira nessa discussão no Brasil e no exterior. A primeira viagem contribuiu, para todo o desenvolvimento de uma trajetória dentro da museologia educacional e a ida aos Estados Unidos iniciaram todo o movimento que ao longo dos anos iria transformar Bertha Lutz em uma das mais importantes estudiosas de museus e educação do país, como sinaliza Almeida (2013).

2.3. Economia Doméstica Agrícola como educação emancipatória

Após apontar esses lugares de atuação de Bertha Lutz, já abordados por uma série de estudos, mas colocando as viagens como experiências que definiram a maneira com que ela direcionou a discussão dentro do Brasil, indaga-se: Como Bertha Lutz se aproximou da pauta de Economia Doméstica Agrícola? A primeira viagem aos Estados Unidos, em 1922, também foi o momento no qual iniciou também um protagonismo nessa discussão, até então inexistente em suas ações. Para entender essa nuance de sua história e começar a abordar de fato como os traslados se deram em torno dessa pauta de Educação Rural, é necessário compreender como essa discussão surgiu no país e como ela dialogou com a vontade da educadora, de levantar essa bandeira em defesa da educação feminina no Brasil.

As autoras Rizini e Schueler (2018), declaram que os estudos em história das mulheres no campo historiográfico brasileiro, têm se pautado em uma série de problemáticas. Uma série

dessas representadas, por exemplo, na inserção delas no ambiente doméstico, vida familiar e privada em geral, circulação em outros espaços, como os públicos, entre outros temas. Essas abordagens também possibilitam outras análises, que se referem à educação formal e informal e sua participação em movimentos políticos, o que permite amplas e diversas abordagens teórico-metodológicas.

Ao me referir, portanto, à Bertha Lutz como sujeito dessa pesquisa, principalmente em torno da sua trajetória de viagens para a formulação de um projeto de educação feminina, pela modalidade de Economia Doméstica Agrícola, parto do pressuposto, que está inserida nessa discussão, principalmente sobre a atuação feminina no mercado de trabalho urbano e rural, e a importância das mulheres como mantenedoras de seus lares.

Ainda a partir das observações de Rizini e Schuler (2018), percebe-se que a partir do século XIX, o Brasil era referenciado por suas profundas desigualdades nos âmbitos étnicos, culturais e sociais que, por consequência também acabam se enveredando pelo campo das relações entre os gêneros. Essa foi uma realidade em um contexto que envolveu a maneira como a educação foi se instituindo nesse momento, se dando das mais variadas e diversificadas formas, com distinções e hierarquizações, por exemplo, que incluíam determinação de quais locais eram específicos para cada classe e gênero se mantiveram, pautadas na exclusão e retirada de direitos dos mais pobres. Entretanto, é importante perceber que ainda que as mulheres não tivessem acesso a direitos sociais, políticos, ou até mesmo autonomia para decidir suas próprias trajetórias, era visível que contribuíam ativamente para o pensamento e a economia do Brasil. Tanto no lar, como nas fábricas, quando não nas ruas de maneira autônoma, elas já eram parte significativa do mundo do trabalho, inclusive, em alguns casos, sustentando sozinhas as suas próprias famílias. A pressão masculina que representava o poder político continuava a elaborar leis sem que elas fossem incluídas no processo. Não eram pensadas como sujeitos que tivessem garantidos algum direito, membros ativos que estivessem elaborando ideias, contribuindo para a fomentação de novas leis ou formulando projetos em diversas áreas estratégicas, como na educação.

A modalidade de Economia Doméstica, compusera-se em um processo que ocorreu em grande parte do mundo. Tomada como um desdobramento, que envolveu a imigração do povo do campo para a cidade em razão da revolução industrial, criou a necessidade de pensar mudanças estruturais e significativas nas relações sociais, que foram ganhando uma nova reconfiguração, a partir da maneira com que as novas exigências do capital iam se apresentando na nova sociedade que foi surgindo. Desse modo, passou a se exigir que o Estado e suas

instituições, buscassem novas formas de integrar os indivíduos que estavam alocados no campo à produção e construção econômica do país. A vida daqueles que ocupavam o campo no Brasil, os camponeses que estavam voltados para plantar para o próprio consumo passava a interessar às elites dirigentes.

Do ponto de vista sociológico, o campesino sempre representou uma camada subordinada nos aspectos, políticos, sociais e econômicos, no contexto global. No entanto, o Brasil, ainda que tivesse dado início nas décadas de 1910 e 1920 a um processo de industrialização, ele era ínfimo e essa realidade fazia com que o país se mantivesse predominantemente pautado na prática da agricultura. Assim, nos meios intelectuais que engendravam concepções de modernização urgente do país, nos quais Bertha Lutz e as instituições que participou estavam incluídas, havia uma preocupação constante em se pensar nos caminhos para o campo. Em um país de grande extensão como o Brasil era difícil mapear os problemas e pensar em formas de solucionar, pois era preciso garantir formas de intervir sobre esses espaços, principalmente pensando questões educativas. Esse discurso, ainda era pautado pela crença nacionalista de que seria preciso encontrar caminhos para que mais pessoas pudessem ser capacitadas para trabalhar e ajudar a desenvolver o país à luz das novas relações pautadas pelo capitalismo.

O trabalho de Nunes (2018) ajuda a entender como ocorreu uma série de propostas de intelectuais que buscaram incluir a população que vivia em situação agrária. No seu entendimento o Brasil, que estava preocupado com educação e saúde e os percebendo como aparatos fundamentais para sua transformação, passava a ter que lidar com um problema que foi apresentado, na realidade de “dois brasis”: o primeiro relacionado ao litoral “civilizado” e o outro ao “sertão” ainda visto como desconhecido e se tornando assim um obstáculo, que passou a ser representado como a razão do atraso do país. A obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha traz essa pauta como debate, pois relata as nuances de um país ainda oculto, com graves problemas nas suas estruturas de saúde, da falta de educação e da extrema pobreza. O texto dele, segundo a autora, angariou intelectuais que discutiram constantemente nas suas instituições ou nas páginas da imprensa a situação do Brasil e buscaram, por meio da denúncia, a exposição desses fatos do que ocorriam no país, munido muitas das vezes de preconceitos, alertando para a necessidade de mudança, como fez Bertha Lutz nos seus espaços de atuação. Outros, como Monteiro Lobato, com seu Jeca Tatu, na obra *Urupês*, mostravam, a partir do seu olhar, sobre o trabalhador rural do Brasil, muitas das vezes ridicularizado pela sua condição financeira e falta de instrução ou por seus problemas de saúde constantes. Desse modo, o

homem rural passou a ser o principal alvo desse novo projeto modernizador, pois ele que era visto até então como degenerado, dominado pelas paixões e a doença, agora poderia ser recuperado pela intervenção do Estado, muitas vezes representada pelo fazer médico e educacional, visando capacitá-lo e incluí-lo no processo de reformas que estavam ocorrendo nas décadas de 1910-1930. (HERSCHMANN, KROPFK, NUNES, 1996).[37]

Pesavento (1994), ao apresentar o perfil de quem eram os mais pobres no país daquele período, dá algumas pistas importantes. A problemática que envolvia as desigualdades entre os gêneros, etnias e classes sociais era algo recorrente no Brasil imperial e não mudou no regime republicano. Dessa forma, cabe pensar quais eram os sujeitos pertencentes a esse mundo no qual os intelectuais desejavam transformar. Uma vez que esses, que eram percebidos como subalternos e que incluiu parte considerável dos campesinos, especialmente as mulheres, eram públicos constantes das preocupações desses "mandatários" da nação, talvez sendo essa uma realidade, que motivava o poder público e Bertha Lutz a quererem mudar essa realidade. Ainda para a autora, o desenvolvimento do capitalismo e da sociedade urbano-industrial tinha um outro lado a revelar: o contraponto à riqueza, a ostentação do luxo da burguesia, em contraposição a uma grande quantidade de pobres que se encontravam nas ruas e nas fábricas. Esses pobres ao contemplarem as benesses da sociedade moderna e vendo que elas não eram equanimemente distribuídas, começaram a tomar consciência sobre essa disparidade que produzia desigualdades constantes e os impedia de ascensão. Dessa forma, pode-se concluir que existiu um discurso liberal que alegava que os homens eram iguais, ao mesmo tempo que em contraponto aparecia a dura realidade que era o mundo urbano. Diante disso, a sociedade capitalista pensou nesses sujeitos desfavorecidos como um problema e viu a necessidade de buscar fazer algo por esses indivíduos desafortunados e impedir que a questão social que representava a exclusão deles não resultasse em conflitos para a maneira com que o Estado estava sendo organizado, ou seja, uma ação para impedir que esses pobres se tornassem uma ameaça efetiva e viessem a colocar em risco o *status quo*.

Ao estudar a figura da mulher nessa realidade, e observando a ação de Bertha Lutz e de outras feministas nesse período, parece que essas tentativas refletiam em um constante desejo

[37] O discurso racial, também surgiu como variante desse debate de formulação de uma nova cidadania, com viés de cientificismo, com o intuito de superar os problemas do Brasil. Uma vez que ao catalogar as raças, prática que passou a ser constante nos meios acadêmicos poderiam pensar em medidas para lidar com os problemas de cada uma delas. Isso, no entanto, só seria cabível de efetivação se fosse construída no país uma nova visão de nação, que antes foi vista como estigmatizada pela miscigenação que resultou em homens decaídos e doentes. Os negros, mulatos e cafuzos eram vistos como inferiores aos brancos e tinham também confirmadas pela ciência, teses preconceituosas, que os colocavam no cento do problema que atravancava o Brasil, impedindo de progredir rumo a uma nova brasilidade aos moldes internacionais. (SCHWARZ, 1993).

de produzir um contraponto a esse tipo de exclusão, e assim, por conseguinte, gerar um debate nacional, que pudesse levá-las a uma tomada de consciência quanto a situação na qual elas viviam. Ainda que os motivos aqui já abordados, sobre a pertença dessas muitas feministas, a sensação de falta de autonomia se dava para além das questões econômicas, o que fazia com que essas violências fossem sentidas por todas as mulheres. Esse talvez fosse um dos motivos que levariam a organização de vários movimentos feministas a pensar de obter melhorias à educação das mulheres pelo viés do ensino rural, pois era comum, que as mais pobres estivessem no campo e fossem as que menos tinham chances a direitos. Sendo assim, passou-se a vingar a concepção de que esse público poderia estar mais suscetível a compreender a luta política que essas militantes da elite tentavam empunhar no país. Em um contexto nacional mais amplo, que ainda tinha resistência ao protagonismo feminino, essas líderes só teriam êxito se a adesão às suas ideias fosse grande.

Essa questão derivou na elaboração de diversos discursos científicos que descreviam e tentavam criar estratégias para lidar com esses problemas e romper com as consequências impostas pelas mazelas sociais. O discurso médico e higienista, tal como o discurso jurídico, técnico e estético ganharam força como instrumentos de interpretação do Brasil. A ideia que era proveniente desses campos de conhecimento, era a de transformar os sujeitos vistos como pobres, sujos, malvados, feios, ladrões, negros, prostituas, a partir da prática da ciência, em pessoas belas, higiênicas, com moral ilibada, ou seja, próximas da imagem europeia idealizada pelos brasileiros. (PESAVENTO, 1994). O pobre, era o sujeito que necessitava ser transformado, já que era visto como um constante problema que deveria ser corrigido, por aqueles que os lideravam. Primeiramente, porque prejudicavam a imagem que o Brasil vendia para o estrangeiro de que a nação estava se desenvolvendo e crescendo e em segundo lugar, porque era uma ameaça que precisava ser contida por ser colocar em perigo a hegemonia da burguesia.

Desse modo, a modalidade de Economia Doméstica Agrícola [38] como prática pedagógica e disciplina curricular surge em 1909, regulamentada pelo Ministério da

[38] O ensino de Economia Doméstica, modalidade da educação rural preconizava os conhecimentos científicos, teórico-práticos articulados ao ensino por meio da socialização, cuidados com higiene, saúde, habitação e alimentação. Historicamente, esta modalidade tinha um viés mais voltado para a formação profissional, uma vez que seus interesses se originaram nas ciências naturais e sociais. Os formados e aptos para trabalhar nessa área, geralmente eram alocados no campo da Química, Sociologia, Arte, Biologia, Filosofia, Antropologia, Física e Economia. A Economia especificamente, está presente em todos os instantes de nossa vida, desde as ações dos grandes empreendimentos industriais, como entre os pequenos agentes econômicos, como os do campo por exemplo. Ao se vincular às outras ciências, se tornou um campo do conhecimento fundamental para a humanidade, por entender que ela está envolvida e interligada a todos os elementos de um sistema geral que envolve política, sociedade e a forma como as sociedades, conduzem as suas finanças no geral. (OLIVEIRA, 2006 p.78-79).

Agricultura, Indústria e Comércio, quando muitas famílias viram a necessidade de se mudarem para as cidades, para trabalhar em fábricas e mudar seus modos de vida em busca de oportunidades financeiras. A partir dessas mudanças sociais, impostas pelo avanço do capitalismo, a taxa de divórcios disparou, fato que passou a causar preocupação, com as famílias, vistas como base da sociedade que poderiam estar se deteriorando. Nesse bojo, surge principalmente a educação da mulher, vista como estratégica para manter a família viva. Assim, a Economia Doméstica passa a ensinar como se deveria estimular a mulher a trabalhar para auxiliar economicamente os seus maridos e participar ativamente na construção da sociedade, sem perder os valores morais, representados pela submissão à figura masculina, ao fortalecimento da maternidade e os cuidados do lar. (OLIVEIRA, 2006).

Sobre as finalidades dessa modalidade de ensino, os objetivos estiveram relacionados à preocupação com a família, à solução racional dos problemas do ambiente doméstico e ao compromisso de formar o indivíduo para que esse tivesse uma vida melhor, e assim poder melhorar as condições das comunidades rurais principalmente, mas em alguns casos urbanas e contribuir para a evolução da sociedade.

Para alguns, no entanto, a implementação do Ensino de Economia Doméstica[39] serviu para reforçar o estereótipo de dominação da mulher e a inserir como consumidora de produtos eletrodomésticos, que já estavam surgindo nesse momento e assim pensar que a sua ascensão se daria apenas por apresentar novas formas de cuidar melhor da sua casa e de servir aos seus maridos. A formação em Economia Doméstica esteve atrelada à perspectiva de buscar perpetuar a dominação masculina, partindo de um pensamento que foi reforçado por meio dessa modalidade de ensino, de que elas poderiam atuar desde que fosse para manter as relações que eram pautadas pelo lar, estabelecidas, sem lhes dar a possibilidade de avanço, amadurecimento, ou seja, condicionado à dominação do homem que, diferente delas, trabalhava fora, estudava, tinha melhores chances de educação e podia ocupar o serviço público. (PINHEIRO, 2016).

A divisão sexual do trabalho, estabelecia como lógica a ideia de que o trabalho doméstico caberia à mulher e o trabalho assalariado ao homem. O capitalismo passou a

[39] As ciências domésticas, portanto, dizem respeito aos estudos das leis, ideias e princípios para o conhecimento das condições físicas do homem e de seu habitat que é a sua casa. Em nível universitário, essa modalidade de ensino visou orientar para a pesquisa e educar para se desenvolver conhecimentos que fossem aplicáveis a um estilo de vida mais saudável, que potencializasse a vida do ser humano, no âmbito de sua família, da comunidade, o preparando para uma sociedade que fosse mais justa e feliz. Alguns países como Espanha, Portugal, Índia, Bélgica, Escócia, Irlanda, Estados Unidos, Espanha, França já dispunham de projetos de implementação para o ensino de Economia Doméstica, inclusive em alguns casos eram oferecidos formação em nível de mestrado, desde a sua criação, se espalhando pelo mundo todo, tendo como base o aperfeiçoamento humano e a atualização da família. (OLIVEIRA, 2006 p.80-81).

reproduzir a ideia de que essa organização era o que contribuía de forma mais eficaz para a reprodução do capital, pois muitos acreditavam que manter a mulher em casa seria uma maneira de garantir a continuidade biológica, partindo do pressuposto que cabia a ela a responsabilidade de manter a espécie e, por conseguinte, a mão de obra que surgiria como força de trabalho. (PINHEIRO, 2016).

A política educativa esteve associada a um modo de segurança nacional, no sentido de garantir uma suposta paz interna. Havia pouca inversão no sentido de pensar modelos educativos e estratégias para compreender quais eram os conteúdos pertinentes e o perfil adequado de professores, por exemplo, para atuarem na educação rural. (PEREZ, 2020). Para Pérez (2020), ainda houve uma distinção no Brasil nesse período em enxergar a educação rural como um modelo educativo que fosse digno de maior intervenção, já que as ideias pedagógicas que eram mais pertinentes orientavam a educação urbana no país.[40]

Durante a Primeira República, o objetivo da proposta de ensino rural implementada pelo Ministério da Agricultura e outras instituições era o de retirar o homem da simbologia que representava o habitante do campo.[41] As pessoas que viviam em áreas rurais eram consideradas ignorantes e vistas como as responsáveis pela pobreza e desequilíbrio em relação às cidades. E,

[40] Se considerar a diversidade do nosso país, com diferentes realidades, não era fácil construir formas efetivas de instituir qualquer projeto que fosse, ainda mais quando havia uma política não unificada, no que se referia a maneira como era pensada essa educação no Brasil. Assevera Moraes (2020), que essa perspectiva que envolveria uma promoção do "ruralismo brasileiro" tinha como principal foco promover a ruralização do país, por entender que este tinha uma vocação para as atividades agrícolas, em um contexto que os que viviam no campo, estavam indo para as cidades, tornando a vida urbana mais difícil e a agrária da mesma forma. Assim, a educação passou a ser concebida e denominada pelos ruralistas com um sentido positivo, pois ao reforçar pela formação o que eram os trabalhos de cunho agrícola e os mecanismos que o envolviam, poderia se garantir às crianças, analfabetos e mulheres um desejo por tais atividades, melhorando as suas vidas e tornando esses locais potenciais em contribuir para a economia do país. A partir daí, esse movimento não se manifestou apenas no campo educacional, mas buscou implementar práticas, ações políticas, culturais e econômicas que visassem um projeto de Brasil agrícola.

[41] A vida daqueles que ocupavam o campo no Brasil, os dos camponeses, que estava voltada para plantar para o próprio consumo. Do ponto de vista sociológico, o campesino sempre representou uma camada subordinada nos aspectos, políticos, sociais e econômicos, no contexto global. O processo de transição que levariam ao fim da escravidão, que envolveu os anos de 1850 até o seu fim em 1888, gerou, extrema pobreza pela reconfiguração que passaria a ter o Estado. O negro que se tornou livre, sem qualquer política pública para corrigir os abusos passados quanto ao tempo em que foi o escravo, não tinha materializada qualquer oportunidade. O imigrante geralmente que também trabalhava no campo, era submetido à realidade quase que escravista, mas remunerada. Esse fenômeno ganharia força na primeira república e produziria o Coronelismo. As indenizações recebidas que esses donos de terra receberam, não apenas mantiveram os seus poderios econômicos, mas também a influência política. Ademais, essa influência criou aquilo que ficou conhecido como o voto de cabresto, que de certa forma forçava, com que esses sujeitos que estavam alocados no campo, por pressão e ameaças que sofriam tivessem que votar de acordo com que os donos das terras mandavam, tirando deles qualquer tipo de autonomia. (QUEIROZ, 1976). Com isso, os campesinatos, camada intermediária da população rural brasileira, passaram a ser tutelados pelo Estado, se levar em conta que eram esses coronéis que davam as ordens quanto ao que ocorria no país. Nessa perspectiva, a situação da mulher que era invisibilizada sob a égide masculina, foi pelo mesmo caminho. Havia um medo constante em relação a uma possível insurgência das mulheres no mundo e no Brasil, devido à força que o feminismo nesse período estava ganhando, principalmente pela pressão em torno do direito ao voto, ao trabalho e a educação.

assim, contribuíam para a disparidade econômica no país que era percebida como o principal obstáculo a ser vencido no processo idealizado pelos intelectuais para a modernização do território brasileiro. A população rural que foi descendente da escravidão ou a ela vinculada, necessitaria ser iluminada pela ciência, por meio de técnicas modernizantes na prática do trabalho no campo, que fossem capazes de habitá-la ao manejo com a terra.[42]

Os estudos de Leite (2015), apontam que nos tempos antigos, mais especificamente antes do século XVIII e XIX, o termo economia foi usado para explicar a maneira pela qual o lar era gerenciado financeiramente e a relação que essa instituição tinha com o funcionamento das cidades que foram se desenvolvendo ao longo dos tempos. A autora afirma que se pensarmos, no termo em uma perspectiva mais moderna, é possível dizer que ele está relacionado com o campo da administração pública, se distanciando assim da sua proposta originária que era suprir os anseios dos indivíduos de maneira específica. Desse modo, saindo de uma ideia, focalizado em compreender como manejar de forma adequada os recursos do lar, para pensar em questões que envolvessem o direcionamento e aprimoramento da economia dos Estados Nações que foram surgindo, ou seja, das micro relações para as macros. Tudo isso ocorreu como um anseio do próprio avanço do mundo capitalista que foi cada vez mais exigindo uma ampliação do diálogo entre os países e da obtenção de força de trabalho, para que pudesse gerar mais lucro e se manter forte.

A importância do lar para o desenvolvimento econômico, aos olhos dos estudos acadêmicos, foi sendo minimizado ao longo tempo, segundo PERROT (1988). Max Weber ao problematizar sobre a formulação do espírito, do que ficou conhecido como capitalismo moderno, aponta que se deu pela perspectiva da construção de um ideal de homem racional. Esse sujeito idealizado agiria por intermédio da separação do que seria a importância do lar e da indústria, organizando novos princípios e visando a uma contabilidade que fosse mais racional e garantisse, assim, o funcionamento e a burocracia do Estado. Em relação aos elementos que embasavam a Economia Doméstica, para ele estavam vinculados nessa modernidade a função do consumo, do ordenamento e funcionamento dos lares. Com isso, foi

[42] Após Decreto nº 8.319 de 20 de outubro de 1910 que instituiu o Ensino Agrário no Brasil, pode-se ver alguns desses direcionamentos que relacionavam esses manuais com o Ensino Rural e Educação Doméstica Agrária. Em seu artigo nº 2 instituiu no inciso 7 a ministração do ensino agrícola em Escolas Domésticas Agrícolas, que passariam a ser criadas. No Capítulo XXXXIX do Decreto em seu artigo 354, foi definido que as Escolas Domésticas de Agricultura, tivessem como alvo preparar as filhas dos cultivadores para os "misteres da vida agrícola", tomando para si a responsabilidade, de lhes ministrar saberes e serviços rurais que lhes fossem mais apropriados pelo seu sexo. Essa educação poderia ser ministrada em cursos nas escolas ou em cursos ambulantes sobre a temática que trouxessem em seus currículos o embasamento daquilo que era visto como prioridade dessa modalidade de ensino.

ocorrendo uma reorientação natural na maneira com que se passou a conduzir a economia nos países, agora, voltada para as preocupações em um contexto mundial, ou seja, saindo da realidade doméstica, para começar a estabelecer uma lógica de mercado, oferta, demanda e lucro massivo:

> [...] a comunidade doméstica sofreu, em sua ordem interna, uma transformação radical, a qual se manifesta em dois sentidos: no de sua limitação, a função de consumo, e no constante progresso de sua introdução contábil. À proporção que o direito sucessório foi se formando e suplantou o primitivo comunismo integral, delimitou-se, cada vez mais, a diferença entre o patrimônio do marido e o da mulher, e o regime de separação de bens. Esta transformação em duas direções coincidiu com o desenvolvimento da indústria e do comércio. [...] (WEBER, 1968, p. 122 apud LEITE 2015 p.258).

Desse modo, o trabalho ocorrente dentro do âmbito familiar, foi se articulando de maneira integrada e se adaptando frequentemente aos direcionamentos de ordem pública impostos pelo modelo econômico, sendo então essa instituição crucial, para compreender a forma com a qual os países foram se organizando socialmente.

Assim, uma crítica feminista contemporânea, que se volte a pensar na maneira com que as mulheres foram se articulando no seio da economia, e que estiveram em oposição à maneira com que a ciência econômica foi produzida, não vai inviabilizar a prática da economia doméstica, como uma das maneiras com que essas foram protagonistas da evolução dos países em que estavam inseridas, pelo contrário, buscará elucidar de que maneira, essas ações ajudam a pensar o papel que tiveram no melhoramento dos integrantes das suas famílias. (LEITE, 2015, 259). Para essa mudança paradigmática que é proposta por Leite (2015), é preciso direcionar a crítica de nosso estudo, a fim de elaborar análises sobre Economia Doméstica Agrícola, e pensar na maneira em que a defesa por essa modalidade de educacional apareceu no discurso oficial do Ministério da Agricultura, assim como na militância de Bertha Lutz, exigindo observar como ela usou de sua pertença intelectual e sua influência no debate público para gerar discussão e vinculação para à luta junto de outras feministas, visando alcançar uma ampliação das possibilidades de formação feminina, pelos caminhos da Educação Rural.

Como afirma Behring (2011), a partir do ano de 1909, houve no Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, um movimento que tinha como objetivo tomar a aplicação de práticas científicas como método para lidar com as questões voltadas para as ações na agricultura brasileira. A instabilidade financeira e política provocadas pelos primeiros anos do regime republicano, levaram ao declínio na forma como estavam pensadas as relações no campo. Por isso, esse movimento iniciado almejou, de alguma maneira, baseado no positivismo científico de que a ciência resolveria todos os problemas nacionais, melhorar os problemas que

a atividade agrícola enfrentava. O Museu Nacional agia por designação do Ministério para elaborar pesquisas que de fato fomentassem formas de tornar a produção mais eficaz.

A criação do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio durante a primeira década do século XX, sob liderança da Sociedade Nacional de Agricultura, que eram dissidentes das elites dominantes e entrelaçadas ao pacto político, que foi chamado na Primeira República de Café com Leite entre cafeicultores paulistas e produtores de leite em Minas Gerais, apareceu com a defesa na proposta de ruralismo que procurou insertar a perspectiva de desenvolver nos sujeitos alocados no campo a ideia de "vocação agrícola". Para assim, se fez necessário estabelecer novas possibilidades para desenvolver os lugares agrários. Isso se daria por meio da aplicação de práticas modernas na produção agrícola com uma forma alternativa em um período no qual a produção do café estava em crise. (BEHRING, 2011, p.699).

O Museu Nacional então, foi a instituição científica, que quando implementou estudos e pesquisas relacionados com a agricultura, a partir do Decreto de n° 8319 de 20 de outubro de 1910, foi direcionado para a instituir, por meio da ciência, formas de melhorar a prática da agricultura no país.[43] Dessa maneira, estreitou relações com outros países, não apenas no estabelecimento de diálogo entre museus, mas com quaisquer instituições que pudessem ser úteis para esse fim, sendo uma postura que atuou diretamente para a modernidade do Brasil. Assim, essa entidade realizou estudos de ciências aplicadas para fins de agricultura no Brasil. Isso ficou claro nas atividades realizadas em três laboratórios criados para essa finalidade: o de Química Vegetal, que trabalhava com pesquisas sobre produtos de origem vegetal, o de Entomologia Agrícola, com o objetivo de estudar insetos úteis e nocivos para a agricultura e indústrias de âmbito rural e, por fim, o de Fitopatologia Agrícola, que tinha como foco analisar o conjunto amplo de moléstias das plantas. Esses se incorporaram aos outros cinco que já

[43] O curso nas escolas, como aponta o artigo 357, deveria ensinar a ler e escrever, além de noções de ciência voltadas para horticultura, fruticultura, jardinicultura, floricultura, zootecnia, indústria de lacticínios, indústria rurais, economia doméstica e economia social. Outros conteúdos eram importantes para a composição paradigmática do currículo como o ensino de higiene, direito usual, comércio e contabilidade agrícola. Já os cursos ambulantes de agricultura, deveriam ter como foco a instrução profissional de agricultores que não pudessem recorrer aos cursos que fossem regulares nas escolas de ensino agrícola. Esses cursos compreenderiam vários aspectos da atividade rural, como a zootecnia, alimentação e higiene dos animais domésticos, industriais rurais, horticultura, tratamento de moléstias comuns às plantas cultivadas, avicultura, apicultura, sericultura entre outros. Os professores, conforme apontam no artigo 361, deveriam promover um ensino prático e adaptado à realidade dos seus alunos. Outro dos focos deveria ser ensinar História Natural e agricultura nessas instituições. No capítulo XLI, que aborda sobre os cursos conexos com o Ensino Agrícola, em seu artigo 378 foi pontuado que caberia ao Museu Nacional, ministrar cursos de História Natural para os cursos superiores de ensino agrícola como prática obrigatória. Dessa forma, deixando como possibilidade que outras instituições pudessem ensinar a temática, desde que estivesse em iguais condições com as diretrizes de ensino que fossem definidas pelo Museu, reforçando o comprometimento que esse passou a ter com causas agrárias.

existiam, desde a gestão de Ladislau Netto, entre 1870 e 1993 o de Botânica, Zoologia, Mineralogia, Geologia, Paleontologia, Antropologia, Etnografia e Arqueologia. (BEHRING, 2011, p.706).

Em relação aos anseios por projetar modelos educacionais de cunho agrícola voltados para as mulheres, Almeida (2020), compreende que nas décadas de 1910 e 1920, ocorreu uma expansão da temática de Economia Doméstica como campo de estudos, em alguns países principalmente nos Estados Unidos. Uma série de Escolas Agrícolas e universidades americanas estavam estudando os supostos benefícios que esse campo do conhecimento poderia dar ao desenvolvimento dos indivíduos do campo, especialmente às mulheres. A propagação do ensino de Economia Doméstica Agrícola em escolas, começou a ser implementado a partir de 1907, com a aprovação da Lei Smith Hughes de Ensino Profissional no nível secundário, que preconizou entre uma série de medidas, a liberação de verbas, com o destino de estimular estudos sobre Economia Doméstica nessa perspectiva, voltada para a instrução agrícola dos sujeitos que viviam em áreas rurais, além de ter previsto uma diretriz para que se formassem professores qualificados para atuarem nessa área.

Entre o final do século XIX e começo do XX, os Estados Unidos, promoveram movimentos importantes em defesa da pauta do ensino de Economia Doméstica, como forma de emancipação e profissionalização das mulheres, sendo esse o principal motivo que gerou interesse na intelectualidade brasileira de querer conhecer essas ideias. Dessas intelectuais que mais se destacaram estava Ellen Swallow Richards, química titulada pelo MIT, que a partir de 1899, organizou dez conferências em Lake Placid, sobre a modalidade e definiu-a como o principal caminho para se ajudar na melhoria da condição econômica dos lares naquele país. Em 1909, ela criou junto de outras mulheres a Associação Americana de Economia Doméstica (American Home Economics Association), que depois viraria a Associação Americana da Família e das Ciências do Consumo, (American Association of Family and Consumer Sciencies). Essa era uma entidade muito importante para os estudiosos desse campo nos EUA e no mundo pelas práticas estudadas e pensadas que influenciaram, em grandes medidas, outros estudos, inclusive os realizados por Bertha Lutz no Brasil. Richards além de organizar o campo que estava surgindo, liderou as principais conferências nos anos seguintes e criou o *Journal of Home Economics*, periódico voltado para divulgar as melhores metodologias e formas de melhorar a implementação desse ensino em geral (ALMEIDA, 2020, p.70).

Outra intelectual que se destacou nesse campo de conhecimento, foi Christine Frederick, quando atentou para a necessidade de que as práticas que surgiram deveriam todas estarem

perpassadas pela percepção da necessidade de aplicação científica aos trabalhos domésticos. Essa professora americana, nascida em Massachusettes, escreveu artigos importantes, em que um dos principais é "The New housekeeping, efficiency studies in home management"[44], no *Ladies Home Journal*, onde refletiu de que forma o gerenciamento do lar conduziria as famílias norte-americanas ao progresso, já que pensou que era uma forma bem estruturada dessa instituição, que iria garantir melhores formas de realização pessoal, de saúde e financeiras. Nos Estados Unidos, o curso também era chamado de "Curso da Família e do Consumidor" e Curso de Ciências Domésticas", mas com os mesmos preceitos e diretrizes. (ALMEIDA, 2020, p.71).

Ainda de acordo com Almeida (2020), desde 1894, os Estados Unidos já vinham por meio do seu Ministério da Agricultura, elaborando estudos nas diversas áreas que compuseram o ambiente doméstico, como nutrição humana, dietas, digestão, metabolismo, entre outros e de alguma forma essas pesquisas virariam modelos educativos e passariam a circular no mundo como conhecimentos que diziam respeito ao universo da educação. Também é destacado o fato de que muitas das mulheres que passaram a levantar a bandeira por esse tipo de educação eram as vinculadas a determinados movimentos feministas organizados, como Bertha Lutz no Museu Nacional e na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. É importante que se diga que os intelectuais e as instituições nas quais faziam parte não estavam priorizando certas demandas desvinculadas dos próprios interesses das entidades que faziam parte. Na verdade, muitas vezes esses espaços de circulação de ideias pedagógicas, abriram espaços para que pudessem desenvolver e empenhar seus próprios projetos individuais e coletivos. No campo da Economia Doméstica Agrícola e Educação Rural, os Estados Unidos se destacavam porque também eram referência internacional na discussão. Como a primeira viagem poderia dar conta de pensar em uma série de novas ideias modernas, que coadunassem com a necessidade de transformar o Brasil e, no caso da militância de Bertha Lutz, a realidade feminina?

A partir de Ferreira (2019), pode-se dizer que a tentativa da criação e a consolidação de escolas de Economia Doméstica no Brasil, foi uma consequência da expressão e aliança entre Estado, Igreja e oligarquias brasileiras. Partindo do pressuposto de que havia a necessidade de incluir a mulher na educação popular, esse poderia ser um instrumento importante para a ascensão política e econômica das famílias, em um momento visto como transitório para o Brasil. Equiparar o país às demais nações passava por modernizar as cidades e o campo.

Entretanto, no meio rural, se percebeu que ao ter acesso à educação, a mulher e suas famílias conseguiam superar aquilo que esses intelectuais, como Bertha Lutz entendiam como

[44] Livre tradução: Os novos estudos eficientes dos cuidados da casa no manejo do lar.

ignorância, abandono, miséria e principalmente as doenças que assolavam de alguma maneira as áreas rurais e ameaçavam na percepção deles em todo o território nacional. Era comum no discurso popular nacional que a causa de muitos desses problemas saíssem do modo de vida do povo campesino. Eram atribuídos a eles a responsabilidade pela disseminação dessas doenças e por conseguinte a responsabilização por muitos desses problemas. Contudo, essa proposta inovadora de educação tinha que ser feita pela perspectiva conservadora, pois era tido como pressuposto que o acesso para a instrução feminina, deveria ocorrer sim, desde que pautado no incentivo, de que se houvesse um direcionamento ideológico para que elas se mantivessem atreladas à manutenção e gerenciamento dos seus lares. Ou seja, uma educação que de maneira alguma poderia desviar a conduta moral delas e tampouco a relação que tinham com os seus maridos, pais ou irmãos representados pela constante submissão ou qualquer proposta pedagógica de educação feminina, que inclusive, passasse a percepção de que ela deveria ser aquela que dirigisse o seu próprio destino.

Ao entenderem essa realidade, o Museu Nacional e o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio viram que a escolha de Bertha Lutz para as viagens parecia óbvia, pois mesmo que as nuances que iriam envolver os percalços do traslado e seus desdobramentos sejam complexos, a sua experiência pregressa e sua entrada em meio a essas instituições norte-americanas deram a ela um *status* diferenciado, que a colocaram de alguma forma na posição de um sujeito que poderia exercer uma liderança na articulação e criação de um projeto amplo de educação feminina.

Ainda a partir de Ferreira (2019), é possível também sinalizar que essa nova educação deveria atender a duas condições específicas dentro da nova organização capitalista de mundo. Primeiramente, o interesse do educando, no caso a mulher, e, em segundo, o interesse da coletividade, ou seja, a ideia que essa tinha sobre os lugares que deveriam ser permitidos a elas ocupar. Ao tratar do interesse do educando, esse seria indicado pela natureza e pela realidade na qual estava inserido, ou então pelo emprego da atividade a qual se destinava a modalidade de Economia Doméstica Agrícola, geralmente no intuito de formar condições de preparar para os cuidados dos lares e para uma economia da autossustentação.

Ao tratar, da educação feminina especificamente, essa tinha que ter no seu cerne o objetivo de desenvolver na mulher o senso de maternidade e trazer elementos que dessem suporte para as tornar boas e capazes de educar seus filhos e cuidar de seus maridos. Era como se coubesse a mulher o compromisso constante de ser a primeira maestra dos seus filhos, contribuindo com o papel que a escola poderia vir a fazer mais para a frente, estes se

possivelmente homens, o que aponta uma grande contradição. Pois mesmo, que socialmente elas fossem consideradas inferiores e, portanto, menos inteligente que eles, os homens, era desejável que fossem elas as primeiras a serem a primeira professora de seus filhos. Essa concepção guiou em muitos aspectos a maneira com que foram elaboradas diretrizes sobre a instituição da Educação Rural para mulheres, especificamente de Economia Doméstica Agrícola.[45]

No entanto, ao constatar a dificuldade que existia na vida do campo, e percebendo que grande parte das mulheres mais pobres estava nessa realidade, entendendo que o Estado não conseguia chegar lá com políticas públicas eficazes, coube a intelectuais projetos de intervenção social, como Bertha Lutz, de pensar formas de mudar a vida desses sujeitos.

Quais foram os caminhos dentro da discussão que envolveram a educação rural? O que levou Bertha Lutz a enveredar por essa pauta? Primeiramente, a própria natureza do feminismo praticado por Bertha Lutz. Uma ação, como já citada aqui, levantada por Soihet (2006), que era a tática, mas no sentido de não romper com a estrutura que estava posta, ou seja, uma revolução passiva (VIANNA, 2004), que mais tinha aspectos reformistas que de fato uma tentativa de mudar a estrutura da sociedade que estava posta, como outras feministas como Maria Lacerda de Moura defenderam em contraponto a ela.

Assim, ao partir desse princípio, percebe-se que dentro da estrutura de um país, em que a atividade agrária era forte, e que ainda engatinhava no tocante à industrialização, este era um projeto viável, juntamente à questão de impedir a migração em massa para as grandes cidades, era importante criar mecanismos para garantir que esses sujeitos tivessem maneiras de permanecer em seus lugares originários e com mecanismos para prover a sua subsistência, sem assim ameaçar a hegemonia da vida dos ricos, que ocupavam as grandes cidades e não queriam ser ameaçados por um possível crescimento desenfreado dos mais pobres.

O interesse do Ministério da Agricultura de ampliar as possibilidades de intervenção

[45] É nesse processo histórico que a partir de Pinheiro (2016) compreende-se que esses campesinos, geralmente trabalhadores e camada intermediária da população rural brasileira passam a ter uma tutela em si do Estado, que de alguma forma, procurou a partir de projetos de intervenção direcionar essa camada populacional, para ocupar um lugar que fosse determinado pelos seus próprios interesses, quanto os caminhos organizacionais do Brasil que estava sendo construído, pelo menos no discurso. Esse poder, portanto, direcionou para uma série de medidas para fazer não apenas com que se tentasse diminuir uma desigualdade que existia evidente, mas para articular o campo e o interior. Dessa forma, de maneira mais incisiva com as ideias que a elite estava implementando para o seu ideário de transformação do país, que não passava pela ascensão de vida dos mais pobres, mas a sua inclusão como força de trabalho, que era necessária para manter as riquezas daqueles que eram da classe dominante. Entretanto, isso passou pela inclusão das mulheres, e pela defesa da apropriação de sua mão de obra, desde que essas tivessem um papel, que não fosse contra o equilíbrio que ali estava posto de submissão, que estavam representadas pelas decisões políticas, econômicas e sociais, cabíveis aos homens. Sendo relegados, então para elas apenas as questões relacionadas ao lar.

sobre a população rural se juntou ao próprio interesse de Bertha Lutz de ter protagonismos nos projetos para a educação das mulheres. Essa era uma prática comum aos intelectuais de tomarem para si uma perspectiva salvacionista de ditarem o que seria o melhor caminhos para garantir aos desprovidos de oportunidades melhores condições de vida.

Assim, juntando essa realidade à própria articulação que Bertha Lutz tinha com os Estados Unidos e a Bélgica, referência na discussão de Educação Rural Feminina, mais especificamente Economia Doméstica Agrícola, essa foi a junção feita para a tentativa de implementação desse projeto e que pode, a meu ver, ter justificado inclusive sua entrada ao Museu, que vale lembrar que era vinculado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

A educação rural, representada pela discussão em Economia Doméstica Agrícola, pode-se dizer, surgiu como uma discussão em âmbito nacional influenciada pelas ideias norte-americanas no Brasil, empunhadas inicialmente pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que buscou criar mecanismos internos de dar à mulher autonomia, por meio do acesso à educação. A partir daí, pensando dentro de um contexto no qual Bertha Lutz se legitimava como feminista e cientista, participando das instituições que fundou e dos grupos políticos com os quais dialogou e no Museu Nacional em relação a pauta da função educativa dos museus, ela foi a escolha certa pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Ela reunia conhecimentos científicos e redes de sociabilidade capazes de ampliar articulações internacionais, e, com isso, atuar para alcançar o êxito para essa proposta. A intelectual, também, nessa ocasião, visitou instituições, escolas e universidades de Economia Doméstica Agrícola, com o intuito de conhecer novas ideias da temática, que pudessem se adequar à realidade brasileira. As questões que envolvem os processos de designações para pesquisar Economia Doméstica Agrícola nos Estados Unidos, aquilo que foi visto e as suas impressões de viagem, é o que será tratado ao longo do próximo capítulo.

3 **TESTEMUNHOS SOBRE O VISTO E O VIVIDO**

Na primeira viagem feita aos Estados Unidos em 1922 por Bertha Lutz, várias foram as iniciativas tomadas por ela na ocasião. Ela desenvolveu estudos no campo da museologia educativa com o objetivo de modernizar os museus brasileiros e, ao mesmo tempo, procurou ganhar protagonismo nas discussões que envolviam o feminismo internacionalmente. A maneira com que foi se estabelecendo como uma liderança de destaque dentro e fora do país e nas instituições que participou, com ênfase no Museu Nacional, foi o que lhe permitiu ser escolhida para conhecer Economia Doméstica Agrícola, modalidade disciplinar da educação rural nessa mesma experiência.

O motivo para essa escolha era o de tentar, a partir dessas ideias, garantir, em contexto nacional, uma educação que fosse gratuita, ampla e que tivesse a mulher como o foco dessa sua atuação intervencionista. Até então, suas áreas de atuação, eram o feminismo e museologia, pautas específicas da sociedade. Ainda que tivessem a mulher como o foco, a primeira era uma ação voltada aos quadros do feminismo das instituições que fazia parte e no restante do país. Já a segunda voltada a popularizar o acesso a museus. No caso de Economia Doméstica Agrícola, a tentativa, porém, era ampliar de maneira significativa a expansão do ensino e dessas escolas, levando em conta a condição majoritariamente agrícola do Brasil. Quando se fala de viagens, segundo Pimentel (1998), é possível observar que havia uma preocupação recorrente nos relatos dos viajantes. Eles não queriam ser comparados a simples turistas, procurando sempre deixar claramente visível em seus escritos durante e após as viagens, estas diferenças. Bertha Lutz não fugiu à regra. Em seus relatos focalizou alguns objetivos dando ênfase aos aspectos acadêmicos, políticos e pedagógicos que a justificassem viajar para lugares distantes. Voltada para um fazer pautado em querer marcar um lugar de pertencimento e ação para aquilo que tinha sido designada. Assim, busca-se entender o que foi percebido, analisado e apropriado por Bertha Lutz nas duas viagens aos Estados Unidos e Bélgica, em relação à Economia Doméstica Agrícola, o que contribuiu para entender como essa viajante, concebeu suas viagens de estudos sobre educação rural e investiu na circulação dessas ideias modernas de educação feminina.

Pode-se dizer que as viagens deram a Bertha Lutz *status* privilegiado, quanto a oportunidade de organizar um projeto aos moldes internacionais de educação para as mulheres, começando a se consolidar como educadora. Seus relatos, como o de tantos outros viajantes, não se limitaram a descrever. Há comparações, análises e elaboração de propostas. Aliás, ao teorizar sobre as narrativas de viagens como objeto em pesquisas históricas, Silva (2012)

menciona que para além de ser um simples relato descritivo dos lugares e das paisagens visitadas, as anotações sobre uma determinada travessia são únicas e exclusivamente situações dessa específica experiência. Desse modo, desejam constituir-se em um lugar de memória e produzir uma significação sobre aquilo que foi visto, apropriado e importante para o viajante durante esse processo. Em sua observação destaca que todos os suportes e formas de comunicação em uma viagem, como cartas, telegramas, bilhetes, radiogramas, entre outros, são componentes de um leque de possibilidades para mencionar aquilo que foi contemplado, e seus múltiplos objetivos que vão surgindo como desdobramentos após aquilo que foi vivido, sendo importantes fontes para o pesquisador.

A documentação em que se teve acesso para realização da presente pesquisa são as correspondências que se encontram na sessão da Administração do Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, localizada no Arquivo Nacional. São missivas institucionais encaminhadas para Bertha Lutz e outros documentos, como telegramas, bilhetes e esboços que tratam das viagens. É nessa composição que será analisada como as trocas de correspondências, sobre e durante as suas viagens se tornaram uma tentativa de construção de uma memória daquilo que foi visto e vivido nessa experiência. Representam, também, o esforço feito por ela em defesa de um feminismo comprometido com a pauta educacional.

Ao tomar as cartas em mãos se torna importante tecer considerações sobre a documentação a que tive acesso. A partir da observação de Gastaud (2013), pode-se ver que ler uma carta é entrar em uma história, em que não se conhece a primeira palavra, nem o que ocorreu antes ou, tampouco, o que virá depois. Dentro de um provável período de média ou longa duração, e de acumulação, vamos acompanhando histórias que vão se desenrolando e aquilo que elas provocam na vida dos sujeitos que as trocam frequentemente. Desse modo, não necessariamente, a história será resolvida no conjunto documental que se tem acesso, por ser, muitas vezes, algo lacunar. Todavia, ao mergulhar, nesse momento, pode-se observar que essa ou essas cobrem um momento na história daquelas pessoas. A autora percebe a carta como uma espécie de flagrante das existências daqueles sujeitos. Portanto, contêm mundos inalcançáveis, que se vislumbrados de maneira breve, mas como feixes de luz, trazem elementos para o pesquisador perceber as vidas que ali são narradas, problematizando dessa maneira e refletindo sobre a história que ali é contada e o momento no qual eles estavam inseridos, sendo um arcabouço fundamental para refletir sobre a sua trajetória de vida, inclinações políticas e projetos individuais. Atento a essas questões, aqui as cartas ajudam a apresentar nuances sobre aquilo que foi observado por Bertha Lutz e que ela deu mais ênfase durante as visitações e com

os contatos que estabeleceu para falar sobre as temáticas da Economia Doméstica Agrícola, mas levando em conta as cartas ainda assim, não dão base de entender toda a complexidade da viagem, sendo a análise sempre limitada e passível de novas interpretações.

O trabalho com cartas, segundo Bastos, Cunha e Mignot (2002), exige compreender:

> Distância e ausência são, ainda hoje, motores para efetivação do ato de escrever cartas, de corresponder-se. Cartas movem-se entre presença e ausência, ao mesmo tempo em que, à distância, mantém vínculos. (...) Escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina, pois é uma forma de compartilhar vivências mais pessoais, íntimas e até mundanas. Escrevem-se e mandam-se cartas pelos mais variados motivos: conversar, seduzir, desabafar, agradecer, pedir, segredar, informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida, enfim! As cartas seguem um protocolo, obedecem a um outro ritmo de tempo: levam um tempo para chegar, muitas vezes demoram para serem respondidas e, não raro, demoram para retornar. (BASTOS, CUNHA e MIGNOT, 2002, p. 5 apud ROCHA 2004, p.66-67).

Esse olhar aponta para a possibilidade de operar com cartas, apresentadas pelas perspectivas desses autores em que ajudam a nortear a maneira com que é feita a análises das cartas trocadas em função das viagens de Bertha Lutz sobre a temática de Economia Doméstica Agrícola e os percalços para conhecer e fazer valer esses modelos de educação no Brasil. Como aponta Rocha (2004), ainda sobre como trabalhar com missivas, escrever cartas consiste no confrontamento de códigos estabelecidos, onde por intermédio deles se constrói um lugar para o sujeito, por meio das palavras. Assim, ao escrever está se expondo, compartilhando experiências, tecendo elos de amizades e explicando ideias.

Dessa forma, as cartas ajudam a construir a imagem dos indivíduos que as escrevem, formando para si mesmo uma identidade, que lhe é conferida pela escrita. A troca de cartas entre Bertha Lutz e os sujeitos com que se comunicou traz elementos que dão suporte para compreender os fatores que a motivaram e a tecer considerações sobre outras pessoas com as quais manteve contato.

Assim, me volto para o conjunto documental de cartas. As duas viagens realizadas pela cientista com o objetivo de estudar educação rural para as mulheres. Bertha Lutz foi aos Estados Unidos em 1922 e depois para a Bélgica em 1923, com o intuito de conhecer novos modelos internacionais de Economia Doméstica Agrícola. Nestes lugares a sua foi finalidade visitar, conhecer e estudar. Estava convencida de que garantir a elas acesso a uma instrução formal e isso poderia lhes dar mais possibilidades de contribuir economicamente para o desenvolvimento do país.

O levantamento no acervo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino permite pensar sobre os espaços que Bertha Lutz percorreu em suas viagens, com quem manteve interlocução e o que se apropriou quanto às ideias modernas de Economia Doméstica Agrícola

norte-americanas e belgas. Os documentos, em sua maioria, são cartas, telegramas, relatórios de viagem, documentos que analisou quando esteve naqueles países. Geralmente os assuntos nessas cartas são materiais encaminhados a ela sobre o que vinha sendo produzido nas escolas e universidades, diálogo com grupos feministas que eram adeptos de suas ideias e impressões do que visitou naquelas ocasiões. Em síntese, funcionam como testemunhos das experiências que precisavam serem guardados. Aliás, Mignot (2010), sinaliza que "aquele que arquiva a própria vida, está desafiando a ordem das coisas, a justiça dos homens, assim como o trabalho do tempo. Então, guardar, revela o desejo de perpetua-se, e de forjar uma glória." Assim, segundo a autora, ser reconhecida no futuro e contribuir para forjar uma identidade que possa vir a ser digna de nota. O fato desse conjunto de cartas comporem o Fundo da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino não passa desapercebido aqui, já que configuram o empenho de Bertha Lutz de deixar para a posteridade, a oportunidade de conhecer aspectos da maneira com que foi formulando o seu projeto de educação feminina, e todos os esforços feitos para instituir no Brasil essa modalidade de educação. Por meio dessas há a possibilidade de conferir significado a sua luta, mostrando questões que possam contrapor aos seus detratores e adeptos das ideias dela, mas de fato demonstrar, que em sua trajetória, esteve totalmente comprometida com a emancipação das mulheres e aqui, no caso, com ênfase específica para a educação rural.

Quadro 2- telegramas e cartas: sobre as duas viagens

Tipo de documento	Data	Remetente	Destinatário	Assunto
Telegramas.	A partir de 28 de agosto de 1922.	Bertha Lutz	Ministério da Agricultura.	Tratar sobre a incumbência das viagens e suas nuances.
Carta.	23 de março de 1922.	Ministério da Agricultura.	Bertha Lutz.	Tratar da incumbência para a viagem e suas nuances. Atentá-la para conhecer modelos das escolas de Pratt, Drexel, Armour, Lewis, entre outras.
Carta.	21 de junho de 1922.	Viola H. Burgese.	Bertha Lutz.	Pensar o trabalho feito no Diretório de Extensão sobre o trabalho com Educação Doméstica Agrícola nos Estados Unidos.
Carta.	12 de junho de 1922.	Anma Shuso Richarden	Bertha Lutz.	Falar sobre o trabalho feito em Economia

				Doméstica com mais de 8 mil mães. Demonstrando o uso dos modelos modernos norte-americanos, do Clube do Livro da Companhia de Mulheres do Lar.
Carta.	16 de junho de 1922.	M. Charles. H. Studin	Bertha Lutz.	Carta da Co-operative Extension Work de Agriculture and Home Economics do Estado de Iowa. Falar sobre os estudos que viam sendo feitos naquela entidade.
Carta.	18 de janeiro de 1923.	Bertha Lutz.	Domingos Sérgio de Carvalho.	Bertha Lutz avisa sobre as estratégias que estava criando, a partir dos modelos conhecidos nos Estados Unidos e o processo de formação de seu Relatório de viagem.
Carta.	21 de abril de 1923.	Bertha Lutz	Dr. Miguel Calmon Du Pin e Almeida.	Carta ao Ministério da Agricultura, sobre a feitura do Relatório da viagem de 1922. Bertha Lutz aprofunda a discussão sobre o que tinha feito na sua viagem aos Estados Unidos, dando ênfase a produção de seu Relatório de viagem.
Carta.	28 de agosto de 1922.	Bertha Lutz.	Dr. Miguel Calmon Du Pin e Almeida.	Carta ao Ministério da Agricultura, sobre a feitura do Relatório da viagem de 1922. Bertha Lutz aborda sobre diversas questões sobre a importância que esse trabalho feito nos Estados Unidos poderia contribuir para a educação feminina.
Carta.	12 de junho de 1922.	Miss Ethiel Mcdonald da Cooperative Extension Work in	Bertha Lutz.	Encaminhar cópias em foto de chapéus que eram feitos por alunas de Escolas

		Agriculture and Home Economics		Domésticas Agrícolas.
Carta.	13 de julho de 1922.	Louise N. Nissa da Universidade de Nevada	Bertha Lutz.	Enviar o catálogo do que era feito na Universidade sobre a temática.
Carta.	20 de junho de 1922.	Carta da Associação de Mulheres Universitárias	Bertha Lutz.	Ajudar Bertha Lutz a organizar no processo de documentos e instituições do que vinham sendo feito nos Estados Unidos.
Relatório.	1922.	Bertha Lutz.	Ministério da Agricultura.	Capítulo de Relatório: Uma visita ao pavilhão de Economia Doméstica da Universidade Cornell de 1922. Abordar sobre como foi essa visita, percebida por Bertha Lutz como muito importante.
Relatório.	1922.	Bertha Lutz.	Ministério da Agricultura.	Capítulo de Relatório: Uma visita ao escritório de uma Agente Rural de 1922. Abordar sobre como foi essa outra visita, também percebida por Bertha Lutz como muito importante.
Carta.	15 de março de 1923.	Bertha Lutz.	Rainha da Bélgica Elizabeth.	Se despedir da mesma, após o período que passou em seu país durante a viagem.
Carta.	25 de abril de 1920.	Bertha Lutz.	Marie Joséphine Anatole Louise Élisabeth de Caraman- Chimay, princesa da Bélgica	Carta de despedida da princesa para Bertha Lutz após sua volta a Bélgica, por intermédio de viagem ao Brasil.
Carta.	27 de fevereiro de 1923.	Miss Catt.	Bertha Lutz.	Falar sobre as temáticas que seriam discutidas no Congresso de Roma de 1923, no processo de viagem de ida a Bélgica.
Carta.	7 de junho de 1923.	Paul de Vuyst	Bertha Lutz.	Convidar Bertha Lutz para visitar escolas e museus na sua visita a Bélgica.

Carta.	1923.	Féderation des foyes Belges.	Bertha Lutz.	Convidar Bertha Lutz para debater sobre os caminhos do feminismo naquele país em 1923.
Carta.	22 de outubro de 1923.	Feminisme Chrétien de Belgique.	Bertha Lutz.	Convite para participar de debates sobre os caminhos do feminismo na Bélgica em 1923.
Carta.	12 de junho de 1923.	Princesa G. Caraman Chimay	Bertha Lutz.	Documento trata sobre despedida da Princesa a Bertha Lutz, após a viagem de 1923.
Relatório.	1922.	Bertha Lutz.	Ministério da Agricultura.	O Serviço Cooperativo de Extensão dos Conhecimentos de Agricultura e Economia Doméstica nos Estados Unidos. As temáticas apropriadas nas viagens e os modelos de educação doméstica agrícola que foram apropriados por Bertha Lutz e compuseram este documento.
Carta.	14 de novembro de 1924.	Sociedade Nacional de Agricultura.	Bertha Lutz.	Discutir sobre a recepção de Paul de Vuyst ao Rio de Janeiro.
Carta.	24 de novembro de 1924.	Ministério da Agricultura.	Bertha Lutz.	Tratar sobre a recepção de Paul de Vuyst para palestras na Escola Politécnica.
Carta.	1924.	Paul de Vuyst.	Bertha Lutz.	Abordar sobre as suas impressões da viagem realizada no ano corrente.

O conjunto documental permite interrogar os principais aspectos levantados pela intelectual durante o período em que esteve nos Estados Unidos, em 1922, e na Bélgica, em 1923, para tratar sobre a temática de Economia Doméstica Agrícola e levantar questões acerca

dessas experiências. Além disso, consta nesse conjunto como ela procurou legitimar e fazer circular essas ideias no Brasil após o seu retorno? Mais adiante isso será retomado.

3.1 Visitando instituições educacionais norte-americanas

Bertha Lutz foi escolhida para a primeira viagem para representar o Ministério da Agricultura com o objetivo também de visitar e conhecer cursos de Economia Doméstica Agrícola nos Estados Unidos. A partir daí ela deveria buscar formas de aprender com esses espaços de educação agrícola feminina e maneiras de contribuir para desenvolver essa modalidade de ensino no Brasil. Conforme a reportagem de *O Paíz, de* 14 de agosto de 1922, estes seriam "os principais estabelecimentos de ensino e trabalhos manuais e de economia doméstica, quer os privativos de cada sexo, quer os filiados do regime de coeducação, tão generalizados na pedagogia norte-americana". O jornal indica que os Estados Unidos já se constituíam, referência em educação feminina e, por isso, representava uma escolha óbvia para pensar projetos de Educação Rural. Ele aponta que a viagem poderia dar a Bertha Lutz a oportunidade de melhorar a educação como um todo no Brasil.

Como já visto, o, Ministério da Agricultura partiu do princípio de que a pauta da Economia Doméstica Agrícola, como proposta educativa, poderia ajudar o trabalhador do campo, homens e mulheres a contribuírem para o desenvolvimento da economia. Mesmo que já existissem indústrias no Brasil, a prática da agricultura ainda era o principal meio que predominava na economia nacional. Ademais, a incumbência da viagem, consistiria como perspectiva que Bertha Lutz escrevesse um relatório da viagem, com as suas impressões após seu retorno para o órgão governamental. Segundo, ainda, matéria de 14 de agosto de 1922, no jornal *O Paíz*:

> O Dr. Pires do Rio, ouvindo-a atentamente, incumbiu-a de promover, após a reelaboração do relatório referente a sua missão, ativa propaganda sobre o assunto que já se acha incluído em regulamentos do seu Ministério, e que conta no Brasil alguns estabelecimentos dignos de nota, entre os quais salienta-se a Escola de Economia Doméstica, no Rio Grande do Norte. D. Bertha Lutz ficará para esse fim a serviço do Ministério, na parte referente ao ensino agrônomo, durante o tempo necessário a execução do seu mandato. Sabido que o ensino doméstico-agrícola e de economia doméstica está difundido em países mais adiantados, é de esperar que produza no Brasil, os melhores resultados, como país agrícola que é podendo até colaborar na tarefa patriótica de reduzir o êxodo rural, condizentes com o seu e naquelas que devem concorrer para tornar mais confortável e feliz o lar do cultivador (*O PAÍZ* de 14 de agosto de 1922, s/d).

Aqui pode-se ver que Bertha Lutz foi designada num processo que convergia com as ações que o Dr. Pires do Rio em sua gestão no Ministério da Agricultura vinha implementando,

com o compromisso de pesquisar e difundir modalidades educativas que pudessem fazer com que a situação do trabalhador do campo melhorasse. Isso reforça que a escolha pela intelectual como uma dessas interlocutoras se deu como uma estratégia modernizante que estava sendo articulada pelo Ministério da Agricultura, desde 1909, quando houve uma reconfiguração dos objetivos que ali deveriam ser tomados, voltando-se mais para a necessidade de, a partir da ciência, fazer circular modelos exitosos estrangeiros de educação, que tornasse mais viável para as pessoas que viviam no campo.

Sobre essa primeira viagem para tratar de Economia Doméstica Agrícola, uma série de telegramas trocados entre Bertha Lutz e o Ministério da Agricultura, a partir de 28 de agosto de 1922, dá pistas de como foram tomadas as decisões para que essa escolha se viabilizasse. Encaminhado ao Ministério da Agricultura, Bertha Lutz argumentou:

> A honra incumbência que me foi dada pelo Sr. Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio de fazer alguns estudos sobre o Ensino da Agricultura, principalmente do ponto de visto do ensino ao sexo feminino, isso é, da Economia Doméstica Agrícola, durante a minha estadia nos Estados Unidos proporcionou-me a oportunidade de conhecer uma das mais interessantes organizações daquele País: O Sistema de Alcance Nacional onde estão para assegurar o progresso constante da Agricultura e melhorar continuadamente as condições de vida da população rural (CARTA DE BERTHA LUTZ, 28 DE AGOSTO DE 1922).

Aqui, na fala de Bertha Lutz, é possível perceber que a incumbência teve como proposta conhecer modelos de Economia Doméstica Agrícola para pensar na educação feminina, sendo esse um projeto específico. O Sistema de Alcance Nacional Americano é visto como progressista por ela por ter sido pensado para ser implementado no contexto nacional, dando, a seu ver, melhores condições de vida para a população rural norte americana. A pedido do Ministério da Agricultura Indústria e Comércio, ela deveria visitar instituições de Economia Doméstica, com o objetivo de catalogar os aspectos desse sistema de ensino rural amplo e implementado em um contexto nacional.

Na carta de 23 de março de 1922, emitida pelo Gabinete do Ministro do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio direcionada a Bertha Lutz, aos cuidados da secretaria do Museu Nacional, começam as tratativas que compuseram o foco do que deveria ser tomado por ela:

> Exma. Sra. Bertha Lutz
> Comunico-vos, para devido fins, que resolvi incumbir-vos de visitar e estudar, tanto quanto permitir a permanência que fizerdes nos Estados Unidos da América, os principais estabelecimentos de ensino de trabalhos manuais e de economia doméstica, quer os privativos de cada sexo, quer o filiados no regime de coeducação, tão generalizado na pedagogia norte-americana. A própria cidade Baltimore, para onde vos dirigis, oferecer-vos-á grandes oportunidades a execução da primeira parte dessa incumbência, desde as diversas hierarquias do curso primário até ao Instituto Politécnico. Quanto à instrução teórica e prática de economia doméstica, depareareis

> em quase toda a União americana modelos dos mais valiosos, que vão do ensino elementar às Faculdades de Ciências doméstica incorporadas nos Institutos Pratt, Drexel, Amour, Lewis e outros. As escolas primarias rurais, mormente as complementares (Rural, School Consolidated), que, em breve, serão ensaiadas no Brasil, merecem, por igual, vossa atenção e delas vos ocupareis, como dos demais estabelecimentos, no relatório que deve apresentar a este Ministério. Simões Lopes (CARTA DE SIMÕES LOPES, 23 de março de 1922).

Nessa carta analisada, aparecem questões que tratam da escolha da secretária do Museu para a missão, levando em conta que já na cidade de Baltimore onde participou da Conferência Feminina havia uma das instituições em que deveria visitar. Ela deveria conhecer entidades de níveis médio e superior, e a partir daí, apontar suas impressões de viagem. Era de interesse do Ministério que Bertha Lutz se apropriasse de modelos pedagógicos, quanto a perspectiva teórica e prática, e assim, quando retornasse, contribuísse para aplicar no Brasil o que Simões Lopes, chamou de um ensaio, ou seja, uma pré-disposição de implementar novas escolas a partir do que esses modelos apontassem.

A carta ainda traz um conjunto de pistas para elaboração de uma reflexão, envolvendo os objetivos do Ministério, a importância de Bertha Lutz como articuladora desse processo e o desejo que esse trabalho em parceria pudesse culminar na formulação de um projeto modernizador para a Educação Rural.

Bertha Lutz estabeleceu comunicação por cartas com instituições norte-americanas, para fazer tratativas acerca dessa sua primeira viagem, com o intuito de conhecer sobre aquilo que vinha sendo produzido sobre a temática da Economia Doméstica Agrícola. Dentre elas estava a Cooperative Extension Work in Agriculture and Home Economics, de Kansas, em 12 de junho de 1922.

> My dear Miss Lutz -Enclosed you will find two copies each of two pictures of hats made in our extension millinery schools. [...] I hope you had a pleasure trip to California and that tour entire visit in the country that I love so will, has been enjoyable and I am hoping that your journey back to the country that you live.[46] [...] Miss Ethiel Mcdonald (CARTA DE ETHIEL MCDONALD, 12 DE JUNHO DE 1922).

Essa carta demonstra, que Bertha Lutz recebeu material de uma série de instituições e de escolas no período que esteve nos Estados Unidos. Nessa ocasião Miss Ethiel Mcdonald enviou fotos de chapéus que estavam sendo feitos pelas alunas na escola em que ela liderava,

[46] Livre tradução: Minha querida Srta. Lutz - Em anexo você encontrará duas cópias de cada uma das duas fotos de chapéus feitos em nossas escolas de chapelaria de extensão. [...] Espero que você tenha tido uma viagem prazerosa para a Califórnia e que toda essa visita ao país que eu tanto amo, tenha sido agradável e espero que sua jornada de volta ao país que você mora.

com o objetivo de que a viajante pudesse conhecer mais da dinâmica de como a educação da modalidade de Economia Doméstica Agrícola nos Estados Unidos.

Em 13 de Julho de 1922, Bertha Lutz também recebeu carta da Universidade de Nevada, tratando sobre diretrizes da mesma temática educacional, de educação rural para as mulheres. Na ocasião, Louise N. Nissa apontou para ela algumas considerações de como ocorria a educação onde atuava:

> Dear Miss Lutz: Under separate cover I have mailed you a copy of our general catalogue. I find that our Extension Departament does no teaching outside of the Boys and Girls Club Work. They have given a list of the Bulletins they have, and I shall be glad to obtain them for you if you wish any of them. Our Library says he does not receive the publications from your department of Agriculture but would be glad to have them. With Kind regards.[47] (CARTA DE LOUISE N. NISSA, 13 DE JULHO DE 1922).

Bertha Lutz manteve, portanto, contato com diversas instituições nos Estados Unidos em prol de obter material nas instituições da Economia Doméstica Agrícola, para pensar possibilidades em torno da realidade brasileira. Nessa carta é demonstrada a disposição pelas quais as instituições americanas estavam querendo saber o que estava sendo produzido no Brasil. Essa relação aqui exposta aponta para o fato de que esse foi um ambiente que envolveu constante diálogo e troca entre os indivíduos que faziam parte dele.

Todas essas correspondências mostram que Bertha Lutz dialogou com algumas entidades em diversos estados americanos sobre como estavam articulando novas estratégias de intervenção em torno dessa medida e viam nela uma interlocutora autorizada para tratar do tema e fazer circular as ideias por meio da criação de novos projetos educacionais. Quase um ano após essa carta que sinalizaria a incumbência para a viagem, encaminhou uma carta citando o Relatório que foi solicitado e na ocasião entregue por Bertha Lutz. Assim, Lopes encaminhava a carta em 18 de janeiro de 1923 para o Professor Domingos Sergio de Carvalho:

> Tenho a honra de submeter a vossa apreciação o incluso relatório de D. Bertha Lutz, sobre os sistemas de ensino e divulgação de Economia Doméstica e suas aplicações à Agricultura, empregados nos Estados Unidos da América do Norte (CARTA DE DOMINGOS SERGIO DE CARVALHO, 18 DE JANEIRO DE 1923).

A comunicação sobre o Relatório e sua circulação aconteceu durante o começo de 1923, momento em que Bertha Lutz se preparava para viagem à Europa, para continuar a conhecer

[47] Livre Tradução: Prezada Srta. Lutz: Em capa separada, enviei a você uma cópia de nosso catálogo geral. Acho que nosso Departamento de Extensão não ensina fora do Boys and Girls Club Work. Eles forneceram uma lista dos boletins que possuem e ficarei feliz em obtê-los para você, se desejar algum deles. Nossa Biblioteca diz que ele não recebe as publicações de seu departamento de Agricultura, mas ficaria feliz em recebê-las. Com os melhores cumprimentos.

modelos pedagógicos de Economia Doméstica Agrícola. Dessa forma, demonstrando a importância que tal conteúdo poderia dar ao Ministério para começar a colocar em prática seu plano de expansão do Ensino Agrícola para uma perspectiva que incluíssem as mulheres. Bertha Lutz, em 20 de março de 1923, encaminha uma carta a Domingos Sergio de Carvalho, então chefe da seção do Serviço Agronômico do Ministério:

> Sr. Professor, tenho a honra de passar as vossas mãos a este anexo os programas e esboços de organização dos diferentes tipos de estabelecimentos de Ensino de Economia Doméstica a Serviço Extensivo, por mim traçados, de acordo com a vossa determinação, obedecendo as diretrizes gerais do presente Regulamento e do Projeto de Reforma do Ensino Agronômico. Valendo-me do ensejo, apresento-vos pretextos de subido apreço mui distinta consideração. Saúde e Fraternidade (CARTA DE BERTHA LUTZ, 20 DE MARÇO DE 1923).

A carta comenta sobre a tentativa e esforços que Bertha Lutz e o próprio Ministério de criar escolas, a partir do que foi observado nos Estados Unidos, e assim pensar diretrizes para a temática que se valessem em divulgar e difundir os estudos feitos por ela.

Em outra carta para o novo Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, que substituiu Lopes, em 21 de abril de 1923, Bertha Lutz aprofunda mais alguns aspectos que ocorreram após a viagem. Pouco tempo antes de viajar para a Europa para o Congresso de Berlim e concomitante para a Bélgica para ampliar os estudos sobre a temática da Educação Doméstica. Nessa carta ela escreve.

> Sr. Ministro, Tenho a honra de passar as mãos de V. Ex. a este anexo relações das publicações referentes, a) ao Ensino de Economia Doméstica dos Estados Unidos (e entregues a Miss James, funcionária contratada desse Ministério) b) Assuntos Agrícolas, (entregues ao Sr. Professor Sérgio de Carvalho), por mim selecionados durante a minha estadia nos Estados Unidos com o intuito de colocá-los a disposição desse Ministério. Valendo-me do ensejo, apresento a v. Ex. protestos de subido apreço e muito distinta consideração. Secretario do Museu Nacional em Comissão no Ministério da Agricultura. (CARTA DE BERTHA LUTZ, 21 DE ABRIL DE 1923).

Aqui é citado a presença de uma outra mulher no Ministério da Agricultura, Miss James, a quem entregou publicações referentes à temática do Ensino de Economia Doméstica. Esses anexos que Bertha Lutz cita nessas cartas, compuseram um pouco suas impressões de viagem, e que levou para o seu relatório, aqui exposta em longa carta ao Ministro em 28 de agosto de 1922, que ajudam a refletir como ela estava enxergando a importância de seu trabalho, pesquisa e visitas. A viagem poderia contribuir para o desenvolvimento do pensamento educacional brasileiro:

> Sr. Ministro, estando atualmente em andamento o projeto de Reforma do Serviço de Ensino Agronômico e devendo subir proximamente as mãos do presidente, peço vênia para lembrar ao elevado critério de v. ex. a possibilidade de aproveitar a oportunidade fornecida pela presente reforma, que provavelmente não se apresentará de novo tão brevemente, para a cristalização, anexo a mesma de um programa de Ensino e divulgação dos conhecimentos dos conhecimentos de Economia Doméstica Agrícola,

> entre a população rural feminina, assunto este cujo estudo e propaganda me tem encarregado v.exa.. dedicando-lhe generoso apoio e esclarecida atenção. (CARTA DE BERTHA LUTZ, 28 DE AGOSTO DE 1922).

Bertha Lutz usou da sua posição e prestígio dentro do Ministério para fazer com que seu projeto e estudos se tornassem públicos de fato. Procurava, assim, garantir e trazer, portanto, a possibilidade de tornar acessível uma educação que fosse, a seu ver, emancipadora para as mulheres, o que de alguma forma, contribuiria para organizar a luta e as pautas que eram do âmbito do feminismo. Essa abordagem fica mais clara em outra parte da mesma carta de 28 de agosto de 1922, quando apresenta a justificativa para fazer um pedido:

> Levando em consideração a importância material e moral para o progresso nacional da elevação do nível da população rural e sendo o lar um dos mais poderosos fatores na formação das condições de vida, podendo além disto o aproveitamento conveniente do esforço feminino nas industrias agrícolas apropriadas a mulher servir de novas fontes de renda, tomo a liberdade de sugerir que seja adotado de vez um sistema de alcance nacional que vise em todas as suas modalidades a instrução da população rural feminina do Brasil. Pertencendo os trabalhos rurais precisamente aquela ordem de atividades que exigem uma divisão nítida do trabalho entre os sexos, ouso sugerir ainda que o Ensino Agronômico destinado ao sexo feminino isto é a Economia Doméstica, seja considerada separadamente embora faça parte do mesmo Serviço. Atendendo a considerações de ordem econômica tomo a liberdade de sugerir igualmente seja adotada de preferência a um sistema imediato, muito dispendioso a talvez prematuro, um sistema de desenvolvimento gradual do Serviço com despesas iniciais reduzidas e provisões para o seu aumento de acordo com as necessidades futuras, à medida que for se alargando o campo de Seção. (CARTA DE BERTHA LUTZ, 28 DE AGOSTO DE 1922).

Nesse momento são apontadas várias questões estratégicas que elucidam a trajetória de Bertha Lutz em torno dessa modalidade no Brasil. Primeiramente, a defesa de uma educação de âmbito nacional para a população feminina que vivia na zona rural, como fator crucial para o progresso do Brasil e elevação do nível, da instrução formal e cultural. Essa questão mostra como era importante, para os sujeitos que pensavam no país, como Bertha Lutz, a integração de todo o território, dentro dos projetos intelectuais de cada um, e do projeto geral, que era a modernização do país. Nesse período, em que esteve visitando escolas, departamentos e tecendo projetos para Economia Doméstica Agrícola, fica nítido que Bertha Lutz foi uma das grandes responsáveis para difundir um projeto amplo de educação nacional, para todas as mulheres no Brasil na década de 1920. Em suas propostas que aborda em carta ao Ministério da Agricultura, em 28 de agosto de 1922, aos cuidados do Dr. J. Pires do Rio, começou descrevendo quais foram os caminhos realizados por ela na viagem:

> A honrosa incumbência que me foi dada pelo Sr. Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, de fazer alguns estudos sobre o Ensino da Agricultura, principalmente do ponto de vista do ensino no sexo feminino, isto é, da Economia Doméstica Agrícola, durante a minha estadia, nos Estados Unidos, proporcionou-me a oportunidade de conhecer uma das mais interessantes organizações daquele País. O Sistema de

> Alcance Nacional montado para assegurar o progresso constante da Agricultura e melhorar continuamente as condições de vida da população rural. Terminada a conferência Pan-Americana de Mulheres, principal objeto de minha viagem, visitei em primeiro lugar diferentes seções do Departamento Nacional de Agricultura em Washington, sendo muito bem acolhida, e obtendo grandes facilidades, graças as senhoras funcionárias do mesmo, muitas das quais fazem parte da Liga de Mulheres Eleitoras, que organizou a Conferência Pan Americana. Em seguida durante a viagem que fiz para os Estados Unidos, viagem esta que também devo a Liga das Mulheres Eleitoras pois a convite desta associação fiz uma turnê de conferências nos seus diferentes espaços estaduais e municiais. Tive a oportunidade de visitar um bom número das Escolas Superiores de Agricultura, que fazem parte das Universidades Estaduais, bem como escritórios dos consultores técnicos regionais de Economia Doméstica Agricultura e de conhecer pessoalmente vários aspectos da vida rural nos Estados Unidos (CARTA DE BERTHA LUTZ, 28 DE AGOSTO DE 1922).

Bertha Lutz cita o Sistema de Alcance Nacional nos estados como um aparato público, concentrado em fazer com que a agricultura fosse difundida naquele país. Pode-se ver que o Museu Nacional, Ministério da Agricultura, Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, estavam conectados nos seus projetos, de formas a incluir as mulheres na sociedade civil, como os homens. Pode-se ver como a Educação Rural, quanto Economia Doméstica Agrícola eram fortes, pois estavam agregadas às Universidades naquele país. O Sistema de Alcance Nacional, era uma forma de articulação entre Governo Federal, Estadual e Municipal, de garantir que essas ideais fossem implementadas na prática.

Nos diálogos estabelecidos com os sujeitos nessa primeira viagem para tratar sobre Economia Doméstica Agrícola, um dos que Bertha Lutz elegia, eram aqueles que atuavam no Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Em carta de 20 de junho de 1922, lhe é comunicado, pela American Association of University Women, vinculada ao departamento algumas questões para ajudá-la no processo de levantamentos de modelos educacionais.

> My dear Miss Lutz: We women on the staff of the Office of Extension Work and of the Office of Home Economics of the States Relations Service are looking forward with the pleasure to having you visit us tomorrow morning, Wednesday, June 21, at any time that may be convenient for you. Was hall be so glad to tell you of the work the Department of Agriculture is doing for the rural home through the States Relations Service here at Washington and the Extension Services in Agriculture and Home Economics in the forty-eight State Agricultural Colleges [48] (CARTA DO DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA DOS ESTADOS UNIDOS, 20 DE JUNHO DE 1922).

[48] Livre Tradução: Minha querida Srta. Lutz: Nós, mulheres, da equipe do Escritório de Extensão e do Serviço de Relações Econômicas Domésticas dos Estados, estamos ansiosas para recebê-la amanhã de manhã, quarta-feira, 21 de junho, a qualquer hora que pode ser conveniente para você. Wes Hall fica muito feliz em contar a vocês sobre o trabalho que o Departamento de Agricultura está fazendo para as casas rurais por meio do Serviço de Relações com os Estados aqui em Washington e os Serviços de Extensão em Agricultura e Economia Doméstica nas quarenta e oito Faculdades Agrícolas Estaduais

Nessa carta, além de ser dito que havia 48 Escolas Agrícolas nos Estados Americanos, me parece que esta já era uma modalidade bem estruturada naquele país, sendo talvez mais um elemento que justificou a ida de Bertha Lutz até lá para visitar e aprender mais sobre esse projeto. Além disso, foi mostrado a ela a lógica do funcionamento da modalidade por todos os Estados Unidos.

Nessas primeiras cartas abordadas são demonstrados quais foram os interlocutores, dos espaços que foram visitados por ela, os aspectos que envolvem o que de fato ela estava interessada em visitar e levantar, principalmente, os materiais daquilo que era produzido nestas escolas e em universidades, o que mostra como se dava essa educação que mesclava a prática do ensino teórico com o prático profissionalizante. Além disso, foram analisados por ela, os currículos de Economia Doméstica Agrícola americanos, que apontam para mais elementos de como essa educação era elaborada e estabelecida de fato.

3.1.1 Os Currículos de Economia Doméstica

O dossiê contido no Fundo Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino localizado no Arquivo Nacional[49], contém alguns currículos dos cursos de Economia Doméstica, em alguns Estados norte-americanos. Nesses documentos são apresentados quais os conteúdos e tendências educativas, eram abordadas nas escolas, delineando em vários aspectos, sobre o que queria ser alcançado, quanto à proposta educacional. Ao mesmo tempo trazem muitas questões que vão compor as diretrizes eram estabelecidas pelas instituições escolares e Universidades dos Estados Unidos. Um dos documentos traz suportes para Bertha Lutz compor a sua própria perspectiva do que seria essa prática específica de educação para as mulheres, que vinha sendo experimentada e implementada a passos largos. Chamado de "Outline of Work", esse era um esquema de trabalho que apontou todas as propostas da divisão de Educação Doméstica Rural para o curso de Economia Doméstica nas escolas. De acordo com o texto, escrito para os estados da Carolina do Norte, a mulher ou a garota que participasse do Clube de Economia Doméstica Agrícola, como era nomeado dentro das escolas, poderia receber um diploma de formada na disciplina e isso lhe daria condições para atuar não apenas no lar, mas em outros espaços que exigissem um profissional qualificado para determinadas atribuições, com o domínio desses saberes.

[49] "Boletins, textos, lista, programas e relatórios referentes a ["Economia doméstica"] e seu ensino nos EUA." BRRJANRIOQO.BLZ, APR.CMG.2

Os métodos para a instrução seriam organizados pela parceria entre o Agente Doméstico e um Especialista em Educação Rural, onde ambos, elaborariam aulas teóricas, juntamente de atividades práticas, onde seriam testadas as capacidades técnicas das mulheres e meninas que fossem alunas. Certas atividades deveriam ser transformadas em planos para serem realizadas em grupo. Haveria também uma líder de classe que atuaria junto com o Agente de Economia Doméstica, ajudando a organizar os conteúdos e as atividades que fossem articuladas pelos profissionais nos planos de curso previamente estabelecidos.

As atribuições dos requerimentos necessários para obtenção do diploma em Economia Doméstica Agrícola, para aquelas que conseguissem a aprovação, seriam distribuídos entre as mulheres e meninas que aprendessem os seguintes conteúdos: nutrição, preparação e preservação de alimentos, gerenciamento do lar, cuidados com roupas, limpeza de móveis e agricultura. Em relação ao que era exigido, para a confecção do diploma, ainda se acrescentou a necessidade que elas teriam que aprender jardinagem.

Havia disciplinas eletivas que poderiam ser aprendidas de maneira suplementar ao que era exigido como obrigatório nos cursos. As mais comuns dessas que eram oferecidas seriam: “agricultura para mulheres, jardinagem, trabalho diário, trabalho com abelhas, embelezamento do lar, trabalho com comida, artes e ofícios de carpintaria, tecelagem de tapetes, padaria, vassouras, fundo de cadeiras e colchas”. No primeiro ano do curso, a aluna aprendia coisas, como usar leite, ovos, cereais, vegetais, açúcar e como manusear comidas com carne, pão, geleias, além de como servir a mesa. Era oferecida também uma educação voltada para como preparar, de maneira equilibrada, a nutrição das refeições. Em relação ao cotidiano das atividades do lar, seriam oferecidas formas de como cuidar da cozinha e de lavar as roupas. Em relação a estas últimas, especificamente, cuidados em como usar o ferro e secar. Também se valorizou como manter as roupas perfumadas com bom aspecto sem as envelhecer e preservando-as do mofo e outros fenômenos da natureza que poderiam estragá-las.

No que se referia ao mobiliário doméstico, o ensino seria voltado para o cuidado dos móveis da casa, de forma que eles pudessem durar mais. Com isso, motivando a dona de casa a implementar o maquinário, visto como moderno no lar, visando assim dar a ela mais tempo para produzir meios de subsistência econômica para sua família. Quanto à disciplina de artes e ofícios que era ministrada geralmente no primeiro ano, seriam ensinadas formas de se trabalhar com a produção de leite e manteiga para consumo e venda.

Outro texto contido no mesmo dossiê chamado “Curso de Estudo” do Departamento de Economia Doméstica apresentava um plano de estudo sobre quais seriam os ensinamentos que

deveriam ser preconizados para ensino nas escolas tradicionais ou agrícolas norte-americanas. A ideia apresentada no documento pautou-se, em apresentar que as estudantes deveriam aprender conhecimentos por meio de várias perspectivas teórico-científicas das pesquisas e debates que vinham sendo feitos em torno da prática da Economia Doméstica Agrícola. O foco era voltado para as práticas relacionadas ao manuseio da comida, das roupas, da lavagem e dos cuidados da casa. Somados a esses, outros conteúdos e conhecimentos estavam relacionados à limpeza e à decoração do lar. Além de procurar também desenvolver habilidades no ambiente escolar que pudessem permitir às estudantes a capacidade de inserir-se no mercado comercial, transformando essa educação em uma prática profissionalizante.

Os conteúdos seriam divididos por tópicos que objetivariam desenvolver habilidades que pudessem transformar a casa em um lugar agradável, limpo e, até certo ponto, artístico. A capacidade de poder usar e manipular da melhor forma vários alimentos, para criar uma variedade ampla de cozimentos, que inclusive poderiam virar forma de subsistência financeira dessas alunas, era, no entanto, o foco principal. Outra frente se desenhou na preparação das mães ou jovens da família para desenvolver o gosto para o trabalho nos lares. Também preconizar a organização das finanças domésticas de modo que a família pudesse realizar a própria compra e manutenção dos móveis, dos produtos da cozinha, da horta entre outros. Essas potencialidades seriam implementadas por intermédio de vários projetos para o lar, onde os educadores aplicariam, de maneira a unir a teoria e prática, fazendo com que as próprias alunas refizessem essas atividades nas classes e nos seus próprios lares.

O Relatório do terceiro ano da Conferência do Estado de Nebraska sobre aulas vocacionais em Economia Doméstica de 1921, também foi um anexo acrescentado ao dossiê observado e reporta alguns dos locais que foram visitados por Bertha Lutz em sua viagem aos Estados Unidos e esses currículos observados por ela. Nessa conferência, especificamente voltada para debater e formar professores, foi discutida a necessidade de se tornar o ensino da disciplina de Economia Doméstica Agrícola, cada vez mais prática e dar-lhe um direcionamento para várias formas pedagógicas que tivessem como o fim do processo, dar uma atividade profissional para as alunas. Isso seria feito a partir da aplicação de vários novos materiais e métodos modernos de ensino, que seriam pensados e distribuídos por muitos desses intelectuais que compuseram o corpo de participantes dessa Conferência, alinhando educação teórica com prática. Além disso, refletiu-se sobre a necessidade do Estado, dos Departamentos de Economia Doméstica e dos Professores em atuar em conjunto, para que pudessem ir solucionando os problemas que fossem aparecendo e garantir que esse trabalho fosse feito. Algumas

participantes em especial, deram contribuições sobre como fazer com que essa nova perspectiva moderna de ensino fosse de fato aplicada:

> How can instruction in food study be vitalized? The work must first be vitalized among the girls in the classes. This can be one in at least third ways (1) – by discovering difficulties involving food (2) by discussions concerning practical service in the community (3) by a statement of the year problem to involve home and community problems. Each class should be encouraged to help toward the solving of at least one community problem. This can scarcely be done without coming in close contact with the community the home economics department. Exhibits, parties, and programs for the patent-teachers association, helping with banquets and bazaars at the churches and various other organization are splendid means of getting community cooperation[50] (MAUE VEDDER, 1921, p.50)[51]

A fala da professora retrata de maneira incisiva quais eram as tratativas que o ensino de Economia Doméstica Agrícola deveria passar a embasar de modo a realizar a aprendizagem proposta. Para ela, além da inserção do conteúdo teórico e prático, era preciso ter uma relevância com a sociedade como um todo. Ao mesmo tempo, não poderia esquecer que o foco maior seria a preparação do "lar" e a resolução de seus "problemas". Essas discussões tinham grande relevância no funcionamento geral da sociedade, sendo, portanto, necessário o estabelecimento de novas perspectivas pedagógicas que não se afastassem do objetivo principal, que era o de dar a essas donas de casa a capacidade de melhorar os seus lares e fazer deles uma extensão para a melhoria da própria sociedade como um todo.

Esse documento também abordou sobre a criação da Federação de Economia Doméstica de Nova York, mas não foi possível localizar a data da fundação. Essa instituição teria como escopo de suas atividades, desenvolver estratégias de correlacionar o trabalho doméstico com as necessidades impostas pela sociedade. Coube a essa entidade incentivar as mulheres para que dentro de seus lares pudessem criar variadas formas de ajudar as suas comunidades nas quais viviam e, por conseguinte, contribuir para a melhoria do país, sendo essa uma característica bem marcante de como Bertha Lutz passaria a implementar essas perspectivas no Brasil.

---

[50] Livre tradução: Como a instrução no estudo dos alimentos pode ser vitalizada? O trabalho deve primeiro ser vitalizado entre as meninas nas aulas. Isso pode ser pelo menos uma terceira maneira (1) – descobrindo dificuldades envolvendo comida (2) por discussões sobre serviços práticos na comunidade (3) por uma declaração do problema do ano envolvendo problemas domésticos e comunitários. Cada classe deve ser encorajada a ajudar na resolução de pelo menos um problema da comunidade. Isso dificilmente pode ser feito sem entrar em contato próximo com a comunidade do departamento de economia doméstica. Exposições, festas e programas para a associação de professores de patentes, ajudando com banquetes e bazares nas igrejas e várias outras organizações são meios esplêndidos de obter cooperação da comunidade

[51] Citação retirada de fala em documento: "Boletins, textos, lista, programas e relatórios referentes a ["Economia doméstica"] e seu ensino nos EUA." BRRJANRIOQO.BLZ, APR.CMG.2.

Outro documento contido nesse dossiê, que também apareceu com destaque, é o Serviço e Trabalho de Extensão em Agricultura e Economia Doméstica, do Departamento Federal Americano de Agricultura e das Escolas, localizado em Washington D.C. Dessa instituição específica, Bertha Lutz teve acesso aos resultados estatísticos do corrente ano de 1922. São apresentados, que havia nesse ano a quantidade de 3.402 agentes de Economia Doméstica atuando em 48 estados ao longo do país, fornecendo suporte pedagógico para professores e ensinando nas escolas gerais e agrícolas os principais conteúdos que compunham a maioria dos currículos de Economia Doméstica Agrícola. Chama atenção que nesse mesmo escrito uma parte denominada "trabalho com negros", sinalizou que havia essa estrutura de ensino em 6 lugares, "Anson, Beaufort, Columbus, Huston, Wake and Wayne". Essa era uma estratégia desse Estados de fazer com que essa educação se popularizasse entre "todos". No entanto, os Estados Unidos que eram socialmente divididos nesse período, por conta de racismo, tinha a ideia de fazer com que as agentes brancas fossem responsáveis pela formação dessas profissionais negras. O objetivo seria em pensar uma educação que levasse em conta a realidade de exclusão social que estava imposta e, no discurso, procurar dar ferramentas para que a população negra pudesse auxiliar as suas próprias comunidades. Demonstrava a tentativa de popularizar o ensino de Economia Doméstica Agrícola a toda a nação, mas reforçando que essa era uma educação que naquela realidade não era transformadora. Como pode ser observado na fala de um Agente Negro de Columbus:

> The Columbus negro agent says:
> In conduction my sewing campaign we arranged our schedule with miss Lankford, the white home agent. I conducted this work by meeting each club and spending two days in the community helping the women and girls to solve the clothing problem. I am very well pleased at the way the girls and women worked with clothing.[52] (SERVIÇO E TRABALHO DE EXTENSÃO EM AGRICULTURA E ECONOMIA DOMÉSTICA. 1922. p.99)

Ainda que a proposta fosse ensinar os mesmos conteúdos programáticos para as mulheres negras como as brancas, esse ensino deveria estar balizado pela supervisão de uma agente branca, como a citação dá a entender. O objetivo era poder garantir que todos esses conteúdos chegassem à maioria de mulheres possíveis. Talvez o fato de nos Estados Unidos ocorrer uma distinção entre as raças possa ter pesado nessa maneira de condução pedagógica,

[52] Livre tradução: O agente Colombo negro diz: Na condução de minha campanha de costura, combinamos nossa programação com a senhorita Lankford, a agente doméstica branca. Conduzi esse trabalho reunindo-me com cada clube e passando dois dias na comunidade ajudando as mulheres e meninas a resolver o problema do vestuário. Estou muito satisfeito com a forma como as meninas e mulheres trabalharam com roupas.

no entanto, não foram localizadas mais fontes que, de fato, pudessem ajudar a aprofundar nessa questão.

Bertha Lutz também levantou vários documentos, aponta esse dossiê, sobre a prática da agricultura e na maneira com que os métodos para fazer o ensino valer dentro das escolas. Nele constam também diversos materiais didáticos de educação doméstica, divididos em lições de agricultura, pecuária e trabalhos manuais dentro dos lares. Esse conteúdo, como citado por ela, continha um total de 70 boletins, 28 documentos mimeografados, 55 documentos sobre Serviço de Agricultura no lar e 22 documentos de Agricultura e Paleontologia, que abordavam várias nuances sobre o que era visto como importante para tornar viável a expansão desse Sistema Nacional de Ensino.

Quando Bertha Lutz retornou ao Brasil dessa primeira viagem aos Estados Unidos em 1922, enviou algumas cartas para o Ministério da Agricultura para relatar aquilo que tinha sido observado por ela e sobre o que queria implementar a partir da experiência de Economia Doméstica Agrícola no Brasil. Em missiva encaminhada ao Exmo. Sr. Dr. J. Pires do Rio, relatou a honra por sua designação e explicitou mais sobre as suas impressões de viagem. Ela aponta, mais sobre como se deram essas visitas e como foram a obtenção desses documentos aqui sinalizados, vistos por ela como cruciais.

> Tive a oportunidade de visitas um bom número de Escolas Superiores de Agricultura que fazem parte das Universidades Estaduais, bem como escritórios das consultoras técnicas regionais de Economia Doméstica Agrícola, e de conhecer pessoalmente vários aspectos da vida rural nos Estados Unidos. Verifiquei fatos que me causaram profunda impressão. Em primeiro lugar destaco a perfeita cooperação dos Governos Federal, Estaduais e autoridades municipais e população agrícola. (CARTA DE BERTHA LUTZ, 28 DE AGOSTO DE 1922)

As colocações de Bertha Lutz expressam aspectos nos quais se deram a articulação entre o Governo Federal, Estados e Municípios e como esse tipo de organização era o que seria responsável pelo êxito da expansão escolar e da preparação de profissionais para trabalhar com o tema nos mais variados lugares, ao mesmo tempo que atendesse as mais variadas classes sociais nos Estados Unidos. Tudo isso ocorreu, dentro de um período relativamente curto, já que o Sistema de Educação Agrícola Nacional Americano foi criado em 1852, mesma época na qual também foi formado o Departamento Nacional de Agricultura. A partir das décadas de 1910 e 1920, o ensino de Agricultura e Economia Doméstica Agrícola se tornou um dos seus principais focos de atuação. Sobre esse Sistema Bertha Lutz ainda afirmou:

> O serviço de Extensão, é feito em conjunto pelo Departamento Nacional de Agricultura, Universidade Estaduais, e Estações experimentais não equivale a um curso sistemático de instrução, sendo na realidade um meio de colaboração continua na solução dos problemas práticos nas fazendas, no lar e na comunidade rurais como

> o demonstrará facilmente a seguinte citação do Decreto Smith-Lever que rege o Serviço de Extensão:“ Auxiliar a difusão entre a população dos Estados Unidos de informações uteis de natureza prática sobre assuntos referentes a Agricultura e a Economia Doméstica e estimular a aplicação das mesmas.(CARTA DE BERTHA LUTZ, 28 DE AGOSTO DE 1922).

Deste modo, ela evidenciou as formas pelas quais o Ensino Agrícola e o uso e a inserção de Economia Doméstica Agrícola foram se estabelecendo nos Estados Unidos, a partir do momento em que visitou instituições, dialogou com intelectuais, levantou propostas pedagógicas, se apropriou de materiais diversos e avaliou estatísticas que deram a ela um embasamento sobre os modelos que circulavam nos Estados Unidos. Essas concepções são importantes, porque a influência dos modelos e da educação americana tiveram uma posição estratégica na forma com que ela começaria a tocar o seu próprio projeto educacional quando retornou ao Brasil.

3.2 **Percorrendo as escolas experimentais belgas**

Em representação pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Bertha Lutz esteve na Bélgica, em 1923, tendo o mesmo objetivo da viagem realizada aos Estados Unidos: conhecer e ampliar a sua compreensão sobre quais deveriam ser as formas de conduzir a educação de Economia Doméstica Agrícola no seu país. Após ter visitado colégios e instituições de nível superior, recebeu carta de despedida da Rainha Elizabeth daquele país, que expressou para ela alguns aspectos da relação que tinha criado com a mesma e com a sua família.

> Je’ ai pas besoin de vous dire combien je suis désole de vous avoir manquéé de si peu de minutes i au revoir chère Mademoiselle je suis charmes de savoir que vous emportez um bom souvenir de Belgique veuillez dire mês souvenirs a votre pere et a votre frere, et croyez je vous prie a mês sentiments les meilleures[53] (CARTA DA RAINHA ELIZABETH, 15 DE MARÇO DE 1923).

Essa relação entre a família Lutz e a família real belga, se iniciou alguns anos antes em 1920, quando eles vieram ao Brasil, buscando estreitar laços com o Governo brasileiro. Nessa ocasião foram recebidos pelo então Presidente da República, Epitácio Pessoa que, de acordo com Fagundes (2006), fez esse convite quando esteve na Bélgica um ano antes em 1919. O Presidente defendia como importante que o seu país estivesse se projetando no cenário internacional, especificamente na Europa. A Bélgica naquele momento se destacava como um centro científico e econômico de importância internacional e, portanto, esteve na mira do Brasil,

[53] Livre tradução: Eu não preciso lhe dizer o quanto sentirei sua falta, por ter tido tão poucos minutos com você. Adeus querida senhorita, estou feliz e espero saber se terá uma boa memória da Bélgica, por favor, mande lembranças para seu pai e seu irmão, e acredite que lhes peço os meus melhores sentimentos.

que buscava desde a transição da Monarquia para a República, se tornar referência internacional de modernidade. Isso exigia se apropriar do que havia de mais exitoso economicamente em relação a várias áreas da sociedade e na educação.

Adolpho Lutz, pai de Bertha Lutz, junto de sua família, compuseram a comitiva que recepcionou a família real belga no Brasil. Dessa forma, pode-se afirmar, que esse foi o ponto inicial, de uma parceria intelectual e de amizade entre eles, que levou a novas articulações. Naquela ocasião, a família Lutz fez um passeio de canoa com rainha, o rei e seus filhos no Rio Mogi-Guaçu em São Paulo, quando caçaram borboletas, de acordo com reportagem do jornal *O Paíz* de 11 de outubro de 1920. A família real belga ficou no Brasil de 19 de setembro a 16 de outubro daquele ano.

Figura 4: A Família Real Belga em visita ao Brasil

Fonte:http://jvcpereira.blogspot.com/2011/09/brasil-visita-do-rei-alberto-da-belgica.html disponível em 15/04/2023.

A preparação para a recepção desses ilustres viajantes, contudo, já tinha sido iniciada em abril do ano de 1920, com uma série de medidas pensadas para recepcioná-los, dentre as quais, estava a reforma do Palácio Guanabara onde ficaram hospedados. Pela análise de Fagundes (2006), a notícia da chegada da família real, repercutiu em diversos jornais que tinham destaque na impressa brasileira, como o *Jornal do Brasil* e *O Paíz*, que afirmavam, que

o objetivo dessa viagem seria o de poder firmar laços comerciais entre os dois países, que tinha se expandido financeiramente no pós-guerra.

De acordo com Fagundes (2006), é ressaltado que a presença da família real no Brasil em 1920, especificamente com a presença do rei Alberto I, gerou tensões na sociedade brasileira, que desde a transição para o regime republicano em 1889, vinha criando símbolos que visavam romper com a memória monárquica que, nessa ocasião, acabou sendo resgatada de alguma forma. Todavia, a estratégia adotada por esses jornais, era a de se referirem a Alberto I, como um rei democrata, herói de guerra, de hábitos simples, objetivando assim, o afastar da simbologia clássica, dada a figura do monarca, muitas das vezes, retratado como um indivíduo de viés autoritário, escolhido por Deus e, portanto, impossível de receber críticas.

Para festejar a chegada de Alberto I e sua família, além do restabelecimento da Ordem do Cruzeiro criada por Don Pedro I, para condecorá-lo, o Presidente Epitácio Pessoa, formulou um protocolo específico para recebê-los. Nele incluíram, dentre outras medidas, pedido ao Congresso Nacional para liberação de créditos financeiros para eles e a permissão, para que se fossem organizados festejos, esses também autorizados pelo Poder Legislativo. Em carta de despedida, após a passagem pelo Brasil, Marie Joséphine Anatole Louise Élisabeth De Caraman-Chimay, princesa da Bélgica, expressou à Bertha Lutz, os seus sentimentos após encontrá-la e a sua família, demonstrando quais foram as suas principais impressões do Brasil:

> Chere Mademoiselle
> Um mot pour vous remercierdes, jolies fleus que vouz mavez envoyés j eles emporte em souvenir de notre sympathique reencontre au musée national. La Reine me charge de ses meilleurs souvenirs pour votre tere e pour vous nous parlons solvente avec votre frére de notre interessante visite à I'nstitu Scientifique. Au revoir, merirencore et j' espére à bientot si vous venir en Europe[54] (CARTA DE ÉLISABETH DE CARAMAN- CHIMAY, 25 DE ABRIL DE 1920).

Aqui é exposto pela princesa, um agradecimento pelas flores que recebeu de presente dela e a manifestação da satisfação que teve de encontrá-la no Museu Nacional quando ela esteve no país. É também evidenciado pela monarca, que tal ocasião junto a família dos Lutz, lhe rendeu uma boa memória, da sua passagem pelo Brasil. Além disso, Caraman-Chimay expõe as lembranças que a sua mãe, a Rainha Elizabeth, levaria deles para a Europa, revelando assim os possíveis laços, que ali foram estabelecidos, segundo ela em um fortalecimento da relação entre eles, nos anos que viriam em frente. A princesa termina a sua carta, convidando a

[54] Livre Tradução: Querida Senhora: Uma palavra para agradecer pelas lindas flores que você me enviou, eu as levo em memória do nosso belo encontro no Museu Nacional. A rainha me carrega com suas melhores lembranças para seu pai e, para você. Costumamos a conversar com o seu irmão sobre nossa interessante visita ao Instituto Científico. Adeus, Mercie novamente e espero vê-la em breve se você vier a Europa.

cientista para visitá-la, caso fosse à Europa algum dia.

Dois anos após essa visita, estreitando essa relação entre os países e entre ambas as famílias, foi enviada ao Brasil, liderada pelo cientista belga Jean Massart, uma missão científica, que tinha como foco o estudo da fauna e a flora brasileiras, o que foi feito a partir de vários estudos realizados dentro de alguns Estados e em variadas instituições. No Rio de Janeiro, por exemplo, é possível destacar alguns realizados no Jardim Botânico. Para Heizer (2008), naquele momento o Jardim Botânico, estava organizado em torno do pensar, organizar e desenvolver trabalhos de campo, sobre a fauna e a flora nacional. Além disso, deveria estar comprometido em promover intercâmbios com instituições brasileiras e estrangeiras, que de alguma forma pudessem contribuir para o desenvolvimento das ciências nacionais e dar suporte para o que vinha sendo feito internacionalmente. Nas primeiras décadas do século XX essa instituição, indicou naturalistas para ocuparem cargos na entidade, desenvolveu pesquisas científicas importantes na área da botânica, e realizou diversas viagens e missões, como essa que ocorreu voltada para as ciências biológicas de cientistas belgas ao Brasil, acontecida entre 1922 e 1923.

A missão belga realizou estudos da biogeografia do Brasil, além de ter dado, como Heizer (2008) apontou, contribuições significativas aos estudos da fauna e da flora brasileira em geral. Além de Massart, também estiveram nessa comitiva, Léo Errera, Raymond Bouillenne, Paul Ledoux, Albert Navez e Paul Brien, todos vinculados à Universidade de Bruxelas. As viagens da missão aqui no Brasil, além de visitar o Estado do Rio de Janeiro, também organizaram viagens para São Paulo, Minas Gerais, Ceará, Pará e Amazonas. Os cientistas estiveram voltados para realização de pesquisas sobre a Floresta Amazônica, por exemplo. No Rio de Janeiro, para cumprirem esse objetivo, visitaram os bairros de Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Piratininga, em Niterói, em que nessas visitas, também foram realizados estudos científicos na Baía da Guanabara e na Floresta da Tijuca. Os pesquisadores belgas em algumas ocasiões foram acompanhados pelo pai de Bertha Lutz, Adolpho Lutz, como em visita feita a Xérem, localizado na Baixada Fluminense. O resultado dessa viagem como um todo, foi escrito em forma de um relatório diário que se desdobraram em artigos escritos, que foram reunidos e transformados em dois volumes, de um livro chamado: Une *Mission bilógique belge au Brésil*[55]. (Aout 1922- Mai 1923), um compilado das impressões da viagem que os cientistas tiveram em nosso país e das relações que criaram em território brasileiro.

[55] Tradução livre: Uma missão biológica belga ao Brasil (outubro de 1922 a maio de 1923).

A relação entre o Brasil e Bélgica nesse período, que envolveu os anos de 1910 e 1920, teve entre os seus principais articuladores a família de Bertha Lutz. Essa rede de sociabilidade formada entre ambas as famílias, contribuiu para esse intercâmbio no âmbito da ciência, ocasião na qual cientistas vieram para o Brasil nos anos de 1922 e 1923, permitindo a Bertha Lutz, com um objetivo distinto, estudar Economia Doméstica Agrícola e as formas com que elas estavam sendo implementadas na Bélgica.

A partir de Díaz (2019), compreende-se que no século XIX, a Bélgica passou a desenvolver um sistema de ensino de primeiro nível com Universidades prestigiosas, níveis de alfabetização elevados, convivendo ensino religioso, católico e protestante e laico. Esse autor destaca que a educação belga se desenvolveu, por meio, primeiramente das suas escolas novas, com Sluys, Decroly e Vasconcellos, com influência em vários lugares do mundo, como Portugal, Itália, Espanha e Brasil. A influência de desenvolver estudos científicos em torno de desenvolver uma educação experimental para pensar na infância, a partir de uma pedagogia experimental. Além disso, também desenvolver em muito propostas educativas, para pessoas com alguma deficiência. Essa influência vai encontrar adeptos tanto entre os católicos, quanto marxistas e anarquistas, a partir das escolas, métodos educativos, universidades centros de educação popular contribuíram para influenciar toda a educação num contexto mundial, em todos os continentes.

No livro por ele organizado sobre as influências belgas na educação Iberoamericana é possível observar que a perspectiva educacional gestada naquele país se fez presente também no Brasil. As ideias acerca da educação doméstica agrícola foram objeto não só do meu estudo, mas também no capítulo de Maria Maroni Lopes (2019) “Influência do Ensino Doméstico Agrícola na Escola Doméstica de Natal”. A autora chama atenção ao intercâmbio entre a escola brasileira e Paul de Vuyst, grande fomentador desta modalidade de ensino no seu país. Aliás, somente a partir de 1928 é que o diálogo entre a experiência de Natal e o educador belga vai ganhar força. Até então, como Martha Maria Araújo lembra, este estabelecimento de ensino teve inspiração no modelo educacional suíço, ao tratar da influência do intelectual José Augusto Bezerra de Medeiros na criação da mesma:

> Concluindo o Curso de Direito, José Augusto retornou ao Rio Grande do Norte, onde permaneceu até 1914, quando foi eleito Deputado Federal e passou a residir no Rio de Janeiro, então Capital da República. Nesse tempo- afora o período de um ano em que esteve no Rio de Janeiro, a convite de Dr. Augusto Tavares de Lira, então Ministro da Justiça e Negócios Interiores do Governo do Presidente Alfonso Pena, trabalhando como Inspetor Federal no Colégio Abílio Borges, no Rio de Janeiro- exerceu as funções de Procurador da República, Promotor Público, Juiz de Direito, professor de Geografia, História Geral e do Brasil, Diretor do Ateneu Norte-Rio Grandense, Diretor da Instrução Pública, Deputado Estadual e Secretário Geral do Estado. Foi um

> dos signatários da criação da Liga de Ensino, em julho de 1911, entidade responsável pela fundação da Escola Doméstica de Natal, em setembro de 1915, nos moldes das escolas suíças destinadas à educação da mulher. (ARAÚJO, 2002, p.583).

Como consta em reportagem do Jornal *O Paiz* de 19 de julho de 1923, intitulada "A representação feminina do Brasil no estrangeiro", é apresentado que havia sido feita uma entrevista com Bertha Lutz, na qual se buscou trazer dela as impressões de sua viagem à Europa, sendo esse um dos poucos relatos encontrados que falam sobre essa sua experiência. Como itinerário, primeiramente foi à Roma participar de um Congresso Feminino e depois para a Bélgica para estudar Economia Doméstica Agrícola:

> Foi muito interessante a viagem à Europa, fornecendo-me ideias novas das quais como espero tirar para o nosso país resultados úteis. Temos em primeiro lugar o Congresso de Roma. Foi muito concorrido, pois compareceram duzentas delegadas oficiais e duas mil mulheres. Foi prestigiado pelo governo italiano e na Itália dele já está resultando a inclusão das mulheres na reforma eleitoral agora em votação. Também foi muito benéfico pela aproximação das mulheres de todos os países e continentes, o que dê um bom augúrio para um futuro de progresso e de paz (O *PAÍZ*, 1923, p.2).

Esse evento garantiu para Bertha Lutz a ampliação de suas redes de sociabilidade, permitindo juntamente com essas outras lideranças, socializar pautas em torno da luta pelos direitos para mulheres e elaborar estratégias que pudessem facilitar a sua atuação como intelectual em torno dessas discussões no Brasil e no mundo. Está claro essa percepção em outra parte da entrevista:

> Foram tomadas resoluções práticas sobre questões econômicas, de Saúde Pública, de proteção às mães, à infância etc. Essas resoluções servirão de diretrizes ao trabalho das associações femininas nos diferentes países. No Brasil, vamos tratar agora de um sério estudo da situação econômica da mulher e em seguida havemos de propor medidas destinadas a estabelecer uma base adequada para essa questão de tão grande alcance (O *PAÍZ*, 1923, p.2).

Aqui é vista a preocupação dela quando o assunto era a situação econômica na qual viviam as mulheres, envoltas em problemas, como o acesso à saúde, que pudessem garantir a elas a chance de proteger, primeiramente a elas mesmas, mas também os seus filhos. Ainda que, nesse período, já tivesse uma organização de entidades feministas em diversos países, os avanços eram lentos. A preparação de sua viagem pode ser vista em carta para o Ministério das Relações Exteriores, endereçada para o Dr. Felix Pacheco, localizada no Fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, de data não identificada, Margueritte de Fitt Schhumberger e Crystal Maomillan solicitavam que o Brasil enviasse delegado para participar do Nono Congresso da Aliança Internacional do Sufrágio Feminino, que ocorreria em Roma entre os dias 12 e 19 de maio de 1923.

> Em nossa última Conferência, realizada em Genebra, em junho de 1920, tivemos a honra de ver reunidas as delegadas de vinte países diferentes e certos de que V. ex.ª. com o seu alto discernimento tem acompanhado a evolução social que está atravessando o Mundo devidamente o alcance da Conferência que vamos reunir, esperamos ter a honra de acolher a delegação de vosso País (CARTA DE MARGUERITTE DE FITT SCHUMBERGER E CRYSTAL MAOMILLAN, S/D).

Após ser a escolhida pelo governo brasileiro, para representar o país em Roma, Bertha Lutz passou a receber informações de jornais em relação à situação internacional das mulheres no mundo. Foi quando também se filiou a "International Woman Suffrage", que ocorreu conforme carta de 27 de fevereiro de 1923, depois que Miss Catt enviou nota de recomendação para tal. Além das pautas sobre a educação da mulher, trabalho e luta pelo direito ao voto, "igualdade de salários" e como lidar com "crianças ilegítimas"; e debates sobre a necessidade de se criar um comitê moral, conforme encaminhamento de Katherine Kompas, líder da "International Woman Suffrage".

Os objetivos do Congresso foram dois: a defesa pelo voto para as mulheres e a pauta de fazer circular projetos exitosos de educação para elas. Na sua fala, Bertha Lutz propôs que houvesse colaboração para definir os caminhos para os movimentos feministas internacionais, além de levantar questões como o direito ao voto e à educação, dessa forma, sinalizando também que o ensino de Economia Doméstica poderia ser o caminho para tornar mais democrático o acesso à instrução para as mulheres no mundo e no Brasil, o que naquele momento era uma imensa maioria.

Em território belga foi recebida por Paul de Vuyst, importante teórico sobre estudos agronômicos e de Economia Doméstica Agrícola no mundo. Com ele visitou importantes instituições lideradas por ele e suas escolas experimentais. Um desses era o Instituto Superior de Laeken, com bastante ênfase para Economia Doméstica, assim como de indústrias feministas que lhe ajudaram a pensar sobre a situação das mulheres, quanto o seu acesso ao trabalho. Em entrevista acrescentou:

> Muito interessante também foi a minha visita à Bélgica onde estive em missão do governo, estudando as indústrias femininas, as organizações que se ocupam com o trabalho feminino, bem como as Escolas de Economia Doméstica e suas aplicações a agricultura. Vinte e quatro horas após a minha chegada tive a honra de ser recebida pela rainha Elizabeth, que, quando soube da minha chegada, mui amavelmente me convidou a visitá-la, logo no dia seguinte, no Palacio Laeken. Recebeu-me com encantadora simplicidade, demorando-se mais de uma hora em palestra comigo no seu grande salão cheio de flores. (O *PAÍZ*, 1923, p.2).

A intelectual, desse modo, ampliou o diálogo que vinha mantendo com instituições belgas, com a família real e Paul de Vuyst[56] e chama atenção o fato de que a discussão sobre Economia Doméstica Agrícola, foi o eixo que aproximou todos esses sujeitos, demonstrando a força que essa discussão ocupava no debate público internacional naquele momento, conforme carta enviada da *École Centrale de Service Sociale*, em 7 de junho de 1923, período em que estava no país:

> Me chère demoiselle. Puisque vous me permettez de diposer pour uous de votre journée de samedi, voice comment vous pourriezlorganiser venppeanantéle train à Bruxelles hora à 8:05 ou a 8:41 h. vous conduire à cathédrale où vous passez um ¼ d' heure pour voir la descente de Croix, vous pouvez vous rendre de lá au musée plantin. Pour répondre à votre désir, j' aura ile plaisir de reunir à 3 heures queques a vous entretenir des questions qui intérressent maintenante les femmes[57]. (CARTA DE PAUL DE VUYST, 7 DE JUNHO DE 1923).

Algumas das razões dessa viagem apontada nessa missiva, era o de convidá-la para participar da organização de atividades em conjunto das escolas que essas mulheres tinham no cotidiano como proposta pedagógica. Ao longo da carta, é descrita, a relação que esses indivíduos vinham construindo e que de alguma maneira se consolidou, quando ela se encontrou na Bélgica, durante aquele período:

> Je n cubiierai pas les amables offertes que vous me feites a moi et aux autres bresilliennes, comme je no pourrai jamies cublier tout ce q e vous avez fait pour moi em Belgique. Tout de meme j espere que la prochaine fois ser a mon tour. N cubliez done pas que vous aves ou moi quelqu um to jours a votre disposition, très houraise de vo s servir ou de servir coux que vous lui enverres[58] (CARTA DE PAUL DE VUYST, 7 DE JUNHO DE 1923).

Fica claro como ela foi recebida e como a sua presença, em um espaço que envolveram as visitas as instituições e escolas de estudos em Economia Doméstica, iria, de certa forma,

---

[56] Paul de Vuyst que seria um dos principais interlocutores da viagem de Bertha Lutz a Bélgica, foi um intelectual que integrou um movimento agrário denominado "retorno à terra", que no período entre as guerras, quando obteve destaque, pois procurou criar condições de melhorias de vida do trabalhador doméstico. Ele também preconizou criar condições de melhorar a maneira com que as famílias tinham acesso e usavam os eletrodomésticos. (VENÂNCIO JUNIOR, 2019). O uso da mecanização para facilitar no serviço com laticínios e aves, contribuiu para melhorar o sistema de produção nesse campo econômico. Na década de 1930, com a ajuda de alguns professores universitários, elaborou um Centro Nacional que foi referência de Estudos de Economia Doméstica, ligado à Escola de Ergologia do Institut dês Hautes Études da Bélgica. O que pode ser percebido como um compromisso com a implementação dessa temática mundialmente, que vão fazer dele uma importante referência acadêmica para o campo acadêmico que ia surgindo sobre a modalidade educacional, voltada para as mulheres. (GUBLIN, JACQUES, PIETTE, PUISSANT, 2006).

[57] Livre Tradução: Querida jovem. Já que você me permite organizar seu dia no sábado, como você poderia organizá-lo para vir a Bruxelas para o trem às 8h05 ou 8h41. levá-lo à catedral onde você gasta ¼ de hora para ver a descida da cruz, você pode ir de lá para o museu plantin. Para atender aos seus desejos, terei o prazer de me encontrar às 3 da manhã para conversar sobre questões que agora interessam às mulheres.

[58] Livre Tradução: Não copiarei os amavéis que me ofereceram a mim e às outras brasileiras, pois nunca poderei publicar tudo o que vocês fizeram por mim na Bélgica. Mesmo assim, espero que da próxima vez seja a minha vez. Portanto, não se esqueça que você ou eu temos alguém hoje à sua disposição, muito feliz em atendê-lo ou em servir o que você mandar.

fortalecer o arcabouço teórico que iria formar posteriormente, quando regressasse ao Brasil, sobre essa modalidade educacional. Ainda, por conta dessa segunda viagem para pensar educação feminina para as mulheres, Bertha Lutz fortaleceu sua relação com outras instituições que tinham em seu cerne a militância e as ações da pauta da luta feminina. Outra destas, a *Fédération des Foyes Belges*, localizada em Bruxelas, encaminhou carta a ela em 1923, para discutir como a FBPF estava pensando na educação de mulheres. É indicado que haveria a necessidade de que se investissem nessa pauta para a formação física, intelectual e moral. Para tanto, que se fosse feito um investimento em lições de higiene, leitura, arte e outras como uma maneira de agregar às mulheres e possibilitar a elas acesso a uma educação que fosse mais ampla. O instituto inclusive procurou criar um serviço em toda a Bélgica e assim inscrever uma quantidade maior de mulheres. A data da carta não é identificada, mas mostra que ela, aonde ia, recebia contato de diversos lugares e possíveis considerações, sobre como cada uma dessas entidades funcionava.

A *Feminisme Chrétien de Belgique*, outra instituição belga, encaminhou missiva para Bertha Lutz em 22 de outubro de 1923. Essa carta fornece evidências de que, quando realizou sua viagem, a sua ida ocorreu na condição de prestígio na discussão internacional que envolvia a pauta das mulheres. No documento pode-se ter algumas questões levantadas que ajudam a ampliar essa compreensão.

> Chè madame, Nous croyons utile de porter à votre connaissanes quil vient d'être ouvert em Belgique um Lyceum Club affilié au Lyceum Club International. Ce Lyceum qui végétait depuis 1908 a été réorganisé par l' Union Patriotique des Femmes Belges et ses nolveaux locaux dûment ménagés seront rapidement trè appréciés. Cet organisme peut rendre de très réels services aux étrangères voyageant fréquemment et préférant descendre dans um Club Feminin pultôt que de séjourner à l' hotel, il offre sei services à toutes les dames honorables et spécialement aux femmes s' occupant de questions sociales, sans distinction de croyances ni de parti[59] (CARTA DE FEMINISME CHRÉTIEN DE BELGIQUE, 22 DE OUTUBRO DE 1923).

Nessa fonte são citadas ações que as mulheres belgas vinham fazendo para difundir o ensino para elas na Bélgica, mostrando que aquele país também se destacava, em torno do ativismo político, na luta para as mulheres terem acesso a melhores oportunidades de educação. As redes que foram sendo criadas por Bertha Lutz com essas outras líderes lhe davam a

[59] Livre Tradução: Prezada Senhora, acreditamos ser útil informar que acaba de ser inaugurado na Bélgica um Lyceum Club afiliado ao Lyceum Club International. Este Liceu, que estava vegetando desde 1908, foi reorganizado pela União Patriótica das Mulheres Belgas e seus novos edifícios locais, devidamente arranjados, serão rapidamente apreciados. Esta organização pode prestar serviços muito reais a estrangeiros que viajam frequentemente e que preferem ficar num Clube Feminino em vez de ficar num hotel, oferece os seus serviços a todas as senhoras ilustres e especialmente às mulheres que lidam com questões sociais, sem distinção de crenças ou fé.

possibilidade de entender, por exemplo, quais eram as pautas comuns do feminismo na maioria dos países onde intelectuais e líderes políticas se reuniam para configurar pautas de nível internacional, que tinha, concomitantemente, aos modelos educativos, ideias sobre a posição delas que também circulavam e influenciam a criação de outros movimentos internacionais. Em outra carta de G. Caraman Chimay, de 12 de junho de 1923 tem-se:

> Service de la Reine- Laeken
> Chère Mademoiselle- J' ai téléphoné a l' hotel britannique Dimanche mabin a la 1 re heure, hélas vous veniz de partir La Reine aurait désiré vous voir au diner donné em l' honneur de M. Chagas de soir. As majesté le regrette vivement jeun'ai pas besoin de vous dire combien je suis désolés de vous avoir manques de si peu de minutes au revoir chère mademoiselle je suis charmée de savoir que vous emportez un bon souvenir de Belgique veuillez dire mês souvenirs a votre pere et a votre frère, et croyez je vous prie a mês sentiments les meilleurs. G de Caraman Chimay[60] (CARTA DE G. CARAMAN- CHIMAY, 12 DE JUNHO DE 1923).

Essa relação foi pensada ao longo desse período que envolveu vinda ao Brasil e ida dela à Belgica. A partir desse momento, foi construída uma amizade que, pelo que o registro deixa a entender, que foi um dos motivos facilitadores da viagem dela a aquele país logo após o Congresso de Roma. Nessa entrevista ao jornal *O paíz*, em 19 de julho de 1923, Bertha Lutz explica como foi esse processo que culminou na sua segunda viagem.

> A missão botânica belga no Brasil recebeu-me com muita bondade. A Sra. Massart, esposa do professor Massart, que chefiou a missão referida, ofereceu-me um chá no Instituto de Botânica e em seguida o professor mostrou no auditório uma série de projeções belíssimas incluindo os grandes traços da flora brasileira e acompanhado as projeções de uma conferência muito interessante, no correr da qual fez elogios muito calorosos aos cientistas brasileiros e às autoridades que, em seu dizer, tornaram possíveis os grandes resultados científicos da excursão. (*O PAÍZ*, 1923, p.2).

É interessante observar que essa ida ao Instituto de Botânica, onde aprendeu várias questões sobre botânica e reforçou amizade com a família do Professor Massart e especificamente com sua esposa, talvez a tenha ajudado em 1924, quando receberia autorização de Arthur Neiva para atuar na Seção de Botânica no Museu Nacional, sem receber a mais por isso e sem abandonar as atribuições do seu cargo. Ou seja, Bertha Lutz, não deixou em nenhum momento, de buscar aprender, para além daquilo que estava designada dedicando-se, mais sobre a sua área de conhecimento inicial, as ciências biológicas. Durante a viagem, ela seria acompanhada pelo diretor Geral de Ensino Agronômico, Paul de Vuyst, e uma de suas filhas.

[60] Tradução Livre: Prezada Srta.- Liguei para o hotel britânico no domingo de manhã na primeira hora, infelizmente você acabou de sair, a Rainha gostaria de vê-la no jantar oferecido em homenagem ao Sr. Chagas à noite. Como majestade profundamente lamento, não preciso dizer o quanto sinto por ter sentido sua falta por tão poucos minutos, querida mademoiselle. Estou muito feliz em saber que você está levando uma lembrança da Bélgica, por favor, diga o mesmo a seu pai e a seu irmão, e eu imploro que você leve o melhor. G por Caraman Chimay.

Nessas visitas, conheceu escolas de Economia Doméstica e outras metodologias educacionais diversas que lhe inspirariam a escrita de um relatório que não foi localizado por mim. Entretanto, a entrevista aponta pistas sobre a visita e o que poderia estar contido como impressões nesse documento.

> Em companhia do diretor geral do Ensino Agronômico Belga, Sr Vuyst e de uma das suas filhas, formada em agronomia, percorri grandes trechos da Bélgica, estudando os tipos de escolas de economia doméstica com aplicação agrícola por ele organizadas. A mais interessante é a escola ambulante organizada com quatro carros da Estrada de Ferro transformadas em sala de aulas, cozinha lavandeira, escola de lacticínios e aposentos para as professoras. Estaciona esta escola três meses em cada aldeia, dando aulas de costura, química alimentar, higiene infantil, cozinha, lacticínios, serviço de lavandeira etc. a um determinado número de alunas. Fomos encontrá-la na vizinhança de Ypres, em plena região devastada, chefiada por uma professora bem mocinha, que nos serviu com algumas, das suas alunas um delicioso almoço preparado por elas e com um orçamento extraordinariamente modico. Na mesma ocasião, visitamos Ypres e as regiões devastadas. E' tristíssimo ver as longas filas de cemitérios, todos bem tratados, tanto os alemães como os aliados. Ao ver as ruinas de aldeias e cidades inteiras não se pode senão sentir o sacrilégio que representa a guerra e a necessidade de estabelecer a pacificação do mundo como primeiro passo para a verdadeira civilização. E' admirável ver a reconstrução que tem sido feita, casa por casa, aldeia por aldeia, cidade por cidade, por um povo forte que não se queixa, mas trabalha atenciosamente para se restabelecer. (O *PAÍZ*, 1923, p.2).

Sua entrevista permite mapear os aspectos que baseavam uma escola de Economia Doméstica Agrícola pela ótica belga. Todas aquelas instituições deveriam buscar uma metodologia, pautada em ensino científico, como Química e Física, por exemplo, mas possibilidades de uma perspectiva de ensino, que fosse voltado para o bom funcionamento do lar. Aliás, conforme observou Rodrigues (2007), parte dessas metodologias que procuraram implementar o ensino de Economia Doméstica no Brasil, se pautavam em ensinar temáticas como Higiene Infantil, Química Alimentar, Serviços de Lavanderia, Português, Aritmética, Francês, Inglês, Cultura Física, Anatomia, Música, Criação, Jardinagem, Educação Social, Cozinha Artística, Puericultura e Medicina Prática. A partir daí, tentaram inserir as mulheres no conhecimento formal e preparatório ao trabalho. Paul De Vuyst inclusive realizou trabalhos em torno do ambiente do lar e da família, pois entendeu que aquele momento, era um período, em que a sociedade precisava criar convicção de que as mulheres precisavam, junto com os homens, construir a modernidade e o progresso dos seus países.

Conforme Sousa (2009), Bertha Lutz recebeu três mil réis como ajuda de custo para a sua estadia na Europa nessa ocasião. Ela teria dialogado por intermédio de telegramas que antecederam a viagem com o chefe da Secção de Botânica do Museu Nacional, o então Alberto J. de Sampaio sobre a sua ida. Além disso, também conversou com Sérgio de Carvalho do

Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que também desejou a ela que realizasse um excelente trabalho.

Lopes (2020) compreendeu que Paul De Vuyst foi responsável por ajudar teoricamente a confecção de Escolas Domésticas e o pensamento da educação voltada para o campo, com foco nas mulheres, em várias partes do mundo, o que mostra que o modelo belga para educação do campo, desenvolvido e impulsionado por ele em suas escolas experimentais, era um modelo que circulava em vários outros países, tornando-se referência de aplicação. Era diferente dos Estados Unidos que já tinham estabelecido escolas, universidades e centros de pesquisa. Já as escolas de Paul de Vuyst eram escolas ambulantes, que iam aos lugares mais distantes do seu país, tentando alcançar locais, em que o poder público tinha dificuldade de alcançar, oferecendo um ensino teórico e profissionalizante para as mulheres.

Como sinaliza Gublin (2006), Paul de Vuyst era um importante organizador de escolas domésticas, associações femininas, pois na percepção dele, esse seria o mote condutor da autonomia e politização das mulheres. Desse modo, pode-se perceber que ele foi um intelectual a nível internacional que estava pensando em formas de fazer essa pauta educacional ter força nos sistemas educacionais de uma série de países. Todavia, também obteve contato com a sua própria formação para a pauta quando viajou para os Estados Unidos na década de 1890, sendo então as suas escolas também um desdobramento de sua viagem.

Figura 5: Instituto Normal Superior de Laeken, na visita de 1923

Fonte: Arquivo Nacional- Federação Brasileira pelo Progresso feminino, localizada em: BR_RJANRIO_Q0_ADM_CPA_EDU_ILU_0002_d0001de0003.

O Instituto Laeken, da imagem acima, foi fundado por Paul de Vuyst, sendo uma referência belga e internacional de formação superior em Economia Doméstica Agrícola. Lá estudaram as professoras que iriam atuar nas escolas ambulantes nos lugares mais distantes da zona rural, que não necessariamente estivessem vinculados à estrutura escolar. Bertha Lutz visitaria ambas as instituições.

Segundo Lopes (2020), Caetana de Brito Guerra, ex-aluna e diretora da Escola de Natal

durante os anos 1930, publicou um livro, onde ressaltou a importância que Paul de Vuyst teve para desenvolver a educação feminina, em todo mundo e no Brasil. "Apóstolo da educação familiar, como já tem sido chamado na Europa, Paul Vuyst, a quem tivemos a honra, minha companheira de viagem Alix Pessoa e eu, de conhecer em Bruxelas" (GUERRA, S/D apud LOPES, 2020, p. 183). A experiência permitiu levar as alunas da Escola Doméstica de Natal que tinham recursos para estudar sobre a organização do ensino doméstico agrícola, no Institut Supérieur Méganer Agricole de Laeken.

Esse contato, das alunas da Escola de Natal, com a Instituição na Bélgica, se deu, a partir da articulação do Governador do Estado, Juvenal Lamartine, Henrique Castriciano e Esnesto Pereira Carneiro. Paul De Vuyst recebia as alunas na sua residência, preparava um plano de ação, com o objetivo de lhes dar a possibilidade de tirar o máximo de proveito na estadia naquele país. Essas alunas eram acolhidas no Instituto e frequentemente eram visitadas ou recebiam cartões de Paul de Vuyst, que sempre organizava excursões pela Bélgica e as instruía sobre a formação em Economia Doméstica Agrícola. No Instituto, tinham aulas diversas, como Economia Doméstica, Pedagogia Familiar, Queijaria e pequenos ofícios. Essa mesma autora ainda elucida que as alunas escreviam relatórios das atividades desenvolvidas e foi, a partir desses relatórios, que escreveu um livro sobre a experiência que teve de um ano na Bélgica. (LOPES, 2020).

Bertha Lutz construiu uma relação com esse intelectual, desde aquela época em que sua família começou a construir relações com a Bélgica, o que o fez ser o seu anfitrião. Com ele e sua filha visitou todas as instituições que pôde no país e escreveu sobre o tema, em Relatório de 1923, sobre o "O Ensino Doméstico e Rural na Europa" (1923), que não foi obtido em nenhuma instituição de guarda documental, em que foram realizados levantamentos de fontes para essa pesquisa.[61]

Para Lopes (2020), uma série de intercâmbios realizados pelas alunas de Natal começaram a ocorrer após a ida de Bertha Lutz à Bélgica, especificamente quando Lamartine se tornou Governador, após 1926. A influência belga nas Escolas Domésticas também se deu na perspectiva de uma Pedagogia Familiar. Com isso, Caetana de Brito Guerra, publicou no periódico *A Ordem*, na coluna "Vida Feminina", onde escreveu sobre a importância de difundir as ciências do lar, nos seios familiares, mostrando que a transformação dos lares e das famílias,

[61]A citação desse trabalho é feita em dissertação de SOUSA, LIA Gomes Pinto de. *Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937).* Rio de Janeiro- Dissertação (Mestrado). Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2009. Não foi localizado, no entanto, por nós nem no Fundo Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, nem no antigo Acervo Semear/ Museu Nacional antes do incêndio, nem no Acervo do Ministério da Agricultura.

seria importante para construir uma sociedade melhor no futuro. Lá exaltou a importância de Paul de Vuyst junto às escolas de Economia Doméstica na Bélgica e como a vida no campo, com a inserção desses saberes científicos, poderia apontar para uma sociedade que tivesse melhores instrumentos para lidar com os seus problemas mais habituais do cotidiano.

Por isso, os princípios educacionais que eram defendidos pela educação belga para influenciar a construção de currículos de cursos e escolas de educação doméstica, pela influência de Paul De Vuyst, deveriam levar em conta colocar as alunas em ocupações úteis e prepará-las para a prática, mesclando ensino manual com técnico, buscando tornar o ensino algo atrativo e simples, tendo os temas adaptados à realidade local na qual as alunas estavam inseridas. Em relação aos conhecimentos agronômicos, a perspectiva de Pedagogia Familiar era implementada, porque era defendido que a educação, deveria começar pela família. Ainda, a partir do trabalho Lopes (2019), compreende-se que escolas de ensino doméstico e de economia doméstica já eram consolidadas na Europa, em países como a Bélgica, Suíça, Holanda e França, por meio de escolas normais, por meio de cursos ambulantes nos quais se especializou Paul De Vuyst.

Esses cursos tinham a prerrogativa de criar escolas móveis que teriam a capacidade de ir aos lugares mais longínquos ensinando formas de melhorar a realidade doméstica das pessoas que viviam em lugares distantes, ao mesmo que fortalecia o ensino de práticas de higiene e de cuidados básicos do lar. Talvez isso desse pela extensão do Brasil e pela dificuldade que havia na década de 1920 de se criar um sistema educacional que fosse de fato universal, esta proposta atraía Bertha Lutz.

A Bélgica apareceu como referência para a Economia Doméstica no mundo, desse modo demonstrando que o ensino agronômico para o homem, teve tanta influência que a mesma modalidade de ensino para as mulheres. As escolas na Bélgica, eram organizadas em nível superior, nível médio e nível inferior. As de superior se efetivavam o Instituto de Laeken e Hérvele e Wavre Notre Dame. Essas instituições formavam as futuras professoras para que essas pudessem atuar nas escolas rurais para ensinar Economia Doméstica Agrícola. O Instituto de Laeken tinha como objetivo, preparar por meio de uma educação de cunho social e profissional uma população feminina, que fosse capaz de elevar o grau e instrução das pessoas do campo. O ensino rural belga, provinha dos princípios educacionais que já eram adotados no país e tinha como pressuposto adaptar o ensino às necessidades dos alunos de cada região, pautada no diálogo entre à família e os dirigentes do Instituto, tomando a realidade como eixo fundamental para a formação dos indivíduos. (SARDÁ,1924).

A presença de Bertha Lutz na Bélgica foi uma consolidação de uma relação que lhe a deu a oportunidade de ser o sujeito que iria fazer com que essas ideias pedagógicas circulassem no Brasil. Com isso me parece que o ensino belga influenciou a educação rural no mundo, assim como fazia em relação a outras temáticas educativas, tendo em Bertha Lutz sua principal interlocutora que fez essas ideias aqui circularem, por meio de relatórios, diálogos com parlamentares e a tentativa de criar diretrizes para fomentar escolas.

As duas viagens de Bertha Lutz para os Estados Unidos e Bélgica designadas pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, ocorreram em um curto período que envolveram 1922 e 1923. Nesses traslados ela pôde conhecer modelos de educação doméstica, voltadas à formulação de propostas educacionais, em especial de Economia Doméstica para o Brasil. Ainda que tivesse grande população rural e mulheres que necessitassem de educação, as iniciativas realizadas até então eram poucas, o que levou um conjunto de intelectuais como ela a ampliar as possibilidades de atuação em espaços nos quais essa modalidade estava sendo posta em prática e logrando êxito de alguma maneira.

3.2.1 Recepção de Paul de Vuyst no Rio de Janeiro

Um ano após a sua viagem para a Bélgica, onde foi recebida pelo Intelectual Paul de Vuyst, que apresentou a ela suas escolas experimentais de Economia Doméstica Agrícola, retornaria a entrar em contato com Bertha Lutz, agora em viagem dele ao Brasil.

Segundo Venâncio Junior (2019), o educador Paul de Vuyst, em missão para a embaixada da Bélgica, viajou para o Brasil, primeiramente, com destino a São Paulo e depois ao Rio de Janeiro. Quando lá esteve ministrou um conjunto de palestras em diversos espaços, com o intuito de difundir suas ideias em torno da defesa da família, do lugar da mulher na sociedade e da inserção da mulher em espaços formais de trabalho. Sua chegada à cidade, que era então o Distrito Federal, foi aguardada por profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, que puderam pensar em novas propostas com as suas contribuições. Bertha Lutz a pedido dele viria a ser uma das suas principais interlocutoras naquela ocasião, como é demonstrado em cartas enviadas para a educadora pelo Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, onde Paul de Vuyst realizou uma de suas palestras em 27 de novembro, datada de 14 de novembro de 1924.

> Exma. Senhorinha Bertha Lutz,
> Com prazer, levamos ao conhecimento de V. Exa., que nesta data, recebemos do Sr.P.D.Veupt, Ministro da Agricultura da Bélgica, carta em que nos comunica a sua chegada, pelo “Arianza”, no próximo dia 25. Pede-nos S. Exa., depois de demonstrar

> os desejos que nutre em relação de nossas cousas, que, a respeito, nos entendamos com V. Exa., pelo que vimos solicitar suas ordens. Queira aceitar a expressão de nosso cordial e estima e distinta consideração. (CARTA DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA, 27 DE NOVEMBRO DE 1924).

Desse modo, é possível perceber um conjunto de relações construídas entre Bertha Lutz e as pautas de interesse para a difusão da educação agrícola no Brasil. Nessa carta de 24 de novembro de 1924, se observa:

> Exma. Senhorinha Bertha Lutz
> Confirmando nossa carta anterior, com prazer comunicamos a V. Exma. que o Sr. Paulo Vuyst, Diretor do Ministério de Agricultura da Bélgica, que a breve trecho estará entre nós, manifestou vivo interesse em encontrar V. Exa. entre as pessoas presentes à conferência que pretende realizar em nossa sede social, a 27 corrente. Desejaríamos, a nosso turno, antes da chegada de S. Exa., assentar ideias com V. Exa. relativamente à recepção do ilustre hospede, pelo que muito nos obrigaria se nos distinguisse com a sua visita, das 11 às 12 e das 16 às 17, diariamente, em nossa sede, onde nos encontrará a sua disposição. Queira V. Exa. aceitar a expressão de nosso cordial estima e distinta consideração (CARTA DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA, 24 DE NOVEMBRO DE1924).

Por meio dessa carta, se torna possível ampliar melhor a compreensão sobre a importância de Bertha Lutz, no centro da articulação da organização das palestras ministradas por Paul de Vuyst no Brasil. Aqui, além da Sociedade de Agricultura mostrar o pedido para o encontro com a intelectual, pode-se ver um movimento da própria instituição, que reforçou o valor dela, para a recepção desse visto como um ilustre viajante. (VENÂNCIO JUNIOR, 2019).

Em outra troca de missivas, encaminhada agora ao secretário da Sociedade Nacional de Agricultura, Heitor Beltrão, Bertha Lutz, abordou sobre as solicitações que foram feitas a ela e analisou sobre como seria a sua ação na organização da recepção de De Vuyst e da realização de possíveis palestras e conferências:

> S.r., Secretario,
> Acusando recebimento da carta de V. Ex, de 20 do corrente, relativa à visita do Ex. Sr. Diretor Geral do Ministério da Agricultura da Bélgica, Dr. Paul de Vuyst, tenho a honra de comunicar que estou ao inteiro dispor da Sociedade Nacional de Agricultura no que se refere à recepção do ilustre propulsor do ensino doméstico e agrônomo no seu país, que tive ensejo de conhecer por ocasião de minha visita recente àquele país. Levando ao conhecimento de V. Ex, que de acordo com a solicitação da carta acima, compareci a Sociedade Nacional de Agricultura entre 16 e 17 horas, em 22 do corrente, encontrando a sede fechada, mantenho-me a disposição da Sociedade, podendo ser encontrada pelo telefone via 3552 ou diretamente à rua do Mattoso, 161. Outrossim cumpre-me comunicar a V. Ex, que de acordo com combinação feita com o Exmo., Sr. E. de Streel, Encarregado de Negócios da Bélgica, está marcada para o dia 27 do corrente à tarde, uma recepção oferecida ao Sr. de Vuyst pela Sra. Jeronyma Mesquita, Vice-presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, na sua residência, durante a qual o sr. de Vuyst terá a oportunidade de realizar uma palestra perante os elementos femininos representativos desta capital. O Sr. de Streel marcou para o dia 28 a Conferência pública do Sr. de Vuyst, conforme levou ao conhecimento do sr. Presidente da Sociedade de Agricultura e desta Federação. Valendo-me do ensejo, apresento protestos de elevado apreço e distinta consideração. (CARTA DE BERTHA LUTZ, 22 DE NOVEMBRO DE 1924).

Essas cartas já mostram a centralidade de Bertha Lutz na discussão de Economia Doméstica após ambas as viagens já terem ocorrido. A intelectual tinha discurso autorizado e era a principal responsável para a articulação com essas instituições em torno das palestras que iriam ser realizadas, por entender que a fala desse prestigiado intelectual era importante para avançar as medidas que poderiam viabilizar essa modalidade educativa no Brasil. Nessa ocasião, por exemplo, para além da Sociedade Nacional de Agricultura, temos a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e a Embaixada da Bélgica.

Em uma última correspondência, datada de 4 de dezembro de 1924, sobre essa organização em torno da presença de Paul de Vuyst no Rio de Janeiro, a mesma Sociedade Nacional de Agricultura, por intermédio de seu secretário, respondeu a Bertha Lutz, agradecendo-lhe pelo empenho na organização e lamentando com esclarecimentos a não recepção feita a ela, quando essa esteve presente, para tratar do assunto (VENÂNCIO JUNIOR, 2019).

> Exma. S. D. Bertha Lutz
> Afastado, por oito dias, da direção desta Secretaria, por motivo de moléstia, só agora deparo, no expediente em pasta, a carta de V. Exa. que respondo imediatamente, pedindo, desde logo, escusas para minha ausência no dia 22, às horas justamente em que V. Exa. me procurara. É que, como acontece com as demais instituições econômicas desta capital, a Sociedade Nacional de Agricultura adoptou a semana Inglesa, e, encerrando-se aos sábados muito mais cedo o expediente, não era possível estar aqui presente, tanto mais que V. Exa., se dignará de desculpar-me a falta involuntária, que, afinal, felizmente, não trouxe piores consequências, visto que, ainda assim, muito aproveitou a esta Sociedade e valioso concurso que lhe prestou na recepção do ilustre belga. Agradecendo cordialmente, em nome desta Diretoria, esse bom serviço, peço-lhe que aceite as expressões de minha mui subida consideração (CARTA DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA, 4 DE DEZEMBRO DE 1924).

Outra palestra que ministrou estava marcada para 28 de novembro de 1924, na Associação dos Empregados do Comércio. O tema da palestra seria “O ensino doméstico agrícola e o papel do lar na educação”. Era comum também que após visitas de intelectuais estrangeiros, uma série de medidas fossem pensadas como projetos que eram idealizados e instituições que eram criadas. No caso dele, em específico, pensa-se que sua presença no Brasil influenciou a criação da Sessão de Ensino Profissional e Doméstico da Associação Brasileira de Educação e da vinculação de Bertha Lutz com a entidade, por terem ocorrido em datas próximas como veremos a seguir.

As palestras realizadas por Paul de Vuyst foram notícia em diversos jornais daquele período, como o jornal *O Paíz*, de 24 e 25 de novembro de 1924, que repercutiu sobre a que seria realizada no Salão da Escola Politécnica do Rio, que era a sede da Associação Brasileira

de Educação apoiada pela diretoria. No mesmo dia em que foi visitar Manguinhos acompanhado por Bertha Lutz, o intelectual pôde junto com ela conhecer as pesquisas que ali vinham sendo desenvolvidas

Figura 6: Foto da palestra realizada por Paul de Vuyst na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1924. Sentada ao seu lado a esquerda do mesmo, encontra-se Bertha Lutz.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Na imagem pode se ver a recepção de Paul de Vuyst ao Rio de Janeiro na Escola Politécnica com intelectuais que iriam compor e estabelecer a Associação Brasileira de Educação naquele espaço. Com sede na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a ABE, em 1924, quando foi fundada, reuniu intelectuais, que contribuíram significantemente para o desenvolvimento de um conjunto de projetos educacionais, que tinham como objetivo dar um rumo progressista para o país, tendo à frente Heitor Lyra da Silva, Mario Paulo de Brito, Vicente Licínio Cardoso, Levy Fernandes Carneiro, Antônio Carneiro Leão, Fernando de Azevedo, Edgard Sussekind de Mendonça, Armanda Alvaro Alberto e Edgard Roquette-Pinto, companheiro de Bertha Lutz de Museu Nacional e Rádio Sociedade. (VENÂNCIO JUNIOR, 2019).

Em ata da reunião da 2ª sessão da ABE, que foi realizada em 2 de dezembro de 1924, na Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro, consta que Bertha Lutz comunicou ao Conselho Diretor, do qual fazia parte, que a Embaixada da Bélgica teria lhe enviado

solicitação para cooperar, com o apoio dos seus membros, com uma ajuda, para a organização da Conferência que foi realizada por Paul de Vuyst no Rio de Janeiro. De acordo com aquela ata, a conferência do professor belga abordou várias questões.

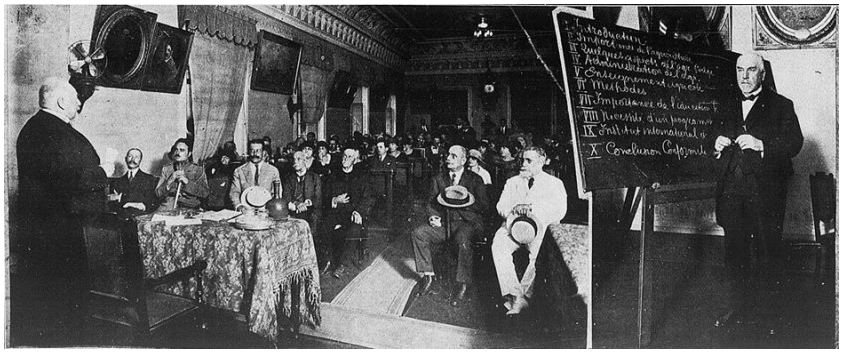
> Durante a conferência o professor Wuyst comunicou existir em Bruxelas uma comissão central para o desenvolvimento da educação doméstica e rural. Fez um apelo para que se organize entre nós uma comissão em cooperação com aquela. O Conselho Diretor resolveu por meios ao seu alcance a satisfação do desejo manifestado (ATA DA SEGUNDA REUNIÃO DIRETIVA DA ABE, 2 DE DEZEMBRO DE 1924).

Essa conferência em que a ata se referiu, revelou que a presença de Paul de Vuyst no Rio de Janeiro, pareceu ter influenciado a criação das sessões de debate da entidade que seriam o lugar para discutir propostas sobre determinadas temáticas, para que os membros da ABE pudessem aprofundar ideias e propor medidas em prol da educação. Essa foi a terceira seção da entidade, voltada para o ensino profissional e doméstico. É possível concluir que Bertha Lutz a partir de suas viagens trouxe ideias para o debate da Associação Brasileira de Educação.

Conforme aponta o jornal *O Paíz*, de 27 de novembro de 1924, nessa palestra em específico se encontrava também representadas a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a Federação de Bandeirantes do Brasil, a Sociedade Nacional de Agricultura e a Liga de Professores, mostrando que havia uma rede em torno das ideias que foram apropriadas por Bertha Lutz no estrangeiro, quando lá esteve designada pelo Ministério da Agricultura.

O jornal *O Paíz* de 24 e 25 de novembro de 1924 fez uma elucidação sobre a fala de Paul de Vuyst sobre Ensino Doméstico Agrícola. Na primeira parte ele se propôs a tratar da importância da agricultura para a consolidação das sociedades ao redor do mundo, por ser ainda da terra que se produz o sustento. Essa prática da agricultura estava articulada ao desenvolvimento da família e da organização do lar que ele considerava como base da civilização.

Figura 7: Palestra de Paul De Vuyst na Escola Politécnica do Rio de Janeiro sobre Economia Doméstica Agrícola.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A imagem da sua apresentação permite observar os temas abordados pelo intelectual belga na ocasião de sua palestra. O professor elogiou a relevância que tinha a imprensa para difundir os projetos que vinham sendo discutidos em prol da agricultura e, consequentemente, em torno da educação feminina no país. Ainda durante a palestra, apontou que a participação da família na prática agrícola poderia levar o país ao progresso nacional.

> Passou, em seguida, a falar na família agrícola e na sua importância, dizendo que na fazenda não existe apenas culturas e o gado, mas, inicialmente, o fazendeiro, sua mulher e os filhos que qualquer programa agrícola ou de progresso nacional deles deve cogitar frisando que não só interessa ao fazendeiro, mas principalmente à fazendeira, pois a mulher é indispensável ao progresso. (*O PAÍZ*, 29 de novembro de 1924, p.5).

Esse papel que ele deu a mulher na construção do progresso nacional tão almejado pelos intelectuais brasileiros se tornava necessário que a mulher fosse incluída ao mecanismo que ali emergia, já que não seria possível construir uma sociedade sem a participação delas como força qualificada de trabalho. Outra parte de sua atuação foi procurar abordar sobre o funcionamento da modalidade de ensino de Economia Doméstica na Bélgica, e poder revelar assim, uma metodologia nas escolas pensadas por Paul de Vuyst, instituições experimentais, que objetivaram desenvolver nas mulheres conhecimentos que as tornassem habilitadas para o trabalho prático, com o espírito de iniciativa e de liderança:

> Tratando da educação feminina referiu-se às escolas de economia doméstica, que também existem em todos os grãos. Indo da escola ambulante até a Escola Normal de Economia Doméstica de Lacken, falou na vida das alunas para as quais a escola representa um excelente preparativo para a vida rural futura, incluindo, além de todos os afazeres da casa, o tratamento de crianças pequeninas e maiores, tendo possibilidade de estudá-las nas clínicas infantis, creches e órfãs, que vivem na escola, sendo criadas pelas meninas como por jovens mães. Para tornar mais interessante os estudos, são incutidos nos mesmos o espírito de esporte aprendendo as meninas a trabalhar com o relógio, a procurar a própria documentação do que necessitam para o estudo, sendo dados prêmios de velocidade, de aperfeiçoamento na execução dos trabalhos domésticos e na conservação da casa. As notas são dadas em atenção 50° ao trabalho prático 25° ao espírito de iniciativa demonstrado e ao bom senso revelado e 25° apenas ao estudo teórico. (*O PAÍZ*, 29 de novembro de 1924, p.5).

De todo o público que estava presente, podia se perceber parte significativa da intelectualidade brasileira que via na educação o caminho para o progresso para recebê-lo, o que demonstra o prestígio da própria Bertha Lutz para arregimentar pessoas influentes para ouvir o intelectual belga que tratou dos caminhos da educação agrícola. O jornal destaca que entre os presentes se encontravam pessoas relevantes que pensavam o avanço do país pelo viés da educação.

> A conferência foi muito concorrida, estando presentes entre outros o professor Agostinho Reis, diretor da Escola Politécnica, que presidiu a sessão, o Dr. Lyra Castro, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura; a Sra. Stella Duval,

> presidente da Pró Marte: a Sra. Jeronima Mesquita, chefe da Federação de Bandeirantes; a Sra. Bertha Lutz, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino; a Sra. Weinschenkita, presidente do Centro Social Feminino; a Sra. Stella Faro, presidente da Associação de Senhoras Brasileiras; a Sra. Floripes Anglada, presidente da Liga de Professores; a senhorita Armanda Álvaro Alberto, diretora da Escola Rural de Meriti; a senhora Lacombe, diretora do Curso Jacobina; a Sra. Branca Osorio de Almeida, Filho... Compareceram também o Dr. Carneiro Leão, diretor da instrução publica; os deputados Bento Miranda, Juvenal Lamartine, Fidelis Reis, o professor Heitor Lyra, presidente da Associação Brasileira de Educação; o professor Hasselmann e Revalut, da Escola Superior de Agriculturas; os Drs. Delgado de Carvalho, Teixeira Soares, Henrique Castriciano o senhor Conti, embaixador da França; o senhor Streel, encarregado de negócios da Bélgica; o Sr. Chanceller, o embaixador americano, e muitas outras personagens ilustres. (*O PAÍZ*, 29 de novembro de 1924, p.5).

Desse modo, pode-se dizer que Paul de Vuyst, em sua passagem pelo Brasil, ajudou na circulação de ideias, em torno de um projeto educativo que já vinha sendo elaborado pela própria Bertha Lutz, que tinha a Economia Doméstica Agrícola como foco. Em carta endereçada à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, para os cuidados de Bertha Lutz, Paul De Vuyst comenta sobre algumas impressões de sua viagem.

> J'ai le paisir de vous faire savoir que je suis bien arrivé à la maison (22, avenue de l' yser) et que je me suis empressé de faire rapport à M. le Ministre de l' Agriculture au sujet de mes excellentes impressions de voyage. M. le ministre demandera sous peu à son collegue des Affaires Estrangères de faire adresser de chaleureux remerciments à tous ceux qui ont facilité ma mission. Je vous remercie encore personnelement et jevous adresse des livres et des brochures pour les persones qui vous aideront à constituir le Comité d' initiative et de propagande d' education familiale et pour réunir des fonds importants pouor l' institu international d' education familiale. veuillez agréer, Mademoiselle, l' expression de ma considération très distingue[62] (CARTA DE PAUL DE VUYST, 18 DE DEZEMBRO DE 1924)

A partir dessa missiva é possível tecer algumas considerações, que se deram a partir dessa viagem dele. Houve uma tentativa de difundir mais princípios de Educação Doméstica Agrícola e Educação Familiar. Isso se deu pela Seção de Ensino Profissional e Doméstico da Associação Brasileira de Educação, iniciada já a partir da 2ª reunião do Conselho Diretor da entidade, em 2 de dezembro de 1924, trazendo como base de sua proposta: pensar, discutir e implementar medidas, que englobassem, e garantissem a criação de escolas de nível médio e superior da temática no Brasil.

O trabalho de Carvalho (1998), compreendeu que a criação da Associação Brasileira de Educação constituiu-se na elaboração de um ideal civilizador que alguns intelectuais passariam

[62] Livre Tradução: Tenho a paz de espírito em avisar que cheguei em casa (na Avenida 22) e que me apressei em informar ao Ministro da Agricultura sobre minhas excelentes impressões de viagem. O ministro em breve pedirá ao seu colega dos Negócios Estrangeiros que envie agradecimentos calorosos a todos aqueles que facilitaram a minha missão. Agradeço-lhe novamente pessoalmente e estou enviando livros e panfletos para as pessoas que o ajudarão a estabelecer a Iniciativa de Educação Familiar e o Comitê de Propaganda e para arrecadar fundos substanciais para o Instituto Internacional de Educação Familiar. Aceite, senhorita, a expressão da minha mais distinta consideração.

a ter. Um entendimento de que a escola precisava ser redefinida, que com o passar do tempo poderia ser o lugar que resolveria os problemas nacionais, por meio da crença em uma nova pedagogia que formaria um novo homem. A educação que se produziria no movimento entre os problemas sociais, econômicos, pedagógicos e reordenaria a ordem político-jurídica do Brasil, dando novas formas do indivíduo educando se educar. No caso, para a ABE, o objetivo era garantir uma escola que pudesse por intermédio das ideias desses reformadores sociais, se adaptar aos novos paradigmas exigidos pelas fábricas, e no caso de Economia Doméstica Agrícola, às novas exigências do campo.

A partir de Mignot e Costa (2019), pode-se observar qual era o discurso que guiava esse entusiasmo pela educação: um conjunto de iniciativas, como o uso do rádio, do cinema e do fonógrafo, como instrumentos propagadores da ciência, sendo essas ferramentas que os interessavam como potenciais transmissores dos conhecimentos socialmente construídos e de informação, assim como para promover diversão e cultura.

Alguns documentos preservados pela entidade ajudam a refletir como funcionou essa seção e de que maneira a experiência belga pode ter contribuído para pensar nessa temática educativa como projeto de nação. Em relatório de 1926 sobre a Seção de Educação Doméstica da ABE, fica clara a preocupação dos educadores em defender a urgência da criação de escolas especiais para a educação feminina. Considerava-se importante que as mulheres conseguissem ter acesso a uma educação que pudesse cultivar o espírito, elevando o nível mental e intelectual, sem deixar as ocupações domésticas de lado. Assim, a ajuda da mulher, era importante para desenvolver a indústria e a lavoura brasileiras. O referido relatório cita duas escolas modelos: a Escola Doméstica de Natal no Rio Grande do Norte e a Fundação Osório no Rio de Janeiro. O programa educativo dessas escolas tinha como objetivo, de acordo com o referido Relatório de atividades de 1926, melhorar a educação feminina e contribuir para a melhora da pátria.

> Com programa moldado pela de Natal, de idênticas finalidades, poderiam ambas servir de tipo básico da moderna escola, onde a mulher não desdenha os trabalhos caseiros e mesmo rurais, e se prepara para ser educadora, administradora, orientadora, tornando-se assim a colaboradora do homem na grande obra de engrandecimento da Pátria. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DA ABE, p.3,1926)

Parte do foco dos programas dessas escolas e que a Associação Brasileira de Educação estava buscando alcançar se assemelha em muito aos trabalhos e relatórios de Bertha Lutz durante sua viagem aos Estados Unidos, mas principalmente da experiência com a Bélgica e dos ensinamentos de Paul de Vuyst, ainda que alguns anos depois, em 13 de novembro de 1929, uma reportagem de *O Jornal*, demonstrasse algumas dificuldades dessa modalidade de educação no Brasil.

> Infelizmente não temos escolas especiais para esses estudos. Para esse fim, a Associação Brasileira de Educação organizou um programa de cursos e conferenciais de que se encarregaram os mais ilustres professores das nossas Faculdades. (*O JORNAL*, 13 de novembro de 1929 s/p)

Que visão o educador belga tinha do Brasil antes de chegar? A correspondência trocada entre Lutz e Vuyst durante um ano preparou-o para a realidade brasileira? Que apropriações teria feito Vuyst. Dá para se imaginar que as visitas de Bertha Lutz a Bélgica e a recepção de Paul de Vuyst ao Brasil, assim como a escrita do Relatório de 1923, sobre o "O Ensino Doméstico e Rural na Europa" (1923), justificam o recebimento da "Medalha por Serviços Especiais à Agricultura" [63], concedida pelo Rei Alberto I à cientista, feminista e educadora brasileira, quando voltou para uma "turnê de estudos", sobre o Ensino Doméstico Rural na Bélgica em 1929.

A observação de algumas das atas de reunião da ABE traz pistas importantes para ampliar esse entendimento. Na ata da Reunião de 16 de outubro de 1924, realizada na Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro, foram votados os Estatutos e o Conselho Diretor. O Conselho Diretor foi votado com Heytor Lira da Silva como Presidente, Mario Paulo de Brito como Secretário Geral, Vicente Licínio Cardoso como Tesoureiro e Levy Carneiro, Antônio Carneiro Leão e Bertha Lutz como os demais membros desse conselho. Ela, assim, assumiria durante o último trimestre de 1924 a presidência da entidade em algumas ocasiões; como se pode ver no Acervo da ABE, um dossiê de Bertha Lutz a referenciado como Presidente da instituição.

A comissão de Ensino Profissional e Doméstico então poderia ter sido influenciada na sua criação por Bertha Lutz? Se for levado em conta o fato de que na ABE estavam especialistas de educação de vários aspectos da sociedade brasileira, ela se qualificava como uma das principais difusoras do Ensino Doméstico nos moldes dos princípios defendidos pelo escolanovismo no Brasil. Primeiro, por conta das viagens, segundo, por levar essa discussão para os Congressos e para a entidade que fundou, de grande importância no movimento feminista, a FBPF.

Outro fator que reforça essa ideia é, por exemplo, a discussão que é levada por Bertha Lutz em duas ocasiões. Na ata da reunião de terceira sessão de 11 de dezembro de 1924, em que divulgou ter recebido de universidades americanas que visitou em 1922 bolsas de estudos, para que as alunas das escolas domésticas pudessem fazer intercâmbio, revelando assim que manteve contato com a rede de sociabilidades que criou. Esse foi um convite que retornou a ser

[63] Dossiê BR MN. DR Classe 121; e BL. DP – Curriculum Vitae.

reforçado na ata da vigésima segunda sessão de 13 de julho de 1926, onde divulgou bolsas para moças portadoras de diplomas superiores para fazer intercâmbio em universidades norte-americanas, fato que reforça a ideia de que sua participação nessa entidade específica foi com o intuito de ampliar os seus espaços de atuação.

Em levantamento feito no Acervo da Associação Brasileira de Educação, não foi localizado nada referente a como a discussão em torno da Educação Profissionalizante e Doméstica foi se desenvolvendo, para além de palestras citadas nas atas como aqui mencionado. Ao longo do tempo, Bertha Lutz vai se afastando do Conselho Diretor e depois de 1926 são raras as suas participações assinando as atas na entidade, de acordo com a pesquisa nas fontes, o que talvez explique a falta de documentação sobre como essa pauta foi se organizando dentro da Associação, já que ela foi sua principal difusora. Todavia, a pertença dela se deu na perspectiva de levar a discussão de Economia Doméstica Agrícola para a instituição e a presença de Paul de Vuyst no Brasil contribuiu para a maneira com que encaminhou a discussão lá enquanto esteve presente. Na ausência de maiores elementos para argumentar sobre quais motivos teriam afastado Bertha Lutz da ABE, pode se pensar que isso se deu por sua proximidade com outras entidades e o fato dela estar sempre sendo vinculada à prática de um "bom feminismo" aceitável pela sociedade, até por intelectuais vinculados à Igreja Católica.

3.3 **Impressões e sinalizações para a realidade brasileira**

Bertha Lutz escreveu relatórios com suas impressões das duas viagens, que realizou aos Estados Unidos e à Bélgica. O primeiro como consequência da viagem aos Estados Unidos, escrito no ano de 1922 com impressões do que foi observado e com apontamentos para a realidade brasileira. O segundo, após a viagem à Bélgica em uma tentativa de criar uma Escola de Economia Doméstica e de Assistência Social no Brasil com as diretrizes baseadas naquilo que foi observado durante a experiência internacional. Em relação ao estudo de relatórios de viagens educativas, Gondra (2007), aponta que eles eram, geralmente, formulados como uma forma de prestar contas à instituição que financiava o sujeito que realizava essa experiência, no caso de Bertha Lutz, o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. De acordo com Amorim (2017), um relatório de viagem pode revelar muito sobre quem o escreveu. Questões como a visão de mundo do autor sobre a educação, por exemplo, a relação que existe entre a sua viagem e suas ideias compõe mais do que um relato descritivo somente, um projeto e tentativa de ação. Mesmo que esses documentos sejam requiridos pelas autoridades que os designam, em forma

de documentos oficiais, eles compõem o universo autobiográfico do autor que o produziu, porque revelam questões para além que pediu, pois englobam a subjetividade dos viajantes. Assim, ao analisar esse tipo de documento, torna-se necessário uma reflexão sobre fatores que compuseram a formulação do texto, levando assim para uma investigação que vá desde os objetivos iniciais que o sustentam teoricamente, até a preparação do sujeito e as percepções que o levaram a sua escolha para o traslado.

Ainda, sobre a abordagem aqui escolhida para o trato com textos escritos, no caso os relatórios das viagens de Bertha Lutz, o estudo de Chartier (2002), quando observa que um autor no ato de tecer um texto, joga convenções pré-estabelecidas do campo no qual ele se propõe escrever e o horizonte da expectativa no público para qual o seu texto é endereçado. Assim, o efeito produzido por algum trabalho quando é concebido, provém das formas materiais que o sustentam, assim como de sua circulação e apropriação que contribuem em múltiplas medidas para atrair a ele novos públicos que poderão dar usos inéditos para a proposta original concebida. Será que esses textos de Bertha Lutz foram finalizados em si mesmos ou a maneira com que foram estruturados e concebidos trouxeram elementos para chamar outros que os leram a continuar de alguma forma circulando as ideias e criando práticas a partir dele?

3.3.1 O relatório dos Estados Unidos

O primeiro relatório encontrado, foi o mais difícil de ser localizado em toda a sua estrutura, por conta da maneira em que estava organizado no Fundo da FBPF. Com o nome originalmente de "O Serviço Cooperativo de Extensão dos Conhecimentos de Agricultura e Economia Doméstica nos Estados Unidos de 1922", esse documento está localizado na subseção "Atividades Profissionais", da seção "Bertha Lutz na série Comissão do Ministério da Agricultura". Essa série em específico contém 15 dossiês que tratam dos trabalhos da intelectual que estiveram diretamente vinculados ao Ministério. A primeira referência ao Relatório está no dossiê de número 6, aparecendo no título e nas primeiras 7 páginas do documento. Pela leitura do sumário do Arquivo Nacional, os textos do dossiê de número 7: chamado "Uma visita ao escritório de uma agente rural (consultora técnica regional de economia doméstica agrícola)"; 9: "Uma visita ao pavilhão de economia doméstica da Universidade de Cornell";10: " Texto com definições para implantação de escolas de ensino doméstico";11: "Texto com medidas propostas para a organização de um serviço de extensão de conhecimentos de economia doméstica e agrícola)";12: "Relatório detalhado sobre o ensino

de economia doméstica nos Estados Unidos da América"; 13: " Notas sobre a escola de professoras de Economia Doméstica";14: "Diretrizes para o estabelecimento de escolas de ensino médio de economia doméstica"; e de número 15:" Diretrizes para organização de escolas de nível médio e superior de economia doméstica agrícola", integram partes do mesmo documento na forma original que ele foi concebido por Bertha Lutz, em 1922, e encaminhado ao Ministério da Agricultura ao regressar dos Estados Unidos.

Para analisar esse documento, o estudo de Charmon e Faria Filho (2007), demonstra que a escrita e o ato da viagem estão relacionados, não se separando nesse processo, tornando assim esse momento aquele de compartilhar com o outro, aquilo que o viajante gostaria que fosse evidenciado, problematizado e debatido. Também vão demonstrar ao pesquisador de que maneira esse viajante foi se projetando no debate público, como foi criando as estratégias para que a experiência da sua viagem pudesse se efetivar como ação transformadora, quando retornava ao seu país de origem.

Junto a essa ideia que possibilita a interpretação do Relatório como fonte para pesquisas, Mignot e Gondra (2006), analisam-no como um tipo de documento que possibilitaria, descrever e dar visibilidade, para um específico conjunto de informações. Seu funcionamento era pautado como uma espécie de registro intenso em levantamento, dentro de um determinado campo de conhecimento, que geralmente era ligado a um certo tipo de saber, que dava ao autor ferramentas para legitimar ou efetivar um tipo de discurso específico.

Esse documento escrito por Bertha Lutz, após seu retorno dos Estados Unidos, foi este o principal escrito de suas viagens a que se teve acesso. (VENÂNCIO JUNIOR e SANTOS, 2021). Nele estão contidas todas as impressões observadas por ela da primeira viagem, as redes constituídas e a tentativa da formação desse projeto de formação de mulheres pelo viés da educação rural em Economia Doméstica e a influência americana nesse processo.

O documento tinha o foco de demonstrar quais foram as impressões e apropriações da intelectual e sinalizar para pensar em novas pedagogias em torno da educação da mulher no campo, a partir das que observou naquele país. Visava garantir que as mulheres de áreas rurais pudessem ter formas de desenvolvimento no campo sem precisar migrar para as cidades e enfrentar, assim, uma série de problemas, como a pobreza extrema. Evitar o êxodo rural e fixar o homem no campo fazia parte do projeto mais amplo no qual suas observações estão inseridas.

A leitura do documento, traz nos seus termos gerais que Bertha Lutz compreendia a modalidade de Economia Doméstica, como um caminho para a educação a feminina. Ao longo do texto, ela descreveu como esse modelo pedagógico foi ganhando força nos Estados Unidos,

ao mesmo tempo que apontou um conjunto de seus objetivos para o público do que deveria ser adequado para a aprendizagem deles, nas diversas escolas brasileiras que existiam ou viessem a existir, tanto de nível médio ou superior rural:

> Fará parte do programa das escolas primarias estabelecidas nas escolas práticas de Agricultura, nos aprendizados agrícolas, núcleos coloniais, centros agrícolas e quaisquer estabelecimentos de ensino organizado em que for possível.Será professado em escolas práticas cujo objetivo consiste em formar chefes de cultura, administradores de propriedades rurais e instruir filhas de agricultores e daqueles que se queiram dedicar a vida agrícola (14-18 anos). Filhos de pequenos agricultores e trabalhadores rurais. (14-18 anos). Educação profissional-corpo agricultores instruídos em todos os aspectos de sua profissão, 17-21. Escolas superiores- Cursos e escolas ambulantes (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922, p.1). [64]

Sobre os objetivos da Educação Doméstica da modalidade de Economia Doméstica Agrícola, já na primeira página do Relatório Bertha Lutz definiu que ela funcionaria em escolas práticas de agricultura, nos aprendizados rurais no geral, assim como em vários espaços que promulgassem ou quisessem fazê-lo de aspectos que envolvessem a prática doméstica rural. Pode também demonstrar nas primeiras páginas que o objetivo era formar administradores de propriedades rurais no contexto geral do ensino rural e das filhas desses, quando essas quisessem se dedicar a vida agrícola.

> Programas: A) o programa de difusão, obedece mais ou menos as seguintes matérias. B) Nas Escolas Superiores seriam estudados, por exemplo, os seguintes assumptos: 1ª Alimentação. 2º Têxteis e confecção. 3ª Decoração interior, e aperfeiçoamento do lar. 4º Organização e administração do lar e de instituições. 5ª Puericultura; 6ª Higiene. 7ª Noções de direito administrativo, sociologia e outros assumptos que deem uma compreensão clara do papel do indivíduo na comunidade. B) No Serviço de Extensão: 1. As Indústrias ao alcance da população rural susceptíveis de fornecem rendas; (preparo de conservas, criação de galinhas, Lacticínios etc. Conservas: frutas, legumes, carnes, geleia, doces etc. Alimentação. Alimentação da família, secção e preparo de alimentação dos doentes e das crianças. Corte e Confecção. Confecção, modelos, emprego de modas, seleção de tecidos, processos de tingir, limpar, reformar e fazer roupas de criança (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ,1922, p.3).

Em relação à estrutura de ensino, vê-se que Bertha Lutz direcionou o seu texto para duas posições distintas que envolveram concepções de educação. Ao tratar das Escolas Superiores, lá se aprenderia sobre alimentação, têxteis e confecção, e outras questões voltadas para o aperfeiçoamento do lar e sua organização. Por isso, defendeu a criação de um Serviço de Extensão, com o intuito de trabalhar em difundir Economia Doméstica, tendo como ênfase ensinar e contribuir para desenvolver as indústrias para que essas tivessem alcance entre a população rural, a ponto de formar novos donos delas inclusive. Quanto a isso, Bertha Lutz comenta no Relatório, que essa foi uma proposta de educação "clarividente", que, por meio do ensino de como gerenciar o lar e da produção de subsistência econômica, procurou dar a mulher

[64] O Relatório é encaminhado ao Ministério da Agricultura, Industria e Comércio.

ferramentas de desenvolver a sua própria autonomia. Da mesma maneira que apontou para a necessidade da modernização do cotidiano das comunidades rurais, pois ao levar o poder público a esses espaços, seria possível intervir sobre a vida desses sujeitos e moldá-los conforme aquilo que era esperado por aqueles que detinham o poder.

> O ensino da Economia Doméstica data de uns cinquenta anos. Foi Instituído por mulheres clarividentes que compreenderam as vantagens de dar uma boa orientação a mocidade feminina nesse terreno e de fazer penetrar nos lares da população dos Estados Unidos os princípios científicos e métodos práticos que vigoram em todos os ramos bem-organizados da atividade humana moderna. Desenvolve-se gradualmente e hoje está integrada a todos os graus do ensino dado ao sexo feminino, primário, técnico, secundário e superior (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922, p.1).

Em complemento, vemos que o lar se tornou, nos Estados Unidos, um espaço de elaboração de teorias científicas e práticas nas discussões universitárias, ao pensar na mulher como sujeito possível de contribuir com a sua força de trabalho, para o motor da sociedade capitalista liberal que emergia no país. Por isso se tornou importante desenvolver uma ideia de orientar as filhas e esposas em geral, para um ensino que as emancipasse intelectualmente, sem deixar de preparar para a atividade profissional, desde os níveis primário, secundário, técnico e superior, com o trabalho rural como perspectiva, interessando da mesma forma ao Brasil.

Na introdução do relatório, foi mencionado por Bertha Lutz como a implantação do Ensino Rural foi se estabeleceram nos Estados Unidos ao longo do tempo. Ela abordou sobre como se davam os entrelaçamentos entre os poderes da Federação e como esses se tornaram exitosos para a expansão desse projeto de ensino naquele país.

> O ensino e a divulgação dos conhecimentos de Agricultura e não só de agricultura assim como também de Economia Doméstica Rural, pois nos Estados Unidos, o progresso faz-se sentir paralelamente para ambos os sexos, reconhecendo as autoridades que para desenvolver as fazendas é preciso desenvolver ao mesmo tempo os lares rurais, vem sendo considerados nos Estados Unidos com assunto de alcance nacional. Já em 1862 como este em que foi adotado o sistema de Escolas Superiores de Agricultura nas Universidades Estaduais. Baseia-se estas como aliás a maioria dos órgãos do imponente sistema agronômico norte-americano hoje existente na colaboração dos Governos Federal e Estaduais e autoridades competentes. (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922 p.1).

Bertha Lutz cita o Decreto Smith Lever de 1914, como marco importante nos Estados Unidos, que buscou transformar o Ensino Agronômico e de Economia Doméstica como um meio prático de educação que deveria ser estimulado no âmbito federal, estadual e municipal. Ao Governo Federal, estipula nesse seu Relatório, que caberia dirigir toda a direção do trabalho cooperativo de extensão e a partir daí fornecer verba para pagar os Agentes de Agricultura e de Economia Doméstica, além de fiscalizar o emprego de como o dinheiro estava sendo usado nas Escolas Superiores dessas temáticas.

Os Governos Estaduais deveriam organizar e cuidar das Escolas Superiores de Agricultura. Segundo Bertha Lutz (1922), nos Estados Unidos cada Estado possuía uma Universidade Estadual e cada Universidade possuía uma Escola Superior de Agricultura com duas secções, sendo uma de Agricultura e outra de Economia Doméstica, que tinha juntamente uma administração do Serviço de Extensão também criado de maneira estratégica pós 1914, para funcionar em cada Estado norte-americano.

Já os municípios, deveriam organizar conselhos municipais de Agricultura que eram compostos em sua maioria pela população rural, de ambos os sexos, mas no caso de Economia Doméstica com predominância feminina. Esses conselhos, tinham o objetivo de contribuir com a Escola Estadual de Agricultura e com o Departamento Nacional de Agricultura. O funcionamento desses espaços seria feito por especialistas que organizariam cursos, práticas de observação, acompanhados de fitas, projeções luminosas, cinematográficas, perante vários grupos da população rural.

Figura 8: Aluna na coleta de ovos na Avicultura em Escola Rural Doméstica americana [65].

(Fonte: AN/FBPF).

A imagem acima, também é uma das que estão no Fundo da Federação que demonstram a dinâmica da educação proferida nas escolas norte-americanas visitadas por Bertha Lutz. Na ocasião, em uma dessas escolas, uma aluna, está tendo aula de coleta de ovos. Volta-se a chamar a atenção ao fato das imagens que foram observadas por ela, o foco em registrar o viés prático e profissionalizante do ensino.

[65] Não foi conseguido localizar no Arquivo Nacional, qual era essa Escola e em que Estado ela ficava apenas sendo relacionada a um dos inúmeros lugares percorridos por Bertha Lutz, para compor o seu Relatório sobre Economia Doméstica, a partir da viagem aos Estados Unidos.

Os Agentes Rurais seriam aqueles que nos municípios ficaram responsáveis por todos os serviços que fossem vinculados ao Serviço de Extensão. De acordo com Lutz (1922), eles seriam os profissionais que trabalhariam com fazendeiros e lavradores para os formar e solicitar apoio para difundir a educação nos locais predominantemente agrários. Já os agentes de Economia Doméstica, do sexo feminino, deveriam fornecer à população rural feminina, uma série de esclarecimentos, que pudessem responder todas as questões sobre essa modalidade, dentro das comunidades rurais. Essas trabalhariam, de preferência, junto de organizações femininas, ou na organização de palestras, para conseguir informar às mulheres, sobre os pontos do programa de estudo, que era traçado, conforme as condições locais nas cidades da população de determinada região.

O "Decreto Smith Lever" que ela trata na introdução do seu Relatório, teria colocado também à disposição uma quantia financeira para o Serviço Cooperativo de Extensão de Agricultura e Economia Doméstica norte-americano, para o exercício dos anos de 1914 e 1915, quando foi criado, com o compromisso de ir a aumentando gradualmente ao longo do tempo. Bertha Lutz termina a Introdução do seu relatório, se comprometendo a descrever de maneira minuciosa os aspectos de toda a organização americana. Ela começa, então, expressando, como os Estados Unidos definiram essa questão.

> Nos Estados Unidos, onde o espírito de organização está certamente tão em desenvolvimento como na Alemanha, tem uma orientação essencialmente prática e é principalmente de realização mais suave, não se descuidam os Poderes Públicos de nenhuma medida que possa contribuir para o progresso nacional. Ora, na Agricultura é inegavelmente um dos fatores de maior importância para aquele país. Merece por conseguinte a maior atenção. Existe nos Estados Unidos um sistema muito completo e de alcance nacional que ampara de todos os modos possíveis a Agricultura, em todos os aspectos, inclusive aqueles em que pela sua natureza, são essencialmente adaptados ao sexo feminino, interessa-se pela organização dos próprios inseridos no meio rural (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922, s/p).

Aqui vê-se o quanto é importante para ela, a maneira com o que os Estados Unidos já estavam pensando, dentro de um Sistema de Alcance Nacional de Ensino Rural, com Economia Doméstica voltada para a educação feminina, com projetos que pudessem alcançar a todas as pessoas, inclusive os trabalhadores rurais de ambos os sexos, fator visto por ela como fundamental para o progresso nacional. A partir daí, começou a destacar que para manter essa finalidade, o governo deveria manter dentro das suas Universidades Estaduais, agentes rurais, entendidos segundo Lutz (1922), como verdadeiros técnicos e consultores, a fim de estarem à disposição da população rural os ajudá-los de todas as formas.

Sobre as Universidades norte-americanas, Lutz (1922), mostrou que essas tinham o objetivo de fornecer à população elementos de instrução, para que o público pudesse ter a

capacidade de se tornar útil à sociedade. Para ela o que era diferente nos Estados Unidos do que era produzido em universidades europeias era que essas tinham um fim em si mesmo, enquanto as norte-americanas buscavam estar ampliando as pesquisas de forma a sair dos seus próprios muros e darem algum significado às pessoas que passassem por elas, ao mesmo tempo que buscavam contribuir direta e ativamente com o desenvolvimento da sociedade norte-americana e de outros países. Era importante, dizia ela, o que todas as universidades públicas americanas estavam fazendo, ao dar título de Bacharel em Ciências de Economia Doméstica, para os ali formados, a fim de que pudessem atuar nos Colégios de Agricultura, dentro das universidades e na formação geral dessa modalidade educativa. Existiam, ainda Colégios de Agricultura em todos os estados daquele país.[66]

A Sessão de Agricultura era franqueada para ambos os sexos, porém existia dentro dela a parte dedicada a difundir Economia Doméstica para o sexo feminino. Com a duração dos cursos de quatro anos, mesclava ensino prático e teórico, além de cursos de extensão, destinados a dar uma cultura geral. Além disso, era norte ensinar conhecimentos científicos básicos necessários a qualquer trabalho que tivesse Economia Doméstica.

A Escola de Economia Doméstica de Iowa, em Ames, que segundo Lutz (1922), era a maior dos Estados Unidos, tinha sido fundada naquele período há mais de 50 anos. Os estudos são equivalentes à de Cornell, no entanto, seu grupamento é dividido em Estudos Gerais, onde se incluíam Literatura e Redação para a imprensa, e estudos científicos básicos, semelhante à primeira. Voltados para a mulher, vista como fator principal no lar, na vida cívica e na comunidade. Havia outros estudos como o Técnico de Economia Doméstica, de especialização para as alunas formadas. Como sinaliza Bertha Lutz em seu Relatório (1922), a Escola de Economia Doméstica de Nebraska, foi um desses espaços nos quais a educação ocorreu observando esses aspectos, com programa semelhante ao das demais a de um apartamento modelo, para que as alunas realizassem o estágio, mas destaca que nessa Escola a especialidade era a “Estatística Rural”.

No Capítulo “Do Ensino Doméstico”, Bertha Lutz esboçou de maneira teórica os aspectos das diretrizes dessa modalidade educativa nos Estados Unidos que tinham como pressuposto, ter como foco o “lar, a alimentação, vestuários, têxtis e questões de higiene”. O papel da mulher na comunidade, na história e a situação dela perante o código civil na sociedade vista como atual estavam pautados em noções práticas e científicas, complementadas por estudos de cultura geral que eram adaptados à realidade de cada discente.

[66] De acordo com os Decretos Nelson, Morril e Adams.

Bertha Lutz não se limitou a descrever o que viu. Também elaborou propostas, como se vê no Capítulo "Do Curso das Escolas Normais de Economia Doméstica", no qual aborda como deveriam ser divididos os quatro anos do bacharelado em Economia Doméstica, aqui no Brasil, já se apropriando da experiência americana. As disciplinas estariam fundamentadas em Cultura Geral e Fundamental, Estudos Científicos Básicos, Estudos Técnicos, Estudos Sociais e Elucidativos. No primeiro ano, seria aprendido, Português, Física, Curso Preparatório de Cozinha, Curso Elementar de Costura, Problemas da Arquitetura Doméstica, Agricultura, História da civilização e Educação Física. No segundo ano seria ensinado, Português, Química Orgânica e Biológica e Curso de Aditado de Cozinha e Preparo de Conservas. Horticultura e Avicultura, Noções de Direito usual e Constitucional e Educação Física. No terceiro ano, seria ensinado Português, Noções de Bacteriologia e Parasitologia, Anatomia e Fisiologia, Nutrição e dieta e Agricultura, o Papel da mulher na Civilização Moderna e Educação Física. No quarto ano seriam ensinados Português, Princípios de Saúde Pública, Higiene Individual, Sexual e Social. Todas as aulas seriam, segundo Lutz (1922), teóricas e práticas, e aplicadas com o eixo principal, voltados para as questões que fossem relacionadas ao trabalho doméstico rural, em Economia Doméstica Agricultura e na criação das pequenas indústria agrícolas e domiciliares.

As instalações para os estudos técnicos segundo Lutz (1922), deveriam ser o gabinete de Física, o laboratório de Química, cozinhas e dependências, oficina de costura e confecções, sala de desenho e estudos de decoração de interior e estudos microscópios de têxteis, além de apartamento ou pavilhão modelo, museu escolar, pavilhão de lacticínios, biblioteca e sala de Leitura, Jardim, pomar e campos.

Suas propostas não se limitavam às condições físicas e ao currículo a ser ensinado. Em seu entendimento, para implantar esse tipo de ensino, era necessário pensar em uma política de pessoal que colocasse as mulheres no centro do processo educacional. Assim, no Capítulo "Do Corpo Docente", Lutz (1922), expõe que o diretor da escola sempre deveria ser uma mulher. Quanto ao pessoal da área administrativa, entendia que eram necessárias, diretora, secretária e zeladora, ou seja, uma escola que fosse toda dirigida pelas mulheres.

> O corpo discente será composto de um determinado número de alunas de preferência do Distrito Federal ou enviadas dos Estados, mediante acordo com os Governos estaduais afim de assegurar a difusão do ensinamento de Economia Doméstica. Na fase inicial, poderá a fim de formar um pequeno corpo docente e um certo número de demonstradoras de Economia Doméstica um determinado número de alunas que se dedica imediatamente a uma determinada especialidade, que poderá ser estudada num prazo de tempo relativamente curto, sendo abreviado de modo correspondente ao ensino técnico, o ensino básico indispensável (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922 s/p).

Essa modalidade de Ensino deveria ser iniciada no Distrito Federal. A proposta segundo ela, seria de convocar alunas dentro do Estado, ou de outros lugares do Brasil, para que elas pudessem ver, aprender e depois difundir os conhecimentos, e criar outras escolas, em todo o Brasil. A intelectual ainda pontuou que deveria ser instituída uma Escola Nacional Superior de Economia Doméstica, que fosse uma espécie, "de protótipo das futuras escolas estaduais".

> O serviço de Extensão interessa as autoridades federais, estaduais ou municipais, as associações agrícolas e outras correlatas e, principalmente, a população rural. O Governo Federal é representado pelo Serviço, de Relações Estaduais do Departamento da Agricultura, e uma dependência deste Serviço o Bureau de Extensão. Ao Serviço de Relações Estaduais incumbe a administração e a direção de todo o trabalho cooperativo de extensão. O Bureau de Extensão, fornece uma parte das verbas para o pagamento dos agentes rurais de Agricultura e de Economia Doméstica, fiscaliza o emprego, das subvenções de federais às Escolas Superiores de Agricultura e serve de intermediário entre as diferentes Seções do Departamento Nacional de Agricultura e as Escolas Superiores de Agricultura. Os Governos Estaduais organizam de acordo com o compromisso assumido para com a união superior de Agricultura (casa Estado possui uma Universidade Estadual e cada Universidade uma Escola Superior de Agricultura com duas seções a) Agricultura e B) Economia Doméstica e administração do Serviço de Extensão, ao respectivo Estado. Os municípios sua vez possuem conselhos municipais de Agricultura compostos na maior parte pela população rural de ambos os sexos organizados com o fito de colaborar com a Escola Estadual de Agricultura e o Departamento Nacional de Agricultura. Subdividem-se os conselhos por sua vez em clubs ou comissões locais nas diferentes vilas e povoados. Deste modo, a ramificação é levada até o último extremo não deixando de lado nenhum elemento, e entrando em contato individual com os fazendeiros e população rural (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922, p.3-4).

A fala de Bertha Lutz nesse trecho do seu relatório é importante porque mostra a principal característica da maneira com que a Educação Rural estava sendo estabelecida, pautada nos serviços de Extensão e da articulação do Ensino Superior, onde e as pesquisas ali eram realizadas. Essas eram geralmente voltadas para resolver os problemas daqueles que viviam em regiões agrárias. Esse modelo se estendeu ao ensino agrícola de maneira geral e ao ensino de Economia Doméstica em Escolas Rurais que ensinavam esses conteúdos programáticos.

Sobre esse Regulamento de Educação e os seus níveis nos Estados Unidos, segundo Lutz (1922), em relação ao Ensino Primário, pontuou que esse funcionaria em Escolas Primárias em áreas agrícolas ou que praticassem agricultura, assim como seus ensinamentos, quando não em quaisquer estabelecimentos que almejassem estabelecer e promulgar esse tipo de educação. Havia a previsão de se elaborar e criar Escolas Práticas, cujo objetivo seria o de formar chefes de cultura e administradores de propriedades rurais, assim como o de instruir as filhas de agricultores e aquelas que tivessem como objetivo se dedicar à vida agrícola, entre seus 14 e 18 anos.

Os aprendizados deveriam ser em Gramática, Aritmética, Geografia e História Geral, aqui tendo que dar ênfase especialmente a do Brasil. Lições de coisas e noções concretas de Física e de História Natural, além de instrução moral e cívica, música, cânticos patrióticos, direitos dos homens e seus deveres políticos e sociais, direitos e deveres da mulher, ensinamentos na área do Desenho, Ginástica, Prática Técnica Rural, Almoxarife e Conhecimentos de Artes Domésticas, como assinalado por Bertha Lutz. O Ensino Doméstico, para Lutz (1922), teria êxito, como observou na experiência americana, se fizesse propaganda nos centros agrícolas mostrando o bem que a educação poderia dar para o melhoramento da condição social do homem do campo, sua melhor fixação ao solo, lhe apresentando com essa nova educação melhores meios de combater o êxodo rural.

Bertha Lutz também abordou em seus escritos no relatório sobre a viagem de 1922, a importância das universidades no processo de consolidação desse modelo de educação nos Estados Unidos. É apresentada uma série de caminhos possíveis no tocante a sua organização para pensar a educação também no Brasil:

> As universidades americanas como todas as instituições públicas daquele país têm como principal objetivo fornecer ao público os elementos de instrução que para eles tenham maior significação e utilidade. Incluem, por conseguinte, no contrário do que se dá nos países europeus onde a Universidade tem os seus moldes rígidos de instituição colocada acima do alcance da vida comum, todos os Departamentos que a opinião pública solicita e que correspondam as necessidades práticas ou culturais. Assim, sendo naturalmente está incluído em todas as Universidades Estaduais, como ramo de Ensino Superior, dando direito ao título de bacharel em ciências (Economia Doméstica) o ensino desta disciplina que constituem uma seção equivalente aos Colégios de Agricultura das mesmas universidades (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922, p.1)

Em todas as universidades havia Departamentos que eram voltados para implementar novas formas de tornar essa modalidade de educação viável, demonstrando que tanto a Educação Rural, quanto a de Economia Doméstica Agrícola, ao serem comparadas aos Colégios de Agricultura das mesmas Universidades, delineavam uma tentativa de inserir as mulheres para o acesso a uma educação mais formal, pois queria as tornar "úteis" como força de trabalho.

A partir dessa experiência, Bertha Lutz pensou em formas de criar uma ou várias Escolas parecidas com essas observadas, estipulou alguns paradigmas pedagógicos para essa possível futura efetivação. O corpo discente deveria ser dividido em três classes. A Classe A, deveria preparar professoras para dirigir Escolas Domésticas semelhantes a Escola de Natal. Para obtenção de diploma era preciso ter um outro tipo de da Escola Normal ou outro estabelecimento equivalente. Ao menos ter experiência de três anos como professora com êxito reconhecido e o que chamou também como requisito "personalidade" idônea à atividade. Esse

curso levaria dois anos. Lá se aprenderia sobre a sociedade brasileira no seu meio rural, urbano, de norte a sul. Além disso, deveria analisar as condições existentes no lar brasileiro, entendendo os papéis do pai, mãe, filhos, casa, criadagem, equação, recreios, entre outros, sem renunciar a conhecimentos sobre a história do movimento educativo relacionado às mulheres no mundo inteiro, o papel da mulher na coletividade, psicologia da mocidade feminina no Brasil, direito usual, costura, ginástica e educação física. Também previa a organização de uma Escola Doméstica, desde os dormitórios, até as salas de aula, horários, conteúdos, programas de estudos adequados às realidades que fossem postas.

A Classe B aprenderia os conteúdos de Cozinha Teórica e Prática, Costura, Lacticínios, Agricultura, Criação, Lavanderia, Cultura Física, Jogos e outros, como Metodologia, Psicologia, Química especial, Desenho, Arte decorativa, Contabilidade, Escrituração da Dona de Casa e Caligrafia, e orçamentos. Em relação a Classe C, essa seria de demonstradoras de Economia Doméstica, algo que foi definido por ela como:

> Senhoras, especialmente e cuidadosamente escolhidas para o serviço de Divulgação Popular, sendo preparadas na escola ou vindas de fora para organizar nas cidades ou vilas do interior do Estado o serviço de divulgação por meio de Institutos Domésticos, isto é, conferências de dez dias ou de uma semana e pela fundação de clubes. (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922, p.4.)

Aqui, ela procurou dar ênfase em torno daquilo era feito nos Estados Unidos, principalmente na maneira como funcionava o trabalho das Agentes de Economia Doméstica. Seriam as professoras ou sujeitos com formação superior na área, que iram aos lugares mais distantes, divulgariam a educação, e organizariam as escolas, a partir de conferências, organização de clubes, como parte da estratégia dessa implementação. Essa divulgação seria feita, também com o apoio do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Ela sinalizou, que para isso seriam necessários impressos, compêndios, folhetos, boletins, programas de estudo e bases da organização, para que essa divulgação conseguisse efetivar seus objetivos.

3.3.2 Duas visitas importantes

Ainda, abordando o relatório de Bertha Lutz, de todos esses espaços que foram visitados e que apareceram como mais relevantes, dois são destacados por ela como os que mais considerou produtivos durante o período que esteve nos Estados Unidos. O primeiro documento localizado no Fundo da FBPF, chamado “Uma visita ao pavilhão de Economia Doméstica da Universidade de Cornell”, consiste em uma reflexão que estava contida no relatório da viagem aos Estados Unidos, de uma visita que fez a essa universidade após passagem por Nova York.

Suas impressões reforçaram o objetivo proposto ao Ministério da Agricultura, segundo ela: "como também obtive excelentes impressões da atividade feminina e o esforço pelas autoridades para estimular o progresso rural.". De todas as visitas, Bertha Lutz pontuou que essa explanação seria feita, por ser tratar dos mais celebres departamentos, vinculado a Universidade do Estado de Nova York.

> A universidade de Cornell, que se acha franqueada com todas as universidades estaduais a alunos de ambos os sexos, está situada na região de Lagos, na mais perto parte do estado de Nova York. Enquanto lá estive fui hospede do professor Comstock, o velho mestre de etnologia cujos escritos são a escola clássica de todos os jovens entomólogos, tanto na América do Sul como do Norte. Proporcionou-me este velho amigo e colega do meu pai a mais bondosa acolhida, como também a sua esposa, a professora Anna Comstock, Lene de Zoologia da Universidade. Saímos pela manhã em rumo a Universidade. Atravessamos o grande "Campus", como chamam o terreno, em geral imenso, das Universidades americanas. Depois de percorrer rapidamente os laboratórios dos pavilhões de ciências, a biblioteca, e o pavilhão de Agricultura, fomos visitar o pavilhão de economia do lar. (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922, s/p).

Aqui na ocasião é possível ver que foi recebida por amigos dos pais para poder visitar a universidade. Ela também organizou uma palestra sobre o movimento feminista e a situação da mulher no Brasil para as alunas daquela instituição de ensino, que ficaram animadas pelo prestígio que a intelectual tinha no contexto internacional. No que se refere ao que pode observar no Departamento de Economia Doméstica e no Serviço de Extensão, detalhou o que foi observado.

> Começamos então a visitar o pavilhão. A primeira seção percorrida foi a de Alimentação. Nesta são estudados todos os assuntos referentes a alimentação humana... Na Sessão de Puericultura vimos um bebê muito forte que constituía o orgulho dos alunos daquela secção que o vinham criando. Vimos também as numerosas fichas registrando as observações feitas em alunas e alunos dos grupos escolares da cidade vizinha, consignando a idade, as horas de estudo, de trabalho, de repouso, alimentação, moléstias, antecedentes e outros dados, enfim tudo que pudesse contribuir para o estudo do exato da criança registrada. Em outra Sessão de Tecidos e Vestuários, visitamos aulas de corte, costura, de estudos dos diferentes tecidos e textos. Aprendendo muito noções de estética e história. Na sessão de estética do Lar e Decoração Interior os alunos estavam estudando conjuntamente com a Professora, por meio de desenhos, esboços e modelos de cartão que iam fazendo...Os conhecimentos obtidos pelas alunas destas diferentes secções são empregadas nos seus futuros lares, na gerência de hotéis, instituições, fábricas, no magistério de Economia Doméstica nas Escolas Secundárias e Escolas Medias de Economia Doméstica, e no Sérvio de Consultoras técnicas regionais, para a população rural do pais...As alunas do último ano vão aplicar na última sessão que visitamos aquela manhã o conteúdo. E este está em um pequeno apartamento modelo, com sala, sala de jantar, dormitórios, cozinha e dependências e com um bebê anexo, onde as diferentes turmas regem a casa, em todos os detalhes, como se fosse um verdadeiro lar. (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922, s/p).

A visita à universidade foi analisada por Bertha Lutz como importante e que, nas palavras dela, se deu pelo fato do curso ali oferecido consistir em um aparato pedagógico que

iria compor, de certa maneira, a forma, as diretrizes com que muitos cursos seriam implementados não apenas nos Estados Unidos, mas em outros países no mundo. É por esse modelo ali apresentado que ela pode ter se baseado para formular os seus projetos para estruturar esse modelo de ensino no Brasil.

As alunas teriam então, a oportunidade de aprender diversas maneiras de como gerenciar os seus lares, mas também de como, sem sair de dentro deles, contribuir para um melhor suporte financeiro das próprias famílias. É interessante notar que ainda que tivesse uma pedagogia voltada para o lar, a formação em Economia Doméstica pelo viés norte americano, dava a possibilidade à mulher de poder atuar em outros espaços como hotéis, fábricas, além de atuar no magistério.

Figura 9: Agente Rural observa trabalho de enfermeira em uma das Escolas Agrícolas.

Fonte: (AN/FBPF)[67]

A outra visita é a relatada por Bertha Lutz no documento "Uma visita ao escritório de uma Agente Rural (Consultora Técnica Regional de Economia Doméstica Agrícola). Nessa ocasião, ela expôs sobre quais seriam aspectos do que entendeu como êxito da viagem, demonstrando, por exemplo, o fato de que nos Estados Unidos a organização entre poderes

[67] Não é possível saber em qual lugar essa atividade está ocorrendo, porque o dossiê analisado com as fotos, não informa, todavia me parece ter sido essa foto tirada, no dia em que Bertha Lutz visitou a Agente Rural, por ser esse o trabalho que ela fazia.

colaborando entre si, era o que contribuiria para o "progresso nacional" americano e da implementação dessa educação de fato. Com isso, para ela, a articulação entre lideranças políticas era o que poderia fazer com que a educação pudesse não apenas ser implementada, mas viesse a ter êxito. A educação pelo viés do ensino agronômico exigia que esse profissional articulasse o ensino realizado sobre a temática nas universidades e escolas rurais, sendo elas mistas ou de Economia Doméstica. Era o chamado "Agente Rural", um profissional de destaque que compunha a estrutura do Sistema Nacional de Alcance Nacional da educação pelo viés agrário que englobaria homens e mulheres dentro do corpo escolar. Sobre essa experiência Bertha Lutz revelou:

> Uma das experiências mais interessantes que tive nos Estados Unidos foi uma manhã passada no escritório de uma dessas consultoras técnicas em uma pequena cidade do Middle-est. Quando cheguei estava a agente rural abrindo o expediente. A primeira carta provinha de um grupo de senhoras residentes em uma vila vizinha e solicitava o envio de uma instrutora especial para organizar um curso de uma semana de ensino de corte de roupa de criança. A segunda carta comunicava o plexo êxito de um outro curso de processo de conservas organizado em outro lugar. Enquanto abria a terceira carta, foi chamada ao telefone, era uma senhora cujo filhinho não estava aumentando suficiente o peso de acordo com a tabela que lhe fora distribuída pela consultora e que desejava saber se era devido a um defeito na alimentação e qual o remédio, ou se deveria consultar um médico. Uma das últimas cartas aberta pela consultora acusava o rendimento obtido por uma fazendeira pela venda dos ovos das galinhas que criava e agradecimentos à consultora pelas instruções dadas sobre o assunto. Saindo do escritório fomos descansar alguns momentos na sala de recreio e de descanso organizada pelas mulheres dos povoados vizinhos para o uso seu quando vinham à cidade para assistir uma feira e fazer compras, local muito alegre e bonito organizado sem grandes dispêndios pela aplicação dos princípios de decoração interior ensinado pela consultora técnica. Não pude deixar de ficar impressionada pelas vantagens e resultados de semelhante sistema de colaboração. Involuntariamente surgiu-me no espírito a visão fugitiva mais dolorida do construto da população rural dos Estados Unidos e a nossa população rural. (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1922, s/p).

Essa referência é importante, feita por Bertha Lutz, talvez pelo fato de mostrar na prática o cotidiano de como funcionava esse sistema educativo para mulheres nos Estados Unidos e atenta ao leitor como estavam organizadas as discussões naquele país. A figura da Agente Rural, como a mediadora que faria com que os conhecimentos teóricos nas diversas realidades, fossem aplicados da forma mais satisfatória nos espaços de ensino e aprendizagem era crucial no estabelecimento dessa nova educação. Pela fala aqui exposta, é possível perceber que havia diversas questões que envolviam não apenas ensinar os conteúdos, mas facilitar o processo dessa aprendizagem, sendo esse motivo pelo qual a Agente Rural se tornou necessária. Além disso, também era essa profissional a responsável para lidar e buscar alternativas eficazes, que envolviam as dificuldades presentes nas vivências de cada uma das alunas. É possível ver que os problemas eram diversos, desde a tentativa de implementar um curso de corte e costura,

como relatar ganhos financeiros com os conhecimentos aprendidos, assim como ajudar a comunidade a resolver problemas que cercavam a população rural.

3.4 Uma proposta para a Economia Doméstica Agrícola

No dossiê Economia Doméstica, na Série Economia Doméstica, Subseções Campanhas, Seções Administração, chamado "Anotações, cartas, ofícios e textos sobre a tentativa de criar uma escola voltada para a "economia doméstica "e a inauguração da escola de economia doméstica agrícola Instituto Baronesa de Rezende", localizado no Acervo do Fundo da FBPF, que traz mais de 100 páginas, está contido o relatório chamado "A escola de Economia Doméstica e Assistência Social", escrito após a viagem de Bertha Lutz à Bélgica, que contém ideias sobre como se deve criar uma instituição nos moldes daquilo que também foi observado nesse país.

O Ministério da Agricultura encaminhou em 1922 subvenção e auxílio para que a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que mudaria de nome no mesmo ano para Federação das Ligas pelo Progresso Feminino, organizasse no Brasil, indústrias regionais femininas e de ensino de Economia Doméstica:

> Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino. Subvenção do Ministério da Agricultura, votado unanimemente pela Comissão de Finanças e do Plenário da Câmara e do Senado e sancionada pelo Executivo. Orçamento da Despesa do ministério da Agricultura, Indústria e Comércio para o exercício de 1924.Verba 22-Subvenções e auxílios "Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino para organizar e desenvolver no país as indústrias regionais femininas, inclusive a indústria de rendas e para o ensino doméstico agrícola". (CARTA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA S/D, 1923, p.22)

O retorno de Bertha Lutz dos deslocamentos e após a feitura do relatório da primeira viagem que foi abordada anteriormente e depois da viagem à Bélgica, aprofundou para um nível agora institucional a relação que antes era designada a ela apenas como servidora vinculada ao Ministério. A partir do seu retorno, agora a entidade feminina que liderava nesse período seria a responsável pela ação. Bonato (2005), sinaliza que a mudança no nome se deu em 1922, mesmo ano da criação. A formação das Ligas foi necessária, por haver uma necessidade de criar braços de atuação da Federação em todo o Brasil. Na citação abaixo pode-se especular que a criação das ligas, no mesmo momento em que retorna da viagem e começa essa parceria institucional com o Ministério da Agricultura, foi motivada pela tentativa de dar maior visibilidade e viabilidade ao seu projeto de educação em torno da educação rural, o foco dessa

vinculação e de escolha pela Federação era o de criar medidas que pudessem de alguma forma, transformar a vida das mulheres que viviam em zonas rurais.

> Medidas lembradas com o intuito de melhorar as condições de vida da população rural e de interessar a mulher nas indústrias susceptíveis de serem desempenhadas pelo sexo feminino e de servirem de fonte de renda. Atendendo ao fato de tratar-se de uma questão inteiramente nova, sendo pois necessário lançar as próprias bases, tomo a liberdade de sugerir que, só invés de cogitar desde já sua instalação das escolas medias de economia doméstica em suas aplicações a Agricultura e cursos desta disciplina, nos estabelecimentos destinados ao sexo feminino, para os quais ainda não existe um corpo docente, o qual terá de ser preparado antes de que possam funcionar as aulas, seja adotado, de preferência a um sistema completo, muito dispendioso e talvez prematuro, um sistema de desenvolvimento gradual, com dispêndio inicial reduzido e previsões para o seu aumento de acordo com o desenvolvimento futuro.(CARTA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, s/d 1922, p.23)

É possível ver que houve também uma diferença entre o que foi observado nos Estados Unidos e Bélgica e na realidade posta por Bertha Lutz, ao pontuar questões sobre como que se daria a criação dessa futura escola idealizada por ela e pelo Ministério. Em relação ao avanço quanto ao que implementar, são sinalizados quais seriam os objetivos a serem seguidos a partir daquele momento:

> 1- Uma escola nacional de Economia Doméstica em suas aplicações à agricultura
> 2- Um serviço de informações e consultas. A Escola deverá ser o protótipo das futuras escolas estaduais poderá ser organizada por vários processos:
> A) Pela organização na Escola Superior de Agricultura, de uma Seção de Economia Doméstica e suas aplicações a Agricultura;
> B) Pela criação de uma Escola Nacional de Economia Doméstica;
> C) Pela transformação da Escola Doméstica de Natal único estabelecimento Congênere as Escola Domésticas das Universidades norte-americanas que possuímos no Brasil e que já é subvencionado pelo Governo Federal e pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, em um estabelecimento federal. (CARTA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, s/d,1922, p.23-24).

Dessa forma, deveria ser elaborada uma escola com esses aspectos contidos acima. Bertha Lutz, no mesmo documento, ainda compreendeu que o serviço poderia funcionar inicialmente de maneira reduzida por conta da realidade brasileira e ir sendo ampliado pouco a pouco. Em relação a maneira pela qual se daria o funcionamento dessas instituições entendia, que eram as Escolas de Economia Doméstica no âmbito Federal e Estadual, que deveriam também estimular o ensino da modalidade em escolas normais. Em relação a como se dividiam essas medidas para o ensino agronômico como um todo, Bertha Lutz afirmou, assim que voltou dos Estados Unidos:

> Medidas propostas
> I- Divisão do Ensino Agronômico em duas partes distintas:
> A) Agricultura B) Economia Doméstica Rural;

II- Organização de um Serviço de Extensão para a difusão dos conhecimentos de Economia Doméstica entre a população rural feminina do País;
III- Organização de Escolas Superiores de Economia Doméstica.

Organização Definitiva.
A) Serviço de Extensão:
B) Na organização definitiva ficaria o Serviço de Extensão encarregado da difusão de conhecimentos de Economia Doméstica entre a população rural feminina do Brasil.

Teria os seguintes órgãos:
A) um Serviço Nacional no Ministério de Agricultura (destinado à organização e administração do Ensino de Economia Doméstica e divulgação dela por meio do país)
B) Serviço Estaduais- destinados ao mesmo fim nos diferentes estados
C) Especialistas- dos diferentes ramos de Economia Doméstica
D) Chefes Estaduais- Encarregadas de organização de clube de senhoras e crianças para o estudo da Economia Doméstica e da fiscalização dos serviços;
E) Agentes regionais- verdadeiras consultoras técnicas localizadas nos diferentes municípios ou regiões (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1923, p.27).

Desse modo, além de serem apontadas as diretrizes para essa nova educação, também se deveria criar escolas superiores e de nível médio nos diferentes estados da União, que estimulariam a inserção dessa disciplina em outros estabelecimentos diversos. Também deveria ser criado o serviço de Extensão de Economia Doméstica no Ministério da Agricultura e a criação de uma Escola Nacional Superior de Economia Doméstica. Essa Escola então, deveria ser um protótipo das futuras Escolas Estaduais que pudessem se tornar de Economia Doméstica ou que fossem criadas para o tal, seguindo as seguintes diretrizes:

1- Pela organização na Escola Superior de uma Sessão de Economia Doméstica equivalente a atual Escola de Agricultura.
2- Pela criação de uma Escola de Economia Doméstica Nacional
3- Pela transformação da Escola Wenceslau Brasil em uma escola superior em vez de Escola Profissional.
4- Pela transformação da Escola Doméstica de Natal, o estabelecimento congênere que temos no Brasil em um estabelecimento federal. (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1923 p.28).

Essa organização era para ser definida na estrutura do Ministério da Agricultura, que defendia a necessidade de se estabelecer uma Escola de uma Educação Rural e Doméstica. Bertha Lutz ainda pontuou no mesmo texto que nos primeiros anos as alunas seriam enviadas por cada estado a partir de indicação dos Governos Estaduais para estudar nessa escola que seria Nacional de Economia Doméstica. As primeiras turmas deveriam se dedicar exclusivamente para desenvolver certas especialidades que pudessem fornecer, aos estados, profissionais capazes de formar novas escolas. Em um segundo momento, a proposta seria a de se formar turmas de Agentes Rurais, e membros do corpo docente nas Escolas Estaduais. Aquilo que ela chamou de Lentes de Economia Doméstica para que atuassem nas escolas

médias e secundárias que fossem destinadas ao sexo feminino. (LUTZ, 1923). Em relação ao Programa pedagógico, esse seguiria o seguinte protocolo conforme apontado pela educadora.

> Programas
> A) Nas Escolas Superiores seriam estudados os seguintes assuntos:
> 1- Alimentação, têxteis e confecção, decoração interior e aperfeiçoamento do lar, organização e administração do lar e de instituições. Puericultura, higiene, noções de direito administrativo, sociologia e outros assuntos que deem uma compreensão clara do papel do indivíduo na comunidade. (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1923, p.29)

O serviço de extensão atuaria para ensinar de maneira mais qualificada sobre alimentação, uso de conservas, corte e costura, higiene pessoal e do lar e a mulher na comunidade. O custeio deveria ser uma subvenção feita de maneira proporcional pela União e os Governos Estaduais, se aproximando dessa forma, da maneira com que ela observou aquilo que era feito nos Estados Unidos. Ela, também sinalizou a necessidade de se organizar um sistema que pudesse prever o aumento gradual das despesas que viessem a ser feitas para a população rural no aprimoramento dessa modalidade de educação. Da mesma forma, ela propôs que esse Serviço de educação para as mulheres, tal como o de Extensão nas escolas de Economia Doméstica, fossem todo ou quase na sua totalidade, comandado pelo sexo feminino. (LUTZ, 1923, p.29).

Em carta para Geraldo de Paulo e Souza[68] , em 1923, que foi localizado, mas que não contém o dia ou mês, apenas o ano, Bertha Lutz, em nome da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e do trabalho que estavam realizando em conjunto com o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, relatou um pouco da dinâmica de como essa articulação se deu com os estados na tentativa de criação dessas escolas e dos ambientes que eram necessários para a difusão dessa modalidade educativa.

> EXMO Dr. Dr. Geraldo de Paulo e Souza.
> M.D. Chefe do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo
> Devendo esta Federação composta de associação federais e filais estaduais, instalar um posto ambulante em carro da Estada de Ferro, de bitola larga, que deverá circular não só no Distrito Federal e no Estado do Rio, como também nesse Estado, posto ambulante este destina a instrução feminina rural nas quais es referentes ao ensino doméstico e às pequenas industrias regionais agrícolas e desejando incluir no nosso programa o ensino da higiene individual, infantil e domiciliar coletiva e a divulgação das noções referentes às questões sanitárias que julgamos um corolário indispensável ao ensino doméstico e a instrução da população feminino....Posto ambulante para a propaganda sanitário rural (CARTA DE BERTHA LUTZ, s/d 1923,p.30).

Nessa carta é possível ver como se daria essa dinâmica em torno dessa escola quando viesse a ser criada e como ela serviria aos estados e municípios, assim como seria estabelecido

[68] Chefe do Serviço do Estado de São Paulo na ocasião.

o seu serviço de Extensão. Dentro desse documento, também havia a tentativa de criar mais uma escola de Economia Doméstica e de Assistência Social, outra proposta de Bertha Lutz, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino como instituição em uma parceria de trabalho com o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, seguindo os mesmos moldes daquilo que observou e pontou nos relatórios, mas com as suas especificidades próprias.

O processo de organização da suposta escola e suas atribuições são expostos por Bertha Lutz, quando expressa qual seria o diferencial dessa possível escola diante das propostas de outras escolas que vinham sendo articuladas por ela após as duas viagens.

> A Escola e Ensino Doméstico e de Assistência Social está sendo organizado pela Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino com o intuito de proporcionar ensino doméstico e disseminar conhecimentos de ordem prática referentes à boa organização e funcionamento do lar, principalmente do lar rural; estimular o desenvolvimento das pequenas industriais femininas, agrícolas e regionais; realizar pesquisas sobre questões sociológicas. Preparar a mulher para colaborar eficazmente nas numerosas iniciativas de assistência social. Em outras palavras, visa preparar a mulher para o desempenho das funções primordiais que lhe cabem no lar. Utilizar o esforço feminino no desenvolvimento rural do País, imprescindível ao seu progresso. Fornecer à mulher novos meios de empregar seus esforços em atividades remuneradoras e de utilidade pública e estimulá-la a desenvolver a sua atuação nos aspectos práticos da sociologia. A fundação desta Escola corresponde à primeira efetivação em terreno prático de uma grande aspiração em prol do progresso feminino. Resultado dos estudos sobre economia doméstica. Indústrias regionais femininas e atuação social da mulher feitos em missão do Governo pela Presidente da Federação, nos Estados Unidos e na Europa e do desejo de instituir adaptando-as ao nosso meio as medidas nesses terrenos que parecem aptas a florescer entre nós e a contribuir para o desenvolvimento do Brasil. Entre as medidas visadas acham-se em primeiro lugar aquelas que vem em apoio do lar, principalmente do lar rural como sejam. (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1923, p.45).

O grande diferencial desse relatório elaborado em 1923 é que ele contém diretriz de criar determinada escola, inspirada em suas duas viagens aos Estados Unidos, ao tratar das questões das indústrias regionais que eram o forte das escolas ambulantes organizadas por Paul de Vuyst, assim como a questão de tornar o lar o foco maior da iniciativa que estava sendo proposta por esse intelectual na Bélgica. E que poderia ser usada com êxito no Brasil, levando em conta a grande parte do território brasileiro ser predominantemente agrário naquele período.

Dessa forma, Bertha Lutz (1923), observou que a futura escola deveria preparar as alunas para atuar de maneira eficiente na administração econômica e no funcionamento satisfatório do lar. Para isso, elas deveriam conhecer quais eram os mecanismos que as levariam a realizar essa atividade entendida como “missão”. Os países entendidos como mais civilizados, em seu ponto de vista, vinham instituindo círculos de estudo para a população feminina rural e organizando clubes onde as alunas, desde jovens poderiam apreender conhecimentos sobre como gerenciar e contribuir para o melhor andamento da sua realidade social. Dentro desses

cursos seriam ensinados toda a prática e técnica rural, se realizariam conferências e centros de divulgação de conhecimentos entendidos de utilidade pública. Essa nova postura então, poderia contribuir para o desenvolvimento de pequenas indústrias agrícolas, que pudessem favorecer a economia local com a força de trabalho da mulher. Em espaço, como indústrias de apicultura, avicultura, horticultura etc. Quanto a isso, Bertha Lutz sinaliza *que constituem importante produção nacional na Bélgica e podem vir a constituir no Brasil*. (LUTZ, 1923, p.46).

A partir de Lutz (1923), pode-se ver que essa estratégia, que se desdobrasse nesse tipo de organização educativa que levasse a construção das fábricas aos moldes dos modelos educativos dos Estados Unidos e Bélgica, poderiam levar ao aumento da prosperidade rural, quando fosse assegurada uma fonte de renda para as mulheres, ainda que pequena, sem que implicasse o abandono do lar por elas. Esse foi um período, em que se aumentavam o número de instituições oficiais e particulares que prestavam a assistência social em decorrência dos grandes problemas de saúde pública, assistência à infância e falta de trabalho, o que prejudicava parte considerável dos brasileiros.

Com isso, caberia as Escolas de Economia Doméstica e Assistência Social a missão de preparar profissionais capacitados que pudessem atuar nesses espaços, onde carecia a ação efetiva das autoridades públicas. Essa era uma tendência que vinha crescendo, segundo ela, no estrangeiro, em que eram preparadas tecnicamente mulheres que se especializavam para ocupar estas funções de atuar nesses espaços. Essa articulação entre sociologia e assistência social, levaram ao Brasil a criação de instituições importantes, como "O Juizado de Menores", "As visitadoras de Higiene" e outros de importância pública. Sendo então, para a FBPF, ao pensar sobre a tentativa de criação dessa escola "de acordo com seus fins e seu programa em prol do progresso feminino ser oportuna a fundação da Escola de Economia Doméstica e de Assistência Social*."* (LUTZ, 1923, p.48).

Sobre as diretrizes da Escola, Bertha Lutz (1923), lembra que ela tinha que ser reservada levando em conta a realidade em que viviam todas as mulheres. Principalmente aquelas que desejassem ampliar seus conhecimentos domésticos no desenvolvimento rural e da formulação de indústrias, para atuar tanto gratuitamente ou de maneira remunerada. Além disso, cabendo, que a preferência da escolha dessas profissionais a aquelas que fossem associadas a Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino.

> Será dada preferência às senhoras associadas a Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino e àquelas que se prepararam para trabalhar nas diferentes seções do serviço de divulgação de Economia Doméstica e outras instituições oficiais e particulares havendo um determinado número de matrículas gratuitas. (RELATÓRIO DE BERTHA LUTZ, 1923, p.49.)

Conforme pode-se ver na fala de Bertha Lutz, para as alunas que tivessem direito à gratuidade essas deveriam ainda tomar para elas o compromisso de auxiliar durante o período, que estudassem na Escola, o serviço de exames práticos nas suas respectivas seções, ou seja, contribuir para que as seções que ensinassem conteúdos práticos, para que essas pudessem funcionar. (LUTZ, 1923).

O Programa do Curso incluiria uma parte que seria geral, sendo comuns a todas as alunas e uma outra parte que ela chamou de técnica, dividida em seções que estivessem articuladas com as diferentes especializações que viriam a ser ofertadas pela escola. Já, quanto a esse ensino técnico, esse geraria um trabalho individual que fosse de ordem prática, que poderia ser constituído por um estágio ou então na feitura de uma pesquisa, que apresentasse um relatório final daquilo que fosse pesquisado. As alunas que fossem aprovadas no exame final do curso, recebiam um diploma de "Auxiliar Social", com a menção da requirida especialização. A escola ainda assumiria o compromisso de se empenhar para que todas as moças que fossem lá diplomadas pudessem atuar nas diferentes áreas da assistência social, assim como na difusão da Economia Doméstica no Brasil.

Em relação a maneira pela qual se daria o Curso Geral e os aspectos que embasariam a sua formação, o programa estaria elaborando em discursos os seguintes conteúdos: I- Governo e Administração pública. II- A comunidade, III-Problemas nacionais e sociais, IV- Assistência e legislação sociais, V- O papel da mulher na sociedade atual. (LUTZ, 1923, p.52).

Quanto à formação técnica ela se organizaria da forma apresentada a seguir. Métodos e Instrumentos de trabalho: a) Classificação, fichas, livros etc. b) Documentação, apontes, inquéritos, relatórios. c) Organização da Biblioteca. d) Métodos de Publicidade e propaganda. e) Instituições sociais, sua organização, orientação e fiscalização. Com isso, essa formação técnica daria os instrumentos práticos de trabalho necessários, para que o sujeito pudesse atuar de maneira social usando tanto o intelecto quanto dispositivos práticos de maneira metodizada (LUTZ, 1923, p.52-53).

As seções da futura escola seriam: a) Economia Doméstica. b) Desenvolvimento Rural. c) Indústrias femininas agrícolas. d) Assistência Infantil. e) O trabalho Infantil e Industrial. Quanto a maneira com que a Economia Doméstica entraria na escola, Bertha Lutz sinaliza que funcionaria organizada de acordo com os dados a seguir. Economia Doméstica: 1- O lar: a) Arquitetura, Engenharia, Mobiliário, Decoração, Aparelhamento, Limpeza e conservação. B) Funcionamento. C) Administração Econômica; 2- Alimentação; 3- Vestuário têxtis: estudos de tecidos, peças, ornamentos, aparelhos; 4- Higiene: a) higiene individual, infantil, domiciliar e

coletiva e a Escola de mães. A seção que fosse escolhida para propagar os conhecimentos de Economia Doméstica, teria um curso primeiramente para formar especialistas de Economia Doméstica, do Serviço de Divulgação e Professores de Economia Doméstica Agrícola, sendo também útil para aquelas que quisessem ser melhores donas de casa. O ensino seria teórico e prático, e seria completado pela aplicação dos conhecimentos em trabalhos de ordem prática e individual. (LUTZ, 1923, p.57). Em relação à segunda seção também mostrada no relatório, de número II, chamada de Desenvolvimento Rural, essa se pautaria em ensinar questões sobre o aperfeiçoamento do lar rural, sobre o ensino e desenvolvimento das pequenas industriais rurais, estimulava a Horticultura, Apicultura, Avicultura, Lacticínios e Sericultura.

Esse Relatório se distingue dos demais pelo fato de ter sido escrito após as viagens, apontando para o desenvolvimento de uma ação, em cima daquilo que foi visitado e conhecido nos Estados Unidos e na Bélgica, mas sim já uma iniciativa conjunta com o Ministério da Agricultura, para tentar implementar a Economia Doméstica Agrícola no Brasil. No próximo capítulo, será abordado sobre quais foram os desdobramentos dessa experiência internacional ocorrida nos dois países visitados por Bertha Lutz. Como buscou tornar ação e projeto que conheceu durante os deslocamentos feitos por ela? Questões como participação em congressos, atuação na impressa, o debate que mesmo após alguns anos a levam ao Parlamento Brasileiro quando se torna Deputada em 1936, darão norte à discussão. Além disso, serão observadas as iniciativas das escolas Baronesa de Rezende de Economia Doméstica Agrícola em São Paulo e a Escola Doméstica de Natal no Rio Grande do Norte. Como ambas as instituições dialogam com aquilo que a intelectual buscava implementar no país?

4 **DESDOBRAMENTOS E REPERCURSÕES DAS VIAGENS NO PAÍS**

Quando retornou de suas viagens, Bertha Lutz participou de uma série de Congressos, atuou na imprensa e incentivou a criação de modernização de escolas de Ensino Doméstico Agrícola no Brasil. Essa pauta, após as duas viagens, se tornou tão emblemática na sua trajetória intelectual como educadora que, mesmo alguns anos após, durante a sua atuação no Parlamento como Deputada Federal, na década de 1930, continuou a defender essa bandeira como o caminho mais adequado para a emancipação feminina.

Que elementos ajudam a pensar nas consequências das viagens, na medida em como elas se conectam em explicar o êxito das tentativas de Bertha Lutz, para efetivar ao molde brasileiro, aquilo que foi experenciado nas viagens? Neste capítulo, serão trabalhadas as repercussões dentro de alguns desses locais, a partir dos debates que foram feitos por ela, sobre como a temática da Economia Doméstica Agrícola poderia ter encontrado espaço da sociedade do seu tempo.

A partir de Nunes (2007), é possível analisar que toda viagem é então, um momento formativo, pois mesmo quando é planejada, traz componentes de incerteza, de inquietude que se assemelham à própria condição humana, de formulação de novos saberes e práticas. É dessas formações, que no caso de Bertha Lutz será buscado problematizar esses saberes formados por ela. A viagem seria então, uma aprendizagem por si só daquilo que é diferente e que também é singular e próprio para o sujeito que a faz. Dessa relação é que ele se torna capaz de construir novos saberes. E esses novos caminhos que foram formulados, se deram na escrita de novos textos, da participação em espaços de formação, como os congressos e na vinculação com instituições, como a atuação no parlamento brasileiro, por exemplo.

4.1 **Congressos como espaços de divulgação da Economia Doméstica Agrícola**

Bertha Lutz participou de Congressos e fez circular ideias sobre o que tinha observado nas viagens. O primeiro foi o Congresso pelo Progresso Feminino, em Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, evento no qual a ênfase foi dada à discussão de Economia Doméstica, gerando proposições que surgiram com força nessa ocasião.

A idealização para que esse evento ocorresse foi resultado direto da comemoração do centenário da Independência em 1922. Uma série de outros eventos aconteceram em todo o Brasil, tendo esse ocorrido entre os dias 19 e 23 de dezembro daquele ano. De todos os

palestrantes que falaram ou apresentaram trabalho, a principal foi Carrie Chapman Catt, então Presidente da Associação Pan-Americana de Mulheres, cargo que a própria Bertha Lutz ocupou alguns anos depois. Contou com as seguintes seções: "Carreiras e oportunidades de ação apropriadas à "mulher" no dia 20, "O papel da mulher na luta contra a tuberculose e na higiene infantil", "A mulher como fator na vida cívica e política das nações", "a mulher como fator no lar e na comunidade rural" e "o ensino de Economia Doméstica e suas aplicações à agricultura na Noruega", que aconteceram entre os dias 22 e 23. Em relação às comissões de trabalho, foram divididas em "Educação e Ensino, Carreiras apropriadas à mulher, Trabalho feminino (Indústria, Comércio e Funcionalismo), Direitos da mulher, Assistência às mães e à infância, métodos de organização e liderança e relações internacionais e paz".

O programa do Congresso foi dividido nessas seções onde cada uma elaborou uma proposta de ação. Assim, a partir dos debates e das resoluções que foram surgindo com os trabalhos derivando em projetos intervencionistas, na medida em que as ideias apresentadas em formato de teses ou memoriais, esses teriam que analisar questões existentes sobre a temática escolhida, sugerindo medidas teóricas ou práticas que pudessem se sustentar em argumentos e apresentar caminhos, para garantir que as mulheres tivessem mais oportunidades nos vários espaços em que estavam inseridas na sociedade brasileira.

Na primeira sessão que foi respectivamente a de instrução e que mais interessa para à pesquisa, os assuntos que foram debatidos, foram: "Ensino primário, profissional, normal, secundário, doméstico e agrícola, assim como o superior". Duas outras seções de trabalho ainda seriam reservadas na comissão de educação e instrução para a apresentação de trabalho sobre o Ensino da Economia Doméstica e suas aplicações a agricultura, em que se buscaria em evidenciar a maneira com que esse era organizado nos Estados Unidos e na Noruega. A contribuição para a Conferência dos postulantes para cada trabalho como esse teria que ser de Rs$20$000 em adesões individuais e Rs$50$000 em adesões de associação.

A Liga Paulista pelo Progresso Feminino, na figura da sua responsável pela Documentação e Biblioteca, Córa de Moraes Barros, apresentou um trabalho chamado "Ensino Doméstico e Rural" quando apontou suas memórias de uma visita que teria feito a Escola Doméstica de Natal no Rio Grande do Norte. Na ocasião sobre a que se referiu, argumentou que dentre uma região assolada pela seca em estados da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, encontrava-se a escola, como uma espécie de preâmbulo do caminho para o progresso nacional. Segundo a postulante, a escola era uma luz.

> A mulher brasileira peca pela falta de cultura ou por cultura mal compreendida. Não reúne ela a cultura intelectual moral à física e doméstica. A moça criada na cidade,

> que faz bonita figura num salão falando um pouco de francês ou inglês conhecendo um tanto de música e literatura ignora por completo, as belezas do campo. Vê se completamente desorientada, si se transportar para um centro menor ou para uma fazenda, onde não compreende os encantos e utilidade da vida rural. Isso resulta da má direção da sua educação, cujo programa não encerra os conhecimentos dos misteres domésticos, que deve ter uma boa dona de casa. De casa. Outras moças hão que se acham ao par desses misteres, ignorando, a parte economia e cientifica. Tomar conta da casa é uma verdadeira arte, que exige da mulher noções, ainda que rudimentares, teóricas e práticas de diversas especializações. (ATA DO PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL FEMINISTA, CÓRA BARROS, 1922, p.67-68).

Para ela então, esses valores que a disciplina de Educação Doméstica deveria dar as moças, tinha que estar pautada em torno da necessidade de buscar, primeiramente, ensinar princípios fundamentais a estas mulheres, para o funcionamento do lar, como a higiene domiciliar e a defesa social. Isso ocorreria por meio da criação de um programa de propagandas, como os elaborados contra o vício ao álcool que assolava a população, principalmente por conta das doenças consequentes da dependência pela ingestão de tais substâncias. Além disso, era importante educar os indivíduos para que desenvolvessem bons preceitos de puericultura, medicina caseira e o desejo de voltar-se para o estímulo da criação de indústrias no espaço doméstico para melhorar a economia feminina das mulheres da zona rural.

A feminista analisou que a mãe de família tinha que ser a pioneira nesse processo, pois, não havia como a União, até pela crise financeira que vivia o país, suprimir esse problema nacional. Dessa forma, observando então a formação teórica e técnica para as mulheres de vários lugares das áreas rurais brasileiras, a partir de escolas domésticas, as maneiras de fazer com que elas próprias, pudessem contribuir para minimizar com os problemas do país. Sinalizou naquele momento que: “É de lamentar que só exista uma escola Doméstica no Brasil inteiro.” (ATA DO PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL FEMINISTA, BARROS, 1922, p.73). No, caso a do Rio Grande do Norte. Para tanto, essa constatação talvez explique o motivo pelo qual Bertha Lutz via essa instituição como estratégica no projeto de difusão de mais escolas secundárias e superiores sobre o tema e por isso rogava pela necessidade de que se fossem criadas mais escolas no Brasil sobre a temática aos moldes da de Natal e dos modelos que circulavam nos Estados Unidos e Europa.

Figura 10: Bertha Lutz com Carrie Chapman e outras delegadas no 1º Congresso Feminista de 1922.

Fonte: FBPF/AN. Localizada em: BR_RJANRIO_Q0_ADM_EVE_CNG_FOT_0001_d0006de0010.

A imagem acima apresenta a recepção de Carrie Chapman, ao centro, ao Brasil para o 1° Congresso Feminista de 1922, em Petrópolis. Além dela outras feministas que participaram, geralmente ligadas aos quadros da própria Federação Brasileira pelo Progresso Feminino como a própria Bertha Lutz ao lado da prestigiada intelectual norte-americana. Nas resoluções do Congresso as suas propostas de intervenção a curto e longo prazo, se organizaram em 14 artigos, onde alguns deles foram voltados para a tentativa de ampliação do Ensino Doméstico de cunho agrícola no Brasil. No artigo primeiro, ficou decidido que caberia aos participantes do evento, em suas respectivas instituições, lutar para que as mulheres tivessem acesso à educação e trabalho, especificamente para as práticas agrícolas e profissionais, como trabalhos em colheita de alimentos, em armazéns ou em quinquilharias. No décimo artigo foi colocado para que se tivesse a fiscalização do trabalho feminino doméstico, em uma tentativa de criar diretrizes mais elaboradas para salvaguardar as mulheres. No décimo segundo artigo ficou demonstrada a necessidade de organizar o ensino doméstico nas escolas femininas, reservando trabalhos manuais, por exemplo, de preferência para as que fossem trabalhar com a prática operária, dando foco à costura. Em seu artigo de número treze, houve o desejo de se criar uma escola doméstica especial, seguindo os modelos americanos e europeus mais modernos. O último artigo defendeu que se fossem criadas formas de proteger a mulher e as crianças que

trabalhassem nas indústrias agrícolas, o que mostra que o interesse para a educação das mulheres em situação rural ou que trabalhavam em indústrias agrícolas tinha importância durante a organização do evento. Essa era uma pauta que interessava às postulantes, por falar de trabalho, e legalização dele e formas modernas para qualificar melhor as mulheres dentro da realidade que viviam, apesar das dificuldades.

Ainda sobre Educação Doméstica, nas propostas do Congresso foram abordadas pautas sobre como elas deveriam se organizar, em relação ao objetivo dessa modalidade educacional. Dessa forma, foi relatado que essa deveria ser feita de modo que a mulher pudesse bastar a si mesma, podendo, a partir do ensino recebido, contribuir como um elemento para a evolução comum do país. Com isso, foi defendido que as escolas que viessem a ensinar Economia Doméstica, deveriam encarar os problemas sociais e pensar em um tipo de educação que encerrasse a realidade que até então elas estavam inseridas, tanto as mulheres casadas, quanto as solteiras, de modo a superar as dificuldades e garantir uma educação para todas de fato. Sobre o compromisso específico da Liga pelo Progresso Feminino, tem-se:

> 1- Promover a instrução e a cultura geral da mulher, criando, se possível, estabelecimentos de instrução secundária semelhante ao ginásio, que, simultaneamente, a eduque para o lar
> 2- Procurar nacionalizar o ensino público
> 3- Trabalhar pela criação e desenvolvimento de escolas profissionais de modo a formar das operarias artificies ou artistas em qualquer dos ramos da atividade manual para o qual revelem aptidão ou vocação
> 4- Fomentar a disseminação do ensino da Economia Doméstica em todos os colégios existentes no território da república, de modo a formar do melhor modo possível e de uma maneira homogênea a dona de casa e a mãe de família brasileira. (ATAS DO PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL FEMINISTA, 1922, s/p).

Com isso, mesmo que Córa Barros tenha falado que só existisse, em 1922, uma escola de Economia Doméstica no Brasil, essa em Natal no Rio Grande do Norte, havia interesse por parte do movimento feminista, liderado por Bertha Lutz de nacionalizar esse tipo de educação em duas maneiras. A primeira tentando criar escolas mescladas com o apoio mútuo entre União, Governos Estaduais e Municipais. A segunda, pautada em implementar a disciplina de Economia Doméstica como oportunidade educativa em todas as escolas que admitissem mulheres no Brasil. Não foi localizado no acervo qualquer fala de Bertha Lutz no Congresso sobre o tema, o que leva a pensar que talvez ela não tenha tratado especificamente Economia Doméstica Agrícola nessa conferência, mas é nítido que sua viagem repercutiu na discussão sobre educação para mulheres nesse congresso.

Ainda chama atenção outra continuidade desse congresso, mesmo que não esteja ligado diretamente a Bertha Lutz, que seria o debate que foi feito por dois importantes médicos naquele

período. Moncorvo Filho e Renato Kehl tiveram no bojo dos seus estudos apresentados na ocasião, questões que envolviam diretamente a implementação de maneiras de como educar a mulher, principalmente àquelas que estivessem relacionadas ao e, portanto, à temática da Economia Doméstica em geral. Moncorvo Filho, por exemplo, que era um importante médico e higienista, vinha atuando em um esforço para pensar políticas públicas, que tivessem no seu eixo central um melhor desenvolvimento da infância. Por conta disso se tornou questão crucial para ele, também buscar garantir melhor condições de vida para as possíveis mães. A relação entre mulher e criança era uma vinculação que não podia ser pensada separadamente, mesmo que ele já apontasse que o menor de idade deveria ser pensado como um sujeito dotado de uma série de especificidades. No entanto, o foco da sua atenção estava muito relacionado a buscar a solução de problemas de crianças, principalmente as que eram vistas como desvalidas pela sociedade, geralmente em situação de pobreza, desnutrição ou expostas à violência extrema do cotidiano das pequenas e grandes cidades.

Nessa ocasião da Primeiro Congresso Feminino de 1922, ele apresentou o trabalho chamado "Breves considerações sobre um programa de proteção à infância-nota apresentada pelo Dr. Moncorvo Filho". Nessa exposição, no que condiz aos argumentos gerais do estudo não fugiu de demonstrar a sua defesa constante da necessidade de a sociedade organizada criar mecanismos públicos que pudessem fornecer melhores possibilidades de atuação, para que a saúde e proteção das crianças pudessem ser garantidas de fato: "A questão da criança, em garantir direitos para as mesmas em sua amplitude cumpre dizer representa um tema encerrando toda a vida de uma nação." (MONCORVO-FILHO, 1922). Desse modo, caberia se preocupar com elas desde a idade tenra e em desenvolver dispositivos que pudessem permitir para elas melhores oportunidades de vida.

O médico atentou para o fato e deu ênfase, porque para ele, após a Primeira Guerra Mundial e por conta das suas enormes perdas de muitos profissionais médicos na Europa e nos Estados Unidos, passaram a enxergar a infância com mais importância, ficando responsável então o Brasil seguir o mesmo exemplo já ainda que a guerra não tenha atingido ao país de forma direta, problemas muito sérios vinham dizimando as nossas crianças. As doenças eram consequentes da falta de conhecimentos básicos de higiene, de baixa nutrição, de genes que vinham de pais geralmente viciados em álcool e na tuberculose. Todavia, o que mais interessa, são as preposições feitas por Moncorvo Filho quanto ao que chamou de "Proteção Indireta a Infância". Na Conferência quanto a isso o médico abordou:

> Antes que se entre propriamente a discutir tão interessante questão não se pode de modo algum olvidar o quanto influem, no estado em que nos encontramos no tocante

> a matéria, da falta de instrução do povo, o que nos coloca numa triste condição com uma pauta exageradíssima de analfabetos. A par disso a educação da mulher entre nós andou sempre mal orientada e somente agora se procura encaminhar por uma senda prática e útil. Não é só na baixa classe que se verifica o prejuízo de ausência dos mais rudimentares preceitos da arte de ser mãe; mas na alta sociedade, entre as senhoras aparentemente mais bem educadas, se percebe o desconhecimento dos princípios para a criação dos filhos, mesmo os mais comezinhos de higiene. Daí a utilidade inconclusa da grande propaganda no seio de todas as camadas sociais dos congressos, das conferências e da disseminação dos impressos com conselhos adequados. (ATAS DO PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL FEMINISTA, MONCORVO-FILHO, 1922).

Ele, ao expressar o problema do analfabetismo, compreende que a educação da mulher seria mais do que necessária para que os princípios de higiene necessários pudessem contribuir para implementar esses hábitos que viriam a proteger também os seus filhos, sendo esses preceitos, uma prática que ele já vinha desenvolvendo no Instituto de Assistência à Infância, pelo menos desde 1915. Nessa oportunidade também sinalizou que a mulher até então tinha sido mal-educada para o preceito do que chamou ser a "arte de ser mãe", indo então no mesmo caminho que as feministas lideradas por Bertha Lutz na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que também pautava as suas propostas, principalmente ao atentar para uma necessidade de formar a mãe e dona de casa. Ao comentar sobre a necessidade de grande propaganda, dentro de congressos, conferências e impressos, reforça o seu compromisso de fazer com que esses ensinamentos possam circular no âmbito nacional. Como pode-se ver, naquilo que foi analisado por Bertha Lutz nas viagens, o aprendizado de princípios de higiene foi um dos pilares do que compuseram os conhecimentos em Economia Doméstica no âmbito geral e no agrícola. Assim, pode-se afirmar, como pauta crucial para a manutenção de lares mais saudáveis, seria o fato de que essa postura poderia contribuir diretamente para a prevenção de doenças que acometiam o país e, na visão do médico, atrapalhavam um melhor desenvolvimento do Brasil.

Seguidamente, Moncorvo Filho comentou sobre os esforços que ele e outros médicos, como Dr. Fernandes Figueira e Henrique Autran, vinham desenvolvendo a partir de palestras sobre higiene infantil e puericultura nas escolas. Dando como exemplo desse empenho de ambos, os cursos de Puericultura, que o médico Alfredo Ferreira de Magalhães deu na Escola da Bahia e na Escola Doméstica de Natal. É compreendido que "entre os misteres dessa educação, toda especial, com carinho dada às meninas para que, mulheres feitas, possam preencher seu verdadeiro papel." (ATA DO PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL FEMINISTA, MONCORVO-FILHO1922). Desse modo, é possível apontar elementos para refletir sobre a importância que os médicos como ele entendiam da educação que a mulher ao

perceber que poderia contribuir para o melhor desenvolvimento das crianças. Atribuindo a ela a maternidade como "missão".

O outro médico que apresentou destacado trabalho que ajuda a pensar na temática envolvendo a educação da mulher e o lar e que envolve preceitos em Economia Doméstica, foi o estudo elaborado pelo Dr. Renato Kehl. Segundo Diwan (2007), ele foi um importante eugenista que defendeu práticas em torno do controle de genes e esterilização, no objetivo de construir uma nova sociedade que pudesse superar o problema da negritude vista por ele como um problema para o Brasil. As teses de embranquecimento da raça que circulavam no Brasil e tinham na ciência da medicina muitos adeptos, viram na figura dele o seu principal defensor.

No Congresso apresentou o trabalho chamado "Como escolher um bom marido- (O critério de um eugenista)". Nessa sua fala observou questões que deveriam ser colocadas para as mulheres, visando no futuro em que essas seriam mães e, portanto, gerariam filhos que iriam ser os futuros cidadãos da nação. Com isso, ele queria garantir que elas pudessem ser capazes de formular boas escolhas, que incluíssem desde o bom marido, para não ameaçar a formação de uma melhor sociedade brasileira. Ele demonstrou que ainda que existissem lugares para paixões no universo feminino, no que se refere à escolha do casamento, era preciso uma educação para as futuras mães brasileiras, para que elas pudessem gerar filhos robustos e belos que orgulhassem a nação.

> Todas as mulheres, ao chegar a cupidiana idade da juventude, a essa deliciosa fase da vida em que tudo parece sorrir, são tocadas por doce e estranha preocupação de encontrar uma parte do seu eu, uma qualquer coisa incompreendida, mas que faz falta; são tocadas, repito, pelo desejo de encontrar a outra "metade", enfim, de descobrir um noivo, um marido... Nada, pois mais digno, mais justo, mais natural, por parte das moças e dos moços, do que procurar a fração que lhes falta e de se unirem pelos lídimos e sagrados calos do matrimonio...Esse passo, porém, representa o mais sério da nossa vida; dele depende a felicidade nossa e de nossos filhos, da nossa pátria e da humanidade em suma. Uma criança, quando nasce, traz consigo o tesouro de uma vida de saúde ou a miséria de uma vida infeliz de sofrimentos...Não é exagero dizer-se que nas mãos dos noivos se acham as luzes ou as trevas da prole. São eles que no consórcio de caracteres optemos dão nascimento a filhos fortes e belos, como os portadores de taras e degenerações dão nascimento a idiotas, a aleijões e mostriparos de toda sorte...A função mais nobre da mulher, todos nós sabemos, e todos proclamam é a maternidade é a função da qual depende a existência da espécie. (ATAS DO PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL FEMINISTA, RENATO KEHL, 1922).

Para um melhor desenvolvimento da nação, seria foco, que a mulher, desde a sua idade tenra, já demonstrasse preocupação com as questões que envolviam o desenvolvimento da família e os cuidados do lar. Tanto Renato Kehl, quanto Moncorvo Filho, ainda que por vieses diferentes de análise sobre qual seria a melhor forma de se realizar uma intervenção médico-científica na população, concordavam que a mulher seria obrigatória na construção de um Brasil

melhor, no entanto, não em sua autonomia e liberdade de escolha, mas sim como fruto de um destino pré-concebido socialmente de exercer a função de mãe e de garantir a continuidade para a sociedade da melhor forma possível, em outras palavras, contribuírem biologicamente para o mantenimento de um domínio masculino. Desse modo, seriam eles, como dominadores de saberes científicos, representantes e condutores desse processo, de impor um discurso que via na ciência a reposta para a melhoria da evolução dos povos, sendo o primeiro lugar que deveria ser analisado e transformado: o lar.

Quanto à educação da mulher, de forma mais específica, Renato Kehl também propôs questões que se aproximam em muito do que os modelos apropriados por intermédio da visitação, até então apenas aos Estados Unidos no mesmo ano, de 1922, e nos debates empenhados por Bertha Lutz e as feministas da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

> A essa ignorância devemos propor a educação das moças, futuras mães, que devem ser instruídas naquilo que diz respeito às suas funções de mulher, no conhecimento do abismo que se abre a seus pés com um mau casamento e do dever material imposto pelas leis sagradas da providência. As mulheres mais que aos homens, cabe o papel de defensora da raça que habitará a nossa grande pátria, nos séculos que se sucederem. Por quê? Porque elas poderão defender-se dos maus casamentos, evitando assim a má proliferação. O dever maternal, eugenicamente encarado, inicia-se com a escolha do marido (ATAS DO PRIMEIRO CONGRESSO FEMINISTA, RENATO KEHL, 1922).

Para o médico, a educação das meninas e mulheres também deveria ser voltada para ocupação dos afazeres domésticos e isso começaria já pela escolha daquele que deveria ser o seu futuro marido. O “dever maternal” era visto como algo que deveria ter a intervenção da ciência pela prática da medicina. Esse embate circula o ideário da temática da Educação Doméstica, por ser nessa modalidade de ensino, pelo menos como encarava Bertha Lutz, a pedagogia que daria a mulher de forma sistematizada os conhecimentos necessários para exercer esse lugar reservado a ela no seio da sociedade da maneira mais satisfatória.

Em relação aos caminhos que foram sendo problematizados para pensar a situação das mulheres brasileiras Carlos et al., (2020), sinalizam que a inserção e adesão das mulheres ao debate da eugenia que se deu no começo do século XX em escala de cunho global, em várias perspectivas. Questões, como taxas de fertilidade, mortalidade infantil e saúde reprodutiva em geral, fizeram com que muitas mulheres se engajassem nesses movimentos de pensar em higiene social. A eugenia, que tinha como programa científico, lidar com questões da hereditariedade, incorporou uma série de movimentos feministas, que debatiam caminhos para pensar em pautas como diminuição de doenças e controle de natalidade. Muitas das vezes definiam também, quais deveriam ser os caminhos e direitos que deveriam ser reservados às

mulheres. Esse viés científico sempre associado a movimentos da direita e de ideias conservadoras, nesse período também encontrou espaço em movimentos reformistas, comunistas e socialistas dentro e fora do Brasil.

De acordo com Carlos et al., (2020), Moncorvo Filho e Renato Kehl, levariam essa discussão para o Primeiro Congresso de Eugenia do ano de 1929 e lá se juntariam a uma série de outros intelectuais, que discutiriam o papel da mulher na sociedade, sendo todos homens. Maria Lacerda de Moura encaminhou carta a Roquette-Pinto, criticando o porquê de só homens participarem do Primeiro Congresso de Eugênia. Ao postular seu desejo de estar presente, no entanto, esse fato não foi suficiente para retirar o veto dado a ela para a sua participação. Renato Kehl em suas falas retornou ao debate iniciado no Primeiro Congresso Feminino de 1922, apontando que a educação para as mulheres deveria ser baseada em ensiná-la a escolher um bom marido e em adquirir em bons costumes. Na visão dele havia dois tipos de feminismo, o chamado bom e o ruim. O primeiro era aquele que aceitava o lugar estabelecido para mulher, e dentro dele elas buscariam elevar o seu patamar por meio da educação, para que ocupasse melhor o lugar de esposa e mãe. O segundo, que ele chamava as militantes de "mulheres extremistas", seria adverso a querer ocupar a função de mãe e esposa, devendo ser essa a postura entendida como coadjuvante. Qualquer tentativa de trabalho externo de mulheres, causava indignação aos médicos que embasavam pelo viés do conhecimento científico que tinham para dar respostas a esses anseios, comumente apelando para as falas de cunho moral, isso porque geralmente eles entendiam que havia uma "fraqueza moral" que era inerente a natureza delas. Outro trabalho que chamou atenção, que foi o de Castro Barreto, "Maternidade Consciente", em que discute a necessidade de ensinar eugenia para as meninas já a partir dos 12 anos, focando nos preceitos de puericultura, cuidados do lar e importância da maternidade. De certa forma se aproximando em muitos preceitos do que se pretendia ensinar e alcançar na implementação do ensino de Economia Doméstica Agrícola. Assim, pode-se dizer que o ensino de Educação Eugênica e Economia Doméstica Agrícola são modalidades distintas em conceitos gerais, no entanto, é possível afirmar, pela discussão que estava sendo posta no mundo e no Brasil, que parte dos movimentos feministas entenderam que era necessário, até certo ponto, insertar preceitos higienistas e médicos de educação na educação feminina. A presença dessa discussão médica e da própria participação desses sujeitos intelectuais do campo médico em Congressos para definir caminhos para pensar o lugar da mulher e a sua educação, encontraram apoio e voz em espaços do movimento feminista da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

A experiência de debates no primeiro Congresso Feminista de 1922 trouxeram uma série de questões que envolviam a situação da mulher brasileira e os problemas que impediam qualquer mudança em prol de mais autonomia e oportunidades. A discussão sobre o lar toma centralidade e sobre a mulher são produzidos muitos discursos, que as colocavam em um lugar para serem a gestora da família e a responsável afazeres domésticos. O debate era tão frequente que se pode ver que ganhou entrelaces de cientificidade a partir do discurso médico de ambos os pesquisadores, Moncorvo Filho e Renato Kehl. Mesmo que um defendesse a proteção à infância e o outro um melhor desenvolvimento genético da sociedade brasileira, os dois entendiam e isso fica claro nas suas falas, que isso só seria possível, se as mulheres, futuras mães e esposas, sacrificassem qualquer desejo individual e vissem no lar e o seu trabalho não remunerado que lá desenvolviam, como uma missão.

No dia 6 de outubro de 1922, Bertha Lutz realizou uma fala importante no Terceiro Congresso de Agricultura e Pecuária. Seu convite era para que falasse especificamente sobre como foi a sua experiência internacional e o que lá aprendeu, que poderia ser usado de maneira eficaz para melhorar as práticas de Agricultura de maneira moderna no Brasil. Com o título de "A mulher como fator no desenvolvimento da Agricultura e Aperfeiçoamento das condições da vida rural. (com especial referência aos Estados Unidos", fez uma exposição que resumiria o relatório, que encaminhou ao Ministro da Agricultura, sobre o que observou nas instituições nos Estados Unidos. Assinalou que a mulher tinha uma importante contribuição para o desenvolvimento da vida e da sociedade como um todo, mesmo que historicamente isso tenha sido negado tanto no Brasil como fora dele. Esse valor era explicado pela sua função social e a forma que ela tinha como fator propulsor do desenvolvimento e progresso. Observou, nessa exposição, que ao acompanhar o homem em suas peregrinações, desde os primórdios do mundo, era a mulher que cuidava do lar, antes visto única e exclusivamente como ponto de descanso e repouso temporário, ela cuidava daquele ambiente, enquanto o homem estava lutando contra os seus inimigos comuns. Com o apogeu da fixação do homem no solo e em consequência da formação da família, foi surgindo de maneira gradual a ideia de se acumular patrimônios e riquezas no geral. A mulher continuou desse modo, mantendo essa postura de ser aquela que garantia o cuidado do lar e dos filhos, enquanto o homem saia para travar batalhas e obter mais tesouros para o enriquecimento de sua família. A Agricultura seria então uma das principais formas de mantenimento dessa relação, e essa foi se constituindo ao longo do tempo e tomando novas significações, ainda que a essência tenha se mantido de ver na figura feminina como a cuidadora.

Para Lutz (1922), nesse período inicial da alocação no solo e trabalho na agricultura, a mulher foi sobrecarregada de trabalhos pesados no campo, enquanto o homem se dedicava à caça e à guerra. A divisão do trabalho distribuiu para mulher, funções mais suaves ainda que extenuantes, fato que segundo a intelectual permitiu a ela se especializar nos afazes domésticos e nas atividades complementares do trabalho agrícola que era desempenhada geralmente pelo sexo masculino. Quando havia fartura, a mulher deixava de contribuir e era indiferente a fazer evoluir a vida rural mantendo-se, assim, concentrada ao cuidado da casa, mas sem necessariamente ir para à labuta mais pesada.

Lutz (1922), sinalizou que o homem passou a cultivar sem guerrear de forma pacífica o canto da terra que lhe pertencia e a mulher ao seu lado se manteve com o papel de ser a organizadora do lar. O progresso imposto pela natureza ferroviária diminuiu o isolamento que passou a existir entre as pessoas, principalmente as da cidade que vão surgindo e as que se mantém no campo ficam cada vez mais isoladas. Isso garantiu à população rural compartilhar recursos materiais e conforto com a população urbana. É nesse intervalo que a ciência começou a se desenvolver, segundo ela, e a partir do século XIX, passou a buscar um domínio prático para melhorar a vida da população e fazer progredir os estados da nação, onde no caso da agricultura pensou melhores formas quanto as suas aplicações. Essa diretriz científica passou a ver no ambiente rural um espaço que precisava sofrer intervenção para com isso ter a chance de torná-lo um lugar que, assim como a cidade, contribuiria para a evolução da sociedade.

A princípio, a mulher seria mantida alheia quanto a essas transformações, permanecendo no lar rural, mas sem dele ser livre. Quando escapava da sua realidade originária no campo, veria sua realidade se tornar penosa das cidades. Desse modo Lutz (1922) analisou que:

> Felizmente este estado não pode perdurar. Os governos, os administradores, a própria população se compenetra de que sem interessar a mulher é impossível vincular o homem ao solo e que a mulher é um fator importante na vida rural. Não procura mais impor a mulher os pesados trabalhos do campo, mas verificando que a vida agrícola de todos os modos de viver da espécie humana é o mais normal, exige a diferenciação e divisão de trabalho entre os sexos e procura fornecer a mulher os meios necessários para que se possa aperfeiçoar aquela parte que dela depende, as pequenas indústrias e aperfeiçoamento do lar. É que se tem dado a está-se dando na maioria dos países civilizados, onde as autoridades competentes e as associações agrícolas estão procurando fornecer a mulher todos os elementos que possam tornar atrativa e proveitosa a sua permanência no campo e diminuir o êxodo para os centros urbanos. O que tem sido feito nesse sentido nos países europeus, com a Bélgica, França e Noruega onde as mulheres se dedicam com grande afinco ao desenvolvimento da Agricultura já está mais ou menos conhecida entre nós. Acho pois mais interessante insistir no que está sendo feito nos Estados unidos, país este cujas iniciativas são sempre feitas em escala mais ampla, e com orientação mais prática e que sempre se tem discutido pela compreensão nítida e plena do valor da colaboração da mulher. Naquele país, a agricultura é considerada uma questão da mais alta relevância, merecedor apoio legislativo e administrativo mais amplo dado ao seu alcance nacional. Dela trata cooperativamente todos os elementos, governo federal, governos

> estaduais, autoridades municipais, universidades, escolas, associações agrícolas e outras, e população rural, por meio de um sistema proporcionado pelo Departamento Nacional de Agricultura de Washigton, alimentado pelo ensino ministrado nas Escolas de Agricultura e Economia Doméstica nas Universidade Estaduais, pelos resultados das pesquisas feitas nas Escolas experimentais nos diferentes Estados e destinado a levar, através as agentes rurais e as consultoras técnicas regionais de Economia Doméstica, os líderes de ambos os sexos dos clubs de Agricultura. (ATAS DO TERCEIRO CONGRESSO DE AGRICULTURA E PECUÁRIA, LUTZ, 1922).

No seu entendimento, a modernização pedagógica que vai envolver países, como França, Noruega, Estados Unidos e Bélgica, vai reformular as práticas agrícolas por meio da criação de projetos e modelos de educação que tinham como pressuposto diminuir o êxodo rural e dar à população dos campos, condições de conseguir ter a sua subsistência, sem ter que passar pela extrema pobreza que as grandes cidades ofereciam dentro e fora do Brasil. Então, parece que esses modelos modernizantes de educação poderiam garantir a emancipação, possibilitar o acesso à educação, e dar uma função social à mulher do campo.

O Congresso deveria tirar como pautas, ao levar em conta a importância que a agricultura tinha para melhorias das condições de vida da população rural, segundo Lutz (1922), a criação de um Sistema de Alcance Nacional, retornando a ideia de se primeiro Relatório de viagem, que fosse semelhante ao norte-americano para que assim, visasse alcançar todas as modalidades da educação agrícola, mas também de conseguir implementar o ensino de Economia Doméstica, que colocava a formação feminina como foco. Ampliando esse, com a criação de indústrias agrícolas nos mesmos moldes para que esses sujeitos pudessem exercer uma atividade profissional, após obterem esses conhecimentos.

> 1- Ensino de documentos de Economia Doméstica nas escolas primárias
> 2- O mesmo ensino, porém, mais desenvolvido, às alunas das escolas secundárias, ginásios franqueados ao sexo feminino, escolas normais e outros estabelecimentos frequentados por moças, frisando bem que a Economia Doméstica não deve significar com faz na maioria dos casos apenas os trabalhos manuais,
> 3- O estabelecimento de clubes de moças e meninas com o intuito de interessar a mocidade rural femininas diferentes ramos de Economia Doméstica
> 4- O estabelecimento de um serviço de informações e consultas semelhantes aos serviços de profilaxia rural do Departamento Nacional de Saúde pública, porém destinados à difusão ente a nossa população rural feminina
> 5- Os estabelecimentos de Escolas normais de Economia Doméstica e suas aplicações à Agricultura, no Distrito Federal e nos Estados, para o preparo de professoras, de especialistas para os diferentes materiais e de demonstradores de técnicas para preparar as futuras donas de casa. (ATAS DO TERCEIRO CONGRESSO DE AGRICULTURA E PECUÁRIA, LUTZ, 1922.)

As medidas expostas por Bertha Lutz como propostas a serem adotadas pelos governos no Brasil, refletem aquilo que escreveu em seus relatórios. Esses dois Congressos demonstram a maneira com que Bertha Lutz tentou angariar apoios para a implementação e consolidação da

Educação em Economia Doméstica Agrícola no Brasil, por meio de diretrizes bem sólidas que foram influenciadas pelos modelos apropriados, especificamente na primeira viagem, porque ambos ocorreram antes de sua ida à Bélgica. Outra vinculação dela para popularizar e fazer circular aquilo que apreendeu na sua experiência nos traslados, se deu a partir da sua vinculação com a fundação e participação na Associação Brasileira de Educação (ABE) a partir de 1924, sendo essa influenciada pela presença do intelectual Paul de Vuyst que a recebeu um ano antes na sua ida.

Outro Congresso que foi importante para analisar como a temática da Economia Doméstica foi entrando no debate público após as viagens de Bertha Lutz, ocorreu em 1931 e foi organizado pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, com o intuito de, assim como no primeiro, debater questões que envolviam a realidade feminina, suas condições de trabalho, sua organização política e a forma como a luta pela educação vinha acontecendo, demonstrando, que mesmo anos após as viagens, a pauta continuou ativamente presente nas discussões que envolviam a defesa pelo acesso à educação das mulheres.

O Congresso foi dividido novamente em um conjunto de seções. A primeira chamada Educação e Instruções tinha como objetivo discutir a Educação Secundária, Educação Superior e à Educação Física. Na segunda seção que ficou responsável para debater pautas em relação à proteção das mães e a infância, focou os seus debates em torno de questões que envolviam a mulher e o lar, a dona de casa moderna, boa mãe de família e estágios da mocidade feminina em cursos domésticos e escolas maternais. Além disso, se buscou discutir projetos de proteção para as mães, a criação de clínicas, ambulatórios e de maternidades, juntamente com a necessidade de inclusão de novos projetos que pudessem garantir instituições de proteção à infância, regulamentação e fiscalização do trabalho das crianças, tal como o papel da polícia feminina na prevenção no juizado de menores.

A terceira seção tratou do trabalho feminino no comércio e na indústria levando em conta a importância de se discutir melhores condições de salário e medidas para fiscalizar as relações de trabalho que então estavam sendo constituídas naquele período. A quarta seção do evento procurou debater sobre a exposição do lar moderno e as afinidades femininas para as atividades profissionais. O enfoque dado, tratou de abordar a simplificação e aperfeiçoamento do serviço doméstico como uma necessidade, as indústrias regionais brasileiras e a inserção das mulheres nesses espaços, por meio do trabalho feminino nas belas artes, literatura e música.

Das teses que foram apresentadas, algumas chamam a atenção. A primeira, nomeada “A Educação sexual como medida de proteção à infância” apresentada pela Dra. Alzira Reis Vieira

Ferreira, médica formada pela Faculdade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, defendeu questões sobre a educação feminina que deveria ser pensada com o intuito de dar a ela mecanismos capazes de cumprir com certa maestria a sua finalidade natural, que era ser mãe e gestora do lar. O papel que viria assumir como mãe era algo semelhante a ser uma educadora integral dos seus filhos, porque era dela a função de ser a aconselhadora do lar. A mãe, então, dosaria o cuidado e o ensino de acordo com a natureza dócil ou rebelde do seu filho. Ao abordar sobre uma possível admissão de mulheres na polícia, a palestrante aponta que essa deveria ocorrer desde que essas mulheres se comprometessem em defender como bandeira os matizes da educação doméstica, de moralidade, que fossem voltadas para o bem-estar da família como valor para ensinar as crianças e adolescentes que ficassem longe dos seus pais, já que essa foi uma medida pensada para ser articulada ao juízo de menores.

Outra tese de destaque apresentada no Congresso foi a de Maria do Carmo Vidigal Pereira das Neves, então Diretora do Grupo Escolar "José de Alencar", localizado na cidade do Rio de Janeiro, com o seu trabalho "A Educação Moral- Base da Educação Integral da Mulher", onde apontou que a moralidade era além de qualquer ensinamento científico, o que deveria balizar a educação feminina em todos os aspectos.

Outros trabalhos que apareceram com fôlego no Congresso foram as teses "Escolas Secundárias (Sexo feminino- Educação Mista)", de Ilka Labarthe, "Orientação das Crianças deve pertencer ao Estado" e "Pela Mulher, Para a mulher" de Edwiges de Sá Pereira, da Academia Pernambucana de Letras, o Dr. Orlando Goes, com o trabalho "O papel social do serviço de higiene infantil na primeira idade", o do Dr. Herculano Pinheiro, Diretor da Maternidade Suburbana, "Proteção da gestante pobre", de Edith Mendes da Gama e Abreu "Da necessidade de assistência educacional às meninas pobres", da Professora Corina Barreiros, "Proteção a mulher e a infância", e, por fim, de Gustavo Le Bom, "A Escola Regional nos seus aspectos urbanos, rural, fluvial e marítima, a localização do trabalho como fator do progresso". Todos esses trabalhos apontavam para como as feministas vinham organizando a sua pauta em 1931.

Quando aconteceu, em 1931, o Segundo Congresso Internacional Feminista já estava inserido em um contexto em que a primeira mulher tinha sido eleita prefeita no Rio Grande do Norte e as discussões para o direito ao voto das mulheres estavam bastante adiantadas nas discussões que viriam pós golpe de 1930. Todos esses três congressos aqui analisados reforçam a forma que a Educação Doméstica, principalmente de vertente agrícola, ganha força após as viagens, no discurso de Bertha Lutz, e apresentam indícios de como essa experiência lhe deram

um suporte para começar a legitimar de maneira mais ampla a sua participação como educadora no contexto nacional.

4.2 **Atuação na imprensa**

Outra maneira de divulgar a pauta feminina se deu no papel que Bertha Lutz desenvolveu como colunista junto de outras apoiadoras como Orminda Bastos[69] da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino. Nas páginas de jornais ela, desde que regressou ao Brasil de seus estudos, usou da impressa para divulgar suas ideias feministas, e incutir na sociedade brasileira, mais ideias que eram debatidas no movimento feminista internacional. Desses, a sessão que foi criada no periódico *O Paíz*,[70] em 1927, tratou-se de uma iniciativa entre o jornal e a FBPF de ter uma coluna própria durante a década de 1920. Nomeada de "Feminismo", com a sua primeira publicação em 20 de outubro de 1927, foram anunciadas no Jornal quais proposições guiariam a nova sessão que estava começando:

> "Feminismo"
>
> *O Paiz* que já insere, além de matéria habitual, páginas de agricultura, transporte e turismo, elegância e conforto, filatelia, máquinas falantes e aviação, vai inaugurar amanhã uma nova secção – Feminismo. Confiada a brilhante capacidade mental das senhoritas Bertha Lutz e Orminda Bastos[71], presidente aquela, consultora jurídica esta, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, destinando-se a versar questões cuja magnaidade e oportunidade são extremamente palpitantes no momento que atravessa a evolução da sociedade humana, a nova secção do Paíz está reservado êxito indiscutível. (Jornal *O Paiz* de 20 de outubro de 1927).

A justificativa usada pelo jornal para a publicação dessa referida sessão indicou um pretenso compromisso de contribuir, para a discussão em torno de uma pauta que era considerada importante para a condução do país ao progresso. As ideias progressistas que circulavam no território nacional, apontavam para o fato de construir um novo país que não deixasse as mulheres de fora desse processo, ainda que muitas das pessoas influentes ainda se

---

[69] Uma importante Advogada, Jornalista e Feminista. Ler mais sobre em ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. "Versões do feminismo na Amazônia brasileira: Orminda e Eneida nos contextos nacional e internacional." 2006. Disponível em: http://triplov.com/Venda_das_Raparigas/Luzia_Alvares/Eneida_de_Morais.htm?

[70] O jornal que foi localizado no Rio de Janeiro, foi fundado em 1° de outubro de 1884 até 18 de novembro de 1934, quando deu por fim as suas atividades. Fundado por João José dos Reis, o jornal durante esse período, que estamos propondo essa análise, esteve mais atrelado à estrutura política da República Velha. Ler mais em: CARONE, E. República Velha: país (1884-1934); SODRÈ, N. História da Impresa.
Disponível: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PA%C3%8DS,%20O.pdf

[71] Advogada, jornalista e educadora, teve ação na busca para garantir as mulheres, mais direitos civis e jurídicos. Ler mais em BUENO, Alexandra Padilha. *Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher: pedagogia feminista em disputa (1910-1940).* Tese de Doutorado- Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Educação. Curitiba. 2019.

mantivessem contra a elas terem mais direitos. A oportunidade pode ter ocorrido, muito pelo fato, de ambos, tanto o jornal, quanto a FBPF, estarem próximos naquela situação, na estrutura do Estado Brasileiro, comprometida com os políticos e ideias da República Velha, mesmo que no caso de Bertha Lutz, Soihet (2006), aponte que essa era uma ação tática, de se aproximar do poder estabelecido, para avançar em torno das conquistas que julgavam necessárias para a causa.

Com os estudos de Perrot (1998); Buitoni (1981), é possível ver que a mulher era representada na imprensa diária sempre com o objetivo de enfatizar questões nos âmbitos da beleza, da moda, do comportamento etc. Inclusive, isso era recorrente no próprio jornal em que foi elaborada a sessão: Feminismo. De todo modo, a formação desse espaço de debate de ideias femininas e formação política, foi uma das iniciativas que puderam romper com essa perspectiva do que foi visto como comum e aceitável para que se fosse discutido sobre as mulheres. Com isso, esse espaço que surgiu nas páginas de *O Paíz* para as feministas da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, foi se tornando um espaço de divulgação e ação dessas mulheres que compunham essa entidade, visando proporcionar uma educação política. [72]

Foram localizadas para esse trabalho cinquenta e uma publicações. [73] A primeira publicação da coluna "Feminismo" do Jornal *O Paíz* é de 21 de outubro de 1927, assinadas por Bertha Lutz e Orminda Bastos. Na reportagem da coluna intitulada "Pequena explicação", Bastos evidenciou qual seria o objetivo da publicação, quando afirmou:

> [...] Em relação ao grande público, urge também um trabalho de propaganda, agitar ideias, pôr lhe diante dos olhos os exemplos repetidos, em todos os países e a cada momento, da capacidade feminina. Fazei-o, por assim dizer, perder o medo ao feminismo, que para a grande maioria dos nossos pacatos e respeitáveis senhores, solteirões ou pais de família, é alguma coisa de subversivo e escandaloso, que não compreendem. Esse trabalho de vulgarização do movimento e de defesa dos seus objetivos é, de certo, supérfluo e mesmo fora da moda para uma pequena minoria, em contacto com as ideias gerais e ao par do que vae pelo resto do mundo. Mas é necessário, imprescindível mesmo, para a maioria do povo, naturalmente afeiçoado a preconceitos e tradições em que se lhe resume a mentalidade[...] (*O PAÍZ*, 1927, p.7).

É possível observar que essa estratégia propagandista de tornar públicos, os ideais do feminismo por meio do periódico buscavam convocar para a luta uma parte da sociedade feminina que não se via representada pela intelectualidade ou pelos poderes públicos

[72] Não foi possível definir na pesquisa que foi feita no Acervo do Jornal, em quantas edições e em quais dias ao certo foi publicada a seção "Feminismo", pois, não havia uma periodicidade exata, ocorrendo muitas das vezes, de levar mais de um mês para sair.
[73] O levantamento de publicações localizadas em minha pesquisa estará no anexo 1 deste trabalho.

instituídos. Dessa forma, esse foi um espaço onde elas se valeriam da força que a impressa tinha naquele período, para tornar conhecidos seus ideais e defender de maneira clara seus objetivos. Com isso, teriam maiores meios de alcançar apoio do maior número homens ou mulheres que pudessem estar mobilizados com a defesa das ideias da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Nesse mesmo espaço da sessão que marcam a primeira publicação, a própria Bertha Lutz escreveu o artigo, denominado "Havemos de Vencer!", no qual explicitou sobre quais seriam esses objetivos buscados por ela e que mereciam divulgação naquele período. Chama atenção que a educação das mulheres, surge com força nesse novo espaço de ideias obtido pela entidade já em seu início.

> O surto de progresso material dos últimos cem anos, modificando profundamente a estrutura da sociedade e facilitando a infiltração de ideias novas, operou uma verdadeira transformação na vida da mulher. Obrigada pelas indústrias nascentes, pela pressão econômica, sempre mais forte, a seguir as suas ocupações tradicionais removidas do lar para as oficinas coletivas, entrou em contacto com um mundo mais amplo. Teve que enfrentar obstáculos que desconhecia e encontrou oportunidades que o passado não soubera proporcionar... Por motivos que não vem aqui explicar, foi a América Latina a região civilizada do globo aonde chegou mais tarde a corrente da integração da mulher na vida nacional. Assim foi no Brasil, onde durante muito tempo ficou limitada a iniciativas, por vezes brilhantes e arrojadas, mas quase sempre solitárias, revestidas de intenso cunho individual, mas pouco a pouco vão estas se fundindo em uma atividade coletiva harmoniosa e organizada (*O PAIZ*, 1927, p.7).

Ao mesmo tempo em que seu texto demonstra o desejo de defender uma pauta transformadora para a vida das mulheres, Bertha Lutz sinalizou as dificuldades que a América Latina, especificamente o Brasil, enfrentavam para conseguir efetivar de fato as pautas que seriam fundamentais para o avanço da luta feminista. Com isso, ela chama para si a sua responsabilidade como intelectual, se colocando à frente da organização da luta das mulheres. Seu objetivo, então, mesmo em 1927 continuou a ser o de integrá-las na participação da vida econômica do país, por meio da inserção ao mundo do trabalho, sendo ele público ou privado.

A Sessão "Feminismo" continuou a trazer pautas que discutiam questões relativas à situação da mulher no mundo, comentando e apontando a percepção do feminismo brasileiro representado pela FBPF, nas pautas que eram comuns a todas as mulheres no Brasil. Ao pensar na militância feminista em geral, na edição de 11 de novembro de 1927, por exemplo, há notícias na sessão sobre as correntes feministas que circulavam na Europa e nos Estados Unidos. Os países nos quais as mulheres conquistaram o direito de votar e serem votadas eram constantemente apresentados nesses artigos, como forma de motivação para às mulheres brasileiras.

Na edição de 23 de dezembro de 1927, em reportagem intitulada “Governo de Saias — Uma cidade de 425.000 almas, governada por uma mulher”, há informações sobre a realidade elencando problemas, desafios e conquistas que a cidade de Seattle nos Estados Unidos, governada por uma mulher estava alcançando naquele momento. Aqui, é de interesse notar como elas destacam essa experiência e a usam como exemplo para fortalecer os aspectos positivos do que seria ter mulheres ocupando lugares de destaque na sociedade. A coluna, ao citar que “A administração da municipalidade não é essencialmente diferente da administração do lar”, aponta para uma reflexão do êxito alcançado pela prefeita da cidade, Bertha Knight Landes, mostrando às leitoras que seria normalmente possível a uma mulher administrar bem uma cidade. Nessa mesma ocasião também foi problematizada a situação da mulher em outras cidades de países como a Bélgica, Itália e França, que também estavam obtendo bons resultados. Essa notícia sobre as administrações municipais dava às leitoras a possibilidade de compreender o contexto mundial e elaborar suas próprias teses, sobre como deveria ser a posição a ser tomadas por elas nas próprias lutas.

Na edição de 14 e 15 de março de 1928, intitulada “A propaganda feminina por via aérea”, são divulgados e analisados os manifestos das agremiações e entidades dos movimentos feministas que construíram sociabilidades com mais de 40 países, entre os quais se destacam Cuba, Índia, Suíça, Bélgica, França, Itália, Estados Unidos, para divulgar pautas, como o Sufrágio Feminino e outras pautas de direitos para as mulheres, também como pauta educativa.

Na edição de 15 de julho de 1928, intitulada “Feminismo” são sinalizadas as contribuições da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino na difusão da luta de emancipação das mulheres em Cuba. Na ocasião foram elaboradas análises sobre os avanços para a instituição do voto das mulheres no Estado do Rio Grande do Norte. Nesse mesmo ano, Bertha Lutz, junto de seu pai Adolpho Lutz, realizou uma viagem com o intuito inicial de pesquisar a fauna e a flora do Estado, e mobilizar algumas pessoas para a luta feminista, em especial estudantes, da Escola Doméstica de Natal, mostrando que a FBPF estava articulada nacional e internacionalmente por uma causa educativa, que foi a inserção de Economia Doméstica Agrícola.

A partir da edição de 19 de agosto de 1928, a coluna passa a ser assinada por Bertha Lutz e Carmen Portinho por cerca de três meses, até novembro de 1928. Esse é um período em que a sessão se dedica a divulgar a necessidade de que fosse feito o alistamento de mulheres no processo eleitoral que estava ocorrendo no Rio Grande do Norte. Dessa forma, o jornal torna-se lugar estratégico para divulgar e mobilizar as pessoas a se envolverem na luta pela

emancipação política da mulher daquele Estado. Em 23 de dezembro de 1928, a Sessão informou sobre a visita do presidente eleito dos Estados Unidos, Hebert Hoover e sua esposa, ao Brasil e como seria organizada a recepção que a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino faria para homenagear a comitiva do chefe daquele país. Além disso, as feministas brasileiras sinalizaram que "A causa de Hoover é a causa do lar", colocando-o como um apoiador da pauta feminista adotada pela FBPF, em torno da educação de Economia Doméstica Agrícola.

Também é repercutido nesse espaço, a divulgação de um Congresso de Economia Doméstica em Roma, em 27 de janeiro de 1928. Em outra edição de 20 de outubro de 1929, já assinada por Bertha Lutz, Maria Amalia de Faria e Carmen Portinho, a sessão discutiu os avanços alcançados pela recente criada "União Universitária Feminina" e a articulação desta com as demais militantes no país, na América Latina e na Europa. Na oportunidade foi levantada a possibilidade de ser formada uma organização feminina universitária como uma pauta de luta que pudesse agregar a todas as mulheres que frequentavam o ensino superior no Brasil.

A sessão apresentou várias discussões sobre a situação da mulher, mas manteve sempre como um foco maior a luta pelo direito ao voto. Entretanto, questões que envolviam a formação política das mulheres, a busca de melhores oportunidades de acesso à educação, tal como o acesso da mulher à universidade percorriam os artigos, evidenciando que esse foi espaço amplo de circulação e formação que eram de importância para a luta das mulheres. É possível salientar da mesma forma, nas páginas observadas no Jornal, a grande articulação com movimentos internacionais de mulheres que iam da América Latina, aos Estados Unidos e à Europa com matérias sobre o movimento feminista e aliadas no Japão. Essa ação da entidade e das colunistas da Sessão Feminismo do Jornal *O Paíz*, evidencia como elas estavam interligadas, criando redes de sociabilidade, definindo pautas e logrando hegemonia em torno das pautas femininas.

A presença da intelectual na Sessão Feminismo, do jornal *o Paíz* pode ser compreendida como um dos inúmeros desdobramentos que ocorreram como processos das viagens. Quando retornou dos Estados Unidos, em 1922, o prestígio acumulado de Bertha Lutz a tornaram sujeito constante e decisivo dentro da estrutura do feminismo internacional e uma das principais interlocutoras de fato da pauta das mulheres. Ainda que a pauta da Economia Doméstica Agrícola, não seja a centralidade das pautas que eram ali debatidas, esse era um espaço dentro da imprensa brasileira, que educava para uma organização feminista internacional, trazendo em muitas das suas prioridades, como foi analisado, pautas que também foram levantadas como

importantes nas suas viagens, tanto, em torno da organização do feminismo, sobre museus e educação, e, principalmente, sobre a pauta de Economia Doméstica Agrícola. Outra forma onde procurou levar essa pauta educativa, foi ao Parlamento brasileiro onde, mesmo anos depois, já na década de 1930, continuou a defender as mesmas ideias que foram obtidas após as viagens.

4.3 **Educação da mulher no Parlamento**

A entrada da intelectual na vida política parlamentar se deu a partir da tentativa de se eleger em dois momentos, o primeiro em 1933 como Deputada Constituinte, pela Liga Eleitoral Independente, onde se tornou suplente e, o segundo, em 1934, para Deputada Legislativa, quando concorreu pelo Partido Autonomista, também se tornando suplente. No entanto, por conta da morte do titular, Cândido Pessoa, acabou assumindo em 1936. Nessa ocasião, acabou propondo uma série de medidas até quando Vargas, no Golpe que instituiu o Estado Novo um ano após a sua posse, fecha o Congresso e destitui os parlamentares. Nessas experiências a Educação Doméstica também esteve presente.

Importa lembrar que, segundo Silva (2019), a primeira República, sob a égide da Constituição de 1891, era comandada por oligarquias agrárias que se valiam de poder ter recursos disponíveis, posse de grandes latifúndios de terra, que lhes davam controle de votos e manipulação do processo eleitoral, além de total autonomia sobre as lideranças regionais, tanto em estados, quanto em municípios, que sufocavam qualquer competição política. As forças que vão sustentar o golpe de 24 de outubro de 1930, liderado pela Aliança Liberal, partiram da ideia de reestruturação da política, visando acabar com os defeitos daqueles que erraram no começo da Primeira República. Os vistos como “revolucionários”, combatiam o voto de cabresto, a manipulação e o federalismo exacerbado, assim como o apadrinhamento político. Ao atacarem a Constituição Federal de 1891, o fizeram com a ambição de promover o bom funcionamento do sistema político e garantir o maior desenvolvimento econômico e social. Essas forças mobilizaram a mudança constitucional que foi realizada entre 1933 e 1934, juntamente da liderança do governo provisório, também liderado por Vargas. Essa correção de disfuncionalidades, presentes na carta de 1891, segundo o autor, foram mudadas por meio de um hibridismo constitucional dividido no Congresso e no poder centralizador de Vargas, tornando-se, então, uma espécie de federalismo que permaneceu, mais ou menos poderoso, vinculado a um presidente que, ainda que forte, tinha poder limitado se comparado com os

primeiros anos. A União passou a controlar os recursos naturais e o Estado passou a ser dotado de mecanismos para poder intervir na economia, o que não acontecia antes, sem o aval dos coronéis.

Desse modo, Godoy (2017), sinaliza que a carta constitucional de 1934 foi um documento revestido de uma intensa polarização que estava presente na sociedade brasileira e revelou os arranjos institucionais inovadores, que se deram por intermédio de um intenso trabalho de notáveis, na Comissão do Itamaraty como ficou conhecida. A Assembleia de Constituinte funcionou entre 1933 e 1934 durante oito meses, e contou com 214 deputados gerais e 40 deputados classistas. Bertha Lutz nessa ocasião, mesmo não tendo sido eleita Deputada Constituinte, pôde participar como ouvinte, onde opinou sobre educação.

Assim, Pandolfi (2003), analisou que mesmo que houvesse a iniciativa da nova constituição, o Governo Provisório foi intervencionista e centralizador, e sua ação se deu muito influenciada pelas reinvindicações dos setores que eram próximos do movimento tenentista, que foi forte na articulação com Vargas e garantidor da sua posse em 1930. Depois da revolução, ocorreram entre o período de 1930 até 1932, mais de 50 movimentos militares, incluindo protestos, conspirações, revoltas e outros. Em outubro de 1934 foram realizadas eleições para o Congresso Nacional e para as assembleias legislativas. A autora afirma que esse processo eleitoral foi turbulento com conflitos em estados, como Pará, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Maranhão e Rio de Janeiro.

Ainda, como sinalizou Pandolfi (2004), os anos que antecederam o golpe de 1937 foram marcados por disputas e ações nos meios civis e militares, sendo um resultado das forças que haviam participado da Revolução de 1930. Com a instalação do Governo Provisório a participação política aumentou e em alguns aspectos até foi se radicalizando por conta da atuação de vários grupos que tinham o propósito de transformar o Brasil. A criação da Aliança Nacional Libertadora, organização política de amplitude nacional, por exemplo, fazia oposição ferrenha a Vargas e angariava para dentro do movimento, muitos comunistas e até alguns anarquistas. Logo se transformaria, de maneira rápida, em um movimento considerável de massas. É em 1935, por intermédio da criação desse movimento, que Getúlio Vargas aprovou a Lei de Segurança Nacional, como um instrumento para deter o crescimento desse movimento popular. Dentro da Aliança Nacional Libertadora, liderada por Prestes, importante comunista, que ameaçava a centralidade de Vargas, junto de outros movimentos, como o Integralismo paramilitar de direita, que também preocupavam a hegemonia, que constantemente buscou construir. Dessa forma, a oportunidade que elaborou a partir do “Plano Cohen”, que anunciava

uma falsa ameaça comunista, deu lhe sustentáculo para dar um golpe contra a democracia e suprimir todos os movimentos e direitos políticos, não importando a matriz ideológica de se oporem contra ele, sendo esse o ambiente de efervescência política, no qual Bertha Lutz como deputada atuava.

É nessa alçada que Bertha Lutz foi tanto ouvinte na assembleia constituinte em 1933, suplente de deputado em 1934 e deputada de fato em 1936, quando buscou levar suas ideias e tentar, assim, de certa maneira intervir e transformar a sociedade que tentava se modernizar, ao implementar os seus projetos.

De acordo com Marques (2016), Bertha Lutz. quando finalmente assume o cargo em julho de 1936, o tempo correu e ela junto de outros deputados, prepararam projetos e emendas, para tentar valer as suas ideias. Durante o ano parlamentar de 1937, no primeiro semestre, fez parte de comissões com deputados, como J. Prado Kelly. Ela se inspirou em agências norte-americanas que visitou, como o Children's Bureau e Women's Bureau, e desejou criar um Departamento Nacional da Mulher e da Infância e propôs um projeto de ampla reformulação dos direitos políticos e direitos jurídicos das mulheres, a partir do Estatuto da Mulher. Contudo, ela teve atrito político com Carlota Pereira de Queirós, que era a única mulher no Parlamento junto de Bertha Lutz. Ela afastou-se de Bertha Lutz por ter divergências muito grandes com ela em relação a maneira com que organizava a sua pauta política. Queirós entendia que a busca por direitos para as mulheres deveria ser tocada dentro do parlamento brasileiro e retornava a crítica de que Bertha Lutz estava comprometida com órgãos estrangeiros. A opositora entendia que deveria haver autonomia estadual para promover políticas públicas, o que a fazia discordar, por exemplo, da criação de um Departamento da Infância de âmbito nacional, por pensar que tal medida seria inviável naquele momento.

Como assevera Marques (2016), esse movimento que vai dar na legislatura dela começa ainda em 1922, com a vinda de Carrie Chapman ao Brasil, no intuito de promover uma reunião liderada por Bertha Lutz, em que se reuniriam as mulheres e pessoas ricas e influentes do país para conhecer as ideias dela e expor as suas em Petrópolis. As feministas, que já se organizavam como Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, se articularam para fazerem ser ouvidas as suas ideias nos diversos fóruns de prestígio que ocorreram nessa ocasião. Um exemplo que essa mesma autora expõe foi a presença de Mirtes Gomes de Campos que defenderia a constitucionalidade do voto feminino em um congresso jurídico que ocorrera em outubro de 1922. Foi esse, portanto, um momento em que o feminismo saia das páginas dos jornais como a *Gazeta de Notícias* e passava a circular com diversas teses nos ambientes intelectuais.

O percurso de Bertha Lutz para se tornar parlamentar, segundo Marques (2016), iniciou-se em 1932, quando foi admitida como palestrante na União dos Empregados do Comércio. A autora sinaliza que essa foi a única ocasião em que as comerciárias ouviram a líder feminista, talvez pelo fato da maioria das trabalhadoras estarem no serviço doméstico, que era endossado pela própria intelectual e pelas correntes intelectuais nas quais fazia parte. Era uma categoria ampla e dispersa, sem uma organização política com que se pudesse dialogar, como os ateliês de costura, bordado e chapéus, uma das nuances do serviço doméstico, que havia em muitos espaços das cidades, mas sem qualquer voz política que as representasse. Outra corrente significativa de mulheres trabalhadoras no período eram as professoras de escolas, que eram supervisionadas pelo Estado. Pelo novo Código Eleitoral, por serem servidoras públicas, foi comum que Bertha Lutz as procurasse para divulgar as suas ideias.

Todo o esforço que representou a campanha eleitoral de Bertha Lutz, garantiu a ela 16.423 votos, e graças ao recurso apresentado pela advogada Maria Luiza Bittencourt em julho de 1933, seria então nomeada a primeira suplente do partido autonomista, sendo o último candidato eleito para as dez cadeiras que tinha direito no Distrito Federal o alcance de 17.794 votos, demonstrando que mesmo sendo eleita para a Suplência, pela sua condição feminina e onde concorreu, teve uma votação expressiva. Ela não esteve na constituinte na qualidade de parlamentar, mas pôde acompanhar os trabalhos e contribuir no esforço para aprovação de teses que defendiam e que, de certa forma, influenciariam na feitura da Constituinte. Das inovações que trariam o novo documento, esteve a inserção de direitos sociais, regulação do trabalho, entre outros. Bertha Lutz lutou para inserir a licença-maternidade e em derrubar a proibição do trabalho noturno para as mulheres, como foram apontados no Art. 121. Ela temia que as vitórias femininas fossem poucas, a exemplo das lutas na Alemanha e na Itália, onde os direitos das mulheres haviam sido tirados, e por isso se comprometeu com uma pauta, que tentava elaborar projetos duradouros, mesmo que avançando pouco a pouco. Ela também batalharia para que as mulheres tivessem direitos semelhantes aos que estavam sendo pensados para as crianças, pois muitos dos intelectuais que pensavam os direitos e inserções sobre a infância o faziam de maneira desarticulada com as mães, como se ambos não compartilhassem universos semelhantes, o que ela se opunha.

Conforme Marques (2016), em janeiro de 1935 o quadro eleitoral estava mais claro, e a diferença de votos entre Bertha Lutz e do adversário mais próximo, Olegário Mariano, foi pequena. Após descobertas de tentativas de fraudes eleitorais, ela foi beneficiada e novamente ficou com a primeira suplência. Quando assume o seu mandato, esse duraria um ano e quatro

meses incompletos, de 28 de julho de 1936 a 10 de novembro de 1937.

Nesse período, segundo Marques (2016), ela pautou seus discursos e apresentou emendas em defesa de questões como a paz, o trabalho feminino, o estatuto dos servidores públicos, a saúde pública e o controle de epidemias, inserção da ciência e defesa da universidade. Ela também apresentou dois projetos com grande relevância social, como uma tentativa de criar uma agência estatal que desse assistência à infância e à maternidade e outro que denotava o esforço de buscar revisar a legislação civil e penal que afetavam a população feminina. Também tentou criar o Departamento Nacional do Lar, trabalho feminino, previdência e seguro maternal, que mais se aproxima de pensar uma continuidade dos estudos iniciados com as viagens. Esse que seria, então subordinado ao então Ministério do Trabalho, teria funções de consultar e elaborar estudos, fiscalizar o trabalho das mulheres, incluindo o domiciliar. Com o apoio de Prado Kelly criaria três conselhos que também estariam vinculados ao Conselho do Seguro Maternal e Previdência. Dois conselhos, seriam criados no Ministério da Educação e Saúde: o da Educação Feminina Doméstica e Vocacional e do Amparo Sanitário à Mãe e à Criança.

Essa iniciativa de levar para os conselhos de dois importantes ministérios do governo que eram o da Educação e Saúde e o do Trabalho, a discussão de Educação Doméstica, mostram mais do que um esforço, mas uma tentativa clara de buscar consolidar aquilo que já vinha se discutindo em congressos, difundindo entre educadores as suas propostas de Educação Doméstica, que foram conhecidas e aprimoradas com as viagens que foram feitas aos Estados Unidos em 1922 e a Bélgica em 1923. Chama atenção que mesmo mais de dez anos após o seu retorno e da escrita dos relatórios de viagens, ainda defendia que a Educação Doméstica, era o que garantiria maior acesso ao trabalho e à emancipação diversa às mulheres brasileiras.

O Projeto de Lei 736 de 1937[74] que criou o Estatuto da Mulher, como iniciativa de Bertha Lutz, teve mais de 150 artigos no seu anteprojeto. Os que mais chama atenção para analisar nesse trabalho, é o Capítulo I: “Do preparo da mulher para a vida, o lar e o trabalho”. No artigo 17 afirmava-se que toda a mulher e homem, assistiam o direito a: I- instrução primária gratuita e obrigatória, 2- preparo obrigatório para uma ocupação que lhes garantissem subsistência. No incisivo 1 ainda dizia que paralelo à instrução geral, a mulher receberia preparo doméstico social, que lhe preparasse para desenvolver as funções de dona de casa e mãe.

O Art. 18, dizia que a educação feminina seria orientada para desenvolver a personalidade da mulher e preparar ela para o trabalho e a vida honesta no lar. Da mesma forma,

[74] Projeto de Lei que criou o Estatuto da Mulher consultado em: BR DFCD BERTHA LUTZ-BL2-12.

aponta modos de como agir para colaborar e esclarecer as questões de alcance público e de boa organização social. Já no Art. 20, ela afirmou que a União manteria sob direção que fosse feminina a divisão do Ensino Doméstico, que seria criado no Ministério de Educação e Saúde, que se incumbiria de orientar todo o ensino vocacional doméstico à população feminina do Brasil. à mesma União caberia ainda junto, dos Estados organizarem cursos, institutos, escolas domésticas-profissionais e domésticas agrícolas para as mulheres adultas e moças em todos os graus. A seção feminina do Internato do Colégio Pedro II, seria um estabelecimento modelar da temática. No Capítulo II, chamado: "Da mulher como educadora e fator cultural", no artigo 23 diria que o ensino vocacional doméstico social, que fosse representado pelo Conselho Nacional e nos Conselhos Estaduais de educação, deveria ser comandado por representante feminina, sob a égide da lei.

Figura 11: Banquete com políticos no Jockey Club em 1936.

Fonte: FBPN/AN. Localizado em: BR_RJANRIO_Q0_BLZ_DEU_CLE_FOT_0004_d0002de0002.

A foto é emblemática porque mostra os embates que Bertha Lutz teve que percorrer em um Congresso quase que todo masculino para encontrar espaço para fazer avançar as pautas que interessaram ao seu movimento feminista representado pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que mesmo após muito tempo continuava a ser a presidente.

A discussão de Educação Doméstica e Economia Doméstica Agrícola chegou com força na trajetória parlamentar de Bertha Lutz e mostra que talvez esse foi também um meio de fazer

acontecer os seus projetos educativos. Por ser parlamentar, conseguir validar e tornar como política pública a implementação das suas ideias que inicialmente foram balizadas pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, o Estatuto da Mulher, importante documento parlamentar que buscava direitos e maior espaço para as mulheres, continuou vendo na Educação Doméstica o caminho para validar seus projetos. Pode-se ver que as viagens então contribuíram para que Bertha Lutz pudesse, ao longo de sua trajetória, levar a defesa dessa modalidade de educação para a discussão no âmbito nacional, dentro de várias instituições em que participou. Pode-se observar, no acervo da FBPF, a experiência de duas escolas de Economia Doméstica Agrícola no Brasil, como será mostrado a seguir.

4.4 **Duas experiências de Economia Doméstica Agrícola no Brasil**

Em 1922, após retornar dos Estados Unidos, e durante a viagem e retorno da Bélgica, em 1923, Bertha Lutz procurou agir como uma de suas frentes de atuação, atuar para tentar criar escolas de Economia Doméstica Agrícola de nível Secundário e nível Superior. Aqui serão analisadas duas propostas que envolvem o período em que Bertha Lutz realizou as viagens e retornou ao Brasil. Primeiramente, a articulação para a criação da Escola Baronesa de Vila Rezende de Piracicaba, em São Paulo, e a tentativa de transformar a já fundada Escola Doméstica de Natal, criada em 1914, já surgindo como referência de Ensino Doméstico Agrícola no Brasil. E talvez transformá-la em uma instituição de nível superior da temática.

4.4.1 <u>O Instituto Baronesa em São Paulo</u>

No dossiê em que foi localizado o relatório sobre a tentativa da criação de uma Escola Doméstica e de Assistência Social, de 103 páginas, disponível no Arquivo Nacional, consta uma série de troca de cartas e relatos de jornais sobre o processo da tentativa de formar uma Escola Doméstica Rural em Villa de Piracicaba em São Paulo.

Pode-se dizer, que o Instituto Baronesa de Rezende, se tratou de uma entidade escolar que foi criada para ensinar Economia Doméstica Agrícola, primeiramente, por iniciativa do grupo de Irmãs Franciscanas ligadas a Congregação da Imaculada Conceição, fundada em 1843, na Áustria, criada por Madre Francisca Lampel e por apoio, principalmente de Dona Lydia de Souza Rezende, que era filha dos Barões de Rezende de Piracicaba, em São Paulo, ao oferecer o terreno, propiciou a criação da escola, e dialoga com uma ação que passou a ser comum no

Brasil nesse momento, como aponta Ferreira (2019), sobre a tentativa que se houve de ser criar escolas de Economia Doméstica e por conseguinte de Economia Doméstica Agrícola no país.

> Parece-nos que a criação e consolidação das Escolas de Economia Doméstica no Brasil representou uma expressão da aliança tácita entre o Estado, Igreja e oligarquia brasileira. A necessidade de incluir a mulher na educação popular se impunha como uma emergência modificadora do panorama social e cultural brasileiro, o que a levaria ser um instrumento importante para a ascendência política e econômica de suas famílias que ingressavam nos espaços urbanos. Desse modo, as moças passaram a ser vistas como capazes, uma vez educadas, de grandes investidas contra a ignorância, a doença, o abandono e a miséria na qual se desenvolviam a maioria das cidades e o meio rural brasileiro. Ao permitirem que as moças frequentassem as escolas de economia doméstica, o que as famílias e a sociedade buscavam, entretanto, era uma educação conservadora para as mulheres, uma educação que as mantivesse recatadas, no espaço do lar, que as levasse a tomar contato com a cultura letrada, sem, contudo, implicar desvio de conduta em relação aos costumes vigentes na época. (FERREIRA, 2019, p. 258).

De acordo com essa autora, a tentativa de garantir o acesso das mulheres, se dava no objetivo de darem às mulheres oportunidades educativas, sem romper com os costumes vigentes da época, que se focavam em preparar a mulher para atuar nos cuidados do lar. No caso da Economia Doméstica Agrícola, havia um interesse do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio brasileiro de investir em escolas que pudessem incluir as mulheres mais pobres de zonas rurais. Isso ocorreu, porque não havia sistema de educação consolidado, mas sim iniciativas locais, muito ainda referente às grandes metrópoles do litoral. Ainda sobre o objetivo da Educação Doméstica, Ferreira (2019), aponta:

> A ‘nova’ educação que se deveria dar à mulher haveria, com isso, de atender a duas condições: o interesse do/a educando/a e o interesse da coletividade. O interesse do/a educando/a seria indicado pela natureza ou emprego da atividade a qual se destinava e o interesse da coletividade pelas suas condições no meio de outras sociedades humanas. (FERREIRA, 2019, p.259).

Sobre a criação do Instituto Baronesa, em 11 de julho de 1922, Brenno Pinheiro comentou no jornal *Estado de São Paulo* benefícios que a futura Escola poderia ter para a cidade, ao contribuir para formação mais ampla das mulheres e sobre a importância de Dona Lydia de Souza Rezende nesse processo.

> Com a fundação dessa casa de ensino doméstico e agrícola atinge ela a culminância da gratidão de todos os piracicabanos. Realmente nos provam os feitos da Exma. snra. D. Lydia de Rezende que o verdadeiro feminismo não se revela nos comícios das praças públicas nem nas tribunas dos parlamentos. O seu destino é outro e muito diverso. Ele está destinado às realizações doces e cheias de carinho que somente podem ser efetuadas pela mão maneirosa da mulher. E isso não é pouco. Há homens cheios de energia, possuidores de atividade profícua e que não são capazes de fundar e dirigir um hospital, de guiar uma criança, de tratar os enfermos com ternura compadecida. E, portanto, nessas realizações de

> carinho e bondade... (PINHEIRO, BRENNO, ESTADO DE SÂO PAULO, 11, de junho de 1922).

A percepção que se circulava sobre a criação da escola e de como o feminismo deveria ser praticado, expressada pelo articulista, estava voltada ao princípio de que o papel reservado à mulher na sociedade, é aquele referente ao cuidado do seu lar, onde abordam-se questões que se iniciam no preparo para gerir a casa e cuidar de sua família, ao mesmo tempo que ela estaria sujeitada ser "dona de casa" e, por conseguinte, não tendo aptidões para a política e a luta social, não devendo pleitear, portanto, esse tipo de posição.

Em outra carta de Clemente Faria, de 20 de junho de 1922, Presidente da Liga Paulista contra a tuberculose, é feito um agradecimento pelo empenho de Lydia Rezende ao ajudar na criação da escola.

> Á exma. Snra. D. Lydia de Rezende saúda cordialmente Clemente Ferreira e cheio de admiração endereça a devotada patrícia as mais vivas e calorosas felicitações por mais este gesto de altruísmo prático e de dedicação patriótica- a fundação do Instituto "Baronesa de Rezende", levada a cabo vitoriosamente pela tenacidade generosa operante da abnegada apostola do bem. (CARTA DE CLEMENTE FERREIRA, 20 DE JUNHO de 1922).

A fala demonstra a importância que que essa futura escola teria dentro do contexto que envolvia o empenho de criação de escolas de Economia Doméstica Agrícola no Brasil, que vinham do empenho do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, das feministas da FBPF, de Bertha Lutz e de outras lideranças, como Dona Lydia de Rezende e as freiras austríacas.

Outra carta, de Padre Ferreira, em 25 de março de 1922, aponta para mais indícios sobre o processo que envolveu a criação dessa escola. É sinalizado que a formulação de uma Escola Doméstica Agrícola é uma ação honrosa e cristã.

> Exma. Snra. D. Lydia de Rezende
> Saudações em Nosso Senhor.
> Não me julgava exma. Snra. Com direito a uma carta de v.exa. tão gentil e cheia de pormenores acerca da utilíssima Escola Doméstica Agrícola, que durante tanto tempo foi, creio com segurança, constante, preocupação de v. exa. Constitui ela, pois, para mim mais um motivo de gratidão para com que, a imitação de Jesus, passa pela vida fazendo o bem. Estou certo de que, logo que a imprensa criteriosa tiver conhecimento do "sucesso" de tão necessária fundação, não resgatará elogios a V. exa, que já há muito tempo é conhecida pelo título, sumamente honroso de "benemérita". Na minha limitadíssima esfera, cria v. exia. Que farei tudo para que a nobreza do seu gesto de exma. Snra. D. Lydia de Rezende e sua bela instituição nada tenham a desmerecer. Gratíssimo ainda me confesso pela preferência de V. excia diz ter sentido, pelo mais humilde, como ministro de Cristo para lhe comunicar a "feliz nova". S. Exia. D. Francisco D.D. Bispo Diocesano, teve, por meu intermédio, creio que primeira vez, ali em Piracicaba, conhecimento das louváveis intenções de V. Excia. Com o que se regozijou intimamente. Foi, creio, em maio de 1921. Quando v. Exia, com a

> publicação do programa, tornar mais notória a laudabilíssima realidade, receberá, certamente, dos verdadeiros apóstolos do cristianismo social, os mais calorosos parabéns por iniciativa tão oportuna e preciosa. Que Deus conserve V. Exa. Por muitíssimos anos para ainda nesta vida ver os muitos formosíssimos frutos da Escola Doméstica Agrícola, são os meus anelos veementes. De V. Excia. Amor e gratidão. Padre. Francisco Cruz (CARTA DE Padre. FRANCISCO CRUZ, 25 DE MARÇO DE 1922)

A própria D. Lydia de Rezende, em 16 de agosto de 1921, assina uma carta, onde não é informado o remetente, onde são apresentadas por ela, as condições para a criação da futura escola. Essa correspondência também localizada no acervo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, demonstram algumas pistas, sobre o que vinha sendo produzido fora do Brasil e que também motivariam a própria Bertha Lutz, quando viaja pela primeira vez em 1922:

> Primeiras condições para a criação de uma "Escola de Economia Doméstica Agrícola", em Vila Rezende de Piracicaba Estado de S. Paulo, (dirigida por Religiosas Católicas). I°- Enquanto as religiosas não tiverem edifício próprio cederei a minha casa maior, ao lado da Matriz de Vila Rezende (av. Barão da Serra Negra) para a Escola Doméstica, mais uma casa menor para servir de residência das religiosas, tendo essa comunicação interna com a maior, por meio de uma passagem ou corredor coberto. Se caso eu falecer antes de terem construído a casa própria, deverão pagar um aluguel modico pela casa pequena. II- A casa maior tem: 1 sala de jantar (6x5m20); 1 sala de visitas (6x5m0); 3 quartos (4mx 3m80); cada um; 1 escritório (3mx3m1/2); Cozinha e copa espaçosa, sala para engomado, lavanderia, 1 banheiro 1 W.C. III° A casa menor tem 2 salas 3mx3. Quintal 1 lavadouro de roupa. IVº - Atrás dessas casas possuo 1 terreno do qual cederei uma parte, que poderá servir para estudos práticos de horticultura, jardinagem, criação de aves domésticas, abelhas etc. (isto, enquanto não tiverem seu terreno próprio.) V°- Ofereço uma bateria de cozinha completa (escolhida por uma professora de escola ménagere da Suíça) assim como louça, cristais, talheres, objetos de toalete e mobiliário e tudo simples, como para casa de família, para principiar a Escola. IVº- Como auxílio e para a manutenção das religiosas, enquanto a Escola não lhes der renda suficiente, subvencionarei com três contos anualmente. VIIº- As religiosas facilitarei a aquisição de terreno preciso para a construção do edifício próprio, para os estudos práticos de jardinagem, horticultura, floricultura, pomar de e para os pavilhões- dependências obrigadas da Escola Doméstica. VIIIº Para a criação do bicho da seda, poderão as alunas utilizarem-se das folhas de amoreira já plantadas em nossa propriedade (propriedades minha e de minha família, denominada Chácara S. Pedro), enquanto a Escola não tiver formado o seu bosque de amoreiras. IXº- As condições que desejo que sejam aceitas pelas religiosas são: Dar a Escola o nome que eu indicar ou determinar, assim como as salas de aulas no edifício próprio, nos pavilhões destinados a Puericultura, Lacticínios etc. Xº- Sta. Anna deverá ser a padroeira da Escola. XIº Quando o edifício próprio tiver a sua capela deverá ali ser venerada a imagem de Stº Estevão, protomártir. XII- Na sala de festas ou no do edifício próprio dever-se-á fazer a entronização do S. C. de Jesus. XIII- Quando no edifício próprio funcionar o internato de alunas pagantes terá também a faculdade de aceitar algumas gratuitas (filhas de famílias sem meios). Funcionara também um externado para pobres, filhas de operários etc., e também ensino para formar criados de servir (cozinheira, copeira, engomadeira, pajem de crianças, enfermeira) XIV- Para Facilitar a vinda das 6 religiosas ao Brasil viagem de vapor, estrada de ferro, bagagem etc., até desembarque em Vila Rezende, contribuo com 8:000$000. XV- São essas mais ou menos as condições que apresento, a fim de

> facilitar a criação ou fundação no mais breve tempo possível de uma Escola de Economia Doméstica Agrícola, em Vila Rezende como se há em Friburg, Suissa, Bélgica, Alemanha etc. (CARTA DE LYDIA REZENDE, 16 DE AGOSTO DE 1921).

Além da estrutura pedagógica que viria a compor a futura escola, se assemelharem em muito daquilo que viria a ser investigado e apropriado pela própria Bertha Lutz, o nome da Bélgica, juntamente de Alemanha e Suíça aparecem como países onde o foco deveria ser lançado. O Instituto Baronesa, portanto, criado pelas Freiras Franciscanas, com apoio de outra mulher, Dona Lydia de Vila Rezende de Piracicaba, tinha na figura das feministas, lideradas por Bertha Lutz, todo o aporte pedagógico e intelectual da maneira com que a escola tocaria o ensino de Economia Doméstica, pelo fato da parceria dela, da FBPF e do Ministério da Agricultura, ser uma parceria oficial, que poderia garantir até fomentos financeiros as escolas que fossem criadas.

Figura 12: Prédio da Escola Baronesa de Vila Rezende de Piracicaba em sua fundação.

Fonte:https://www.jornaldaslajes.com.br/integra/bicentenario-da-independencia-100-anos-do-instituto-baroneza-de-rezende-em-piracicaba-sp/3577. Consultado em 20/07/2022.

A imagem acima trata da fundação da Escola Baronesa de Vila Rezende de Piracicaba, como uma experiência moderna de educação agrícola doméstica. Sendo uma iniciativa conjunta de sociedade civil e igreja, os modelos de educação apropriados por Bertha Lutz, puderam, de alguma forma, influenciar para a criação da instituição.

A Escola não foi criada por Bertha Lutz, e suas articulações ocorrem a partir de 1921,

um ano antes de sua primeira viagem aos Estados Unidos e se concretizam um ano após o seu retorno ao Brasil. No entanto, alguns elementos são importantes para a nossa observação. Primeiramente, o fato de todo o acervo, que envolvem a criação dessa instituição, como fotos, recortes de jornais, cartas, como algumas usadas aqui, estarem alocados no Fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, no Dossiê de Campanhas de criação de Escolas de Economia Doméstica no Brasil. Já foi aqui abordado que o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, desde 1909, passou a ter como agenda, incluir o ensino da temática disciplinar como foco para pensar a educação feminina. Como também já abordado, a intelectual e a FBPF passaram a tomar a frente de gerenciar o processo de formação dessas escolas e de mediar a subvenção de recursos para a criação delas. Dessa forma, me parece que essa documentação que abordam o processo de formação dessa instituição e de onde ela foi localizada, demonstra que essa escola esteve de fato, no radar da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

4.4.2 A Escola Doméstica de Natal

Outra escola que esteve no radar de Bertha Lutz foi a Escola Doméstica de Natal. Na Seção Bertha Lutz, Subseção Correspondência, Série 1923, há um dossiê[75] que contém cartas e telegramas de Bertha Lutz referentes à organização da tentativa de se organizar uma escola doméstica, uma tese apresentada para tentar ser lente catedrática de botânica da Escola Superior de Agricultura entre outros documentos. Essa parte que trata de supostamente preparar uma escola doméstica, trata da Escola de Natal, onde ela aborda questões sobre a escola e sua estrutura.

Desde que retornou de suas viagens dos Estados Unidos e à Bélgica, Bertha Lutz manteve diálogo constante com uma série de entidades dentro e fora do Brasil para tentar efetivar as suas novas ideias sobre Economia Doméstica Agrícola e implementar à realidade brasileira os modelos que conheceu fora do Brasil. Desde os seus primeiros escritos após as viagens pode-se ver que a Escola Doméstica de Natal, que era referência nacional desse tipo de educação, aparece com centralidade nos seus discursos. O objetivo dela era fazer desse estabelecimento escolar um centro maior da influência que já exercia pelo fato de que desde a sua criação, foi a principal escola dessa modalidade e se tornou referência.

Conforme Rodrigues (2007), a Escola Doméstica de Natal foi criada com o desejo de trazer aspectos da modernidade, civilidade e progresso, a partir dos valores, que no caso da

[75] BR RJANRIO Q0.BLZ, COR.TXT, A923.5.

Suíça, já fazia circular no que se referia à educação. A repercussão na imprensa foi grande como no Jornal do Recife que chamou a escola de "Escola Moderna".

Em matéria de 15 de agosto de 1914, do jornal *A República*, aponta que a escola começou com duas professoras: Hèlene Bondoc e Jeanne Negulesco. No corpo discente havia as alunas: Amelia Dulce Cavalcanti, Maria Galvão Filha, Esther de Fontes Galvão, Doralice Lustoza Barros, Marília de Brito Guerra, Maria Mafalda de Miranda Galvão, Maria Guiomar de Meira Lima, Maria Geruza Lustoza da Camara, Evangelina Lustoza da Camara e Anna Santina Soares de Araújo. Henrique Castriciano, criador da escola, dois anos após a sua criação em 1916 ao retornar de viagem a Jerusalém passou a divulgar a relevância que a sua escola teria para a formação da mulher e de que maneira as contribuições do ensino doméstico poderiam alcançar a transformação social. A Escola ainda manteria contato e se assimilaria a Escola del Hogar, do México por ambas propagarem princípios de ensino de puericultura e higiene infantil. (LOPES, 2020).

De acordo com Rodrigues (2007), a Escola Doméstica de Natal ainda teria influência francesa, alemã, americana e belga. Em relação a esse diálogo com a Bélgica, a partir do ano de 1927, a entidade manteve relação com o país por meio do intercâmbio de alunas que iam ao país estudar e aprender nas escolas experimentais idealizadas por Paul de Vuyst. Essa relação de intercâmbio com outros países começa a ser consolidada a partir de 1918 quando Miss Leora James assume a direção da Escola Doméstica. A mesma que ajudou Bertha Lutz com as notas sobre como implementar os princípios modernos norte-americanos no Brasil, para elaboração do Relatório de viagem de 1922.

A partir de Lopes (2021), pode-se observar que Miss Leora James era presbiteriana graduada pela Columbia University com experiência de atuação em escolas no Estado da Virgínia. O convite para dirigir a Escola Doméstica se deu por meio de convite de Henrique Castriciano, ficando ela no comando da escola entre 1918 e 1924. Ao assumir a escola ela contratou seis professoras com formação nos Estados Unidos, sendo todas presbiterianas. Stella Minor, doutora pela Universidade de Missouri, assumiria o cargo para ser responsável pelo curso de Economia Doméstica, Elise Stoltz, graduada pela Escola Normal da Califórnia, Universidade da Califórnia e diplomada pela Universidade de Nova York que ficou responsável pelo curso de Costura, Confecções, Aritmética, Álgebra e Geometria. Com Alice Rivers, diplomada em Agricultura pela Escola do Estado da Geórgia, ficou a incumbência de ensinar Jardinagem, Leiteria e cursos que fossem externos à escola, juntamente com Lola Stephens, graduada pelo Stockton Business College da California, que era especialista em trabalhos de

escritório e atuava na cadeira de Contabilidade. Por fim, Rosa James que era graduada pela Escola Superior de Rocky Mount, da Carolina do Norte, enfermeira diplomada e registrada no Watts Hospital na Carolina do Norte, que ficou encarregada dos arranjos internos da Escola Doméstica. É a partir daí, segundo Lopes (2020), que a Escola passou a implementar o curso de Economia Doméstica e todo o discurso científico que já vinha sendo incentivado pelos intelectuais norte-americanos.

A influência americana que passa a ser exercida pela missionária presbiteriana Leora James, que trouxe essas professoras americanas e passou a reformular a escolar em torno dos princípios norte-americanos de Economia Doméstica, talvez seja o que aproximou Bertha Lutz da instituição e da própria James que a ajudou na feitura do seu primeiro relatório.

A primeira carta encaminhada ao professor Sérgio de Carvalho, a intelectual fala sobre a organização dessa instituição escolar naquele corrente ano. O documento expõe toda a organização e estrutura em que a escola estava configurada naquele momento. ao mesmo tempo em que aponta para a maneira pela qual ela passaria a pensar em formas de tornar essa escola uma maior referência.

> Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1923.
> Sr. Professor
> De acordo com as determinações de V.S. tenho a honra de encaminhar a este anexo um pequeno resumo referente à organização atual da Escola Doméstica de Natal, organizado de acordo com os dados a minha disposição. Valendo-me do ensejo, apresento a V.S. protestos de elevado apreço e mui distinta consideração.
> (CARTA DE BERTHA LITZ, 16 DE JANEIRO DE 1923).

Nessa carta Lutz, começa elaborando um histórico sobre a formação da Escola Doméstica de Natal. Na organização que se referiam a 1923, a Escola estava sendo mantida pela Liga do Ensino, recebendo uma subvenção anual de Rs$36.000.000 federais fixada anualmente no orçamento. As despesas anuais da Escola variam na casa dos Rs$120.000.000, em que frisou também o fato nessa exposição de que o dinheiro público, não conseguia manter a escola.

Em relação ao espaço físico da escola, Bertha Lutz também sinalizou nessa carta encaminhada em anexo para Sérgio Domingues, que os terrenos estavam divididos da seguinte maneira: um edifício principal com dormitório com capacidade para duas turmas de alunas e as professoras, um salão de visitas, uma biblioteca, juntamente do gabinete da diretora, secretária, laboratório, cozinha, sala de jantar, dispensa, copa e sete salas de aula. Além disso estavam incluídos ainda: um pavilhão para o ensino de Puericultura, um bangalô de residência para oito alunas, três professoras e enfermeiras. Uma lavanderia, um local que determinou “Vila Brasil”

que se ensinaria aulas de costura, de lavanderia, onde se incluiu um dormitório para trinta e sete alunas e três professoras com banheiros incluídos. Junto também de galinheiros e estábulos, dependências para casa de empregados no geral, um campo de tendas para a prática de basquete e outros esportes, duas caixas de água com a capacidade de vinte e três mil litros e uma outra de capacidade de quatro mil litros. Dessa forma, contando também com encanamentos pelo jardim da escola, com canteiros de hortaliças para o ensino de jardinagem e duas bombas elétricas para encher as caixas de água. A estrutura da Escola, já em 1923, por ser assimilar em muito aos modelos internacionais, tanto norte-americano quanto belga, do que se esperava como modelo ideal para obtenção do êxito para essa modalidade educacional sendo esse o fator principal que Bertha Lutz pensou um papel estratégico que a Escola Doméstica de Natal passaria a ter nesse processo de implementação a nível nacional dessa educação no Brasil, funcionando como uma Escola Superior de Economia Doméstica. Sobre isso ela fala em carta ao Professor Sérgio de Carvalho:

> A este anexo encontra-se o programa da Escola, no qual acham-se programas por extenso e outros esclarecimentos. Na eventualidade da avocação da Escola será necessário ampliar o corpo docente e equiparar os vencimentos, dar desenvolvimento maior ao programa de ensino agronômico, com o intuito de formar professoras de Economia Doméstica e aplicações a Agricultura, sendo também vantajoso que este trabalho seja completado por um sistema de divulgação de conhecimentos entre a população feminina rural. (CARTA DE BERTHA LUTZ, 16 DE JANEIRO DE 1923).

A Escola em 1923, possuía o corpo docente composto por Miss Leora James, que ensinava Psicologia, Caligrafia etc. Henrique Castriciano, responsável pelo ensino de Educação social, e Manoel Dantas, responsável por ministrar Direito Usual. Também, Varella Santiago lecionava Puericultura, Miss Rosa James, Enfermaria e Cultura física e M. Beatriz Carneiro Leão de Mello responsável pelo ensino de Português e Álgebra. D. Honcrina Itamai de Mello ensinava Português, Geografia e História Universal. D. Emiliana Suckow, o Francês, D. Isabel Dantas, Aritmética, Lavagem e História do Brasil, D. Dulce Merra e Sá por Costura, Cozinha, Agricultura, D. Emília de Oliveira, responsável por Cozinha e ensinos sobre como ser Dona de Casa. D. Alzina de Azevedo lecionava sobre como se auxiliar na cozinha de maneira teórica. Por fim, Miss Queenie Handman ensinava Inglês, Miss. E.M.A. Gearing ensinava sobre Lavanderia e Sala de Jantar, Maestro Luigi Maria Omido responsável pelo ensino de Piano e Solfejo, Maestro Thomaz Babini, pelo ensino de Violino, Violoncelo e Piano. D. Adelina Leitão também piano e D. Doralice Barros, que era segunda Diretora e responsável pelo Curso Comercial.

Em relação ao corpo discente Bertha Lutz, pontuou que as alunas eram internas a partir de idade de 11 anos. A Escola Doméstica de Natal, atuava com o modelo de permanência ou de ficar temporariamente, de acordo com o tipo de curso e a especificidade da educação que viesse a escolher.

Assim como a primeira relação de Bertha Lutz com a escola Baronesa, a escola de Natal aparece como foco de uma análise sua, por ela ser referência da modalidade de Economia Doméstica no Brasil e com o intuito de formar profissionais qualificados para formar o público-alvo desse tipo de educação. Demonstrando que já antes, durante e após as suas viagens internacionais atuou de alguma forma para criar, garantir a subvenção e ressignificar novas e já existentes escolas dessa modalidade educacional no seu país.

Figura 13: Aula de Educação Doméstica e Higiene do Lar. Alunas em aula prática sobre Educação Doméstica e Higiene do Lar em 1924.

Fonte: Acervo particular da Escola Doméstica de Natal, RN.

A relação com a Escola Doméstica continuaria se mantendo, até porque como pude perceber, foram poucas as escolas que conseguiram lograr êxito ao longo do tempo, aos moldes daquilo que foi idealizado por Bertha Lutz, a FBPF e o Ministério da Agricultura, Indústria e

Comércio. No entanto, a relação com o Rio Grande do Norte esteve próxima de maneira constante. Em 1928, junto de seu pai, viajou para o estado, visando organizar a luta política das mulheres. Na ocasião foi homenageada pela Associação de Professores do Rio Grande do Norte, por intermédio da criação de outra escola agrícola.

Em carta encaminhada de Bertha Lutz para o Presidente da Associação de Professores do Rio Grande Norte, na figura do seu Diretor, ela explica como estava sendo a sua cruzada pela instituição do voto feminino no Rio Grande do Norte naquele momento e as viagens aparecem com força no discurso, dando a entender a maneira como elas, legitimaram de fato a intelectual.

> Minhas senhoras e meus senhores,
> Eis uma semana que tenho a ventura de achar que em Natal, acolhedora e progressiva capital do Rio Grande do Norte, em contato feliz com o seu povo e em comunhão mais feliz com suas aspirações. Tem sido uma verdadeira "semana da bondade". Bondade essa revelada em todos os gestos de magnânimo acolhimento, de apreciação delicada, proporcionados pela população natalense. É uma batalhadora obscura em prol de uma causa merecedora de simpatia, mesmo porque visa acrescer a soma de direitos femininos, do porquê, bem compreendido assegurará a causa publica maior número de colaboradores dedicados e leais. Não deveria ter sido assim. Ao correr da semana transcrita, a homenageada deveria ter sido a homenageante tributando ao Rio Grande do Norte, as suas classes esclarecidas, aos intelectuais e ao seu excelso presidente, a quem deve a primeira reconfortadora vitória, tributando, digo o reconhecimento de quem até então via se consumir a desalentadoramente a vida, no anseio sempre derrotando da consagração de um ideal. A vossa generosidade não o quis permitir. Eis-me pois que após ter recebido o acolhimento sumamente honroso do Governo das autoridades, das eleitoras, do operariado organizado e previdente e da cruzada feminina que tão bem fazem e milita em prol da assistência a receber hoje um tributo imerecido, esta comovedora homenagem que a Associação de Professores quis me agraciar. Recebo-o profundamente agradecida o coração cheio de amizade e dê ternura a alma mais cheia de admiração pela vossa obra benemérita. Sois uma Associação de classe e como tal sumamente respeitável- tanto na vossa origem como em vossos fins... Mais interessante ainda se me afigura a Escola Agrícola Juvenal Lamartine assim denominada em justa homenagem a um dos pontos mais felizes e fundados do Programa Governamental de sua excelência. Percorri há alguns anos, em Serviço do Ministério da Agricultura os Estados Unidos, estudando métodos de disseminação de conhecimentos da Agricultura e Economia Doméstica entre a população rural. Poderia Fala-vos horas inteiras sobre esse assunto. Para poupar-vos, porém de tal fadiga, citarei apenas o gasto de que em um só ano, a criação de perus, por grupos de meninos, meninas e moças, matriculados em cursos semelhantes a esta Escola Agrícola, produziram a renda de um milhão de dólares. Por ali podeis avaliar, do alcance de vossa iniciativa, acolhida por entre aplausos e elogios pela impressa carioca e dos demais Estados do Brasil. Julgando, com deveis julgar por certo, que a educação, a apuração gradual dos sentimentos, da inteligência e da vontade, estes preciosos instrumentos de aperfeiçoamento humano constitui a mais absorvente questão da atualidade brasileira, soubestes conjuga-lo admiravelmente com os problemas mais importantes para o Estado que são o desenvolvimento econômico, a intensificação da lavoura, fonte e base da prosperidade do país. Neste ponto fostes pioneiros, como foram as primeiras mulheres riograndenses do Norte que se alistaram eleitoras. A vossa iniciativa, com a delas, crescerá e se multiplicará. Firmada a escola "Juvenal Lamartine", formar-se-ão outras disseminando pelo interior do Estado está tendencia essencialmente dinâmica, prática e moderna, que afastando-a da instrução dos defuntos moldes acadêmicos, a coloca em contato íntimo com a vida, dela fazendo alimento assimilável, criador de mentalidade robustas. Sr. Presidente da Associação

> de Professores, minhas senhoras e senhores, aceite as minhas felicitações comovidas, aliadas aos meus sentimentos de profunda gratidão. Bem haja a vossa agremiação: Bem haja o vosso grupo modelo, bem haja a Escola Agrícola: Juvenal Lamartine. Ide: Propagai o amor a terra, e o maior serviço que podereis prestar a Pátria Brasileira: e o mais alto exemplo de civismo que o Rio Grande do Norte, vanguardeiro do progresso em todos os sentidos, dá ao Brasil. Bertha Lutz. (CARTA DE BERTHA LUTZ, S/D, 1928).

A carta traz questões importantes que ajudam a compreender o processo que ali estava sendo estabelecido como consequência das viagens e trabalho em prol da implementação dessa modalidade educativa no Brasil. A intelectual foi reconhecida pela Associação de Professores do Rio Grande do Norte, como a grande responsável pela criação da escola, pelo fato de seu trabalho de divulgação e ação para a organização de escolas, tal como a sua relação com o Estado e com Juvenal Lamartine, que com certeza contou para o tal. Essa missiva também dá pistas de como iniciativas em prol da implementação de escolas domésticas, de agricultura ou de Economia Doméstica, passariam a tomar as suas viagens e o que lá foi observado como base. Assim, da mesma forma é demonstrado como que o Estado, reconhecido pela intelectual como progressista estava avançando no que se tocava à inclusão da mulher nos mecanismos sociais, sendo, portanto, as escolas femininas como uma das diversas consequências desse processo. Chama atenção a importância que a parceria que foi feita entre ela e Juvenal Lamartine, tornando-o também sujeito do processo, sendo ela a articuladora, em muitas das vezes, e ele o operador, aquele que torna essas ideias possíveis, como podemos ver aqui expressadas nessa carta de Bertha Lutz, também endereçada a ele não apenas por questões que envolvessem o voto, mas também no campo da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar, em 1919, no Museu Nacional – órgão ligado administrativamente ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio – Bertha Lutz teve, a partir de então, a oportunidade de realizar muitas viagens para representar o Brasil em eventos ligados à educação científica e à questão agrícola, que coincidiam com eventos feministas dos quais participava com inegável liderança. Elas povoaram a trajetória da cientista, feminista e educadora e se constituíram em importantes oportunidades de observar, comparar e propor.

A mulher que regressou ao Brasil, em 1918, com diploma de bióloga nas mãos, obtido em universidade europeia, ao longo da vida percorreu distâncias para conhecer e se dar a conhecer. Dentre as várias ocasiões nas quais foi designada para ir a outros países, se destacam as travessias que realizou aos Estados Unidos e à Bélgica, em 1922 e 1923, quando visitou escolas e universidades, perscrutou a legislação, examinou currículos, apreciou a arquitetura escolar, sistematizou o funcionamento das experiências e estudou materiais didáticas sobre Economia Doméstica Agrícola, um dos aspectos que não foram, ainda, objeto de investigação na historiografia e na historiografia da educação, embora existam inúmeras referências à sua importância no movimento sufragista e seu trabalho precursor sobre o papel dos museus na divulgação científica.

Em suas várias viagens, Bertha Lutz deixou inúmeros testemunhos escritos sobre o visto e o vivido em cartas que trocou com cientistas, intelectuais, professores e feministas estrangeiras, entrevistas que concedeu à imprensa, em artigos que publicou e em congressos dos quais participou e onde difundiu o que se realizava no exterior. Grande parte da documentação, no entanto, perdeu-se em meio ao fogo que atingiu o Museu Nacional, em 2018. Graças a alguns grupos de pesquisa de outras instituições que tinham digitalizado parte de seu acervo ali depositado, foi possível interpretar sua contribuição para a formulação de uma proposta de educação agrícola que tinha por horizonte inserir as mulheres no mundo do trabalho, contribuindo para a emancipação feminina. Além disso, em função da dispersão da documentação em outras instituições de guarda, pude acessar cartas, relatórios, artigos de jornais e fotografias que localizei no Arquivo Nacional.

O manuseio das cartas e das demais fontes exigiu profunda reflexão que só se tornou possível em função dos estudos sobre as viagens que o grupo de pesquisa do qual faço parte vem se dedicando nos últimos anos, oferecendo instrumentos teóricos e metodológicos para

interpretar a maneira pela qual viagens ao estrangeiro contribuíram para não somente a circulação de modelos modernos de educação, mas também para a formação de um pensamento educacional brasileiro próprio, que no caso do nosso estudo, aborda a contribuição de Bertha Lutz à educação rural. A perspectiva que orienta a pesquisa sobre viagens com foco no contexto da travessia, na viajante, nas motivações para partir, nos registros da experiência, nas repercussões e desdobramentos, se fez presente na arquitetura da tese.

Ao longo do primeiro capítulo procurei mapear o contexto político, científico e educacional do país, da influência da família da educadora em sua vida profissional e como se desenhou a primeira viagem aos Estados Unidos, dando ênfase, para a sua entrada no Museu Nacional e na articulação com o Ministério da Agricultura, que acabou garantindo que Bertha Lutz pudesse realizar as viagens. A seguir, no segundo capítulo, o estudo se voltou para as redes de sociabilidade que foram sendo construídas através da troca de cartas com um conjunto amplo de interlocutores e interlocutoras brasileiros e estrangeiros que atuavam em museus, associações feministas e instituições de ensino. Ao longo do capítulo 3, a ênfase recaiu naquilo que viveu, narrou e propôs em seu retorno ao Brasil. No quarto capítulo, finalmente, foram abordados os desdobramentos das viagens, dando ênfase à sua participação em congressos, no parlamento, na impressa e na forma como influenciou a criação e possível modernização pedagógica de duas escolas de Economia Doméstica Agrícola.

A leitura dos relatórios, em especial, propiciou concluir que, ao partir para o exterior, Bertha Lutz não se contentava em observar e guardar para si mesma. Prestava contas do que vira. Elaborava propostas. Divulgava o que julgava pertinente em conferências, jornais, rádios e eventos. Com suas observações sobre museologia educativa elaboradas a partir de suas viagens aos Estados Unidos em 1922, 1925 e 1932, pode reformular a metodologia com a qual o Museu Nacional passou a lidar com o seu público e com as escolas, principalmente após a fundação de Sessão de Auxílio ao Ensino, em 1926, sessão esta que decorreu, certamente, das proposições contidas em seus relatórios de viagem. No entanto, esse era um projeto específico voltado a tornar os museus lugares de educação científica da população.

Importante assinalar que até o ano de 1922, quando foi pela primeira vez aos Estados Unidos para tratar do movimento feminista, da museologia educacional e de Economia Doméstica Agrícola, ela já tinha uma aproximação com a defesa do direito à educação no Brasil, mas muito voltada para questões específicas, como o debate pela educação mista no Colégio Pedro II, o ingresso da mulher no ensino superior e, também, a busca por novas formas de

transformar a maneira pela qual os museus escolares estabeleciam a sua ação educativa com as instituições de ensino.

Examinar os deslocamentos de Bertha Lutz durante a sua ida a congressos feministas que se desdobraram em estudos de modelos de educação rural, permitiu compreender que essas experiências foram muito importantes em sua trajetória. Na medida em que se dedicava à educação agrícola, legitimava-se como educadora. Seu intercâmbio com Paul de Vuyst a aproximou ainda mais dos intelectuais que fundaram, em 1924, a Associação Brasileira de Educação (ABE), o que lhe permitiu levar para dentro da entidade as discussões de Economia Doméstica Agrícola. Talvez tenha sido esse motivo, que tenha contribuído para a criação da Sessão de Ensino Profissional e Doméstico na entidade, ainda que não tenha localizado nenhum documento que apontasse diretamente para isso. Além disso, a relação do educador belga com a Escola de Natal e a política de oferecimento de bolsas que levou muitas estudantes daquela instituição para a Bélgica, pode ter sido consequência dessa relação. Leora James, que foi diretora da Escola Doméstica de Natal e reformulou pedagogicamente a instituição, ao fim da década de 1910, era próxima de Bertha Lutz e a ajudou a elaborar, inclusive, notas que constaram no seu primeiro Relatório da viagem aos Estados Unidos.

Para além de se legitimar como educadora na sociedade brasileira, Bertha Lutz obteve reconhecimento no exterior. Em 1929, em nova visita à Bélgica, foi condecorada pelo Rei Alberto I por relevantes serviços prestados, em consequência dos seus estudos realizados naquele país, em 1923, e a forma com que procurou fazer circular as ideias de Paul de Vuyst, importante educador que formulou propostas para a Economia Doméstica Agrícola na Bélgica com repercussões em outros lugares do mundo.

Após ser eleita deputada, mais de dez anos depois da sua primeira ida ao estrangeiro em missão comissionada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, continuou a defender a mesma pauta, isto é, continuava lutando por uma melhor maneira de educar as mulheres, entendendo que ela se daria por intermédio da Economia Doméstica e Economia Doméstica Agrícola, deixando claro que mesmo que se diferissem em muitos aspectos, se aproximavam em muitos outros. Isto permite concluir que compromisso com a pauta feminista atravessou suas preocupações em todos os espaços nos quais militou. Isto já era possível de ser visto nos relatórios de viagens onde se sobressaem observações sobre a forte presença das mulheres em cargos de comando em museus e escolas, visando ampliar a presença feminina no espaço público.

Quando Vargas instaura o Estado Novo e fecha o Congresso, Bertha Lutz como os demais parlamentares perdeu o seu mandato. Com o fim do regime ditatorial, já na década de 1950, como aponta Ferreira (2012), outros cursos de Economia Doméstica começaram aparecer no Brasil, tomando o modelo americano como base e iniciando um programa de cooperação técnica entre Brasil e Estados Unidos, em decorrência da relação iniciada entre ambos os países para combater a ameaça comunista, no pós-guerra e pós-golpe do Estado Novo. Essa foi, portanto, uma ação que foi se aproximando em muito da estratégia dos Estados Unidos usadas em alguns países para incitar suas ideias, visando difundir o ideal de modelo de família americana.

A presença dos EUA na educação ruralista no Brasil, ampliada a partir de acordos do Ministério da Agricultura, resultou em campanhas como a Campanha Nacional de Alfabetização Rural de 1953, a Fundação do Escritório Técnico do Brasil-EUA de Agricultura em 1954 e o Serviço Social Rural do Ministério da Agricultura de 1955. Também foram criadas nesse período as Associações de Crédito e Assistência Rural (ACAR) coordenadas pela Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). A ACAR agia segundo o modelo norte-americano de extensão rural, com serviços prestados por associações, atuando, através do Curso de Economia Doméstica, que ensinavam, a partir de lideranças locais e de programas de rádio, princípios da temática juntamente com os de higiene, saúde e produção. Alguns estudos apontam que essa relação entre Estados Unidos e Brasil, para pensar Economia Doméstica Agrícola, começa a ganhar força em 1946, apagando completamente a relação que essa temática já vinha tendo a partir de 1909 e com o trabalho de Bertha Lutz durante as décadas de 1920 e 1930.

A investigação aqui realizada teve por horizonte contribuir para a compreensão do papel de Bertha Lutz para além da luta sufragista e da educação científica. Ao iluminar suas viagens de estudo e observação da Economia Doméstica Agrícola, exigiu observar como o Brasil que vinha avançando no processo de industrialização tinha grande parte da sua população na zona rural e, por conta disso, havia interesse do Estado de fazer com que políticas públicas pudessem chegar aos lugares mais longínquos do nosso território. O Museu Nacional, instituição na qual Bertha Lutz atuava, tinha nas suas atribuições desenvolver pesquisas para fazer avançar a agricultura no país. Seus profissionais, em sua extensa maioria homens, estavam empenhados em promover a divulgação científica e levar conhecimentos de História Natural para todo o território nacional, lançando mão de diversas estratégias como programas de rádio, por exemplo. Bertha Lutz ao estudar Economia Doméstica Agrícola, conseguiu unir a sua militância

feminista com os anseios das instituições das quais fazia parte e trazer para o centro do debate público a defesa da ascensão da mulher via educação.

Duas experiências, uma de criação e outra de reconfiguração como o Instituto Baronesa de Rezende e a Escola Doméstica de Natal, sinalizam para as repercussões e desdobramentos das viagens de Bertha Lutz. Algumas lacunas ainda permanecem para que novos trabalhos possam abordar a questão como, por exemplo, um mapeamento de Escolas Domésticas Agrícolas criadas por influência dela após o seu retorno das viagens, tanto femininas, quanto mistas, tal como, de que maneira o seu projeto, seus escritos e a maneira pela qual tentou divulgar essa educação nos meios acadêmicos, políticos e científicos dos quais fazia parte, viraram projetos de lei.

REFERÊNCIAS

ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de janeiro. 1881.

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca. *À função educativa de museus de Bertha Lutz: uma peça (quase) esquecida do quebra-cabeça da museologia no brasil.* Acervo, rio de Janeiro, v.26, nº2, p.123-132. Jul/dez. 2013.

ALMEIDA, Amanda de Lima de. *Agulha, Novelo, Tecido e muito mais: Lições de Economia Doméstica na Revista Feminina.* Universidade Federal do Paraná. (Tese de Doutorado.) São Paulo, 1915-1918.Curitiba. 2020.

ALVES, Branca Moreira. *Em busca da nossa história: o movimento pelo voto feminino no Brasil- 1919-1932, fatos e ideologia*. Dissertação (Mestrado)- Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1977.

AMORIM, Sara Raphaela Macedo de. *Viagem como missão: intercâmbio pedagógico do educador Nestor dos Santos Lima (1913-1923).* Tese (Doutorado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação ProPed. Rio de Janeiro.2017.

_____. *Onde os laços se atam: sociabilidade e política nos relatórios das viagens pedagógicas do intelectual norte-rio-grandense Nestor dos Santos Lima (1913-1923)*. Revista de História e Historiografia da Educação - ISSN 2526-2378 Curitiba, Brasil, v. 1, n. 2, p. 304-311, maio/agosto de 2017.

ARAÚJO, Marta Maria. José Augusto Bezerra de Medeiros. In: FÁVERO, Maria Lourdes de Albuquerque. BRITTO, Jader de Medeiros. (Org). Dicionário de educadores no Brasil. UFRJ/MEC- Inep-Comped. Rio de Janeiro. 2002.

ATAS. *Primeira Conferência Feminina de 1922 da.* Arquivo Nacional. Fundo Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino. 1922.

ATAS. *Terceiro Congresso de Agricultura e Pecuária*. Arquivo Nacional. Fundo Federação Pelo Progresso Feminino. 1922.

BARROS, Corá. *Atas da Primeira Conferência Feminina de 1922.* Arquivo Nacional. Fundo Federação Pelo Progresso feminino. 1922.

BARRETO, Lima Afonso Henriques de. *Toda Crônica.* Rio de Janeiro- Agir Volume II 1919-1922. 2004.

_____. Uma atuação da Dona Bertha. *A Careta*. 6-5- 1922.

BENCHIMOL, J. L.: *Adolpho Lutz: um esboço biográfico*. História, Ciências, Saúde—Manguinhos, vol. 10(1): 13-83, jan.-abr. 2003.

_____; SÁ, M. R.; ANDRADE, M. M. de e GOMES, V. L. C.: *Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz* História, Ciências, Saúde- Manguinhos. Rio de Janeiro v.10, n 1. p.203-250 jan- abr.2003.

BHERING, Marcos Jungmann. *Ciência, positivismo e agricultura. Uma análise do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio na primeira república.* Varia História, Belo Horizonte, vol 27, nº 46. P. 689-709. Jul/dez. 2011

BONATO, Nailda Marinho da Costa. *O Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino:* Uma fonte múltipla para a história da Educação das mulheres. Acervo, Rio de Janeiro, v.18 n.1-2, p.131-146, pág. 131. jan. /Dez 2005.

BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. Actes de la Recherche em Sciences Sociales, , p.88-104. n.2/3, jun. 1976.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de Papel. A representação da Mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

CAMARA, Sonia. Reinventando a Escola: *O ensino profissional feminino na Reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930*. Quartet. Rio de Janeiro. 2017.

CARLOS, Anderson Ricardo; FRANZOLIN, Fernanda; ALVIM, Márcia Helena. *Problematizações das relações de gênero no primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia: status da mulher, determinação de sexo biológico e controle reprodutivo.* História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, p.781-801. , v.27, n.3, jul.-set. 2020.

CARVALHO. Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931).* Bragança Paulista, SP: EDUSF. 1998.

CHAMON, Carla Simone e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *A educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina*. In.: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio e GONDRA (Orgs). Viagens pedagógicas. São Paulo: Cortez, pp. 39-64. 2007.

CHARTIER, Roger. À beira da Falésia: a história entre inquietude e incerteza" Porto. Alegre. Ed. Universidade. UFRGS. 2002.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri – *Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa- proposições*:365-388.v 15, n.3 (45) - set/dez. 2004.

DELPHY, Christine. *Close to home- a materialist analysis of women's oppression.* Verso London-New York .2016.

DEPARTAMENTO FEDERAL AMERICANO DE AGRICULTURA E DAS ESCOLAS. *Serviço e trabalho de extensão em Agricultura e Economia Doméstica*. Washigton D.C. 1922.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo.* São Paulo: Contexto. 2007.

FAGUNDES, Luciana Pessanha. *A República recebe a realeza: Os preparativos para a visita dos reis da Bélgica ao Brasil (1920).* Usos do passado XII encontro Regional de História. ANPUH. 2006.

FEMENÍAS, Maria Luisa, *O feminismo latino-americano. Cartografia preliminar.* Pasajes: Revista de pensamento contemporâneo. Revista X. v.16, n.1 P.224-238. 2021.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *As ideais estão no lugar.* Cadernos de Debate, São Paulo, Brasiliense. 1976.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos. *Escola de economia doméstica: ensino secundário profissionalizante no triangulo mineiro (1953-1997).* Tese (Doutorado) Universidade de Uberlândia. Uberaba. Minas Gerais. 2012.

_____. *Escolas Rurais Domésticas. "Moças se preparem para sua função de donas de casas e diretoras de lares rurais".* Cad. Pesq. V.26, n,2, abr/jun. 2019.

GUBLIN, Elianne. JACQUES, Catherine, PIETTE, Valérie, PUISSANT Jean: *Dictionnaire des femmes belgs: XIXe et XXe siècies* - Lanno Uitgeverij, Éditions Racine. Bélgique, 2006.

GASTAUD, Carla. *Os que pouco escrevem: cartas em meia folha.* XXVII simpósio Nacional de história. "ANPUH- Conhecimento histórico e diálogo social. NATAL-RN. 2013.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937.*São Paulo: Brasiliense. 1981.

_____. *A Escola Normal, as professoras primárias e a educação feminina no Rio de Janeiro no Fim do Século XIX.* Niterói, v. 10, n. 2, p. 313-332, 1. sem. 2010.

HEIZER, Alda. *Notícias sobre uma expedição: Jean Massart e a missão biológica belga ao Brasil, 1922-1923.* História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.849-864, jul.-set. 2008.

HERSCHMANN, M. KROPFK, Simone, NUNES, Clarice. *Missionários do Progresso. Médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro. 1870-1937.* Rio de Janeiro, Diadorim. 1996.

KARAWEJCYK. Mônica. *As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil.*2013 Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, Tese (Doutorado). 2013.

_____. *Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: O feminismo "pátrio" de Leolinda Figueiro Daltro.* Estudos Ibero- Americanos, PUCRS, v.40, n.1, p.64-84, jan-jun. 2014.

_____. *O feminismo em boa marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso* Feminino. Revista Estudos Feministas. Florianópolis. 25 (2) e49845. 2018.

KEHL, Renato. *Questões Relativa ao Casamento- O critério Eugenista - Como escolher um bom marido-O critério de um eugenista.* 1 Conferência Feminista de 1922. In: Fundo, FBPF. 1922.

LEITE. Elaine da Silveira. *Entre a Economia e a crítica feminista da racionalidade. Um esboço dos cursos de economia doméstica no Brasil.* XXII Congresso Brasileiro de Sociologia. Porto Alegre. 2015.

LOBO, Yolanda. *Bertha Lutz*. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Recife.2010.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a Pesquisa Científica: Os Museus e as Ciências Naturais no Século XIX*. São Paulo. HUCITEC. 1997.

_____. *Bertha Lutz e a importância das relações de gênero da educação e do público nas instituições museais*. MUSAS- Revista Brasileira de Museus e Museologia, n.2, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. Rio de Janeiro. 2006.

_____. *Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro.* História, Ciências, Saúde- Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl. p.73- 95. jun. 2008.

_____. MURRIELLO, S.E. *Ciências e educação em museus no final o século XIX*. História, Ciências, Saúde. Manguinhos. V.12 (suplementos). p.13-30. 2005.

LOPES, Maria Maroni. *Influência Do Ensino Doméstico Agrícola Belga na Formação Docente na Escola Doméstica de Natal (Brasil) 2019* – In: DÍAZ, José Maria Hernández. "Influências Belgas en la educación Española e Iberoamericana" - Ediciones Universidad Salamanca - 2019- Salamanca – Espanha. 2019.

_____. *O ensino de matemática na Escola Doméstica de Natal: contribuições para um diálogo sobre o papel da mulher Norte-rio-grandense (1911-1961).* Rio Claro, 2020. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 2020.

_____. *Influência das Missionárias Presbiteriana no Ensino de álgebra e desenho da Escola Doméstica de Natal (1918-1924).* Número Especial- I Encontro Cearense de Educação Matemática Boletim Cearense de Educação e História da Matemática- Volume 08, Número 23, 550-564. 2021.

LUTZ, Bertha. In: *O Paíz.* Rio de Janeiro. 1923.

_____. *O Serviço Cooperativo de Extensão dos Conhecimentos de Agricultura e Economia Doméstica nos Estados Unidos. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.* Rio de Janeiro. 1922.

_____. *A Escola de Economia Doméstica e de Assistência Social. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.* Rio de Janeiro. 1923.

_____. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Professor Dr. Roquette-Pinto M.D. Diretor do Museu Nacional sobre o papel educativo dos museus americanos*. Rio de Janeiro. Museu Nacional. 1933.

_____. *A Função educativa dos museus*. Muiraquitã, Niterói. 2008.

MARQUES, Tereza Cristina de Novaes. *Bertha Lutz [recurso eletrônico]* – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, – (Série perfis parlamentares; n. 73 PDF). 2016.

MARTINS, Angela: COSTA, Nailda Marinho. *Movimento Feminista e Educação: Cartas de Maria Lacerda de Moura para Bertha Lutz (1920-1922).* Revista Contemporânea de Educação, v.11, n.21, jan/jul de 2016.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais a Brasileira.* São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *O carteiro e o educador- práticas políticas na escrita epistolar. revista brasileira de história da educação.*n.10/jul/dez. 2005.

_____. GONDRA, José Gonçalves. *Apresentação: A Descoberta da América* in: TEIXEIRA, Anísio Spínola. *Aspectos americanos de educação: Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro. 2006.

_____. GONDRA, (Org). José Gonçalves. *Viagens pedagógicas.* São Paulo: Cortez, 2007.

_____. GONDRA, José Gonçalves. *Viagens de educadores e circulação de modelos pedagógicos.* In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. "Viagens pedagógicas" São Paulo: Cortez. 2007.

_____. *Entre Cartas e Cartões postais: uma inspiradora travessia* In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. "Viagens pedagógicas" São Paulo: Cortez. 2007.

_____. *Viajar para legitimar: Armanda Álvaro Alberto na Comissão de de Intercâmbio Brasil*- Uruguai (1931). Revista Brasileira de História da Educação. N. 22 p.43-64. Jan/abr 2010.

_____. SILVA, Alexandra Lima da. *Tão Longe, Tão perto: Escrita de si em Relatórios de Viagens*. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.27 | n.01 | p.435-458 | abr. 2011.

_____. COSTA, Patrícia Coelho da. *Entre recomendações, prescrições e interdições: o aparelhamento moderno nas escolas do Distrito Federal (1939-1942).* Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v.35, n.76, p.173-197, jul/ago. 2019.

MIRANDA, Guilherme Gantois de, SANTOS, Maria José Veloso da Costa, ESTEVÃO, Silvia Ninita de Moura, MARQUES, Vitor Manoel. *Apresentação*. In: LUTZ, Bertha Maria Júlia. *A função educativa dos museus*. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã. 2008.

MONCORVO FILHO, Carlos Arthur. *Conferência pelo Progresso Feminista " Breves Considerações sobre um programma de protecção a infancia* - 1 Conferência Feminista de 1922. In: Fundo, FBPF. 1922.

MONTEIRO, Kimberly Farias. GRUBBA, Serratine Leilane. *A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: De Suffragettes às Sufragistas.* Direito e Desenvolvimento. João Pessoa. V.8, n.2, p.261-278. 2017.

MORAES, Agnes Iara Domingos. *Movimento pela ruralização do ensino em âmbito internacional: carta a Sud Mennucci (1930-1940).* In: CHALOBA, Rosá Fátima de Souza; CELES FILHO, Macioniro. MESQUITA, Ilka Migilio. *História e memória da educação rural no século XX*. Cultura Acadêmica. São Paulo. 2020.

NASCIMENTO, Anaise Cristina da Silva. *Pela Caravana da Fraternidade: Unificação do movimento espírita nas Memórias do educador Leopoldo Machado.* Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós- Graduação em Educação. ProPed (UERJ)- Rio de Janeiro. 2016.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira na América (1927-1929): democracia cultural e políticas de educação.* In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. *"Viagens pedagógicas"* São Paulo: Cortez. 2007.

NUNES, Cinthya de Oliveira. *A cidade vai ao campo: o serviço de radiodifusão e a educação rural nos anos de 1943 a 1951***.** Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 2018.

OLIVEIRA, Ana Carla Menezes de Oliveira. *Economia Doméstica: origem, desenvolvimento e campo de atuação profissional.* VÉRTICES, v.8, n.1/3, jan./dez.2006.

OLIVEIRA, Carla Mary S. *O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico*. n.3, p.149-168. 2006.

OLIVEIRA, Lucia Lippi**.** *A Questão Nacional na Primeira República* São Paulo: Editora Brasiliense. 1990.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. *Mulheres, intelectuais, Cultura e educação no Brasil. Notas de apresentação de um tema.* Rev. Caminhos da educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v.2, n.3, p.3-9. 2020.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Os anos 30: as incertezas do regime.* ANPUH-XX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- João Pessoa. 2003.

_____. *Getúlio Vargas e seu tempo.* Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social Mauad. Rio de Janeiro. 2004.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação.* São Paulo: Editora Ática. 1990.

PEREIRA, Marcele. *Educação Museal. Entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional.* Rio de Janeiro. UNIRIO-MAST. 2010.

_____. *Do museu Pedagogium aos processos museais na escola: por uma nova geração de museus escolares In: MIGNOT,*Ana Chrystina Venancio. *Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana. FAPERJ, 2013. Rio de Janeiro. RJ.2013.*

PÉREZ, Oresta Lópes. (org). *Procesos históricos de construcción de identidad y resistência de La educación rural en Brasil durante el siglo XX*In: CHALOBA, Rosá Fátima de Souza; CELES FILHO, Macioniro. MESQUITA, Ilka Migilio**.** *História e memória da educação rural no século XX*. Cultura Acadêmica. São Paulo. 2020.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* Rio de janeiro. Paz e Terra, 1988.

_____. *Mulheres públicas*. São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os pobres da cidade: vida e trabalho - 1880-1920***.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS. 1994.

PINHEIRO, Camila Fernandes. *Estado, extensão rural e economia doméstica no Brasil (1948- 1974)* Dissertação Mestrado- Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciência Humanas e Filosofia. Departamento de História. 2016.

PIMENTA, Jussara Santos. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934).* Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2008.

PIMENTEL. Thaís Velloso Couto. *De viagem e de narrativas: viajantes brasileiros no além-mar (1913- 1957).* Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Departamento de História. São Paulo. 1998.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil***.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2003.

QUADROS, Raquel dos Santos. *Bertha Lutz e a Construção de Condições para a Autonomia da Mulher Brasileira: Trabalho, Política e Educação (1919-1937*). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes: Programa de Pós- Graduação em Educação Área de Concentração: Educação. Tese (Doutorado). Maringá- 2018- Universidade Estadual de Maringá. 2018.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar :Brasil 1890-1930.* Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985.

RANGEL, Jorge Antônio. *A invenção do Museu Social Republicano nas experiências de geração de Edgard Roquette-Pinto e Afonso E. Taunay (1905-1945).* In: CAMARA, Sônia. *Pesquisa (s) em história da educação e da infância: Conexões entre ciência e história.* Rio de Janeiro. Quartet: FAPERJ. 2014.

REIS, Ana Claudia Carmo Dos. *Alemanha como destino: apropriação da psicologia da Gestaut no currículo da formação de professores de educação pré-escolar proposto por Heloisa Marinho.* Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tese- (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação- ProPed (UERJ)- Rio de Janeiro. 2019.
RELATÓRIO, apresentado ao Ministro da Agricultura Indústria e Comércio pelo Professor Bruno Lobo, Diretor do Museu Nacional, ano de 1921. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

RIZZINI, Irma. SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. *Entre o mundo da casa e o espaço público: Um plebiscito sobre a educação da mulher. (Rio de Janeiro, 1906).* Revista de História e Historiografia da Educação. Curitiba, v. 2, n.4, p.122-146, janeiro/abril de 2018.

RODRIGUES, André Gabriel F. *Educar para o lar, educar para a vida: cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945).* Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Tese (Doutorado) Natal, Rio Grande do Norte. 2007.

ROBERTO, Jodar de Castro. *Educação e emancipação feminina na obra de Maria Lacerda de Moura (1919-1935).* Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2019.

ROCHA, Bárbara Trindade. Cartas em Revista: estratégias editorais de difusão e legitimação da Nova Escola. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2004.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935).* Rio de Janeiro. FIOCRUZ. 2006.

SANGLARD, Gisele. *De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suíça vista pelos próprios imigrantes.* História, Ciências, Saúde Manguinhos, vol. 10(1): 173-202, jan.-abr. 2003.

SANTOS, Daise Silva Dos. *Mais do que ler mil livros: Os significados da viagem à Europa na trajetória de Francisco Lins (1911-1917).* Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação ProPed (UERJ)- Rio de Janeiro. 2020.

SARDÁ, Augustin n. *La ensiñaza Doméstica Agrícola na Belgica*. In: Annalles da Junta para amplición de Estudios é invetigaciones científicas. Memora 4ª 1924, madrid, Es.1924.

SARTRE, Jean Paul. Em defesa dos intelectuais. São Paulo, Editora Ática S.A. 1994.

SAYAD, Abddmalek. *Elemento construindo da condição do imigrante.* Revista do Migrante. São Paulo. v.13. n. especial, jan. 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas.* São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34. 2000.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. *A teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura Contemporânea.* Maio/junho/julho/ago. 2002. Nº 20. Revista brasileira de educação. 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão- Tensões Sociais e a Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1983.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres.* In: BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas.* São Paulo, Editora Unesp. 2011.

SILY, Paulo Rogério Marques. *Casa de Ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)* Rio de Janeiro- UERJ. 2012.

SILVA, Alexandra Lima da. *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual.* Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2012.

_____. *Ideais em movimento: Viagens como Horizonte na Historiografia da educação*. Roteiro, Joaçaba, p. 109-126, 2013. Ed. Especial.2013.

_____. ORLANDO, E. A.; DANTAS, M. J. *Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas.* Curitiba: CRV. 2015.

SILVA, Estevão. *A Assembleia Nacional Constituinte de 1933-1934. O processo de formulação da Constituição de 1934.* Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Ciência Política. São Paulo. 2019.

SILVA, Shayenne Schneider. Em Terras Alheias: *A viagem de João Ribeiro à Alemanha como estratégia de legitimação na educação (1895-1897).* Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação. ProPed (UERJ)- Rio de Janeiro. 2022.

SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In: REMOND, René. *Por uma História Política.* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. 2003.

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920.* Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1989.

_____. *O Feminismo tático de Bertha Lutz.* Florianópolis. Ed. Mulheres. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2006.

SOUSA, LIA Gomes Pinto de. *Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937).* Rio de Janeiro- Dissertação (Mestrado). Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. 2009.

SOUZA, Maria Izabel Siciliano de; ABDALA-MENDES, Maria Ferreira. *A formação científica e profissional das mulheres no Brasil: A contribuição de Bertha Lutz.* Volume 18 (especial), pp. 22-46. 2018.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.* Editora Fiocruz. Rio de Janeiro. 2005.

TAVARES, Daiane de Oliveira. *Por uma Penitenciária de Portas Abertas: produção, circulação e recepção do discurso humanizador de Victório Caneppa na revista A Estrêla (1951-1955).* Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação- ProPEd UERJ. Rio de Janeiro. 2017.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade e Contemporânea.* Jorge Zahar. Editora- Rio de Janeiro. 1987.

VENÂNCIO JUNIOR, André Luiz. *A concepção de Museu Educativo na Produção Científica de Bertha Lutz no Museu Nacional (1922-1932).* Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-graduação em Educação. Dissertação. Rio de Janeiro. 2017.

_____. *Relações educativas belgo-brasileiros: economia doméstica agrícola sob a ótica de Bertha Lutz e Paul de Vuyst na Associação brasileira de educação (1923-1924)* In: DÍAZ, José María Hernández. *"Influências belgas en la educación española e iberoamerica"* Ediciones Universidad Salamanca. Salamanca- Espanha. 2019.

_____. SANTOS. Daise Silva Dos. *Experiência Publicada: Bertha Lutz e o Intercâmbio de ideais sobre Educação Agrícola Doméstica (1923).* XIV Congresso Ibero-Americano de História da Educação. Revolução, modernidade e memória. Caminhos da História da Educação. Universidade de Lisboa. Portugal. 2021.

VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil.*- Rio de Janeiro: Revan, 1997. 2004

ANEXO A - Levantamento dos artigos de Sessão o Feminismo do Jornal *O Paíz*

Data da publicação da seção	Títulos das temáticas abordadas
21 de outubro de 1927 – Assinada por Bertha Lutz e Orminda Bastos	Pequena explicação Havemos de vencer As mulheres já votam em 36 países
28 de outubro de 1927	A mulher na engenharia Os fins da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino Pelo voto feminino
25 de novembro de 1927	Ruy Barbosa a favor das reinvindicações feministas O direito de votar A concessão de direitos políticos às mulheres na Argentina
9 de dezembro de 1927	Impressões do professor Austregésilo sobre o Feminismo na América do Norte Conceitos de ampla simpatia de um Bispo Brasileiro Tudo pela Pátria! - A primeira eleitora do Brasil
16 de dezembro de 1927	Desde que uma só exista, não há motivo para que não sejam eleitoras todas as mulheres habilitadas no Brasil O reconhecimento dos direitos políticos da mulher e o Senador Adolpho Gordo
30 de dezembro de 1927	Balanço anual Restabelecendo a verdade
20 de janeiro de 1928	O direito de voto feminino O movimento feminino interamericano
27 de janeiro de 1928	O feminismo em Pernambuco no tempo das capitanias A propósito do Congresso de Economia Doméstica de Roma A Conferência Panamericana de Havana e os direitos da mulher
3 de fevereiro de 1928	A mulher e o voto O Egito moderno Os triunfos do feminismo internacional em 1927 Pelas brasileiras supliciadas na Síria
10 de fevereiro de 1928	O voto das mulheres O voto no Rio Grande do Norte Insolência impune
2 de março de 1928	A missão social da mulher brasileira Enfermeiras Amazonas O otimismo e seus escolhos no movimento feminista
16 de março de 1928	A mulher e a imprensa Explicação necessária
20 de abril de 1928	As bandeirantes no Brasil Votos de Páscoa
17 de junho de 1928	As mulheres na diplomacia Saudação ao Presidente Lamartine
15 de julho de 1928	O feminismo em Cuba Respondendo às objecções do Senado contra o voto feminino Um vibrante apelo em prol de uma causa nobre

22 de julho de 1928	A presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino no Rio Grande do norte
5 de agosto de 1928	O movimento feminista no Japão O Alistamento Feminino em Macahyba A constitucionalidade do voto da Mulher
12 de agosto de 1928	Bertha Lutz em Natal Como se alistam as mulheres na cidade de Natal O alistamento em Macahyba
26 de agosto de 1928	Excursão de Bertha Lutz a cidade de Ceará Mirim A Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino e seus fins Na Comissão Interamericana de Mulheres
2 de setembro de 1928 – Carmen Portinho passa a assinar também a coluna	A propaganda eleitoral feminina no interior do Rio Grande do Norte O banquete de Macahyba
16 de setembro de 1928	A mulher e a aviação O feminismo no Japão
23 de setembro de 1928	A Associação de Eleitoras Norte-rio-grandenses está imbuída da fé que se alevanta na pureza dos seus ideais
1 e 2 de outubro de 1928	A primeira Prefeita Brasileira A mensagem da mulher argentina a mulher brasileira em comemoração do Centenário da Paz O 1º manifesto político feminino
21 de outubro de 1928	A emancipação política da mulher brasileira Após o luminoso exemplo do Rio Grande do Norte
25 de novembro de 1928	O voto feminino no Estado do Rio
2 de dezembro de 1928	Manifesto de solidariedade ao Presidente Juvenal Lamartine Um democrata verdadeiro cuja idoneidade moral a ninguém é lícito contestar Demagogia não é democracia
30 de dezembro de 1928	O movimento feminino brasileiro Cumprimentos de eleitoras norte-rio-grandense Á presidente da Federação
13 de janeiro de 1929	A mulher é igual ao homem; o dogma de sua inferioridade foi um artificio da ignorância passada
20 de janeiro de 1929	A União Universitária Feminina
11 e 12 de fevereiro de 1929	O poder judiciário não pode aplicar a lei segundo conveniências. E seu rigoroso dever declarar o direito segundo a lei
17 de fevereiro de 1929	Feminismo e aviação O lar feminino de Bucareste O voto feminino tem a sua base na mais nobre manifestação do direito: a justiça
24 de fevereiro	O feminismo na França O voto feminino e cidadania da mulher O voto feminino no Senado Francês
23 junho de 1929	O congresso feminista em Berlim Mal do feminismo na Áustria
29 de setembro de 1929	O feminismo representa a cristalização de uma evolução Feminismo Independência política e independência moral
20 de outubro de 1929	A mulher otomana

	O supremo tribunal argentino reconhece a constitucionalidade dos direitos eleitorais da mulher União Universitária Feminina
10 de novembro de 1929	Notícias do exterior Palestra por Maria De Faria no Radio Club do Brasil – Entrou A mulher deve votar
17 de novembro de 1929	Notícias do exterior Será mais fácil mudar a opinião do Duce do que transformar o vestiário da mulher Considerações em redor ao tema: Mussolini e a moda Dez milhões de mulheres ganham a sua vida no Japão
27 de novembro de 1929	Conquistas recentes do feminismo no exterior Viagem de uma feminista à Argentina O voto feminino na Câmara
11 de dezembro de 1929	Os direitos Femininos e a Legislação brasileira União Feminina e Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino No conselho do Uruguay Noticiário
19 de janeiro de 1930	O voto feminino no Uruguai As mulheres de todos os países ao serviço de interesses nacionais O intercambio de cérebros e vontades das mulheres sul-americanas contribuíra para o progresso continental
26 de janeiro de 1930	A defesa do lar
1 de março de 1930	A mulher na sua missão patriótica e social
28 de março de 1930	Batendo às portas da universidade
2 de abril de 1930	Extraordinária deferência concedida a uma brasileira Projeto apresentado por D. Alice Coimbra na reunião de 26 de março
28 e 29 de abril de 1930	Apelo às mulheres brasileiras em prol do movimento feminista nacional A expedição da antropologista Elisabeth Steen O primeiro ano de governo da primeira prefeita da américa do sul
2 de 3 de junho de 1930	Intrometendo-se em seara alheia O serviço de imprensa das associações femininas internacionais comunicou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino as seguintes notícias: O feminismo na Bolívia
11 de junho de 1930	A quinzena feminista da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino Sede Bem-vindas O ideal feminista e o ideal de Brasil
7 e 8 de julho de 1930	O feminismo procura integrar a mulher em todas as atividades A mulher brasileira tem sido sempre inspirada e a alma da nacionalidade
16 de julho de 1930	A federação brasileira pelo Progresso Feminino ao Presidente Juvenal Lamartine
18 de setembro de 1930	O Congresso Internacional de Mulheres (Viena) O movimento feminista em Sergipe

	A mulher brasileira já se interessa pelos problemas jurídico-sociais